

ELEMENTO ÔMEGA

ALYS

PRISCILA GONÇALVES







Todos os direitos desta edição reservados à Editora PenDragon
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Mariana Teixeira

Revisão
Beatriz Castro
Nadja Moreno

Diagramação
Rafael Sales

Editor
Ricardo Gonçalves

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte.
Renata Brito dos Santos CRB-8/9773

869.9 Gonçalves, Priscila
G635ao Alys: elemento ômega/ Priscila Gonçalves._ Rio de Janeiro: Pendragon, 2018.

ISBN
978-85-9594-081-9
1. Literatura brasileira 2. Fantasia I. Título.

CDD: 869.9

869.9 Gonçalves, Priscila
G635ao Alys: elemento ômega/ Priscila Gonçalves._ Rio de Janeiro: Pendragon, 2018.

ISBN
978-85-9594-081-9
1. Literatura brasileira 2. Fantasia I. Título.

CDD: 869.9

Rio de Janeiro – 2018, Rio de Janeiro.

É proibida a cópia do material contido neste exemplar sem o consentimento da editora. Este livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

Direitos concedidos à Editora Pendragon. Publicação originalmente em língua portuguesa. Comercialização em todo território nacional.

Formatos digitais e impressos publicados no Brasil.

*Ao meu pequeno dragão que está a caminho,
que no tempo certo você adentre pelos
portões de Nafh'ta*



"A única forma de mudar
o que está fora do lugar é
começando por você
mesmo!"

CAPÍTULO 1

REVENDO VELHOS AMIGOS

Eu me sentei na última cadeira perto da porta. Tirei o DIM e comecei a pesquisar bobagens, joguei xadrez e até tentei fazer desenhos em um aplicativo de colorir. Tudo para evitar que alguém puxasse conversa.

Tinha sido obrigada a ir vestida como um dos conselheiros para a reunião e optei pela forma mais discreta possível, tudo que eu queria era evitar me tornar o centro da discussão. Como se isso fosse possível.

As pessoas continuavam a chegar ao prédio suspenso que era a sede de reuniões do conselho. Uma redoma de longas janelas de vidro que ficava entre as nuvens em algum lugar da Região Um, algo como a antiga Oceania. O sol brilhava imponente e as revoadas de pássaros do lado de fora davam uma falsa sensação de paz.

Tudo que eu queria, pasmem, era voltar para meu treinamento com Thela em Nafh'ta.

Tinha muito que fazer antes que a próxima lua chegasse, mas a reunião não deveria mais ser adiada e, para minha tristeza, eu não podia fugir. Celen entrou no auditório e os burburinhos cessaram. Eu coloquei o DIM no pulso e fixei o olhar nele.

— Seres Mágicos, sejam bem-vindos à primeira reunião pós-início das luas.

Ele parecia outra pessoa, não meu avô-dragão fã de novelas. Estava em sua forma humana, tinha as sobrancelhas juntas e a expressão tão dura quanto pedra. Também, pudera! Aquela reunião prometia ser pior do que programas que discutiam questões familiares e acabavam em xingamentos de baixo escalão.

— Conselheiros, tomem seus lugares.

Seis humanos e quatro seres se sentaram em semicírculo no centro do auditório. Entre eles, vi Bririam, a trindade do satanás — que me odiava ainda mais do que antes —, minha avó e aquele conselheiro com cara de sapo. Os outros, só conhecia de vista. Celen voltou a falar:

— Esta reunião foi convocada para discutirmos como agir diante dos acontecimentos da primeira Lua. Precisamos decidir a melhor forma de revelar ao mundo sobre a natureza dos metais. Além, é claro, de nos preparar para todo tipo de reação que isso irá causar.

O conselheiro Uriah levantou a mão.

— Eu não vejo porque devemos revelar às pessoas sobre os metais.

Um burburinho voltou a correr pelo lugar. Celen fechou ainda mais o semblante.

— Como não? Espera que com as mudanças que ocorreram continuemos a guardar a verdade só para nós?

— Veja bem, conselheiro, nós sabemos que devido a algum acontecimento no feitiço...

Ele olhou de esguelha para o lugar onde eu estava sentada.

— Os poderes ainda estão adormecidos.

Celen cruzou os braços.

— Adormecidos não! No máximo silenciados. Você sabe muito bem que quem tentou usar seus poderes conseguiu.

O conselheiro Uriah se colocou de pé. Era o chefe da antiga casa de Evan, mantinha o longo nariz empinado, os ombros alinhados e a expressão fechada. A capa pergaminho que vestia esvoaçava.

— Somente aqueles que sabem que têm poderes. Se nós não avisarmos, ninguém tentará usar sua magia e não teremos problemas.

O dragão em forma humana começou a gesticular.

— Conselheiro, é ingenuidade acreditar que os efeitos não vão aparecer. O corpo das pessoas está sofrendo mudanças. O segundo coração começou a bombear magia. Não podemos esconder isso, se não pelo fato de que não é possível, pelo fato de que não é correto.

A conselheira dos Nissoraem, Cassandra, levantou a vozinha. Como aquela mulher me irritava.

— Eu posso estar enganada, mas o senhor chefe do Conselho não está sendo hipócrita quando fala sobre o que é correto? Não é como se não tivesse escondido nada das pessoas que confiaram este cargo ao senhor.

Minha avó endureceu o corpo. Eu escancarei a boca. Sabia que tal assunto viria à tona uma hora ou outra, mas juro que não achei que seria assim, na lata. Meu avô respirou fundo.

— Alys, você pode vir até aqui?

Como eu queria usar um feitiço e ficar transparente. Toda aquela gente me media com os olhos, um ou outro burburinho me acompanhou. Quando cheguei ao meio do salão, meu avô abrandou um pouco a expressão.

— Abra suas asas, por favor!

Eu suspirei e obedeci. Quando as pessoas viram as escamas, pararam de disfarçar as conversas e foi preciso uns bons minutos para que se acalmassem. A

conselheira dos Vamale, uma mulher baixa com longos cabelos cacheados e olhos de amêndoa, se levantou.

— Mas o que é isso? Por que a Elemental tem escamas nas asas?

Celen se virou para ela.

— Porque ela é minha neta.

Foi um pandemônio. Minha avó se colocou de pé e precisou falar quase gritando no início, para se fazer ouvir.

— Membros do conselho, há muitos anos nós temos servido a essa casa. Mais que isso, servimos aos seres mágicos e não mágicos com nossas vidas. Nos tempos em que nossas relações eram mais sombrias, que o que reinava entre nós eram nossas diferenças, lutamos pelo direito de sermos um povo só.

O dragão continuou.

— Muitos de nós morreram nesse período. Crianças e idosos não foram poupados. Muitos outros viveram na periferia, escondendo as famílias porque não seriam aceitos. Não existe algo mais contraditório aos ensinamentos do Construtor do que isso e, infelizmente, nós estivemos entre essas pessoas que precisaram se esconder.

A vovó Ana caminhou até nós, colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e continuou a falar.

— Muito antes do meu casamento com Antônio, eu e Celen nos aproximamos. Mas, com as missões que carregávamos, fugir ou se esconder não era uma saída. Por isso, o meu melhor amigo, que sabia da situação, resolveu nos ajudar. Ele assumiu minha gravidez, bem como se casou comigo somente para manter as aparências. Para que não fizessem em minha filha aquele teste mágico horrível.

A voz de Celen ficou mais embargada, ele devia ter pensado muito no que dizer. Eu nunca tinha pensado em como ele se sentia por ter perdido minha mãe.

— Graças ao Construtor, Ryna nasceu muito parecida com a Anna e nós conseguimos mantê-la em segurança. Um tempo depois eu me tornei chefe deste conselho e pleiteei mudanças nas regras. Antônio também não precisava mais se esconder então pediu o divórcio e, com as mudanças legais, nós nos casamos.

O conselheiro com cara de sapo se colocou de pé.

— Não vejo porque vocês precisam se explicar quanto a isso. Celen tem sido o melhor chefe que tivemos e seu trabalho é reconhecido em todo mundo. As leis que existiam antes eram inaceitáveis.

Eu me senti culpada por tê-lo interpretado mal na taverna. Olhando de perto, ele era um homem com olhos bondosos, a pele estava diferente, parecia terra seca e rachada. A voz do conselheiro Ori Athenom me tirou do transe.

— Isso não muda a gravidade do segredo que eles guardaram. Como você ousa falar sobre ser transparente depois de ter se portado desta forma?

Celen levantou a sobrancelha.

— É justamente por isso que eu devo e posso falar sobre transparência, Ori. Olhe o que nosso silêncio quase fez!

Ele apontou para minhas asas.

— Ao contrário da mãe, Alys apresentou uma variação do meu gene e quase morreu por causa disso. Se ela soubesse desde o início quem era e tivesse recebido o treinamento devido não teria tido problema nenhum.

Cassandra torceu o narigão pontudo.

— Nós estamos falando de milhões de pessoas, muitas delas que podem interpretar a magia de uma forma equivocada, isso geraria caos.

— Não se nós fizemos um plano concreto — respondeu minha avó —, que leve as pessoas a enxergarem que sempre fomos assim, só estamos evoluindo para nossa forma original.

Amon balançou a cabeça e levantou as mãos para o alto.

— Em que mundo vocês vivem? Isso nunca vai dar certo! É ilusão!

— Assim como nossa verdadeira natureza é ilusão para eles!?

Todos se calaram. Alguém pigarreou. Era Kyer.

— Com licença, senhores. Peço desculpas pelo atraso, mas gostaria de dizer algo.

Desde que foi escolhido como o tal “grande sábio” ele não parava mais. Inclusive, era a primeira vez que o via desde o enterro do meu pai. Ele partiu enquanto eu ainda estava em recuperação, viajando o mundo pelas vilas mágicas, tentando alertar as pessoas para a necessidade que tínhamos de nos unir.

— Grande sábio — falaram todos em uníssono enquanto faziam uma reverência.

Ele me deu uma piscadela disfarçada.

— Como sabem, passei o último mês tentando encontrar as respostas que precisamos. Conselheiro, você ficaria surpreso em como as pessoas são capazes de se unir em tempos como os nossos.

Uma conselheira se levantou. Tinha a pele esbranquiçada e vestia-se cobrindo quase todo o corpo com uma longa capa preta. Só olhos cor de sangue e as mãos ossudas ficavam à mostra por pequenos cortes no tecido.

— Kyer, você ainda é um garoto. Sábio ou não, nunca viu os horrores que nós enfrentamos. Vamos ser caçados e mortos aos milhares.

— Se nós continuarmos escondendo a verdade, sem dúvida! Eu, mais do que ninguém, posso falar sobre as consequências de esconder a verdade para proteger quem se ama. Não funciona, só traz dor e prejuízo.

Ori se colocou de pé e levantou o dedo em riste. O prédio tremeu. Minhas asas se envergaram e meus pés descolaram do chão. Mesmo com o treinamento, elas ainda continuavam tendo essas reações. Eu achei que tinha sido culpa daquela múmia mal-humorada.

Outro tremor ainda mais forte. As pessoas começaram a se agarrar umas às outras. Celen se transformou em dragão e Kyer evocou duas espadas longas, Katanas. Nunca o tinha visto lutar com elas. Os olhos brilharam como fendas de cobra.

Vovó já tinha uma bola de energia em uma das mãos e um revólver vermelho na outra. Se não fosse a urgência do momento, eu teria surtado, embora a aparência fosse de uma arma comum e até bem antiga, eu via os raios mágicos saindo da ponta.

Eu evoquei meu cajado, pousei e me coloquei em posição de luta. Quem tinha algum treinamento de batalha também se posicionou.

Outro tremor e a estrutura inteira cedeu alguns centímetros. Foi suficiente para o pânico se instaurar. Celen precisou de um feitiço para ser ouvido.

— SE ACALMEM!!! Estamos em alerta solar. Quem não tiver treinamento, vá para as cápsulas de segurança. Quem tiver, em suas posições.

Grandes cápsulas de metal azul começaram a surgir nos pontos cardeais. Boa parte das pessoas caminhou para elas. Um rapaz que alcançou primeiro gritou à multidão.

— Elas não se abrem!!! CONSELHEIROS ELAS NÃO SE ABREM!

— Como não se abrem?

Em cada canto, as pessoas se espremiavam e tentavam forçar as cápsulas, mas nada acontecia. Um estalo e seja lá o que fosse que mantinha aquela imensa estrutura de pé se soltou. Por um milésimo, todos foram arremessados para o teto. Eu senti meu corpo sendo puxado, mas antes que me chocasse, comecei a flutuar. Lá embaixo, minha vó fazia uma dança estranha, o revólver tinha desaparecido, agora ela balançava os dedos e entoava um cântico apressado.

Toquei as marcas do lado dos meus olhos e os óculos de Lifran brotaram. Passei a enxergar as linhas Lyn. Ela parecia um Titereio manipulando uma teia gigantesca de linhas mágicas e era assim que nós não estávamos pregados no teto.

Do lado de fora da redoma vi Celen. *Como ele foi parar lá?*, era o que eu conseguia pensar. Suas asas estavam estendidas ao limite e eu via as linhas mágicas ligadas a elas. Meu avô estava segurando o prédio.

— Vó, me solte!

Ela concordou com a cabeça e soltou uma das linhas que me prendiam. Eu caí com um baque.

Transformei o cajado nos dois bastões e comecei a caminhar lentamente até a borda do prédio. Outro baque, eu me virei assustada.

— Shiiu...

Minha avó tinha soltado Kyer também. Pequenos estalos começaram pelo salão, a sacerdotisa estava soltando quem tinha treinamento.

Cheguei perto da beirada e enverguei o corpo para ver lá fora. Ele apareceu, assim, como se tivesse surgido do chão. Os olhos estavam ainda mais opacos, o cabelo balançava em várias direções e a pele estava amarronzada. A camiseta tinha um corte de fora a fora que deixava à mostra a porção de magia que tinha roubado no dia das luas.

— Ora, Ora, Elemental... Nos encontramos de novo.

Eu não perdia a mania...

— Você só sabe dizer isso?

Ele deu uma gargalhada e dezenas de sacos de ossos começaram a invadir o salão. Foi o suficiente para acabar com as minhas piadinhas. Kyer correu até minha avó, seguido por meia dúzia de guerreiros, precisavam protegê-la enquanto ela mantinha os civis em segurança.

Outro grupo de fadas voou pela passagem e fez um círculo em volta de Celen. Helix não ligou para isso.

— Mesmo assim parece que meu discurso está sendo bem eficaz, não acha?

Eu cerrei os dentes, ele desviou o olhar para as pessoas que flutuavam.

— Mas não se preocupe, eu não vim atrapalhar a reunião de vocês. Só vim buscar algo.

Minha avó deu um grito. Uma linha se rompeu. Uma pequena criatura caiu no chão. Era uma ninfa, não devia ter mais que dez anos. Ela soltou um grito e me coloquei na sua frente, mas era tarde demais.

Olhei para trás a tempo de ver quando ela caiu desfalecida no chão, com os olhos abertos e vazios. Eu sabia o que ele tinha feito. O relato de Thela sobre as próprias crias ficou ainda mais assustador.

Abri as asas e lancei um feitiço contra ele. Os sacos de ossos atacaram e eu fui abrindo caminho entre eles, tentando chegar até o Zmora.

Quando cheguei à beirada do prédio, uma batalha ferrenha se travava para manter meus avós em segurança. Eles não podiam atacar, tinham que continuar mantendo o prédio e as pessoas seguras.

Helix cruzou os braços e abriu um sorriso assustador.

— Tenho mais de onde vieram esses, se você vir atrás de mim, eles vão, no mínimo, matar as crianças.

— Eu não vou cair nessa.

Fechei as mãos e torci os braços em uma dança sincronizada. Uma bola de energia se formou. Eu tinha treinado aquele feitiço algumas vezes, era como um teleguiado.

Quando eu lancei na direção do Helix, uma coisa bizarra começou a acontecer, em volta da bola de energia escamas de dragão se formaram. Alguns mínimos segundos e parecia um ovo.

O Zmora se desviou com facilidade, mas a bola crescia, se tornando mais rápida e perseguindo seu alvo. Kyer tentava manter os sacos de ossos longe da minha avó, cortando tudo que via pela frente com suas lâminas.

— Alys, PARE COM ISSO, se toda essa energia explodir vai nos matar!!!

Olhei para a esfera, droga! Eu não a estava alimentando, não era para estar do tamanho de um carro.

— Eu não tô fazendo nada. Não sei o que tá acontecendo!

Ele esfaqueou outro inimigo.

— LIGA OS ÓCULOS!

Toquei na flor do lado dos meus olhos e os óculos de Lifran apareceram de novo. Tinha uma corrente gigantesca saindo do meu peito, ligada à esfera. Praguejei mentalmente, tinha me esquecido da bendita energia de dragão. Helix tinha satisfação estampada no rosto.

— *Bye, Bye, Elemental...* Pelo jeito você nem precisa da minha ajuda para destruir seu povo.

Recitei outro feitiço, meus pés começaram a pegar fogo. Chutei o vidro e ele se quebrou em mil pedaços. Era impressionante o que um mês de treinamento intenso já tinha feito comigo, isso e a força do dragão que inundava minhas veias mágicas. Eu tinha que levar o Zmora e aquela coisa para longe, antes que alguém se machucasse. Ele, plainando metros à minha frente, levantou o dedo.

— Eu acho que não!!!

Estalou os dedos e seres horripilantes, algo como a mistura de caracol com lagartixa gigante, começaram a aparecer nas bordas do salão. Helix estalou de novo e sumiu como fumaça, não antes de dar um tchauzinho debochado.

— Mande lembranças para o seu guardião!

Quando Helix desapareceu, minha bola de energia ficou desnorteada, saiu batendo no vidro e estilhaçando as janelas. Ainda bem que a maioria estava protegida nos casulos da minha avó.

A outra parte saiu criando escudos ou se protegendo atrás de cadeiras. Eu queria voltar para o corpo da criança e protegê-la uma última vez que fosse, mas não tinha opção, voei pela janela e subi em direção às luas que começavam a aparecer no céu. Quando cheguei alto o suficiente, encantei minhas mãos para que eu pudesse pegar a corrente.

Respirei fundo, sabia quanto isso ia custar da minha energia. Comecei a girar a esfera, que agora podia cobrir um caminhão. Quando achei que a rotação era suficiente, arrebentei a corrente e arremessei a bola de energia. Enquanto ela voava em direção à camada que protegia o planeta eu nem respirei, se aquilo não desse certo, a chance de matar todos do prédio era enorme.

A energia tocou a fina camada, que eu só via por causa dos óculos de Lifran, e o ar tremeu. Ela se dissolveu em pequenas e grandes bolhas. Desceram lentamente, passaram por mim e se transformaram em água.

Era só chuva, a tempestade real tinha se passado lá embaixo.

CAPÍTULO 2

VELHOS E NOVOS ENCONTROS

Encostei meus dedos na placa de metal ao mesmo tempo em que esticava a mão esquerda até a outra extremidade da porta. Já tinha destreza em fazer aquilo depois de três meses e precisava lançar os feitiços corretos se queria que ninguém soubesse da minha presença, então me equilibrei em uma perna e me estiquei o máximo que conseguia.

— *Anoíxei.*

Um clique e a porta se abriu silenciosa. Eu suspirei. Dentro, havia uma série de máquinas complexas fazendo sons e apitos. No centro, uma redoma de vidro e metal, na maioria Lifran. Dentro dela, um corpo deitado inerte. O peito subia e descia muito lento e, se você não prestasse atenção, poderia achar que ele estava morto.

Graças ao Construtor ele não estava, não ainda pelo menos. A pele parecia uma crosta de madeira esverdeada, cheia de manchas em tons mais fortes. Mais magro do que seria considerável possível, era uma pintura horrível. Sentei-me ao lado do recipiente.

Além das visitas semanais com Celen, todos os dias eu ia de madrugada para ver o seu estado. Mas isso era segredo nosso, eu não gostava que ninguém interferisse nas nossas conversas. Primeiro, porque não queria que achassem que eu era sentimental, desde a primeira lua eu tentava criar uma imagem mais forte de mim, isso ajudaria com os problemas políticos que tínhamos.

Segundo, porque diziam que ele não ouvia nada, que seu cérebro não respondia a qualquer tipo de estímulo, era um estado totalmente vegetativo.

Ainda assim eu ia, para o caso dos médicos estarem errados.

Abri a bolsa e tirei o grosso livro de Syfar. Eram nossas últimas descobertas sobre a profecia. Eu sempre lia para Evan todos os pedaços que eu conseguia decifrar, embora a maioria não fizesse o mínimo sentido.

— Bom, cabeça, hoje li mais um pedaço sem sentido nenhum. Se você estiver virando os olhos mentalmente, aviso: pode parar! Eu sei que pensa que se estivesse aqui tudo estaria resolvido. Pode até ser verdade, mas isso não é minha culpa, os metais é que insistem em funcionar só com nós dois juntos.

Olhei para ele, nenhuma mudança, como sempre.

— *A escuridão dos olhos não pode alcançar a alma. Mas a alma imersa em escuridão nunca enxergará.*

Um calafrio passou pela minha coluna. Cerrei os olhos para o DIM. A profecia era uma série de frases desconexas, talvez fossem só ensinamentos que fizessem sentido na época que foram escritos. Naquele dia, no entanto, não estavam me ajudando para nada.

Passei mais uns minutos contando sobre o treinamento do dia. Da vigésima vez que tinha destruído a estátua de Celen e como ela já estava ficando meio torta de tantas vezes que precisou ser remendada.

Depois fiquei em silêncio por um momento. Coloquei as mãos sobre a redoma e recitei o feitiço. Não sabia por que eu continuava fazendo aquilo. Um mês antes, tinha sonhado com o feitiço, demorei uns dias para tomar coragem de usá-lo. Tinha medo de piorar a situação. Nada aconteceu, nunca, nem para bem, nem para mal.

Naquele dia não foi diferente. Suspirei. Tentava não criar expectativa, mas esperava ver o guardião levantar do meio daquelas cascas.

Eu precisava da ajuda dele, embora não gostasse de admitir. Não para os feitiços, eu já estava dominando tão bem o treinamento que todos estavam abismados. Nem para a profecia, confusa ou não, eu tinha ao meu favor a melhor equipe de arqueólogos e filósofos de todo o planeta. Nem mesmo para o condicionamento físico, já que Thela parecia ter tomado como tarefa de vida me levar ao limite do impossível.

Eu nem precisava dele, na verdade, para nada que eu fazia. Ainda assim, ele precisava voltar logo. Cada dia eu sabia que algo errado acontecia comigo, por dentro. Ele, mesmo rusguento como era, saberia dizer o que era.

Saí com o mesmo cuidado que entrei. Na volta resolvi fazer um caminho diferente, quem sabe voar um pouco me ajudasse a esfriar a cabeça. Quando passei pela sala de Celen, ouvi vozes, não eram de qualquer pessoa, era Thela e meu avô.

— Mestre, você sabe que não adianta manter o garoto naquela redoma, embora ninguém queira dizer isso para Alys, o guardião apodreceu por dentro.

— Você precisa ter um pouco mais de fé, Thela. Ele vai começar a progredir em breve.

A cadeira gemeu.

— Celen, isso não vai acontecer! Ele está mais morto do que vivo.

— Enquanto tiver fôlego...

— Mestre, você não está sendo objetivo, ela precisa de um novo guardião. O treinamento... Está rápido demais...

Uma cadeira se arrastou.

— O que você quer que eu faça? Não dá para escolher um guardião, você sabe que se o Construtor não despertou uma nova pessoa não temos o que fazer senão esperar.

— Celen, tem que ter outra maneira.

— Thela, já chega! Não vou desligar as máquinas dele.

Tapei a boca com as mãos. Então era isso que ela pensava que deveríamos fazer?

— Celen, ela precisa se desapegar da imagem dele para escolher outro guardião, estamos arriscando o futuro do planeta por um garoto. Nem ele iria querer isso.

— Não adianta insistir. Enquanto eu for o chefe desse conselho...

— O que nós sabemos que pode nem ser tanto tempo se insistir nisso.

— Vou garantir que ele tenha todas as oportunidades de se recuperar.

Um bipe. Era de um DIM. Foi Celen quem falou:

— Oi... Sim. — Silêncio. — Estou indo, peça que me espere.... — Silêncio. — Não! Diga que preciso falar com ele urgente.

Outro bipe.

— Preciso ir.

Eu me afastei apressada. Não queria que me pegassem ouvindo atrás das portas. Acho que tinha aprendido aquela mania feia com Evan.

Subi até o terraço e abri minhas asas, agora elas já estavam quase completas de novo. Em geral eu evitava usá-las em excesso, precisava delas totalmente recuperadas para ir aos templos dos dragões.

Sim, eu tinha que ir a mais de um templo, segundo Celen, antes de me encontrar com o chefe supremo, cacique de todos, dragão mais poderoso do universo — não foi assim que ele disse, é claro —, tinha que passar por outros dois dragões anciões em outros templos para estar pronta. Ou seja, eu tinha que me preparar para estar preparada para tentar ser preparada pelo último dragão, era uma confusão que só.

Pousei no topo mais alto do prédio. Descobri no dia do enterro do meu pai, depois que Celen e a vovó Anna me deixaram com a esfera, que existia um pequeno jardim suspenso escondido na copa da árvore.

Passei os dias seguintes tendo a atitude mais egoísta do planeta, escondendo-o. Revesti os acessos com metal e magia para que fosse um espaço recluso. Com isso conquistei um pouco de privacidade.

Não que eu não tivesse minha própria casa longe do prédio do conselho. Mas ela tinha sido planejada para duas pessoas e tinha tantos circuitos de segurança que me deprimia. Ali era só eu e mais nada.

Eu me deitei na rede de folhas que tinha criado. Olhei as luas no céu, lindas, imponentes. Deixavam o céu arroxado. Meu DIM piscou com um pequeno aviso. Era meu aniversário no calendário comum. Eu, que não era chegada em números, precisava do aplicativo de conversão para entender bem as datas. Depois da segunda lua, os dias tinham trinta e seis horas. Pensa em uma coisa inconveniente? Eu tinha saudade de ver o céu cheio de estrelas.

Creck. Levantei assustada. Será que algum dos meus feitiços não tinha dado certo? Olhei em volta.

— *Emfaníste!*

Nada. Ninguém, gente ou animal, apareceu. Franzi o cenho.

Subi no o telhado que cobria o pequeno gazebo no meio do jardim. Fechei os olhos e, como acontecia na maioria das noites, fui inundada pelas lembranças de tudo que tinha acontecido nos últimos meses.

Por isso eu precisava daquele lugar, as lágrimas sempre brotavam. Eu tinha dito vezes demais que estava bem, mas era quando tudo silenciava que eu ouvia o barulho dos cacos que eu tinha me tornado.

A perda de todos aqueles guerreiros, Ky ter quase morrido, Evan lesionado, a perda do meu pai e toda a família de Thela assassinada de forma tão brutal! Eu ainda me lembrava do seu grito de dor quando precisou enterrar as pequeninas elfas.

E isso foi só o começo... As lágrimas escorreram. Era tudo minha culpa. Eu não tinha me dedicado o suficiente, tinha ficado com medo de fazer os feitiços. Todos os problemas que a humanidade estava enfrentando eram consequências da minha derrota.

— Você está triste?

Olha, poucas vezes eu me assustei como naquele dia. Rolei para o lado e só não me estrebuchei no chão porque minhas asas se abriram instintivamente. Pousei em cima do telhado.

— Quem é você e como entrou aqui?

Era uma garotinha. Devia ter uns seis anos no máximo. A pele era muito escura e os olhos prateados com pontos pretos. Brilhavam como uma constelação.

— O que eu pareço para você?

Se eu realmente levasse a sério o treinamento de Thela, teria evocado o cajado e me colocado em posição de batalha na mesma hora. Mas algo dentro dos seus olhos me chamava atenção. Eu só não sabia o quê...

— Uma garotinha perdida?

Ela deu um risinho.

— Que interessante!

E se calou. Eu meio sem opção sentei ao seu lado e voltei a observar as luas.

— Você não deveria estar na sua casa? Não é muito tarde para estar perambulando sozinha?

— Eu estou em casa.

— Você é filha de algum dos conselheiros?

Ela riu novamente, embora pudesse parecer sarcasmo, era um risinho engraçado. Fazia com que as trancinhas dela balançassem.

— Eu perguntei primeiro, você está triste?

Franzi as sobancelhas para ela. Eu não sabia bem o que responder, então continuei calada. Ela não se deu por vencida.

— As suas lágrimas não pareciam de alegria, mas o engraçado é que eu sempre te vejo, todos os dias, e você sorri pra todo mundo.

Não me lembrava de ter visto aquela criança em lugar algum. Eu cruzei os braços em volta dos joelhos.

— Qual seu nome?

— Pode me chamar de Estrela.

— Estrela, é complicado.

— As pessoas costumam me dizer isso muito, quando desistiram de tentar explicar.

Que tipo de gente fica contando os problemas para uma criança pequena? O meu tipo? Suspirei.

— Não é nada demais.

Um vento forte começou a soprar. Estávamos tendo muitos fenômenos naturais estranhos, mesmo em Nafh'ta, onde a magia costumava bloquear grandes acontecimentos. Mas meus feitiços tinham sido bem feitos já que o máximo que sentíamos era uma brisa. Era como estar dentro de uma redoma de vidro.

— Como foi que você entrou aqui?

Olhei para a garotinha, ela segurava uma maçã.

— E o que é isso?

Ela abriu o sorriso.

— Você nunca tinha visto uma maçã do amor?

Balancei a cabeça negativamente.

— Era um doce bem comum no lugar de onde você veio, claro, bem antes dos metais.

— E de onde você tirou isso?

Ela deu de ombros.

— Sabe como ela é feita?

— Não...

— Eles passam a fruta no caramelo, aí ela fica assim, brilhante e bonita. Quer um pedaço?

Na real?! Eu não queria, mas o doce parecia tão bonito que resolvi experimentar.

Quando mordi quase coloquei os bufos para fora. Estava horrível! A maçã estava podre por dentro. A criança olhou com curiosidade para mim.

— Ahhh, que pena, essa está estragada.

Eu olhei para ela indignada, enquanto cuspi os resquícios daquela coisa horrível.

— Por que você me deu esse negócio estragado?

Ela ficou de pé, ainda examinando o lugar da minha mordida.

— Quando passam a maçã no caramelo, cria uma casca brilhante muito chamativa para ela. Mas ninguém sabe se a fruta está boa por dentro. Então, ela acaba apodrecendo sem que ninguém perceba.

Eu abri a boca, abismada com a mudança de atitude da criança. Ela continuava olhando fascinada para a maçã.

— Bom, eu vou indo. Acho que você tem muito que pensar.

Ela pulou do telhado com uma leveza impressionante, depois começou a caminhar para o ponto onde a tempestade estava pior.

— Ei, Estrela! Não vá por aí, o tempo está horrível.

Ela olhou para trás e eu tive a impressão que os olhos dela brilharam.

— Não se preocupe, eu estou acostumada com as tempestades.

Antes que eu falasse mais alguma coisa, ela desapareceu em meio às folhas da árvore.

CAPÍTULO 3

NOVOS HUMANOS

Passar tanto tempo treinando tinha suas vantagens, me mantinha ocupada e me fazia ignorar as coisas trágicas que tínhamos que enfrentar. Não que isso durasse muito tempo, mas facilitava meu foco.

Se Evan pudesse me ouvir, ficaria assustado com o quanto progredi. Os treinamentos eram cada vez mais intensos. Não eram piores porque a energia de dragão era tão instável que me forçava a ficar dias sem usar magia ou a passar tantos outros arrumando as coisas que destruí.

Por isso, não pude testar as habilidades vindas do metal alpha. Quando evocava as luvas de metal, ele era a nova base da arma, mas sempre saía do controle.

Isso me lembrava um desenho que Kyer adorava, de um detetive cheio de apetrechos, mas totalmente descontrolado. Eu tinha o mesmo problema que ele, nunca conseguia o resultado que tentava produzir. Celen sempre dizia que depois que passasse pelo teste do templo as coisas seriam diferentes.

Veza ou outra eu ia com meu mestre ao centro de treinamento de Nafh'ta. A equipe de Laiza estava desenvolvendo formas seguras para que os seres avivassem seus poderes acompanhados de toda uma equipe de estudiosos. O índice de catástrofes era bem menor do que o meu, diga-se de passagem.

O ataque de Helix ainda causava problemas políticos. Tanto que, no mesmo dia, depois de garantir que estávamos bem e que a família da criança atacada tivesse suporte, Ky partiu. Ainda assim, me ligava quase sempre. Naquele dia, vestia um quimono muito bonito.

— Alguns povos estão mais propensos que outros a acreditar em nós.

Ele estava deitado em um quarto luxuoso.

— O que precisamos é acalmar os ânimos ou vamos voltar à época em que tudo era resolvido com armas.

Eu cruzei os braços e fechei a cara.

— Pare de falar como um filósofo! Você não está conversando com um governante.

Ele riu.

— E você, treinada como um monge, ainda não encontrou a paciência, não é?

Foi a minha vez de cair na gargalhada.

— Deve ser porque não raspam minha cabeça. Falando de cabeça, seu cabelo continua o mesmo, você é mesmo um Pillmaxiano ou ainda não tentou acessar o poder?

Ele suspirou.

— Ainda não tentei. Eu passo muito tempo no meio das pessoas comuns, então preferi esperar. Não sei se o Alpha vai fazer alguma outra modificação.

Dei de ombros.

— E quando é que você vai voltar a Nafh'ta?

— Ainda não sei. Tenho que voltar à base do governo da região dois.

Torci o nariz.

— Ninguém merece aquele conselheiro!

— Eu sei, mas precisamos da colaboração deles. Nem que seja para não atrapalhar. Além disso, algumas fontes acreditam que a base de Helix pode ser em alguma parte daquele território, se pudéssemos investigar...

— Poderíamos pegá-lo de surpresa, eu sei...

Tentei disfarçar minha preocupação, mas era inútil com Ky.

— Fique tranquila, eu estou bem! E logo vou poder voltar.

— E como vai Laiza, quero dizer, vocês dois?

Não é como se eu não soubesse, mas queria ver o que ele ia me dizer. A mudança do semblante foi imediata.

— Estou morrendo de saudade dela! Mesmo com a liberação de Celen, ela se recusou a vir comigo. Disse que vai atrapalhar a missão e blábláblá! Você sabe como ela é!

— Sei. Também tentei mostrar como seria importante a presença dela, tanto para sua proteção como parte do conhecimento vasto que possuí. Foi inútil, ela é cabeça dura demais.

— Ela só consegue enxergar a fábula que é a linhagem amaldiçoada.

— Não é como se pudesse culpá-la, as coisas andam estranhas, não é?

Ele concordou com a cabeça.

— Falando em coisas estranhas, como Evan está?

Às vezes eu achava que Ky estava tentando ser tão idiota quanto o guardião, para o caso de eu estar sentindo saudades. Desviei o olhar do DIM.

— Tão verde quanto a última vez que você o viu.

— Ainda nenhuma melhora?

— Nada.

Fingi estar mexendo em um livro na beirada da cama.

— Lys, você sabe... Mesmo que eu esteja longe, se precisar de mim, se quiser conversar...

— Eu... Eu estou bem, Ky, é só que...

Um bipe, ouvi uma voz falando do outro lado.

— Senhor, temos uma emergência, preciso que venha comigo. O Conselheiro requisita sua presença imediatamente.

Isso acontecia tantas vezes que nem me assustava mais. Devia ser uma unha encravada ou coisa do tipo. Pelo menos uma vez por semana ele tinha que sair correndo para resolver uma crise besta de algum governante.

— Eu já vou, me dê alguns minutos.

— Não posso, senhor, minhas ordens são voltar com o senhor.

Ele suspirou fundo.

— Lys...

— Não se preocupe, vá. Você tem que cuidar do que é prioridade agora.

Ele murchou os ombros.

— Você é prioridade máxima.

— Não agora, Ky, temos uma guerra e eu já te disse, estou bem! Amanhã conversamos mais.

— Tudo bem, amanhã eu ligo.

Antes de desligar o DIM, ele ainda me deu um daqueles conselhos estranhos de sempre.

— E, Lys, lembre-se que você não está sozinha. Não carregue tudo como se isso não fosse verdade.

Fiquei olhando para o meu reflexo no aparelho desligado, aquela era uma meia verdade.

Ω

Alys, me encontre na portaria superior.

A mensagem de Celen chegou tarde. Eu já estava no primeiro andar, esperando meu mestre para o treinamento em Nyêha, a vasta biblioteca subterrânea onde podíamos ter acesso a todo material do MASPE.

Para o caso de você ter se esquecido, o que acho pouco provável, MASPE é nada mais nada menos que Alexandria, AQUELA Alexandria. Desde minha visita forçada com Ky, nunca tinha voltado à sede. Acho que Fylgiar estava feliz com nossa ausência, já que tínhamos uma ida programada para dali algumas semanas e, segundo Celen, ela não ficou muito satisfeita com a notícia.

Eu não estava com vontade de ficar flutuando entre prateleiras e seguindo os procedimentos que o filósofo exigia para não estragar os pergaminhos mágicos.

Mesmo assim, ter que subir as dezenas de andares não era meu projeto de dia. Fui voando, passando por cima das pessoas que circulavam. Celen odiava que eu fizesse isso, dizia que se tivesse algum tipo de surto de poder, seria catastrófico.

Para mim, o problema era só a curiosidade das pessoas sobre nosso parentesco. Pouca gente entendia como uma mulher como a minha avó tinha dado bola para ele. Pelo menos foi isso que um senhor, particularmente raivoso, me disse depois de me fazer pousar ao seu lado.

O comentário fez com que meu avô ficasse mais furioso do que com a tentativa do conselheiro Uriah de retirá-lo do cargo. Minha avó só deu risada e disse saber quem fez tal comentário. Eles eram fofos juntos, eu sei.

Pouco antes de alcançar a passagem para o terraço do sul, pousei. Celen estava em sua forma draconiana fazendo o que parecia uma dança extremamente perigosa para alguém daquele tamanho. Era pilates ou yoga, nunca entendi direito. E sim, ele fazia essas coisas mesmo na forma gigantesca de lagarto milenar. Seu controle era incrível e me fazia questionar porque não tinha puxado isso dele.

— Veio voando, não foi?

Ele se contorceu e encaixou a cabeça debaixo da asa. Como? Eu não tinha ideia! Torci o nariz.

— Você me avisou muito tarde, mestre. Eu já estava no primeiro andar.

Ele voltou o pescoço para a posição normal, não posso negar o meu alívio.

— Eu não tenho culpa se logo hoje você decidiu ser pontual.

Dei de ombros. Ele riu.

— Enfim, hoje nós vamos a outro lugar. Sua medição de energia deu uma alteração ontem. Não quero arriscar destruir os pergaminhos.

Suspirei.

— Quando mesmo que nós vamos ao templo dos dragões? Não aguento mais isso... Fica todo mundo me tratando como uma bomba relógio.

— Logo, fique tranquila. Hoje, no entanto, vou te levar ao centro de tratamento. É a primeira leva de agendados para o despertar de poderes e quero te mostrar de perto como os metais têm aflorado nas pessoas.

Torci de novo o nariz. Até tentei evitar, mas minha linguagem corporal me entregava às vezes.

— Eu sei muito bem que você fica se culpando pelo poder que foi roubado, Alys. Eu quero que você veja o outro lado, o quanto de poder você liberou sobre as pessoas, isso vale mais do que Helix roubou.

Eu evitava aquele assunto.

— Tudo bem. Vamos só nós dois?

— Não! Thela e Raszen vão fazer nossa escolta.

Arregalei os olhos.

— E Thela concordou com isso?

Ele juntou as sobancelhas.

— Pode não parecer, às vezes, por causa do gênio dela, mas ela não tem opção!

— Vô, tá tudo bem?

— Está, só os problemas normais daqueles conselheiros. Vamos, não posso me atrasar.



O centro de pesquisa de Nafh'ta ficava em um conjunto de prédios mais afastados, na orla da mata que cercava a cidade. Grandes caixas de ferro, com poucas janelas e muitos procedimentos de segurança.

As pessoas que passariam pelo despertar só tinham acesso a um pequeno prédio, rodeado por uma gama de seres protetores. Nós, no entanto, fomos direto ao prédio principal nos encontrar com Laiza.

Foi só na minha primeira visita ao local que percebi a importância da minha amiga. Como chefe de toda pesquisa de Nafh'ta, ela coordenava não só aquele centro, como era para ela que os centros espalhados pelo mundo respondiam.

Então ela mantinha o semblante fechado e falava mais formal que de costume. Ainda era a mesma elfa de pele verde, óculos tortos e coque bagunçado, mas vestia um tipo de máscara de seriedade. Se antes as coisas já não eram fáceis, depois do ataque do Zmora, ser parente ainda que distante de um deles era um problemão. Muitos tinham perdido familiares e amigos no Dia da Lua.

Isso sem falar, claro, na mudança causada pelo metal alpha. A melhoria dos sentidos que ela recebeu graças à mistura com o Pillmax fazia com que conseguisse ver e ouvir a muitos metros de distância, o que se mostrou uma maldição no começo. Como as pessoas não sabiam, faziam comentários maldosos sobre ela e sobre seu relacionamento com Kyer sem saber que ela escutava tudo.

Mesmo assim, ela se mantinha inabalável. Naquele dia em especial, estava tão compenetrada nas informações do seu DIM, que precisei chamá-la mais de uma vez até que percebesse nossa presença. O pequeno animalzinho marrom, com cara de coruja e corpo de esquilo, estava empoleirado em seu ombro, levando e trazendo informações dos pacientes.

Pelo que ela me disse, ele era um Bri, um pequeno mamífero com forte intuição e talento para cuidar de ferimentos, além de ser um natural curioso, o que combinava com a personalidade dela.

Ele corria para todos os lados, trazendo e levando curativos aos médicos e carregando pequenas doses de metal nas costas. Alguém estava alimentando o

pequeno com café.

— Laiza, o que ele tem?

Ela desviou o olhar por um segundo.

— Nada de anormal. Ele sente a movimentação que teremos hoje. Sabe que podemos ter efeitos colaterais e surtos de poder. Então fica agitado.

— E você não está nervosa? Quer dizer, desde que tudo aconteceu é a primeira vez que um número tão variado de pessoas vem ressurgir aqui.

Para ser mais exata, era a primeira vez que teríamos mais de uma pessoa despertando os poderes nas dependências do conselho. Depois que a segunda Lua apareceu no céu, todos que tinham acesso à magia sentiram seus poderes aumentarem exponencialmente, mas ao que parece, por causa da lasca de poder que Helix roubou, nossos corpos não passaram pelas modificações de forma automática.

Nem outros seres, nem humanos, acessaram a magia do metal Alpha a menos que usassem de alguma forma de fusão com os metais.

É confuso, eu sei. Principalmente porque o conceito de “fusão” não era absoluto. Algumas pessoas só pelo contato com os metais mudavam. Outras precisavam fazer algo parecido com o que eu fiz criando a luva de Lifran.

Essas mudanças eram tão bruscas que geraram muito medo, mesmo em quem tinha conhecimento mágico. Para as pessoas comuns a conversa era que não passava de um efeito colateral da nova lua. Claro que as teorias de conspiração tinham brotado igual nenúfar no inverno e por isso existia toda aquela discussão da reunião.

Laiza transformou o DIM em uma pulseira.

— O ambiente foi preparado e eu já reuni todos os dados.

Ela respirou fundo.

— Bom, não tenho mais como fugir, vamos começar.

Celen colocou a mão sobre o ombro da elfa.

— Não tem com o que se preocupar Laiza! Li todas as suas anotações, não tem o que dar errado.

As olheiras no rosto dela não pareciam concordar com o dragão. Laiza passou o primeiro mês pós-lua quase sem dormir. Ela se dedicou a estudar cada efeito e tentar ajudar as pessoas. Por causa disso, a grande maioria da comunidade com conhecimento mágico tinha evitado o despertar esperando sua hora de ir ao centro de tratamento. Naquele dia começavam oficialmente as caravanas e ela não parecia segura. Para completar, eu sabia que Ky tinha prometido estar presente, mas não conseguiu cumprir a promessa. Não só pelo relacionamento deles, mas pela posição política dele, seria bom ter a sua presença.

O prédio dos testes era como um estádio, muitas arquibancadas suspensas rodeavam uma pista com obstáculos. Thela e Raszen estavam em um canto, armados até os dentes. Ela com a expressão dura que eu desconfiava ser desaprovação pela presença do Elfo. Ele suando frio.

Eu também estaria se Thela estivesse direcionando aqueles olhares para mim.

— Senhores e senhoras presentes.

O burburinho impedia que a voz de Laiza, mesmo amplificadas, chegasse ao ouvido de todos. Minha amiga estava nervosa, apertava as mãos e gaguejava um pouco.

— Essa noite é um marco na nossa história.

Não teve jeito, Celen precisou interferir. Pigarreou alto e quando não teve sucesso em acalmar os ânimos grunhiu perigosamente. As pessoas se calaram.

— Acredito que os senhores estejam aqui para presenciar as mudanças, não para fazer avaliações descabidas. Então peço que fiquem todos em silêncio e prestem atenção no que a nossa cientista chefe tem a dizer ou serei obrigado a pedir que se retirem.

Não pude deixar de reparar que ele deu ênfase no “cientista chefe”. Laiza limpou a garganta e continuou.

— Senhoras e senhores presentes. Hoje é um marco na nossa história. Presenciaremos as mudanças que o metal Alpha pode causar.

Ela parecia mais confiante. Thela até tinha se esquecido de Raszen e parecia pronta a matar o primeiro que abrisse a boca na arquibancada, fosse quem fosse.

— Para a primeira caravana, foram selecionadas pessoas de todas as espécies e raças, linhagens mágicas distintas e até sem herança reconhecida.

Eu podia ver o que ela estava dizendo. Alinhados, estavam humanos de traços físicos muito distintos, elfos de vários elementos, duendes furta-cor, fadas, Bririan como representante das Ninfas e Salin pelos Igrots. Havia uma gama de seres que eu nem imaginava o que eram, entre eles, para o meu espanto, já que era a primeira vez que os via, uma cuca e um tritão.

— Por isso um grupo de profissionais qualificados foi selecionado. Passaram o mês se preparando com as informações da profecia e estarão prontos a ajudar quem tiver dificuldades com sua nova realidade.

Ela apontou para um grupo de pessoas que estava a postos em tendas montadas no canto direito, abaixo da arquibancada separada, onde alguns conselheiros e políticos importantes ficavam.

Laiza começou a separar os participantes em dois grupos: aqueles que já tinham magia dos que nunca tinham experimentado poderes. Depois selecionou

aqueles que sabiam de que linhagem vinham. Delegou diferentes tipos de profissionais conforme cada uma dessas características.

— Bom, algumas pessoas irão reagir com o contato com o metal alpha, outras precisarão de um encantamento. Mesmo que você seja um humano e não tenha usado seus poderes ainda, eles já foram despertados e ensinaremos como fazê-lo. Enfim, estamos prontos. Vamos começar. Quem não teve nenhum contato com o Alpha, dê um passo à frente.

A grande maioria não tinha nem visto o metal. Ele estava surgindo lentamente pelos cantos do planeta. Parece que o Construtor sabia que poderíamos ter problemas.

Ao comando de Laiza, magos vestidos do que parecia uma roupa compacta de astronauta, caminharam até essas pessoas e lhes entregaram uma pequena esfera. Reconheci Tzeba e outros estudiosos de Nyêha.

Foi uma explosão de gritos e exclamações. Eu virava o rosto para todos os lados, tentando ver o que acontecia. Uma garotinha de pele caramelo colocou as mãos nas orelhas e apertava os olhinhos desesperada.

— Façammmmm parar! Por favor!

Um dos magos correu até ela com uma gambiarra, não encontrei outro nome para o objeto estranho, era uma mistura de fones de proteção e óculos escuros. Quando ele colocou o apetrecho na criança, ela levantou o rosto e suspirou aliviada. Laiza conferiu algo na ficha.

— Padmal é uma Pillmaxiana por afeição. O que reparamos em seres que têm afinidade com esse metal é que com a chegada do Alpha seus sentidos básicos foram aguçados. Já catalogamos pessoas que podem ver com clareza vinte quilômetros à frente. Outros ouvem sons pelo menos cinco decibéis abaixo do comum. Por isso a surpresa dela e até uma certa sensibilidade. É algo que passa rápido, logo ela deverá se habituar, assim como eu.

Algumas pessoas se mexeram incomodadas nos lugares. Eu também ficaria se soubesse que a elfa ouvia cada um dos cochichos maldosos deles.

O Tritão levantou uma de suas mãos.

— Minha pele, aconteceu algo com a minha pele!

Laiza observou de perto.

— Me mostre sua esfera de Alpha.

Ele abriu a mão. A porção de metal tinha assumido a forma de um machadinho.

— Ayamo!

A pele dele, antes totalmente azulada, passou a ter grossas rajadas vermelhas.

— Eu vou continuar mudando, digo, fisicamente?

— Acredito que sim. Quem tem afinidade com esse metal tem apresentado peles resistentes. Pode repelir venenos e coisas do tipo. Não saia testando tudo que vir na frente, ainda não sabemos até onde esse poder vai.

O tritão empinou seu nariz. Laiza nem percebeu que ele tinha se ofendido porque saiu correndo para acudir Bririan. Ela estava com os olhos esbugalhados e leitosos. Balançava freneticamente a cabeça e falava palavras sem sentido. Laiza abriu a mão da rainha delicadamente.

— Uma Cytisumi? É a primeira que vemos.

Chamou um grupo de estudiosos que cercaram a rainha Nilfa, fazendo anotações e medindo com aparelhos estranhos. Antes que a elfa se juntasse a nós, um deles gritou por ela.

— Senhora, acho, posso estar enganado, mas acredito que as habilidades têm alguma ligação com profecias. Acredito que a Rainha possa estar tendo vislumbres do futuro.

Uma exclamação correu pelo local. Laiza olhou para o DIM e fez algumas anotações.

— Se você estiver correto, temos que agradecer que pessoas com afinidade a esse metal pareçam raras até o momento. Imagine milhares vendo o futuro, isso causaria pânico total.

Agora, muitos estavam sendo instruídos sobre como os encantamentos de fusão funcionavam. Embora houvesse um padrão de cada metal, conforme a raça ou a família, ou conforme as próprias habilidades que a pessoa já tinha, ele se manifestava de forma diferente.

Foi quando reparei no Rei dos Igrots. Ele estava bem atrás, e sua situação explicava porque não tinha corrido para a amada quando ela entrou em transe. Ele estava paralisado, com o corpo todo tomado pelo metal. No rosto uma expressão de terror.

Quando mostrei para o meu mestre, ele franziu a sobrancelha. Cruzou os braços draconianos e depois de um segundo de hesitação resolveu interferir. O mago que acompanhava Salin enxugava freneticamente o suor da testa.

— O que... Por que não consigo reverter?

— O que aconteceu aqui? — perguntou o Dragão.

Ele deu um pequeno pulo no local, não tinha nos visto aproximar.

— Meeee... mestre. Não sei ao certo. Tenho apenas uma teoria.

— Que seria?

O moço estava muito apavorado, e eu entendi o porquê. Era um jovem franzino que parecia ainda menor perto de Salyn.

— Acredito que ao efetuar o encantamento, sua Alteza Real dos Igrots...

— Ele respirou fundo e continuou. — Acredito que ele tenha usado muita energia e

por isso o metal tomou todo seu corpo.

Celen contornou o ser, e observou a reação do metal.

— Então ele seria mais um Ayamo? Faria sentido pelas características naturais dos Igrots.

Foi nesse momento que eu percebi. Meu mestre não tinha se aproximado por se preocupar com o destino do Rei de uma das raças mais influentes do conselho. Não, era simples curiosidade. Para chefe do conselho, ele era nerd demais. O Mago consultou a prancheta e balançou a cabeça.

— Na verdade, mestre, pelas características que vi, acredito que ele seja um Quitepiano. Não foi a pele dele que mudou, foi o metal que se adaptou a ele. Todos os que têm afinidade com esse metal podem transfigurar o alpha.

Percebi um pequeno símbolo no peito do Igrot.

— Vocês viram essa âncora cravada aqui? Parece ser uma marca do metal.

A expressão do especialista se abrandou.

— Então é isso mesmo, ele é um quitepiano, essa é a forma que o metal toma normalmente, uma âncora. Agora sei como reverter.

Um balançar de mãos e a cobertura negra começou a se dissipar. Salyn tomou grandes arfadas de ar. Celen bateu em suas costas.

— Você é claustrofóbico, Rei?

Ele ainda tossia quando respondeu.

— Depois de hoje, acredito que sim.

Foram muitas horas acompanhando as mais diversas reações. Não só em habilidades, mas em aparência. No final da tarde, uma Bririan mais calma tinha voltado a ter os olhos da cor normal, mas os cabelos se arrastavam no chão, cacheados e de um azul profundo.

Eu já tinha me sentado fazia tempo na poltrona que meu avô amava conjurar. Ele andava para todos os lados, ajudando as pessoas. Podia parecer que não, mas era estranho. Alguns tinham picos de poder durante a tarde e a pequena Padmal ainda não tinha conseguido lidar com a sensibilidade.

Esses “problemas” em parte vinham do poder estar incompleto. Mesmo assim, eu estava aliviada. Ninguém tinha morrido ainda.

Recostei a cabeça no braço e já estava quase pegando no sono quando uma sirene ensurdecadora me despertou. Uma luz vermelha piscava e as pessoas se levantaram nos seus lugares, atordoadas. No meio da confusão, Celen amplificou a voz:

— Se acalmem, esse prédio é seguro. Os agentes de segurança levarão todos vocês para os abrigos. Sigam eles em ordem.

Eu corri para o lado dele.

— O que aconteceu, Mestre?

— Não tenho ideia, Alys, só não saia de perto de mim, ok? Esse aviso tem ligação com uma pessoa...

Antes que ele terminasse a frase, Bririam gritou. Ela estava sentada na maca, Salyn ao seu lado. Os olhos esbugalhados e leitosos.

— Mais um pequenino se foi, mais uma alma sugada. E em cada nova morte, mais força ele encontra para espalhar escuridão.

Eu me esqueci de respirar. Celen me deu a mão.

— Nós precisamos ir. Precisamos voltar ao escritório.

— Mas...

— Sem “mas”, Alys, precisamos encontrar a sua avó e começar a mapear os ataques antes que isso vire um massacre.

Laiza e Raszen se colocaram um de cada lado nosso. O Dragão me fez apressar o passo. Achei que sairíamos pelo mesmo lugar que os outros, mas não, ele me fez entrar em um pequeno cômodo de bagunças. Depois colocou a palma da mão sobre a parede. Em um solavanco começamos a descer.

Metros abaixo, a porta se abriu para um túnel iluminado. Celen me deu a mão novamente.

— Pouca gente sabe sobre as passagens secretas de Nafh'ta, quero que continue assim, tudo bem?

Eu concordei.

— Agora vamos, se o que Bririan disse é verdade, está na hora de você ir a Alexandria. Precisamos descobrir o que aquele Zmora está tramando.

CAPÍTULO 4

ALEXANDRIA EM CHAMAS

— PARE AÍ MESMO ONDE ESTÁ!

Foi com essa recepção calorosa que fui recebida no MASPE alguns dias depois do ataque a mais uma criança. Não que eu já não estivesse preparada para todos os procedimentos de Fylgiar, mas pensei que ela seria um pouco menos ranzinza.

Raszen passou à minha frente.

— Isso são modos de tratar a Elemental, senhorita Guardiã do MASPE?

Na falta de Evan, ele parecia acreditar que precisava me defender. Mas ao contrário do meu guardião, o elfo ficava me tratando como vidro. Ele me levava ao limite de sentir falta das enrascadas que Evan me colocava e tive que controlar a raiva muitas vezes para não brigar em público.

A elfa de cor pálida e safiras vermelhas no lugar dos olhos apontou a varinha que tinha em mãos.

— Esse território é minha responsabilidade e sob nenhum motivo pretendo permitir que alguém coloque os acervos em risco.

A ponta do pequeno graveto brilhou. Uma a uma as armas que trazíamos foram aparecendo em uma caixa, colocada do lado da fada. Todas, menos o cajado de Ojin.

— Meu poder não pode tirá-lo de você.

Apontou para as minhas marcas.

— Mas, se você o evocar sem minha permissão, tenho um portal transportável comigo...

Tirou uma pequena esfera do bolso e nos mostrou.

— E juro que vou usá-lo e te enviar na mesma hora para a Orla da floresta de Nafh'ta.

Laiza cruzou os braços.

— Fylgiar... Você não teria coragem de nos expor a todo esse perigo por um simples capricho, não é mesmo?

Ela levantou as sobrancelhas.

— Laiza? Você veio?

Tá, aquelas duas tinham alguma história, porque Laiza empinou o nariz, cerrou os olhos e se limitou a dizer:

— É claro.

Ficou um silêncio incômodo. O mais engraçado era que Ky não tinha aberto a boca até então. Pior, meu amigo estava olhando para os pés, distraído, como se nada estivesse acontecendo à nossa volta.

Cansei de ficar lá, plantada, olhando as duas se encararem.

— Oook, vamos fingir que não tem nada estranho aqui. Fylgiar você vai ou não vai nos deixar entrar? Ou devo ligar para Celen e pedir que venha pessoalmente nos libertar?

Sim, era caso de libertação. Nós estávamos dentro do MASPE, no mesmo local por onde eu e Kyer tínhamos passado meses antes. Mas, à nossa volta, havia uma redoma de força. Éramos como peixinhos em um aquário. A Fada deu uma risadinha de desdém.

— Não será necessário, mas mantenho meu aviso sobre seu cajado. Nossa ordem tem mantido o acervo em segurança e vou garantir que isso continue acontecendo.

Uma sacudida de varinha e a redoma desapareceu.

— Sigam-me!

Direita, esquerda... Duas voltas em uma encruzilhada. Era a definição exata de labirinto. Muitas portas, nenhuma janela. Não tinha a menor ideia de como sair dali.

Aproveitei que Laiza começou a conversar com Raszen sobre o conselho Sul-Eiryniense e cochichei para Ky.

— Ei, você não disse nada até agora. Está bem?

Ele me respondeu olhando fixamente para a nuca de Laiza.

— Sim. Só estou pensando em uma viagem particularmente complicada que terei de fazer essa semana.

Torci o nariz.

— Mesmo? Porque parece que você está com medo até de respirar aqui.

— Não seja boba...

Dei de ombros, era melhor esperar. Uma hora ele não se aguentaria e falaria.

Depois de muitos corredores, finalmente paramos diante de uma porta simples de madeira.

— Uau!!!

Mesmo que você não gostasse de ler, não tivesse nenhum apreço por arte ou nunca tivesse estudado parte nenhuma da história teria ficado tão impressionado quanto eu.

Era um cômodo grande de tal maneira que eu não conseguia ver onde acabava. Tinham estantes e mais estantes apinhadas de livros. Redomas de vidro com artefatos. Quadros, esculturas, pedaços de invenções antigas. E muito, muito metal cobrindo e andando pelos objetos. Como se estivesse...Vivo!

— Er... por que os metais estão reagindo assim? — perguntei.

Fylgiar parou de andar.

— Há tanta magia nessas paredes, de toda forma que já existiu e ainda vai existir, que os metais se comunicam e reagem a ela.

A guardiã só tinha me deixado mais confusa.

— Vamos descer, é hora de fazer algo que não faço há muito tempo.

Laiza sussurrou:

— Sorrir?

Eu tive que segurar o riso.

Enquanto andávamos por entre as divisões, reparei que o acervo era muito excêntrico. Quer dizer, tinha um esqueleto de dinossauro com oito olhos, uma estátua era a representação de um garoto com uma panela na cabeça e nos quadros com pessoas pintadas, elas pareciam nos acompanhar com o olhar.

A iluminação também chegava a ser incômoda, fiquei pensando se toda aquela luz não danificava os objetos. Na metade das escadas, meus pés descolaram do chão, levei um susto, me desequilibrei e quase caí de cara. Laiza me segurou bem a tempo.

— Calma, é só mais uma das precauções da Guardiã.

— Como assim? Eu não posso nem pôr os pés no chão?

— Você vai descobrir que impressionante é o que pode fazer...

Com toda certeza elas tinham uma história. O ressentimento de Laiza estava claro em cada palavra direcionada à outra elfa. Perto das redomas de metal, Fylgiar evocou outra varinha.

— Bom, vocês vieram porque precisamos descobrir o que o Rei dos Zmoras está tramando.

Raschen fez uma careta.

— Rei? E quem o proclamou da nobreza?

Como era idiota, pensei. Ninguém respondeu o elfo.

— E como nós faremos isso?

— Nós não! Você. Pegue essas varinhas.

Era engraçado como a aparência de madeira dava lugar a uma textura fria e gelatinosa.

— Você precisa se concentrar, mas não faça nenhum feitiço. Não importa o que você veja, não importa o que pareça que está acontecendo. NÃO. FAÇA. NENHUM. FEITIÇO!

Ela pontuou as últimas palavras e suspirou.

— Preferia que não fosse necessária essa intervenção, mas não temos alternativa. Só não quero que acesse sua energia draconiana ou pode destruir algo aqui.

Eu estava ficando chateada com a falta de fé dela em mim. Esse costumava ser um papel que Thela desempenhava muito bem, obrigada.

— E o que devo fazer, então?

— Só se concentre na informação que procura. Vamos começar pelo fácil, procure por procedimentos que usem a alma como ingrediente.

— Malignos? — perguntei.

— E existe algum bem em usar a alma de alguém?

Ela tinha um ponto.

— Depois concentre-se em trazer tudo que tenha essa informação para aquele local.

Apontou um quadrado onde não tinha nada.

— Infelizmente é possível que apareçam milhões de referências. Inclua nas suas tags a palavra Construtor e profecia. Pode melhorar nosso funil.

Concordei com a cabeça. Fechei os olhos, abrindo-os novamente em seguida.

— O que eu faço com as varinhas?

A fada bateu a mão na testa.

— Só se concentre! A magia vai te guiar.

Fechei os olhos. Tentei pensar no que ela dizia. Meus metais começaram a andar pelo corpo. Senti uma vontade de dançar. Aquilo estava ficando estranho. Comecei a reger uma orquestra imaginária. O instinto me guiava.

Senti uma onda de energia passando por nós. Quando abri os olhos, não estava mais no MASPE. Era uma floresta. Uma cobra passou a alguma distância. Eu não odiava cobras, até porque nunca tinha visto uma, mas aquela tinha pés e vários pares de mãozinhas. Ela me dava aflição. Virou a cabeça triangular e no lugar de glóbulos, havia só escuridão.

Pisquei. Estava em outro lugar novamente. No meio de uma cidade de casinhas precárias. As pessoas se vestiam com muito pano e não vi qualquer sinal de tecnologia. Uma garota passou por mim, os olhos assustados, quase tropeçou nos meus pés.

Resolvi segui-la. Então, me escondi atrás de uma árvore quando ela, já longe dos olhos curiosos, balançou as mãos e sua verdadeira forma ficou visível. Era uma Ninfa. Um farfalhar do arbusto mais à frente. Ela gritou:

— Quem está aí?

Não houve resposta. Um clarão. Quando voltei a enxergar ela estava caída. Os olhos vazios. Antes que eu pudesse entender o que havia acontecido, a cena mudou mais uma vez.

Era uma cidade oriental. Pessoas caminhavam apressadas. Uma pequena garotinha chorava agachada no meio da rua. A chuva caía forte.

Um ser se aproximou da criança. Eu só via o topo de sua cabeça ossuda. A pequena olhou com olhos desesperados e eu comecei a correr tentando alcançá-la. Foi aí que a cena mudou pela última vez.

Era um quarto mal iluminado, mas eu conhecia aquele brilho estranho no homem à minha frente. Era Helix. No canto do quarto, duas pequenas elfas encolhidas. Desciam grossas lágrimas dos olhos da menor. A mais velha, no entanto, entoava um canto. Não parecia mágico, era uma canção de ninar. Ela só queria acalmar a irmã. Não tirava os olhos do homem à sua frente, com a mesma resignação que só tinha visto em uma outra pessoa.

Conhecia aquelas pequenas e sabia o que tinha acontecido com elas. Eu me esqueci dos avisos de Fylgiar, não podia deixar que aquilo acontecesse de novo. Não com as filhas da Thela.

Evoquei o cajado. Alguma coisa estava segurando a arma. Eu não conseguia apontá-la. Comecei a gritar, tentando chamar atenção do ser. Tentando desviá-lo da pequenina. Não surtia efeito. Eu gritei mais alto e urrei. Não como eu mesma... Eu esbugalhei os olhos... Parecia... Parecia Celen!!

Tomei uma arfada de ar. Não estava mais na floresta, na cidade ou no quarto mal iluminado. Fylgiar e Kyer seguravam meu braço e o cajado. Raszen tinha me dado uma chave de pescoço enquanto Laiza estava à minha frente com as mãos erguidas, recitando freneticamente um encantamento.

Quando nossos olhares se encontraram ela parou.

— Graças ao Construtor eu consegui!!!

À nossa volta, centenas de objetos flutuavam. Senti minhas forças se esvaindo. Tentei pedir ajuda, mas apaguei.



A quantidade de vezes que apaguei no meio de situações importantes já devia ser um novo recorde mundial. Quando voltei a mim, estava em uma maca improvisada no meio do salão do MASPE. Parecia que um furacão tinha atingido o lugar. Livros, quadros, artefatos e uma árvore com raiz e tudo estavam espalhados.

Fylgiar parecia prestes a me bater.

— Não te falei para não tentar nenhum feitiço?

— Me desculpe, quando vi as garotas perdi o controle.

— Nada do que viu pode ser mudado, pensei ter deixado bem claro que você era apenas uma expectadora!

Fiquei calada, ela tinha razão. E pelo estado que as coisas estavam, eu tivera um dos acessos de energia. Kyer recolheu alguns livros.

— O importante é que os objetos foram separados, você já tem como trabalhar. — Ela cruzou os braços.

— Era para eu me sentir melhor? Tantos anos de proteção e ela quase destruiu o lugar.

— Não seja tão rabugenta, não temos tempo para isso.

A fada saiu pisando duro enquanto pequenos seres saíam de trás das prateleiras. Eu franzi as sobrancelhas.

— O quê...?

— Duendes — Laiza completou — Eles trabalham no MASPE.

Eram pequenos homenzinhos verdes, com jalecos cheios de bolsos. Iam colocando prateleiras no lugar, recolhendo os objetos separados e reparando o que tinha sido danificado. Eles se comunicavam por um chiado estranho e só me olhavam de esguelha. Laiza terminou os encantamentos.

— Lys, você parece ter estabilizado. Mas vou ficar te analisando. Outro desse não consigo conter.

— O que foi que aconteceu...?

Raszen pegou um quadro no chão e o observou estreitando os olhos.

— Você teve algum tipo de acesso. Seus olhos ficaram como chamas e começou a recitar um encantamento.

Ky passou por mim.

— Depois o lugar começou a se sacudir, apareceram objetos e eu achei que íamos morrer. Só um dia normal na nossa nova vida.

Eu queria ter o senso de humor dele, parecia horrível.

— Pelo menos deu certo?

Laiza deu de ombros.

— Parece que sim! Agora temos que analisar os livros e objetos. Tentar descobrir o que Helix pode estar planejando.

Era uma tarefa tão difícil quanto impossível. Esse foi meu primeiro sentimento quando comecei a caminhar pelas fileiras de objetos. Eles foram colocados em volta da árvore que eu tinha visto arrancada mais cedo.

Laiza caminhava com o DIM em mãos, passando o mesmo laser que vi Evan usar uma vez.

— Estou cadastrando todos os objetos, deve facilitar a nossa busca. Enquanto isso, me conte sobre a sua visão.

Resumi os acontecimentos. Quando cheguei ao que havia acontecido às sobrinhas de Laiza, ela parou de escanear, mas não desviou o olhar do DIM. Um silêncio incômodo ficou por alguns minutos depois que terminei. Ninguém parecia saber o que dizer. Até que a elfa voltou a trabalhar, ainda sem dizer uma só palavra.

Eu resolvi fazer minha própria observação das relíquias. Comecei pelo centro dos objetos: A Árvore. Ela era antiga, era um holograma de uma árvore antiga na realidade, havia um brilho estranho nela que não tinha nenhuma ligação com o fato de ser eletrônica. Ela me lembrava um símbolo...

— Como falo com os duendes...?

Um dos homenzinhos verdes parou ao meu lado.

— Com a boca, oras!

Petulante! Eu ia saber que eles falavam a nossa língua? Só tinha visto chiados até então.

— Como eu saberia que vocês podem me entender?

— Você não tem seu dispositivo acoplado na orelha?

Eu tinha, desde sempre, o pequeno chip acoplado na parte interna da orelha. Foi uma das primeiras invenções que foram feitas com o metal, por sinal uma criação da avó de Kyer. Era uma das únicas coisas que eu tinha acesso.

— Não sabia que as linguagens mágicas faziam parte do tradutor.

— E não fazem, mas o Lifran fez esse trabalho para você.

Ele conjurou um espelho curvo onde eu conseguia ver minha orelha. Realmente, tinha Lifran, Syfar e até o metal alpha no chip.

— Você não tinha percebido isso? Como acha que falou com todos os seres desde que despertou? E todos os conselheiros, você achou que todos falavam sua língua? Eu até quis disfarçar, mas não tinha jeito, eu era tão lerda que nunca tinha me feito essa pergunta. É claro que todo mundo tinha seu sotaque, não era como ouvir uma máquina lendo algo. Eu só estava tão acostumada que não percebia.

O duende balançou a cabeça. Cruzei os braços.

— Mas quando eu cheguei vocês só faziam chiados.

— Nós não estávamos nos comunicando, só cantando uma melodia antiga do nosso povo.

— Musica estranha...

Eu e minha delicadeza, ele só fungou.

— Enfim, o que você quer saber?

— Ah, claro! Existe alguma forma para que eu faça uma pesquisa nos acertos sem destruir tudo?

Ele franziu a sobrancelha.

— É algo específico? Digo, você sabe o que procura?

— Sei.

— Então venha até aqui.

Ele me levou a uma torre eletrônica. Puxou de dentro dela um teclado. A parte de cima foi se desdobrando até se tornar uma tela.

— É só escrever o que procura. Com licença, tenho alguns dados para reparar.

Acho que ele também não estava feliz com a minha presença. Isso, ou tinha medo que explodisse algo. Provavelmente as duas coisas. Eu sabia onde tinha visto a árvore então comecei minha pesquisa pelo templo das bruxas.

Apareceram muitas referências. Desde a guerra, de como elas eram vistas e das leis que as mantinham “controladas”. Era ridículo, ainda pretendia fazer uma pesquisa melhor sobre aquilo, mas não seria naquele momento. Eu precisava focar.

Pesquisei imagens do centro do templo. Depois de algum tempo, encontrei o que procurava. A árvore com o globo terrestre, aquela que nos fez cair dentro do templo. Pedi que o sistema identificasse o símbolo. Lidar com os computadores da biblioteca era bastante simples na realidade, eles pareciam responder aos meus pensamentos.

— “A árvore da vida e da morte”.

Era Raszen. Coloquei a mão no peito e arfei.

— Por que você ainda acha uma boa chegar sem avisar?

— Estranhei seu sumiço, vim ver o que era. Por que está pesquisando plantas?

— Por nada, me lembrei de umas coisas do templo e quis ver se tem relação.

Ele estreitou os olhos para a minha pesquisa. Depois pareceu acordar do transe.

— Ok. A guardiã vai voltar em alguns minutos, é bom que esteja lá.

— Já vou!

Ele saiu olhando estranho. Eu continuei a ler algumas lendas sobre a tal árvore. Era o símbolo que as bruxas usavam, os Zmoras também, mas por motivos diferentes. Na verdade, muitas mitologias pareciam usar a mesma representação. Transferi tudo que pude para o meu DIM, depois olharia de perto.

Quando voltei, as coisas estavam mais organizadas. Laiza atravessou o saguão inteiro carregando o quadro de uma mulher que parecia me seguir com os olhos.

— Que quadro...?

— Não fixe os olhos nele, foi feito por um grande mago. Se ficar muito tempo observando, vai te levar à loucura.

Kyer passou arrastando uma réplica de uma estátua que tinha sido destruída em uma passagem de um tufão pelo meu continente. Um grande homem de braços abertos e cabelos longos. Meu amigo parou e secou a testa.

— Feitiços de compactação!

Eu franzi a sobancelha.

— O quê?

— Um feitiço de compactação que mantém ele desse tamanho.

— Como assim? Você não está dizendo que é o original...?

— É! Te disse que toda relíquia que foi e é importante para a história do planeta é guardada aqui.

Fiquei meio sem palavras durante um tempo, quer dizer... O que mais eles tinham ali? Na seção de livros, encontrei vários exemplares em grego, um livro com uma marca estranha, que fazia com que os duendes chiassem quando passavam perto e uma bandeira branca com outro símbolo em vermelho.

Como nada fazia sentido de imediato, fui tirando fotos, escaneando e fazendo anotações. Também perguntei uma ou outra coisa aos pequenos homens verdes e fui compilando tudo que diziam.

Ao contrário do que Raszen pensou, Fylgiar só voltou uma hora depois. Chegou quieta e parou do lado de Kyer. Ele parecia ter sido picado por algum inseto paralisador. Reparei que ela colocou a mão sobre a dele para pegar um objeto e ele prontamente saiu do lugar e foi para o lado da Laiza, que estava de costas e não tinha visto nada.

Ela não se abalou, deu um sorriso de deboche e continuou a pegar os objetos. Eu já tinha pensado em meia dúzia de desculpas para distrair Kyer e fazer perguntas a Laiza quando ouvimos um chiado ensurdecedor. Era um apito longo. Caí no chão com as mãos tapando os ouvidos.

Olhei em volta, todo mundo estava da mesma forma, tentando se proteger. Usei o feitiço que criava uma bolha de ar. Funcionou, embora eu não soubesse por quanto tempo, já que as bordas tremeluziam.

Ky viu o que fiz, mas percebi que ele não conseguia repetir, ninguém conseguia. Comecei a conjurar bolhas no maior número possível.

Foi quando eles entraram. Homens ou mulheres? Humanos? Não dava para saber! Estavam encapuzados e vestidos com grossas roupas. Tinham cajados e varinhas apontadas. No braço, uma faixa azul com a bendita árvore que eu pesquisei minutos antes. Só tive um segundo para pensar e fiz exatamente aquilo que Fylgiar queria evitar. Era um feitiço complicado que tinha aprendido com a minha avó na semana anterior, sob a promessa de que só o usaria em casos extremos.

Puxei toda energia draconiana que consegui sem nos destruir e me concentrei no portal que Fylgiar tinha dentro das vestes.

Ele veio parar nas minhas mãos. O apito parou. A maioria dos invasores tornou um dos meus amigos ou funcionários como refém. O encapuzado mais à frente deu um passo.

— Nós não queremos machucar seus amigos, Elemental. Só viemos dar um recado.

— É mesmo? — eu disse. — Era só enviar um e-mail.

— Há coisas que devem ser ditas pessoalmente.

A voz era abafada, sem dúvida sendo modificada por algum apetrecho.

— E você considera estar encapuzado parte disso?

Ele não respondeu.

— Na próxima reunião do conselho, você deve fazer um pronunciamento.

Aquilo era novo, em geral Helix não mandava recados. Nem pedia para que ninguém falasse nada por ele.

— De que tipo? — perguntei.

— Deve concordar com a troca do conselheiro por um que não esteja maculado pelas mentiras.

Eu levantei as sobrancelhas.

— Só isso?

— Na verdade, não. Você também deve votar a favor de uma moção...

— Você deveria saber que eu não voto no conselho! — interrompi.

— Geralmente, não. Mas quando são assuntos ligados à proteção mundial tem direito a voto, na verdade, tem direito a dois porque seu guardião está impossibilitado.

— E o que seria a tal medida?

— Você saberá na hora certa, mas finalmente seremos livres da escória que mancha nosso sangue e nos expõe ao perigo do Zmora.

— E se eu não concordar com a medida?

Ele deu um risinho. Apontou o cajado para Laiza.

— Gente como ela vai sofrer ainda mais. Se nossa caça não for autorizada, acontecerá de qualquer forma.

Eu já tinha dito que não tolerava ameaças? Kyer tentou se levantar e tomou uma coronhada. Eu aproveitei a distração e criei meus morcegos de energia. Estava ficando boa naquele tipo de manipulação. Conjurei o feitiço que tinha aprendido com minha avó e fiz com que eles voassem prendendo os encapuzados em uma teia mágica invisível.

Foi bem rápido, mas quando o atacante voltou a atenção para mim, só teve o tempo de arregalar os olhos. Eu puxei as cordas e todos eles foram sugados de

novo para o centro, juntos. Peguei a esfera de Fylgiar e gritei o nome da elfa, que só então deu por falta do objeto.

Arremessei a pequena bola nos nossos atacantes e a guardiã disse as palavras mágicas. Um grande buraco se abriu. Eu desfiz os morcegos bem a tempo e eles foram engolidos pela escuridão.

CAPÍTULO 5

FRUSTRAÇÃO NA REDOMA

— Por que o Construtor está fazendo isso comigo?

Eu estava no quarto de Evan, com a cabeça apoiada no vidro. Era madrugada. Tínhamos voltado há poucas horas do MASPE, todo lugar foi selado e os procedimentos de segurança revistos. Ninguém sabia como tinham entrado. O melhor palpite de Celen era que um dos conselheiros estivesse entre os atacantes. Só eles tinham certas senhas que podiam abrir o lugar. Pensando na trindade do satanás, achava aquilo um erro.

— Por que você não acorda?

Sim, eu tinha resolvido tudo na biblioteca. Meu avô ficou muito impressionado com a rapidez com que eu consegui pensar em uma saída e em como não tínhamos perdido ninguém, nem um só objeto. Eu já tinha contado tudo ao guardião, mesmo que ele não me ouvisse, precisava desabafar.

Fiquei de pé e comecei a chutar a redoma de vidro.

— Guardião idiota, levanta daí!!! Eu preciso da sua ajuda!

Cada vez que eu acessava o poder draconiano, ficava mais difícil voltar para mim mesma. O surto que tive na biblioteca, motivado pelo sonho, não tinha sido o primeiro. Eu estava tendo dificuldades para pensar. Foi como na primeira lua que eu só conseguia pensar em estraçalhar Helix. E a única pessoa que parecia ter percebido o quanto isso era perigoso era o pedaço de madeira verde deitado na minha frente.

Eu tinha medo de falar com Celen e ele me internar, ou pior, achar que eu tinha algo de Helix em mim. Todos eles estavam com muitos problemas, o pouco que consolava era pensar que eu estava estabilizando com o treinamento.

Voltei a me sentar, as lágrimas escorreram.

— Não... Sei... O que está acontecendo. Tem sempre essa raiva. Não sei como controlar isso. Você entenderia, não me colocaria em quarentena por isso! Mas você não acorda, seu idiota!

Efetuei o mesmo feitiço dos sonhos mais duas ou três vezes. Sem resultado como sempre. Respirei fundo, limpei as lágrimas e saí na surdina.

CAPÍTULO 6

MUDANÇAS INEVITÁVEIS

Alguns dias depois do que houve no MASPE, chegaram notícias de uma tribo isolada em alguma parte do que seria a antiga África do Sul. Uma criança tinha sido atacada e sua família quase dizimada. Eram seres raros, ninguém tinha muita certeza de onde viviam e o fato de Helix ter conseguido encontrá-los e atacá-los deixou todo mundo mais apreensivo.

Nafh'ta parecia uma fortaleza. Os conselheiros e líderes estavam sob forte proteção militar e eu mal conseguia fazer um voo sem que alguém aparecesse plainando do meu lado, ralhando para que eu voltasse ao prédio principal.

O pior é que o movimento do grupo paramilitar estava aproveitando o desespero geral para impor suas ideias. Claro que eles não assumiram o ataque que sofremos e continuavam dizendo que era coisa de Helix e seus lacaios.

Tudo isso tinha nos levado a mais uma reunião do conselho. Não era como a primeira, estávamos em pouco mais de cinquenta pessoas no escritório de Celen. Quase toda a mobília tinha desaparecido e percebi que muitos dos artefatos do meu avô também. Era uma sala comum, com cadeiras enfileiradas. Ocupando os lugares, somente o conselho e pessoas que fossem muito influentes. Disseram publicamente que era para garantir a proteção dos civis, mas eu me lembrava bem dos dois dias que o dragão discutiu exigindo uma sessão aberta. Eu entendia os porquês, ele não achava justo que algumas pessoas tivessem mais acesso que outras. Infelizmente ele não era a maioria.

Laiza se sentou ao meu lado. Ela estava vestida da forma mais séria.

— Você está bem?

Ela só balançou a cabeça.

— O que você acha que...

— Shiuu, melhor não. Depois...

Concordei. Não tínhamos ideia de quem atacou o MASPE ou de quem era o informante de Helix. Aquilo estava me deixando neurótica.

Celen entrou na sala, seguido pelo grupo de conselheiros. As cadeiras estavam quase completas, só a que sempre ficava vaga não tinha sido ocupada. O único estranho entre eles era Kyer e eu não tinha ideia do que ele estava fazendo ali. Um silêncio caiu sobre o lugar. Meu avô ergueu a voz.

— Senhores presentes. Esta reunião extraordinária foi convocada para que possamos decidir o que faremos sobre os ataques que estão sendo reportados a nós.

— Humhum...

Todos se viraram para o conselheiro Uriah.

— Me desculpe, senhor Chefe do Conselho, mas antes que possamos decidir o que será feito em relação ao Zmora, acredito que deveríamos discutir uma outra situação: sua permanência neste conselho.

Um burburinho correu pelo local. Eu escancarei a boca, não achei que ele seria tão direto. O dragão, no entanto, não pareceu surpreso, pelo contrário, tratou de dar continuidade ao assunto.

— O Conselheiro deseja oferecer uma moção?

O outro, ao contrário, parecia desconcertado. Não achou que fosse tão simples contornar meu avô.

— Sim... Claro! — Ele se colocou de pé. — Como todos sabemos, Celen Radul serviu a esse conselho por mais de quinhentos anos. Suas vitórias são notáveis e suas contribuições jamais serão esquecidas por nenhum de nós.

Levantei as sobrancelhas. Alguém estava acreditando naquela bajulação barata? Eu não.

— Porém, as últimas revelações sobre a paternidade de Rina Elilmo e sua ligação com a Elemental que nos foi escondida todos esses anos, somado à destruição que o Zmora está causando nos leva a crer que seu tempo como chefe deste conselho acabou. Proponho então uma votação para que um novo chefe seja escolhido.

Nesse ponto eu estava prestes a explodir, mas comecei a ficar intrigada em como meus amigos pareciam tranquilos. Kyer ouvia serenamente. Vó Ana, então, estava completamente relaxada. Thela, recostada na porta, nem parecia estar ali, absorta na sua tarefa de garantir a proteção do local. Quando me virei para questionar sobre isso com Laiza, ela tinha sumido, não estava em lugar nenhum da sala.

— Pois bem — disse Celen. — Não será necessária a votação quanto à minha retirada do conselho. Eu gostaria de fazer uma moção e os senhores representantes podem votar entre as duas.

O silêncio voltou ao recinto. Estava claro que nenhum dos conselheiros esperava que Celen tivesse uma outra opção e a trindade parecia ter tomado um choque.

— Como os senhores bem sabem, a profecia não pode mais ser considerada uma simples lenda. Não estou dizendo que todos nós a interpretaremos da mesma forma, mas a Elemental está aí para comprovar, bem como os metais e as transformações.

Algumas cabeças se viraram para mim por um breve momento. Ele continuou:

— Assim como não podem ser negadas minhas contribuições, como bem disse o conselheiro Uriah, o que agradeço pela sinceridade.

Eu quis rir, ele tinha aprendido aquilo com Evan?

— Estive à frente do povo mágico durante muitas centenas de anos. Abstive de tudo que pude, bem como de reconhecer minha única filha em respeito às leis dos senhores. Não, eu não pude cumprir a lei que me mantinha longe de Ana, e acho pouco provável que mantivesse qualquer um dos senhores longe das pessoas que amam, foi esse um dos motivos pelo qual esta lei foi anulada, pela sua injustiça.

A trindade torceu o nariz quase no mesmo instante. Eu cogitei se eles não eram uma coisa só interligada por alguma magia de chatice.

— Porém, eu reconheço que ter guardado essa informação tenha um preço e o considero pago devido aos muitos anos que não pude exercer o papel de pai, bem como o fato de não ter tido a oportunidade de proteger minha própria filha do Zmora Helix.

A conselheira Nissoraem ficou de pé, a sala explodiu em comentários.

— O que você quer dizer como proteger a futura sacerdotisa de Helix? Ela morreu no parto da Elemental. Nem mesmo o Zmora sabia que a garota seria a Elemental, como poderia?

— Nós já descobrimos que ele pode coisas impossíveis. E não, Rina não morreu no parto.

Foi quase impossível ouvir o que ele dizia depois disso. Eu mesma estava pregada na cadeira, desde a primeira lua quando o amigo de Evan tinha insinuado sobre isso, nós nunca tínhamos tocado no assunto.

— Na festa das flores, o Zmora Wen insinuou que Helix tinha algo com a morte de Rina. Embora não tenha tomado a palavra dele como verdade, resolvi não a ignorar por completo. Tenho fortes motivos para acreditar que é verdade, motivos esses que me resguardo o direito de só dividir com o conselho, e em uma sessão privada para garantir a segurança da informação e das pessoas presentes.

Tentei encontrar o olhar de Ky para descobrir algo, mas ele me evitava.

— Mas minha moção, ainda não fiz minha moção!

Cassandra voltou a se sentar, muda e boquiaberta. Celen se voltou ao público presente.

— Pois reconhecendo tudo isso como verdadeiro, o que passo a propor nada tem a ver com o que ocorreu e sim com o futuro, nosso e da Elemental. Acredito que este conselho precise de um novo chefe, alguém que conheça tanto quanto eu sobre as leis e a história, que tenha sido treinado e que esteja pronto para

guiá-los por estes dias sombrios, enquanto eu me dedico ao treinamento da garota, do qual somos todos dependentes.

Ele fez uma pausa e apontou para Kyer.

— Eu proponho que Kyer Radul assuma o meu lugar no conselho e a posição de chefe.

O Chefe dos Athenon levantou-se em um salto. Eu achei que a sala explodiria, mas o que aconteceu foi um silêncio tão profundo que eu podia ouvir a respiração fatigante do mago.

— Radul?

Ky acordou do torpor que estava durante a reunião. Ele se colocou de pé como um lorde. Não parecia nem mesmo nervoso, na verdade, não parecia o Ky que eu conhecia.

— Senhor conselheiro, eu recebi sua carta meses atrás, à época da festa das flores, antes dos juramentos, é claro. Meu clã manifestou o desejo de me exonerar devido ao meu relacionamento com a senhorita chefe dos alquimistas.

Embora fosse uma reunião semiprivada, havia pessoas importantes dos clãs presentes ali. Identifiquei muitos Athenon, eles gostavam de usar anéis de família, e a maioria deles tinha uma expressão indignada. Acho que o seu governante não tinha levado tal decisão a pleito. Ky não pareceu se surpreender e continuou.

— Embora eu discorde plena e convictamente da decisão, só me restou aceitar. Não era, como não é, uma opção concordar com a injustiça colocada sobre a senhorita Vaarne. Sabendo disso, o clã Radul prontamente me convidou a tornar parte deles. Hoje mais cedo, uma reunião extraordinária foi feita e eu fiz meu juramento.

Ky puxou parte da gola da blusa e deixou à mostra um bonito símbolo, como uma constelação, desenhado em seu peito.

Ori, que era como se chamava o conselheiro, perdeu as estribeiras e partiu para cima do meu amigo. Eu evoquei o cajado, mas antes que fizesse qualquer coisa, Thela estava entre os dois, com o machado empunhado. Ela não disse uma palavra, não que eu ache que fosse necessário. Ori arrumou suas vestes e voltou ao seu lugar.

Uma coisa eu tinha aprendido sobre os Athenon: eles não toleravam deslizes. Aquele ataque de raiva ainda lhe custaria muito caro. E eu esperava que isso não virasse uma declaração de guerra ao governo de Kyer. Celen voltou a falar.

— Pois bem, ânimos controlados, devemos votar.

Cassandra levantou a mão, o sorriso falso no seu rosto me deu calafrio.

— Conselheiro, acredito que seja necessário questionar o treinamento e capacitação do garoto. Não que não o respeitemos como grande sábio... — Ela

colocou a mão sobre o peito e arregalou os olhos em uma falsa tentativa de mostrar respeito. — Mas ele ainda é um garoto de dezessete...

— Vinte — corrigiu Celen.

— Que seja, vinte anos é muito pouco para chefiar o conselho.

Celen cruzou os braços.

— Cassandra, você assumiu essa posição com menos idade do que ele tem!

Aliás, a maioria de nós.

— Verdade! Mas nós fomos treinados durante todas as nossas vidas para assumir tal posição. O garoto foi treinado para ser um guerreiro.

O dragão levantou as sobrancelhas.

— Se existe uma beleza no destino é que ele contempla todas as possibilidades, Cassandra. Quando Evan Uriah foi treinado para ser o grande sábio, ele acabou por aprender a ser um guerreiro, o melhor se me permite dizer, por não ter só o conhecimento de batalha, mas o de história, profecia e arte.

A menção do nome do guardião despertou várias reações. A que me chamou atenção foi a de Thela, acho que ela não gostou de ver Evan sendo chamado de melhor guerreiro.

— Da mesma forma, ou ainda mais, aconteceu com Kyer Radul, antes Athenon...

Algo me dizia que Celen estava tendo prazer em esfregar essa verdade.

— ... Quando treinado para ser um guerreiro, por Alys não estar sendo treinada, Roberto se certificou que ele mantivesse todo conhecimento necessário para auxiliá-la. Assim, muito além das táticas de batalha e de se tornar um guerreiro excepcional, ele se tornou um grande conhecedor das nossas leis, da história e de tudo que é necessário para nos governar. Além disso, ele tem algo que nenhum de nós tem há muito tempo.

— Que seria? — um outro conselheiro perguntou.

— Ele conhece a realidade das pessoas de perto. Ele viajou, conheceu as pessoas, viu como o metal se manifesta de formas diferentes e como cada povo tem lidado com isso. Qual foi a última vez que qualquer um de nós saiu dos nossos confortáveis escritórios e foi compreender verdadeiramente como as pessoas vivem com os metais?

Todos, sem exceção, se mexeram incomodamente nas cadeiras. Parece que Celen tinha encontrado a ferida e não estava nem um pouco disposto a parar de cutucá-la.

— Diante de todas as mudanças, eu mesmo assumo que conheço muito pouco de como a realidade se molda. Não reconheço ninguém, dentro ou fora desta sala, que tenha melhor preparação para chefiar o conselho. Por isso, passo a fazer a inquirição.

Durou quase duas horas. Cada um dos conselheiros fez uma série de perguntas que incluíam coisas gerais como a história do mundo e muito específicas como a história de seus próprios povos. Embora respondesse à grande maioria, ele não sabia todas as respostas, mas isso não parecia incomodar a maioria dos conselheiros, já que mesmo sem a resposta, ele tinha uma saída ou humildemente assumia que precisava aprender mais. Nunca gaguejava ou cortava o contato visual. Quando julgou completa a missão, Celen interrompeu.

— Enfim, acho que estamos prontos para a votação. Quem aprova a substituição de cadeira de Celen Radul para Kyer Radul e sua posterior substituição como chefe do conselho mágico levante a mão.

Seria unânime se não fosse a trindade. Claro que Ori jamais votaria a favor, mesmo que Kyer não tivesse errado uma só de suas perguntas. Cassandra, mesmo com a mão abaixada, mantinha o sorriso doce e assustador e Amon Uriah mantinha-se inexpressivo.

— Bom, então temos votos necessários.

Kyer se levantou e parou de frente a Celen, aquilo parecia ter sido ensaiado. O que mais eles continuavam me escondendo...? Eles deram as mãos direitas, de uma forma estranha. Cada um segurava no cotovelo do outro e eles se olhavam com seriedade. Os conselheiros ficaram de pé. Afastaram as golas das camisas e vestes de modo que o símbolo de suas casas era visível.

— Kyer Radul, você deseja se tornar um conselheiro de livre vontade?

Meu amigo parecia muitos anos mais velho.

— Sim!

— Faça o seu juramento!

— Eu, Kyer Radul, aceito as responsabilidades de me tornar um conselheiro e de governar os chefes das casas. Entrego minha vida para a proteção de todos os seres. Submeto-me às leis e me comprometo a torná-las mais justas. Prometo permitir que meus olhos vejam como as Duvis dos montes, que mesmo de suas presas naturais têm misericórdia. Prometo permitir que meus ouvidos sejam como as Olar, que têm prazer na diversidade de sons. Prometo por fim que minhas mãos serão incansáveis em busca da justiça, e se eu assim não fizer, que o Construtor faça juízo de mim.

Os símbolos dos conselheiros brilharam ao mesmo tempo em que o símbolo na testa de Ky se tornou visível. Um segundo depois, meus olhos piscavam pelo brilho. Celen abriu um sorriso, soltou a mão de Kyer e lhe deu um abraço apertado. Depois, sem nem dizer um tchau que fosse, caminhou até o fundo da sala e se sentou ao meu lado, parecendo um garoto de dezoito anos. Já meu amigo parecia um velho, será que eles tinham trocado de idade?

— Vô, o quê...?

— Shiu, a reunião não acabou.

Eu suspirei, não aguentava mais ficar sentada naqueles banquinhos duros. Kyer bateu as mãos e se voltou ao conselho.

— Bom, já que estamos aqui, vamos às decisões importantes. Quem quer começar?

Ori Uriah se colocou de pé e fez uma breve reverência.

— Senhor Conselheiro, seja bem-vindo.

— Obrigado, Ori.

Ele torceu o nariz, ter um garoto de vinte anos como chefe lhe chamando pelo primeiro nome não parecia seu plano ideal. Ainda assim, o Uriah continuou.

— Precisamos decidir como lidaremos com o Zmora Helix. Se me permite, eu acredito que precisamos averiguar quem de fato é esse indivíduo, de onde ele veio. Tendo isso em mente, acredito que é necessário criar uma força tarefa que cadastre todas as bruxas existentes, para protegê-las, é claro.

Eu cerrei os olhos. Pior do que sugerir uma medida daquela, era querer escondê-la sob um propósito tão ridículo. Ninguém acreditava naquela conversa de proteção, mas não era de hoje que eu tinha percebido que a maioria das pessoas tinha medo do conselheiro. Kyer nem mesmo mudou de expressão.

— E essa medida funcionaria como proteção em que sentido?

O conselheiro Athenon não estava preparado para tanta objetividade porque começou a gaguejar, mesmo que mantendo sua pose altiva.

— Bem... Nós... Nós sabemos que bruxas são crias de Zmoras.

— Bruxas são humanas, filhas de humanos que se tornaram Zmoras. Há qualquer indício de que Helix tenha tido uma filha?

Eu segurei o riso, Ky estava muito parecido com Evan. Mais delicado, eu confesso.

— Não se sabe...

— Então, em um momento como o que estamos vivendo, em que cada soldado é de grande importância para a proteção do conselho, da cidade e dos povos atacados, por que nós deveríamos enviar um destacamento inteiro atrás de pessoas que não têm nada a ver com a história?

— Elas podem ter informações...

— Essa é uma opção muito vaga. Nós não podemos gastar nosso tempo e esforço. Os povos mais remotos estão sendo atacados, raças inteiras dizimadas enquanto Helix suga a alma deles sabe-se lá por quê. O que precisamos agora é de medidas reais, que protejam as pessoas.

Ori levantou as sobrancelhas.

— E você sugere...?

— A verdade!

O burburinho voltou à sala, não precisava ser muito inteligente para entender o que Ky estava propondo. Cassandra deu um risadinha.

— Garoto tolo, você acha que a verdade vai proteger os humanos? Vai é criar histeria coletiva!

Kyer não deu nem bola para a ofensa.

— Não vai se contada da forma correta. Nós não temos que contar a nossa verdade, temos que contar a verdade pura e de forma gradual para que eles compreendam. É impossível forçar as pessoas a acreditarem na lenda, nem faz parte dos próprios intuits do Construtor. Mas deixar que tateiem às cegas seria uma grande irresponsabilidade nossa.

Bririan que se mantinha completamente calada até ali, levantou a mão.

— E como você acredita então que podemos contar, sem falar da lenda?

— Acredito que devemos começar pelo mesmo lugar que começamos quando os metais apareceram, dizendo que a lua está provocando mudanças no nosso DNA e que temos afeições aos metais que estão nos alterando. Criar centros como os que temos aqui em Nafh'ta para auxiliar as pessoas a passarem pelas mudanças e entenderem como elas funcionam.

— E falaríamos sobre Helix? — minha avó perguntou.

— Não ainda, ou melhor, não de forma específica. Acho que deveríamos deixar claro que nem todas as pessoas estão felizes com as mudanças dos metais.

Salyn também levantou a mão.

— E os seres não humanos se mostrariam?

— Não imediatamente, não vamos mentir se alguém perguntar. Já entendi que a mentira causa mais dano que a verdade, mas vamos deixar que as pessoas digiram seus próprios poderes. Vê, se os humanos se entenderem como mágicos, não tem porque estranharem, em excesso, os seres que são diferentes deles.

Amon balançou a cabeça.

— Isso é uma falácia... Eles vão se matar.

Ky cruzou os braços.

— Conselheiro, sou todo ouvidos se você tiver uma medida melhor, que não nos exponha e proteja todos os seres, humanos ou não, das ações do Zmora.

Amon bufou, mas ficou em silêncio. Kyer se voltou ao grupo.

— Pois bem, não acho que seja uma medida à prova de erros. Não acredito que não vamos perder ninguém, mas é a melhor saída que temos no momento. A verdade, e lidar com as consequências dela. Votação?

Os números se repetiram, oito a três pelos novos centros. Ky estava prestes a encerrar a reunião quando Amon se levantou.

— Há outro assunto não discutido.

Eu respirei fundo, lá vinha bomba.

— A situação do guardião.

Eu olhei para Celen, a expressão dele fechou. Kyer franziu a sobrancelha.

— O que tem Evan Uriah? Ele está em tratamento intensivo para retirada do veneno do Zmora. Enquanto isso, estamos fazendo estudos para criar um antídoto e impedir que volte a acontecer com mais alguém.

— Entendo a necessidade das pesquisas, mas não compreendo por que ainda estamos mantendo-o vivo.

Eu escancarei a boca.

— Estamos mantendo-o vivo porque ele está vivo! E enquanto estiver faremos o necessário para que se recupere e possa continuar sua missão com a Elemental.

— Conselheiro, posso entender porque Celen insistia em manter o garoto no tratamento, mas você me parece mais objetivo. A Elemental precisa de um novo guardião com urgência.

Kyer me olhou por um breve momento.

— Não, ela não precisa. E eu estou sendo objetivo, Amon. Ela pode se virar muito bem sem um guardião por hora e, até a próxima Lua, Evan estará em condições de cumprir sua missão.

— Mas...

— Conselheiro Uriah, essa sessão já durou muito mais do que o normal, estão todos cansados. O senhor realmente quer insistir em uma decisão que é minha e eu já tomei?

O mago bufou e se sentou, contrariado.

— Pois bem, o projeto dos novos centros já está sendo feito pelas irmãs Vaarne em conjunto com Tzeba, um representante cientista de cada família será integrado à equipe. Daqui dois meses nos reuniremos para falar dos resultados. Reunião encerrada.

Eu me virei para Celen.

— Agora eu posso...?

— Ainda não, agora você precisa cumprimentar todos os conselheiros e parabenizar o Kyer.

Suspirei...

— E eu achando que ficar sentada por três horas era a pior coisa desse dia...

CAPÍTULO 7

DESPEDIDAS NECESSÁRIAS

Naquela mesma noite, enquanto todos partiam ou se recolhiam para dormir, eu coloquei em prática um plano que vinha preparando há meses.

Desde que soube que precisaria ir aos templos dos dragões com Celen, e diante da situação do guardião, eu comecei a estudar alguns livros com uma ideia fixa. Precisava deixar alguma coisa no quarto de Evan que me permitisse visitá-lo e, porque não, vigiar as coisas por lá.

Depois de uma boa procura, que incluiu enfeitiçar um dos magos de Tzeba, encontrei o que precisava sem que ninguém soubesse.

Em seguida eu trazia a pequena placa escondida nas vestes, enquanto caminhava sorrateira pelos corredores do prédio principal. Não quis deixar para outra noite porque tinha ouvido Celen dizendo a Thela que nós dois partiríamos no dia seguinte.

Fiz todos os procedimentos e entrei sem maiores danos. Evan continuava na redoma de vidro, como parado no tempo, verde e coberto da crosta assustadora. Respirei fundo.

— Ei, cabeçaço, parece que você continua na mesma! Ainda não se cansou de fazer *cosplay* de árvore?

Mesmo sabendo que não era possível, gostaria que ele estivesse ouvindo toda a minha presença de espírito. Eu continuava falando como se ele pudesse.

— Não sei se você recebeu muitas visitas hoje, mas a coisa foi feia!

Abaixei-me procurando o melhor lugar para instalar a plaquinha de Lifran. Esperava que os feitiços somados ao metal impedissem que alguém percebesse minha engenhoca.

— Seu amigo Ori queria te desligar, acho que ele não te perdoou pela petulância na festa das flores.

Enfim, consegui plugar a placa.

— Além disso, Amon quase bateu em Kyer... Ahh você nem tem ideia do porquê, não é? Deixa te contar.

Assim passei a meia hora seguinte descrevendo os fatos da reunião, pontuando com as minhas percepções e minha raiva por ter sido deixada de fora

dos assuntos. Você até poderia odiar Evan por muitos motivos, mas a transparência dele estava fazendo falta.

— Enfim, isso que eu pluguei aqui, usei alguns feitiços que encontrei no seu DIM. Desculpe, eu fuzei no seu quarto... Mas tenho a leve impressão que só encontrei aquilo que você me permitiria encontrar, ótimo feitiço de ocultação por sinal. — Dei de ombros. — Vamos ver se deu certo.

Dei alguns cliques na pulseira presa ao meu pulso, que era meu DIM. Depois a coloquei sobre a testa. Quase imediatamente reapareci holograficamente na frente da redoma de vidro.

— Funcionou!!! Há também um recurso de som e de pesquisa, assim posso garantir que não tem ninguém no quarto quando eu quiser aparecer. Assim posso ouvir às escondidas e saber o que estão fazendo aqui.

Abri os olhos e o Holograma desapareceu. Aproximei-me da redoma.

— Não posso prometer que virei todos os dias, não sei se consigo enganar Celen para isso e espero que o feitiço seja forte o suficiente para que não importa quão longe eu esteja, possa aparecer. Só para te deixar atualizado da missão. Não queremos que você acorde sem saber de nada, não é mesmo?

Coloquei as mãos sobre a redoma e repeti o feitiço do sonho. Nada! Saí alguns minutos depois, me esgueirando pelos corredores desertos. Parei em uma janela a poucos metros do meu quarto. A cidade estava pacífica, eu não.

CAPÍTULO 8

TRÊS DRAGÕES PARA REINAR

Na manhã seguinte à reunião do conselho, Celen me fez juntar as coisas e partir. Achei que me daria alguma explicação ou que iríamos para algum templo estranho, mas do outro lado do portal estava somente a visão do pequeno povoado onde a casinha de conchas da minha avó estava.

Ana me esperava de braços abertos. Tudo parecia exatamente igual a quando eu e Ky passamos por ali. Falando nele, não tinha visto meu amigo mais do que um aperto de mãos no final do pleito. Ele tinha me mandado uma mensagem pedindo desculpas por não ter como ficar para se despedir.

— Minha querida, tire essa mochila, suba e tome um banho. Estou preparando um prato que você vai amar!

— Vó, aqui é o templo dragão?

Os dois começaram a rir.

— Não, meu amor, nem perto disso. Mas queríamos te dar um pouco de normalidade enquanto se prepara para sua missão.

— Ahhh, ok.

Depois de um belo banho e um pijama com desenhos de cactos que encontrei sobre a cama, você poderia até pensar que os últimos meses não passaram de um sonho ruim, até descer e encontrar um dragão dando ordens às louças para que se lavassem enquanto tortilhas voavam pelo teto para dentro de uma travessa.

Eles eram fofos juntos, de um jeito que eu não tinha visto ainda. Isso me fez pensar se meus pais também eram assim antes que aquela loucura trazida pelo meu nascimento acomesse nossa família. Sacudi a cabeça, precisava manter tais pensamentos longe.

Voltei a observar os dois, não que eles parecessem inofensivos, Celen raramente parecia e minha avó sempre tinha um olhar obstinado. Mas dava para ver com clareza que juntos eles eram uma espécie diferente de perigo incontrolável.

— Que bom que desceu, Lys, já estava pensando em ir ver se não tinha dormido na banheira.

Eu dei de ombros.

— Nunca se sabe quando vou poder tomar outro banho como esse, resolvi aproveitar.

Celen deu risada.

— Sábia decisão!

Eu me sentei à mesa enquanto os pratos voavam e em alguns minutos havia uma travessa fumegante na minha frente. Tacos, enxilhadas e molho. Enquanto eu devorava o prato, eles falavam de coisas triviais, de alguma reforma que pretendiam fazer na casa.

Mas como todo sonho bom, não dá para ficar dormindo para sempre. Quando eu já tinha comido o suficiente para ter uma congestão, meu avô ordenou que os pratos se lavassem.

— Bom Alys, precisamos falar sobre nossa missão.

Eu suspirei.

— O templo, onde é mesmo? Agora posso saber?

Ele riu.

— Pode, mas o templo não é como você está imaginando, ele não é um lugar físico e estático.

— Como assim não é um lugar fixo? Um templo tem que ser um prédio.

Celen balançou a cabeça.

— É aí que você se engana, um templo é um lugar de honra a alguém ou a alguma coisa. Nesse caso é um lugar de honra à cultura dos dragões.

— Mas você não me disse que vocês não são muito chegados a viver em comunidades?

— Só porque não vivemos muito juntos não quer dizer que não tenhamos uma história para contar ou que não respeitemos certos costumes comuns. Você se lembra das histórias que te contei? Sobre os dragões mais importantes que existiram?

— Bom... Lembro. Um pouco.

Ele cerrou os olhos.

— É melhor que se lembre mais do que isso, os dragões levam sua história muito a sério, e você será testada quanto a esse conhecimento.

Eu suspirei, testes... Como eu sempre odiei testes.

— Então, se não é um lugar fixo...

— Nós podemos acessar várias partes do que chamamos de templos pelos ninhos ancestrais. Especificamente irei te levar até três deles e a soma das experiências deve te livrar dos problemas com a energia draconiana.

Vó Ana mantinha uma expressão séria, tinha mais alguma coisa ali.

— Fácil assim? É só visitar um ninho?

— Não é fácil, nem uma visita. Você não é um dragão e isso pode causar problemas, nenhum humano se aproximou dos grandes. Além disso, os ninhos ficam em partes remotas do mundo, teremos que viajar, o que naturalmente te deixa exposta a alguma investida daquele Zmora.

Eu fiz minha melhor cara de coitada.

— Me desculpe, não estava subestimando a missão. Era ironia.

— Não sei o que vai acontecer quando passarmos pelos três e os dragões levam tudo muito a sério, eles precisam confiar em você.

— Eles sabem que você gosta de piadinhas e usa um monóculo?

Meu avô fechou a cara.

— Alys!

— Tudo bem, tudo bem... Eu só estava tentando descontraír. Vocês parecem tão tensos!

Ana respirou fundo.

— Claro que estamos, você é a esperança de que o mundo passará pelas mudanças sem maiores danos, se nossa linhagem comprometer isso, toda a humanidade pagará pelo dano.

Eu franzi a sobancelha.

— Pensei que a profecia dizia que o Elemental teria várias linhagens...

Celen desfez um pouco a carranca.

— Bem, ela diz, mas...

— Então, vocês estão se culpando por nada. Se não fosse eu, seria outra pessoa com uma linhagem tão complicada quanto.

Os dois se calaram. Às vezes eu tinha esses surtos de sabedoria. Depois de alguns segundos, minha avó pigarreou.

— Então, além disso, quero te explicar uma coisa. As linhas mágicas... Você precisa compreender o básico sobre elas, para que possa controlar seu poder e não denunciar a posição de vocês com tanta facilidade.

A hora seguinte foi cheia de mapas, fórmulas e feitiços que tive que aprender de última hora. Segundo Celen, não podia tentar isso em Nafh'ta, eles não estavam seguros que alguém não estava nos vigiando.

— Mas, vô, quem vai garantir a segurança de Evan nesse meio tempo?

— Thela me prometeu que cuidará pessoalmente disso.

Eu esbugalhei os olhos e falei com a voz uma oitava mais alto.

— Thela?

Acho que ele desconfiou que eu tinha ouvido algo.

— Ela tem muitos defeitos, Alys, mas ser uma amotinada não é um deles. Ela vai cumprir aquilo que prometeu.

Não fiquei muito tranquila.



Naquela noite, quando todos se deitaram, eu peguei a pequena placa do DIM e coloquei sobre a testa. Primeiro ativei o som e que bom que fiz isso. Tinham vozes no quarto.

— Kyer, você acha que está tomando a decisão certa, quer dizer, mantendo-o vivo? — Era Thela, pelo jeito ela não tinha desistido. — Quer dizer, você sabe que respeito o guardião, minha preocupação é objetiva: a missão de Alys.

Ouvi Ky suspirar.

— Não somos nós que estamos mantendo-o vivo, é o Construtor. Em outras épocas eu daria a vida para ser o guardião, mas nunca tinha compreendido o que isso realmente significava. Ele deitado sobre essa cama é o que significa o juramento que fez, muito além da saúde física de Alys, ele se vê responsável pela saúde mental dela. Eu não posso questionar os caminhos do Construtor, Thela. Só posso pedir todos os dias que ele se levante dessa cama ou se vá logo, mas não serei eu o algoz disso, não por ora.

— Se você diz...

Ouvi quando a porta bateu. Fiz uma varredura e constatei que ninguém estava no quarto. Saí como holograma e olhei para Evan. Tudo igual. Mantive meu costume de contar o que estava acontecendo, lancei novamente o feitiço e voltei ao meu quarto, exausta. Aquele tipo de magia me esgotava, mas valia a pena. Não porque ele ouvisse, acho que muitas vezes eu precisava me ouvir.

Quando caí no sono, imagens desconexas atacaram minha mente, desde meu pai ensanguentado até meus amigos caminhando para uma caverna estranha e gelatinosa. Antes de compreender, adormeci.

CAPÍTULO 9

O PRIMEIRO GRANDE NINHO

Não houve tempo para descanso, nem para grandes despedidas. No dia seguinte, nós partimos, eu e Celen, pela mesma pequena estação de Voltrin. Fomos até uma grande célula e, pela primeira vez, eu vi um AeroVoltrin.

Era como um avião, só que com melhorias consideráveis. Nós viajamos deitados em pequenas cápsulas. Para um claustrofóbico pareceria o pior pesadelo, se não fossem os hologramas em alta resolução que davam a impressão de um quarto aberto. Era só não se mexer muito que quase dava para se esquecer do tamanho real do lugar.

Eu via meu avô deitado ao lado e nós conversávamos normalmente como se estivéssemos no mesmo cômodo, caso quisesse privacidade, era só apertar um botão e pronto, estava só de novo.

Celen me advertiu que não falássemos de magia ou da profecia ali. Desde os últimos ataques, ele andava sombriamente neurótico e até tinha se esquecido um pouco daquele brilho no olhar que tinha conquistado na última reunião do conselho. O dever era mais importante.

Depois de um tempo falando de trivialidades como o funcionamento do metal naquele veículo, acabei pegando no sono. Acordei com Celen me chamando.

— Vamos, chegamos ao nosso destino.

Esfreguei os olhos enquanto ele puxava a cama para fora.

— Que seria?

— Veja você mesma!

Aproximei-me de umas das redondas janelas que estavam abertas e preendi a respiração. Era uma ilha de água muito cristalina até uns dois ou três quilômetros mar adentro, depois ela escorria negra como petróleo, assim como todo o resto do mar do mundo.

Escorria porque a ilha estava suspensa poucos metros, sustentada no dorso submerso de uma gigantesca estátua draconiana da qual eu só via a ponta do rabo.

As árvores estavam salpicadas por metais, tinham animais que eu nunca havia nem ouvido falar. Do lado de fora, um grupo de pessoas vestidas de forma incomum recebia os turistas. Pessoas com roupas florais passavam por nós, com

seus cabelos coloridos e olhos animados, ávidos por aproveitar o tempo livre. Eu, no entanto, sabia que não teria tanta sorte.

— Venha, temos um longo caminho mata adentro.

— Nem um mergulho?

Ele riu.

— Se eu estiver certo sobre o dragão dessa ilha, você vai se arrepender de ter dito isso.



E nós caminhamos, caminhamos muito mesmo, até que o sol já estava quase se pondo. Celen abriu uma barraca como a de Evan e eu entrei no que parecia uma básica reprodução de seu próprio escritório, com uma adição de camas separadas por tapumes e uma cozinha pequena.

— Ligue a tevê, assista alguma coisa. Já lancei os feitiços de proteção, ninguém pode nos ouvir ou ver. Vou preparar algo para comer.

Eu me joguei na poltrona e ele saiu pela porta, voltou minutos depois com um peixe e um conjunto de vegetais de cor espalhafatosa.

— Como você...?

Ele deu de ombros.

— Tem um rio não muito longe daqui.

Logo o cheiro de peixe feito em especiarias tomou a barraca e meu estômago roncou. Nós não conversamos muito e depois de certificar que ele tinha caído no sono, voltei a usar o holograma. Dessa vez não havia ninguém no quarto. contei sobre o lugar e voltei para a cama, teríamos um dia cheio pela frente.



— Eu continuo sem entender porque temos que andar tanto. Não podemos simplesmente usar um portal? Ou nossas asas? Você poderia me carregar com facilidade.

O sol do meio dia castigava nossa caminhada, mesmo com tantas árvores, o lugar era muito quente. Celen, agora na forma draconiana, não parecia incomodado.

— Não podemos, não, você precisa entender melhor a questão do respeito para um dragão. Ninguém chega na sua casa sem ser convidado e entra sem bater na porta. Agora, deixe de ser tão reclamona, Alys, já estamos quase chegando.

Algum tempo e o caminho estreito se abriu em uma clareira. Uma bonita cachoeira se elevava e a água corria do lado contrário. Celen parou abrupto, antes que pisássemos no terreno aberto.

— É aqui, não posso seguir com você. Vá até a borda, mas NÃO ENTRE NA ÁGUA!

Eu arregalei os olhos.

— O...k?! Posso ao menos evocar o cajado...?

— Isso é a última coisa que deve fazer, é mais fácil entrar na água do que mostrar uma arma, ainda mais uma mágica, me ouviu?

Eu balancei a cabeça em concordância. Ele olhou para a cachoeira e de novo para mim.

— E abra as asas, eles precisam entender porque você consegue se aproximar.

Fiz como me ordenou, embora não soubesse de onde me aproximava. Quando cheguei perto da borda, uma pilastra começou a surgir do chão. Era inteira de água, e no topo tomava a forma de um dragão que ao olhar para mim quase engasgou.

— Humana?

A vozinha era esganiçada. Eu franzi o cenho.

— Achei que você era maior...

— Não seja tola, não sou quem você procura. Agora me responda: como uma humana tem asas como essas?

— Eu não sou uma humana, não completamente, pelo menos. Sou um quarto dragão e sou a Elemental.

Um barulho horrível surgiu atrás da estátua. Era como um ralo. De repente uma forma monstruosa e gigantesca começou a emergir. Era um dragão de pelo menos uns seis metros de altura, perto dele, Celen era um filhote. Fiquei grata de não ter dito isso em voz alta, meu avô não me perdoaria.

Eu escancarei a boca. Ele tinha uma cor acinzentada, mas suas escamas eram de um metal que fazia com que parecesse furta-cor. Na enorme cara, abaixo da avantajada boca de dentes afiados, saíam tentáculos que ficavam se mexendo em uma dança grotesca.

— Quem dizes que és?

Os olhos muito azuis assim como a água da praia, desceram até perto dos meus. O bafo quente saía das narinas e balançava os meus cabelos.

— Eu... Eu...

A pequena estátua de voz esganiçada cuspiu um pouco de água.

— Acho que ela perdeu a capacidade de falar, mestre...

Eu olhei feio para ela.

— Meu nome é Alys Elilmo, eu sou a Elemental. Estou aqui porque sou a neta de Celen Veri.

Respondi como meu avô tinha instruído, foi uma das poucas informações que ele me deu.

— Veri? Hum... Então ele teve herdeiros não draconianos?

Eu só balancei a cabeça. O dragão nem mesmo piscava para mim.

— Pois bem, o que fazes aqui se não és um dragão, pequena vatinavê?

— Pequena o quê?!?

Ele levantou as sobrelanceias, era assustador. Os tentáculos flutuavam em minha direção de forma curiosa, os símbolos dos metais ficaram mais claros e vibravam perigosamente mantendo-os longe.

— Pedra Preciosa — disse o dragão — é o que és! A única de sua espécie. Agora diga-me, o que veio buscar aqui?

Eu tomei fôlego.

— Embora eu não seja um dragão completo, devido à minha genética e os metais, desenvolvi a capacidade de abrigar energia mágica como um dragão comum. Porém meu corpo não é capaz de suportar tal poder, preciso da sua ajuda para transformá-lo em um templo propício.

Tentei ser educada e reverenciar o tal ancião como Celen havia ordenado, mas era difícil me manter firme diante de uma criatura daquelas.

— Entendo. Um caso único, assim como tu.

Ele se afastou, balançou as mãos e uma redoma de energia me cercou. Prendi a respiração alarmada.

— Não te preocupes, isso é apenas uma proteção. Quero que evoque toda a magia que conseguir, preciso compreender como funciona.

Arregalei os olhos, não ousei olhar para trás. Meu avô tinha me asseverado a não denunciar sua presença ou teríamos problemas.

— Não... Não posso fazer isso.

— Por que não? — perguntou a pequena forma de água.

— Porque ou vou me matar ou matarei todos nós. Não tenho controle sobre essa energia.

O grande dragão desfez a redoma e voltou a emparelhar o rosto com o meu.

— Veja bem, pequenina. Estás aqui para começar a se tornar um dragão.

Eu esperava que não literalmente.

— Existe uma coisa que deverias saber sobre os dragões... NÓS. NÃO. SOMOS. COVARDES!

Cada palavra pontuada fazia meus cabelos voarem.

— Tu precisas ser capaz de controlar esse poder compreendendo que se tens nosso sangue correndo em tuas veias, és completamente capaz de fazê-lo. — Ele ergueu um de seus longos dedos e encostou na minha testa, eu nem me movi. — As mudanças inevitavelmente começam aqui.

Quando ele se afastou e recriou a redoma, eu já não estava entendendo mais nada. Ainda assim, fechei meus olhos e pensei: *não é minha hora, não ainda. Celen está protegido, se eu destruir algo não deve ser esse dragão, ele parece ter uma pele bem grossa.*

Evoquei todo poder que consegui, meus olhos faiscaram. Tentei não pensar na última vez e no que minhas asas tinham se tornado. Pensei nos meus amigos e nas pessoas de Nafh'ta, nas crianças que estavam morrendo e dependiam do meu sucesso.

Uma onda de energia saiu de mim, a redoma se estilhaçou. A estátua se dissolveu e eu fui jogada vários metros para trás ainda dentro do buraco que tinha se formado graças ao meu poder.

Com certeza eu tinha machucado as asas, não pela energia, mas porque caí de mal jeito. A areia assentou. A estátua de água se reergueu e o dragão ofegava com os olhos esbugalhados e as mãos no peito.

Levantei-me e bati a poeira das vestes.

— Você está bem, senhor... Qual é mesmo o seu nome, senhor Dragão?

Ele se aproximou lentamente de mim.

— Não usastes toda a energia que tens!

O Dragão milenar não parecia chateado, só impressionado mesmo.

— Usei toda que sei acessar — respondi.

Nem os tentáculos pareciam querer se aproximar agora. Ele começou a se modificar até que diante dos meus olhos havia somente um homem, um velho homem de pele queimada de sol, cabelos cinza e olhos muito azuis.

— Nunca, em toda minha existência, achei que veria algo como tu, menina.

Parecia um elogio.

— Aghh... obrigada?

— Tu sabes que não posso ajudá-la, não sozinho pelo menos?

— Sei, senhor. Sei que preciso ir aos três anciões, preciso enfrentar o desafio de vocês.

— O meu você já enfrentou, e tendo vencido é merecedora de receber o primeiro orbe.

Ele balançou os dedos e uma pequena bolinha se formou em sua mão. Era azul como seus olhos.

— Ao tempo certo, precisarás dela.

Ele se aproximou de mim e a prendeu no meu pescoço. A corrente era invisível. Eu toquei a esfera e senti um leve choque. Agora ela fazia companhia, um pouco acima, ao colar de Evan.

— Mas eu não fiz teste algum!

— Os testes que viestes enfrentar não são como os aplicados por humanos. Aqui deverias enfrentar tua própria falta de fé. Tu sabes que essa ilha fica sobre uma estátua?

Eu balancei a cabeça positivamente.

— Todos os dias, quando os moradores dormem, eu tomo o lugar da estátua e garanto a segurança do lugar. É assim há milênios. Se a cada vez que um ser das profundezas se aproximasse eu duvidasse da minha capacidade de afastá-lo, só porque pareciam muito maiores que eu...

Realmente eu não queria mais nadar.

— Essa ilha já teria se perdido há tempos.

Eu fiquei calada, esperava algo milagroso, não fé.

— Tu precisas compreender o que é ser um dragão, garota. Nós não temos medo de usar nossos poderes e isso é parte do porquê de sermos tão poderosos. Se queres que nossa magia torne tua casca apta a ser usada, precisas começar a pensar como um de nós.

Eu só balancei a cabeça. Ele me deu as costas e começou a caminhar para a água.

— Agora vá, tua caminhada é longa e o Segundo é menos receptivo do que sou.

Nossa, ele tinha me deixado bem animada.

— Muito obrigada, senhor... Eu ainda não sei seu nome.

Ele virou-se para mim novamente.

— Essa forma é meu nome, poucas pessoas a viram na vida. Tu te lembrarás por toda tua existência de um nome tão poderoso como esse, embora as marcas que vi em ti denunciavam que, sabendo ou não, já conhecestes nome mais poderoso que o meu.

O sentido de nome dele era meio estranho. Como eu ia chamá-lo? “Oh senhor forma poderosa”? E de quem ele estava falando?

— Agora vá! Faltam poucas horas para que eu vá cumprir minha missão, preciso estar preparado.

Eu concordei com a cabeça e já estava na orla da floresta quando ele, meio submerso nas águas da cachoeira, me disse:

— E, Alys, tenha cuidado. Há criaturas nos espreitando há milênios, mas nesse cair da noite elas acham que podem vencer.

Antes que eu pudesse perguntar se ele sabia algo dos Zmoras, o grande lagarto desapareceu. Só deu para ouvir a vozinha esganiçada da estátua de água, sussurrando:

— Tchau tchau, Veri Alys, cuidado!!!

Se eu não soubesse que era Celen dentro da floresta, não tinha entrado lá por nada depois daquilo.

Alguns metros para dentro, meu avô estava escondido em uma redoma de metais. Quando me viu, desfez a mágica, se tornou humano e me abraçou.

— Graças aos céus você sobreviveu.

— Nossa, você não disse que seria tranquilo? Que eu não tinha com o que me preocupar?

Ele deu de ombros.

— E não tinha, não é mesmo? Você está inteira, veja só.

Pelo jeito que ele falava, não parecia que tinha tanta certeza antes.

— Vamos, recebi uma mensagem. Vamos dormir na cidade hoje, fomos convidados a ficar.

— Convidados por quem? Pensei que ninguém soubesse que estamos aqui.

— Pode ser que as magias da redoma tenham impedido que fontes externas te encontrassem, mas isso não quer dizer que não tenham seres mágicos nos vigiando.

Eu levantei as sobrancelhas.

— Que tipo de seres...?

— Do tipo que tem barbatanas e usa coroa...

Ah não, pensei. Vamos ver outra família real cheia de costumes que eu não conheço para que eu cometa crimes diplomáticos. Era o fim...

— Peraí, barbatanas?

— Vamos, te explico no caminho.

Eu achava pouco provável, quando é que me explicavam alguma coisa?



Na borda da floresta uma comitiva já nos esperava. Minha vista ficou um pouco turva e eu achei que estava passando mal. Demorei alguns segundos para perceber que o que estava turva era a imagem dos nossos anfitriões, como se eles estivessem dentro de um espelho d'água. Mesmo que Celen tivesse me alertado, era difícil distinguir o que eram.

Um dos homens deu um passo à frente e fez uma reverência.

— Elemental, é um prazer conhecê-la.

A forma dele ficou visível. Era um homem de pele enrugada. Pequenas pedras e conchas pelo corpo deixavam uma impressão de areia do mar. Os longos cabelos e barba azuis desciam até a cintura, até onde ele era humano. Depois disso, no lugar das pernas, havia uma longa cauda negra. Eu só consegui pensar: como alguém se mantinha de pé sobre aquilo?

— Muito prazer, Rei Liem, governante dos Tritões.

Fiz uma reverência e, como Celen havia me ensinado, coloquei a mão sobre a testa, em sinal de respeito.

— Vamos — disse ele. — Está quase escurecendo. E para nós, seres mágicos, não é muito seguro ficar à deriva durante a noite.

Outro aviso sobre a noite... Eu estava começando a ter medo do escuro.

CAPÍTULO 10

UM GÊNIO SEM DESEJOS

Eu acreditei que estávamos indo para algum reino debaixo d'água. Não foi o que aconteceu. Nós rodeamos a cidade, salpicada de luzes coloridas e de uma música ritmada, e fomos parar em um sobrado com uma desgastada placa onde se lia: Pousada dos Amores.

Eu fui a penúltima a entrar, seguida de Celen, e me espantei com o interior. Tinha que ser um feitiço para que parecesse tão pequeno por fora. Dentro, uma recepção se estendia em um restaurante onde vi seres mágicos rindo enquanto comiam.

Instintivamente puxei meu capuz. Não queria atrair muitos olhares. O rei apenas me deu uma olhadela, mas não questionou meu comportamento. Ele se achegou ao balcão e falou meia dúzia de palavras.

A atendente, que parecia uma guerreira celta com pele em volta dos ombros, cabelos alaranjados como uma juba e olhos felinos, me olhou por um segundo e concordou. Entregou a ele alguns cartões e nossa comitiva seguiu pelas escadas laterais. Alguns andares acima, que de fora não pareciam ser reais, nós chegamos a um apartamento.

Era tão grande quanto a entrada, e os membros começaram a desfazer os feitiços. Logo eu via uma dúzia de sereias e tritões, segurando arpões acima da cabeça e caminhando para seus afazeres.

O rei sentou-se em uma poltrona, eu e Celen o acompanhamos. Como ele ficava sem água era um mistério para mim.

— Bom, aqui estamos seguros.

Celen fez alguns feitiços.

— Parece que sim.

Liem sorriu em minha direção.

— E você, Alys, como se sente?

— Bem, obrigada.

— Tem alguma pergunta que gostaria de fazer?

Celen balançou a cabeça.

— Não faça isso, ficaremos aqui até amanhã.

Olhei feio para ele.

— Não muitas. Primeiro, achei que iríamos ao seu reino, aqui não parece muito com um castelo aquático.

Liem riu.

— Nós não somos daqui, estamos de passagem. Vivemos no continente onde você foi criada e sou parte da mesma aliança que Bririam e Salyn.

Então eu comecei a me lembrar, ele foi o voto decisivo para que parassem de me caçar.

— Ah, claro. Que bom. E obrigada pelo convite.

— Não há de quê. Essas águas podem ser um pouco perigosas, dar alguma proteção na sua caminhada é nosso prazer, pelo menos enquanto seu guardião não retorna.

Eu me mexi incomodada. Será que ele iria mesmo voltar? O Tritão ignorou meu desconforto.

— Bom, existe algo que possamos fazer por vocês essa noite?

Eu olhei através dele, por uma janela semiaberta. Dava para ver as luzes do vilarejo.

— Na verdade, eu gostaria de conhecer um pouco sobre a população local. Ver como as pessoas estão se adaptando ao metal.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Acho que você não compreendeu o que disse mais cedo, Elemental. Essas bandas são perigosas para seres mágicos...

— Bom, se eu entendo direito, todos nós somos seres mágicos, meu rei!

Ele ficou sem resposta, trocou um olhar significativo com Celen e suspirou.

— Tudo bem, se vocês querem assim.

Celen interrompeu:

— Eu não irei com ela, acredito que se enviar uma de suas guerreiras seja o suficiente. Preciso contatar Anna e ver como andam as coisas em Nafh'ta.

Olhei para ele surpresa. Não fui a única, o Tritão parecia chocado com a tranquilidade de Celen.

— Se acalme, Liem, ela é completamente capaz de ir e voltar em segurança, mesmo sem o guardião. Não garanto que não se meta em alguma confusão... — Ele deu de ombros — ... mas, para ser sincero, ela faria isso mesmo que todo o exército de Nafh'ta estivesse escoltando-a.

Eu queria protestar, mas me mantive calada com medo que minha aparente sorte mudasse. Fazia tempo que eu não conseguia um passeio.

Liem pegou uma concha na mesa ao seu lado e falou breve em uma língua que não compreendi. Aquilo era novidade, meu aparelho com as modificações do Lifran me permitia entender qualquer língua mágica. Franzi o cenho e sussurrei para Celen.

— Por que não consigo entender...?

— É uma linguagem muito antiga e secreta dos sereianos, Alys. Embora seus metais te deem pleno conhecimento, até eles respeitam as antigas tradições.

O rei devolveu a concha ao seu lugar.

— Resolvido, estou te mandando com duas guerreiras, Larin...

Uma sereia se aproximou tímida, era muito parecida com nosso anfitrião, só os cabelos que eram esverdeados.

— Minha filha, que tem sido treinada durante toda sua vida para me suceder. Não se deixe enganar pela sua aparência frágil, ninguém nos sete mares usa um tridente melhor que ela.

A menina sussurrou, corando:

— Pai...

— Além dela, escolhi uma guerreira local. Lembra-se da dona da taverna, que nos recebeu agora há pouco? Ela disponibilizou sua melhor guerreira, sua filha Gram. Assim vocês podem se misturar e se divertir e eu pararei de ouvir que sou um pai superprotetor...

Eu dei uma risadinha antes de me lembrar do meu próprio pai. Outro tritão trouxe um pacote e me entregou.

— São roupas, você pode ajustá-las com magia, tenho certeza. Mas tem a cara do que os locais usam e vão ajudá-las a se disfarçar. Vá com Larin e se aprontem, vocês só têm algumas horas de folga.

Celen me segurou a mão.

— Pelo Construtor, Alys, não se meta em grandes confusões. Controle essa sua curiosidade. Eu estou concordando que vá porque confio na sua capacidade e sei que é importante que conheça o mundo, mas não me faça ter que dar explicações para sua avó!

— Tudo bem, fique tranquilo. Nós só vamos comer e ver as apresentações, o que pode dar errado?

— NÃOOO, não diga isso... — Ele fechou os olhos. — Só... Não diga isso e não se encrenque!



Meia hora depois, eu e as duas garotas, caminhávamos estrada abaixo. Ainda não tinha encontrado uma forma de nos aproximar, a sereia parecia bastante tímida e mesmo quando me explicou como podia transformar suas barbatanas em pernas humanas, usou poucas palavras e logo se calou.

A outra, com a aparência felina da mãe, não soltou uma palavra. Caminhava dura e visivelmente infeliz de ter sido enviada, em roupas casuais, para uma missão de guia turística. Ainda assim, era a primeira vez em toda minha vida

que eu podia sair com garotas para uma noite agradável, então estava disposta a encontrar uma forma de tornar tudo mais agradável possível.

— Ah, seu nome é Gram, não é?

Ela apenas fez uma aceno de cabeça.

— Certo... E você mora aqui há muito tempo?

— Desde sempre.

A voz dela era um semirrosnado. Eu tentei ver a resposta como um começo.

— E o que nos aconselha fazer nessa noite?

Ela cruzou os braços e parou no lugar.

— Voltar para a pousada.

Eu fechei o semblante.

— Essa não é uma opção.

— Você não deveria ter opções.

Continuei andando.

— Se não quiser vir, pode voltar. Vamos só nós duas.

Larin me seguiu, boquiaberta.

— E ser a culpada pelo estrago feito pela Elemental na minha vila? Não, obrigada.

— O que andam falando sobre mim para você? Não vou estragar nada, só quero comer e conhecer as pessoas, ver os metais...

— Dizem que você está fora de controle...

— Se eu estivesse, você já teria se arrependido dessa conversa...

Eu me calei, onde foi que encontrei essa petulância toda? O que aquele dragão idiota tinha feito comigo? Para a minha surpresa, Gram deu um sorriso enviesado.

— Tem um ponto.

Eu continuei caminhando e ela nos alcançou, em algum tempo estava falando sobre a vila e sobre as pessoas. Ainda era muito séria para alguém com tão pouca idade, mas apaixonada como era pelo lugar acabou quebrando um pouco a carranca.

Na pequena cidade, as festividades tinham acabado de começar. Turistas andavam de um lado para outro, rindo, entrando em restaurantes e aproveitando os grupos de nativos que produziam uma música ritmada.

Percebi que eram pouquíssimos os seres mágicos. Vi de relance uma ninfa em uma das janelas e uma sereia fazia uma espécie de show de hipnotismo em um canto da praça. No geral, só humanos comuns frequentavam o lugar.

— Gram, por que os seres...

Ela deduziu minha pergunta e me olhou feito.

— Shiu! Aqui não, vamos comer alguma coisa, tenho um lugar seguro para isso.

Nós entramos em um restaurante imenso, eu não conseguia ver como seria seguro um lugar com tanta gente, mas ela me convenceu que era mais fácil se esconder assim.

A decoração era composta por todo tipo de conchas, redes e réplicas de peixes muito estranhos com chifres e penas. Quando nos sentamos em uma mesa mais afastada, e nosso pedido tinha sido feito, abasteci minha máquina de perguntas.

— Então, qual o problema desse lugar com seres mágicos?

Ela levantou as sobrancelhas.

— Você ficou mesmo muito tempo reclusa do mundo, não é?

Eu concordei. Ela continuou:

— Eu sei que você já se encontrou com parte da Milícia que apoia o cadastramento de todas as bruxas...

— Não foi bem um encontro, foi mais para um esbarrão doloroso, enfim...

Ela franziu as sobrancelhas. Ainda tinha minhas dúvidas se ela entendia algo sobre senso de humor.

— Pois então, eles não são tão isolados como parecem. Desde os fatos do Construtor, sempre houve pessoas que nos achavam menos dignos.

— Isso não tem lógica, nós somos todos mágicos...

— Mas não somos todos humanos, Alys, infelizmente isso faz diferença para algumas pessoas. Existe um grupo que acredita que o Construtor só fez os humanos e que nós somos aberrações criadas pelo distúrbio da magia.

Escancarei a boca, indignada. Eu me lembrava algo que tinha estudado sobre a história antes dos metais.

— Isso é a coisa mais ridícula e contraditória que eu já ouvi na minha vida e olha que as pessoas viviam tentando me convencer que Evan só queria me ajudar a ficar forte quando me fez enfrentar Thela.

Elas não pareciam ter entendido a comparação. Eu ainda não me conformava.

— Mas.... olhe para nós, que diferença existe?

Eu baixei o tom de voz.

— Olhe para as pessoas nessa sala, quem aqui é “normal” — pontuei a última palavra.

Gram deu de ombros. O garçom chegou com a comida e as bebidas e deu uma piscadela para Larin, que enrubesceu. A tigresa esperou que ele fosse embora antes de continuar a conversa.

— Não diga isso para mim, eu estou com você nessa.

A sereia finalmente resolveu participar.

— Meu pai disse que o nosso chefe do conselho também, mas ele não tem esperança que seu amigo Kyer consiga fazer o que Celen não conseguiu esses anos todos.

— Poucos têm, na verdade — completou Gram.

Eu engoli as batatinhas de qualquer jeito.

— Por quê?

— Isso não é um problema político, Alys, é um problema cultural.

Larin, que mastigava um vegetal alaranjado, me deu um sorriso amarelo.

— Meu pai sempre disse que o problema não estava no conselho, mas em quem se tornava parte dele.

Eu estava começando a entender o que elas queriam dizer. Pensando na trindade do satanás fazia bastante sentido. Nós nos calamos e continuamos comendo. Absorta no que elas tinham dito, me perdi observando as pessoas.

Os metais fizeram muitas modificações nos cabelos, olhos, unhas e tipos corporais de todos. Tudo que nós considerávamos passível de vaidade tinha alguma mudança. As novas mudanças eram bem visíveis e nos deixavam ainda mais exóticos.

Era uma brincadeira que eu tinha com Kyer, olhar fotos de como as pessoas eram antes. A diferença era tanta que soava como olhar um retrato preto e branco perto de um tirado com a câmera mais potente que existia.

Vi quando um garoto mais novo que nós derrubou um copo em si mesmo. Embora o líquido tivesse encharcado a camiseta dele a pele prontamente repeliu toda a umidade. Sem dúvida ele era um Ayano, isso me levantou outro tipo de dúvida.

— E os acessos aos novos poderes? Como eles estão por aqui?

Elas trocaram um olhar significativo entre si. Foi Gram quem resolveu explicar.

— Bom, existe um tipo de grupo que garante que ninguém se machuque.

— Grupo como?

Larin baixou o tom de voz.

— Do tipo que não deveria existir, se me permite opinar. Meu pai acredita que eles encontraram uma forma de vigiar as linhas Ley e quando veem os acessos, cercam a pessoa e a colocam para fora da ilha, sob alguma desculpa fajuta.

A coisa estava ficando cada vez pior.

— Como eles podem ter acesso e com autorização de quem eles fazem isso?

Gram se sentou reta.

— Você precisa entender que os humanos não têm ideia do que está acontecendo e todas essas mudanças os deixam apavorados. E quando humanos têm medo...

Eu suspirei.

— Eles reprimem, eu sei. Algumas coisas continuam iguais.

Larin balançou a cabeça.

— Não tanto assim, Alys...

Pela primeira vez vi na menina sereia um brilho nos olhos e uma opinião que não era baseada nas coisas que o pai rei falava.

— Alguma coisa está mudando dentro das pessoas desde que você despertou como Elemental.

Torci o nariz, incrédula.

— É verdade, não sei bem como explicar o porquê. Mas fazia tempo que as pessoas não tinham algo tão importante.

— Que seria? — perguntei.

— Esperança.

Gram virou os olhos.

— Acho que a palavra seria “motivação”, Larin.

A sereia fechou a cara.

— Não, a palavra é esperança, Gram. A esperança sobrevive até à falta de motivação. Eu sempre viajo muito com o meu pai, sempre foi assim. Me tornei uma observadora de todos os seres mágicos.

Ela olhou para mim resignada.

— Existe alguma coisa diferente, Alys, as coisas estão mudando dentro das pessoas. Temos uma chance de viver em paz.

Gram balançou a cabeça.

— Ou vamos nos destruir, o que é mais provável.

— Ainda é melhor do que ter uma opção só.

As duas se calaram. Eu continuei a comer e me perdi de novo em pensamentos. Algum tempo depois nós estávamos caminhando pela vila. A história contada pelas minhas novas amigas me deixou neurótica com a forma que me olhavam.

Quando já estávamos indo embora, quase na borda das barracas, uma bonita mulher vestida com roupas de babado e pulseiras por todo braço entrou na minha frente.

— Milady? Não gostaria de entrar e quem sabe conhecer o seu futuro?

Ela se curvou, as meninas assumiram uma postura dura ao meu lado. Foi Gram quem respondeu:

— Não temos tempo para as suas ladainhas, Zoraide.

A mulher assumiu um semblante zombeteiro.

— Não tinha lhe visto, minha senhora Gram, só queria oferecer diversão com nosso gênio para a nossa Elemental.

Isso me deu um arrepio na espinha, mas minha curiosidade ainda era um defeito sério.

— Quando você diz gênio, você está falando daquele que sai da lâmpada e oferece três desejos?

Ela deu uma gargalhada.

— Na aparência talvez, mas os gênios não são tão fáceis de aparecer e em vez dos desejos, eles te revelam algo do seu futuro.

Larin interrompeu.

— Gênios são lendas. Ninguém conseguiu provar que existam.

— Ainda assim, as profecias continuam acontecendo. — Ela se virou para mim. — Você não faria essa desfeita com a cultura local, não é mesmo?

Percebi alguns olhares nos acompanhando, odiava aquele tipo de situação.

— Bom, se os gênios não são reais, não será nenhum problema, não é mesmo?

Troquei um olhar com as minhas amigas. Gram não parecia nada satisfeita.

— Então nós entraremos com ela!

— Você sabe que isso não é possível, nem eu entrarei.

A mulher puxou os panos da tenda atrás de si. Antes de passar pela abertura, por um segundo pensei que aquilo se enquadrava perfeitamente no que Celen me disse para não fazer. Já era tarde demais para mudar de ideia.



Dentro, a luz era bem pouca, havia um cheiro forte e incensos acesos. No centro havia uma grande lâmpada reluzente sobre uma poltrona de cetim. Eu parei diante dela e esperei.

Será que eu tenho que esfregar?, pensei.

Nada no mundo ia me fazer tocar em um artefato mágico desconhecido, da última vez acordei com metais e asas. *Nananinanão!*

Depois de ficar uns cinco minutos esperando, bater o pé e perder a paciência, virei as costas para sair.

— Bom, então era isso. Nada!

Ouvi um chiado. Quando olhei para a lâmpada, ela estava se modificando em um meio homem de pele dourada e olhos amendoados. A fumaça se desfez e ele se sentou com as pernas cruzadas sobre a almofada.

— Fazia tempo que alguém não conseguia me evocar.

— Eu não fiz nada!

— Exatamente! Se tivesse tocado na lâmpada, iria sair sem uma de suas memórias passadas, como não o fez, sairá com uma lembrança futura.

Ninguém tinha me dito sobre perder memórias, eu devia saber que tinha algo estranho.

— Que tipo de memória?

— Uma que só eu consigo ver.

Os olhos desapareceram das órbitas. Pensei em evocar o cajado.

— *Não muito tempo depois de hoje, você acessará a visão que só você tem. Encontrará o sepulcro vazio e aquilo que ele guardava não poderá voltar. Seu tempo terá se esgotado e você demorado demais.*

Eu fiquei olhando horrorizada, já não tinha profecias catastróficas demais para mim? Os olhos dele voltaram ao normal, ele me deu uma última olhada e voltou a ser lâmpada. Quase que no mesmo instante a abertura da tenda se escancarou. Minhas companheiras entraram seguidas de perto pela mulher indignada.

— Alys, você está bem?

Eu balancei a cabeça sem muita certeza. Gram correu os olhos pelo lugar.

— Nós precisamos sair daqui agora, Larin avistou alguns membros daquele grupo vindo para cá. Não é o tipo de encontro que você vai gostar de ter.

Enquanto elas me guiavam caminho adentro, antes de a floresta fechar nossa visão pensei ter visto os olhos da mulher cintilando de forma perigosa. Um sussurro ecoou nos meus ouvidos:

— *Seu tempo está se esgotando...*

CAPÍTULO 11

DESEJOS PERIGOSOS

No dia seguinte, Celen me arrancou da cama logo que o sol nasceu. Digo “arrancou” porque ele realmente precisou me puxar enquanto eu me agarrava ao travesseiro. Tinha acabado de pegar no sono depois de passar boa parte da noite sem conseguir dormir, pensando no que o gênio havia dito.

Vencido o primeiro obstáculo, que era me colocar de pé, nós tivemos um café rápido com o rei e ainda menos tempo para despedidas. De alguma forma, o tempo que passei na vila tinha me feito bem, andar com as meninas me ajudava a lidar com a saudade de Ky e Laiza.

Antes que a maioria dos turistas acordasse, eu e meu avô já estávamos dentro do Voltrin. Eu me fechei na cápsula na esperança de recuperar um pouco do sono. Em vez dele, um monte de pensamentos atordoantes me atacaram. Além disso, tinha me esquecido de falar com Evan na noite anterior, será que ele estava bem?

Eu me senti culpada por ter me divertido enquanto ele nem podia se levantar. Enquanto Ky precisava se comportar como um velho de oitenta anos e provavelmente não tinha nem um tempo para sair com Laiza. Falando nela, se a conhecia bem, estava com o nariz enfiado nos livros tentando facilitar a passagem dos humanos, outra que não tinha nem um segundo de descanso.

E a vó Anna, que em tantos anos não tinha o prazer de se divertir ou viajar com a pessoa que amava, quando não era mais um segredo tinha de se manter longe. Meu pai não tinha morrido para que eu fosse irresponsável como fui na noite anterior.

Uma lágrima escorreu no meu rosto. Eu balancei a cabeça tentando afastar aqueles pensamentos.

— Alys?

A voz de Celen ecoou pelo comunicador da parede. Eu fechei os olhos com força, como se ele pudesse me ver, e fingi que estava dormindo. Ele insistiu uma ou duas vezes e nessa de me fazer de morta acabei pegando no sono de verdade.



Foi uma viagem rápida, ou pelo menos foi o que pareceu, quando, em um piscar de olhos, eu estava sendo acordada por Celen. Diferente da primeira parada, nós estávamos em uma célula, não uma qualquer, era uma das maiores do mundo moderno. Ficava na região quatro, mas bem longe da base do governo.

— Celen, essa região se chamava como...? Antes dos metais?

Eu ainda tinha dificuldade de fazer referência com os antigos países, eram muitos e com as mudanças tudo se resumia à predominância dos metais, não conseguia enxergar tantas divisões.

— Aqui era a China, Alys. Mais precisamente a capital, Pequim.

Um homem bem vestido passou por nós apressado. O dragão continuava a caminhar pelos corredores que davam acesso ao aeroporto de forma tranquila. Continuou a me explicar.

— A cidade era gigantesca, mesmo antes dos metais. Quando eles vieram, a China foi um dos países que mais perdeu cidadãos então se aglomeraram em grande parte nessa cidade, que hoje vemos como célula.

Os olhos deles se perderam em algum ponto à frente de nós.

— Sempre me pergunto se não teria sido mais fácil se nós já tivéssemos falado sobre as mudanças mágicas desde que os metais apareceram. Se isso não teria evitado muitas mortes. E a pobreza que alguns países ainda enfrentam.

— Pobreza?

Tá, eu sei que eu deveria deduzir que não éramos todos ricos, ou melhor, eu sabia que não éramos todos ricos. Mas de tudo que eu tinha ouvido, aprendido na escola ou visto desde que me tornei a Elemental, nada poderia ser caracterizado como pobreza.

— Sim, Alys, pobreza. Alguns países, principalmente os de Pillmax que é bem abundante, ainda lutam para tirar seus cidadãos da pobreza. Em lugares remotos ainda existe algo que deveria nos deixar envergonhados...

Os olhos dele estavam fundos e tristes.

— A fome!

Eu escancarei a boca surpresa.

— Têm pessoas sem alimento? Com tudo que produzimos com os metais?

— Mesmo antes, Alys, esse era um mal que poderia ser contornado, mas o que impedia antes continua impedindo hoje. O interesse financeiro.

— Você não pode estar falando sério!

Nós chegamos ao saguão e eu me calei. Uma coisa amarga desceu pela minha garganta. Era como se tivessem finalmente estourado a bolha em que eu fora criada. Na minha visão limitada, só consegui pensar nas coisas sobre mim que o meu pai escondeu, mas nunca pensei no quanto o mundo era diferente do que me era ensinado.

Celen apresentou nossos documentos. Eu me deixei distrair pelo bonito aeroporto, a cultura era tão presente quanto sempre fora. Os metais pareciam se adaptar a ela e não o contrário. Até o drone que conferiu nossas permissões tinha características físicas muito similares aos moradores. Olhos puxados, rosto fino e pontiagudo, cabelos cor de fogo. Em nenhum outro lugar eu tinha visto robôs caracterizados.

Pegamos um Voltráx, uma espécie de carro voador de aluguel. A motorista me deu um sorriso cheio de dentes de ouro, e as pupilas dela piscaram deixando a cor negra habitual para um rosa claro.

— Celen?

Ele riu.

— Não se preocupe, essa é só uma das características que se manifestaram aqui, eles são como camaleões.

— E como é que alguém não se passa por outra pessoa? Como eu sei quem é quem?

— Não é uma mudança tão radical, só coisas pequenas, como cabelos ou olhos, se modificam. Alguns conseguem alterar o formato das orelhas. Coisas assim. De qualquer forma, todo mundo tem uma marca que é só sua e que não pode ser alterada.

— Ahhh!

Olhei para fora. As pequenas formiguinhas, que eram as pessoas, andavam no solo. A célula tinha conservado os antigos edifícios mas feito muitas melhorias. Era o mais próximo em aparência dos filmes futuristas da década de mil novecentos e noventa. O veículo em si também era incrível, existiam milhares deles. Faróis flutuantes, postos de polícia aéreos. Dava para se perder fácil no mar de carros.

Eu, que tinha tanto medo de derrubar coisas nas pessoas lá embaixo, até me esqueci disso, assim que aquela loucura passasse, eu ia tirar minha carteira. Celen revolveu continuar o assunto do Aeroporto.

— Eu sei que o que disse mais cedo é chocante para você. Pensar que alguém ainda passa fome mesmo depois de todas as mudanças. Isso é algo que tenho esperança que Kyer tenha mais sucesso do que eu em resolver.

A frustração era evidente em sua voz.

— Mas, infelizmente, isso não é a única coisa, Alys.

Ele tinha fechado a divisória com o banco da motorista, ela não podia nos ouvir, embora eu achasse que ela não tinha tradutor universal para nos entender de qualquer maneira.

— Não se esqueça que nós não viramos santos imaculados depois dos metais. Nós ainda somos aqueles mesmos Poltos que tentaram roubar o cajado.

Arregalei os olhos.

— Nós?

— Nós! Lembre-se do que o Construtor disse, qualquer um que tivesse permitido aquele sentimento, teria feito a mesma coisa. Essa é uma lição muito importante.

Eu franzi a sobrancelha. Ele ficou ainda mais sério.

— Soberba, Alys, soberba é como se chama. Nunca se esqueça disso, nunca seja tão confiante a ponto de ficar cega.

Concordei com a cabeça e me perdi observando a cidade por muito tempo antes que Celen anunciasse.

— Chegamos. Por hoje vamos ficar aqui.

Eu achei que estávamos indo para um hotel ou coisa do tipo. Mas era uma casinha simples quase no limite da cidade. Com o formato característico de telhado em triângulo e paredes de tábuas. Dentro, uma decoração simples, poucos objetos. Duas camas em pequenos quartos também separados por tapumes.

— Nós temos que esperar anoitecer. Onde vamos é melhor chegar à noite, então vá se deitar um pouco, você parece não ter dormido nada. Eu vou ao mercado e volto já.

Ele já tinha fechado a porta, mas voltou.

— Ah, não saia! A casa é enfeitiçada então você está segura, na dúvida, não abra para ninguém. E não ponha fogo em nada também.

Eu levantei as sobrancelhas. Ele riu.

— Não custa avisar, não é mesmo?

E se foi.

— Quem vê pensa que eu ando por aí procurando confusão...

Eu me estiquei sobre a cama. Bocejei. Já estava quase pegando no sono quando uma imagem quase nítida se formou na minha cabeça. Era Evan deitado em sua redoma. O Lifran vibrou. Abri o holograma, conectei o áudio primeiro como sempre fazia.

Ouvi um redemoinho de vozes, mas eu não conseguia entender. Será que o guardião estava bem?

— Se acalmem!!!

Era Kyer, sem dúvida.

— É claro que esse ataque não foi como os outros, foi pessoal. Ele quer nos impedir de colocar em prática o plano de contar a população mundial sobre as novas habilidades.

Foi Thela quem respondeu.

— E nós vamos contar depois disso? Nós não estamos seguros, Kyer.

— Nós nunca estivemos, general. Você deveria saber que estamos em uma guerra.

Nunca tinha ouvido meu amigo ser tão duro. A elfa não respondeu, em seu lugar, pude ouvir a voz de Raszen.

— E Alys? Alguma notícia dela? As pessoas estão.... — O príncipe hesitou. — Digamos que “questionando” onde está a Elemental enquanto estamos no meio dessa confusão.

— Ela está bem! Acredito que já tenha passado pelo primeiro Dragão. Embora Celen tenha dito que gastariam semanas em cada um dos desafios, Alys sabe que precisa voltar logo e nada vai impedi-la de cumprir sua missão.

— E o guardião? — perguntou o elfo.

— Continua vivo, é o melhor que temos por hora.

Um barulho interrompeu o que eles diziam, uma porta sendo batida, estilhaços talvez. Uma voz urgente começou a falar.

— Senhores, estamos com problemas. Outro ataque dentro dos limites da cidade.

— Mas como é possível? — Kyer questionou.

A última frase que ouvi foi de Thela, distante, provavelmente fora do quarto:

— Eu já te disse como é possível, temos um infiltrado, não tem outra explicação.

Passei o scanner e saí como holograma. Olhei pra Evan, cada vez mais esverdeado. Mesmo desesperada para saber o que estava acontecendo em Nafh'ta contei brevemente tudo que tinha acontecido, inclusive sobre o gênio.

Não demorei, Celen podia chegar a qualquer minuto. Ainda bem que fiz isso, pouco depois que desliguei o dispositivo meu avô bateu a porta. Eu corri para a sala.

— Oi vô, tudo bem?!

Acho que meus olhos arregalados me entregaram. Ele parou no meio do caminho, me olhando.

— O que aconteceu, Alys?

— Nada, quer dizer... Nada que eu saiba. Você tem notícias de Nafh'ta?

Ele estreitou os olhos.

— Não, não liguei para ninguém, queria evitar que fôssemos encontrados. Você ligou para alguém?

— NÃO... — Falei um pouco alto demais. — Eu... Só estou com um pressentimento ruim. Você não quer ligar para a vó Anna?

Ele não pareceu convencido, mas caminhou até a cozinha e deixou as compras. Depois retirou um DIM do bolso, lançou alguns feitiços e o deixou sobre

a mesa.

— Você não vai ligar?

— Já mandei um recado para sua avó, ela vai nos retornar em breve. Agora se sente e me explique melhor sobre esse pressentimento.

Fui salva pelo bipe, pelo jeito vovó já sabia o que estava acontecendo. Ele apertou um botão e ela apareceu em miniatura sobre a tela.

— Oi, Celen, tudo bem com vocês? Você tinha dito que não ia ligar...

— Alys teve um pressentimento, está tudo bem em Nafh'ta?

Ela fez um breve silêncio e se virou para mim.

— Interessante, você não apresentou qualquer afinidade com visões ou pressentimentos até hoje...

Dei de ombros, o coração disparado.

— Então, aconteceu alguma coisa?

Ela trocou o olhar de mim para Celen.

— Dois ataques dentro de Nafh'ta. Uma criança fênix e uma ninfa. Elas estavam escondidas, somente eu e Kyer sabíamos da presença delas na cidade. Também não estavam juntas nem tinham saído em público para que alguém as reconhecesse. Mesmo assim, ele as encontrou e dizimou parte de suas famílias.

Levei a mão à boca, horrorizada. Meus avós trocaram um olhar fixo.

— E tem mais, não adianta esconder de vocês. Você pode encontrar seres não amigáveis no caminho. Alguns conselheiros estão disseminando um discurso de que se tivesse sido aprovado o registro de seres mágicos...

Celen cruzou os braços.

— Isso não estaria acontecendo... É claro que eles aproveitariam a situação.

Anna respirou fundo.

— Tem mais, alguns estão questionando onde está a Elemental em meio aos ataques. Eu sei que já estão adiantados, mas precisam se apressar. O estado de Evan não ajuda, embora Kyer tenha se saído muito melhor do que eu esperaria, as pessoas estão confusas e com medo. Não é uma boa hora para nós.

Celen concordou com a cabeça. Anna suspirou.

— E como foi com o primeiro Dragão?

Eu me perdi em pensamentos enquanto meu avô contava para ela sobre a ilha e nosso encontro com o rei Liem. Pensei nas duas crianças e nos possíveis olhos vazios. Mesmo que soubesse que estar lá não garantia que eu as teria conseguido salvar, me senti mal. Senti a responsabilidade pesando.

— Bom, eu vou indo, preciso ajudar Kyer com os feridos e tentar acalmar as pessoas.

— Tudo bem — disse o dragão. — Qualquer novidade me mande uma mensagem que eu arranjo um novo DIM.

— Certo. E, Alys...

— Oi, eu! Sim, vovó.

— Muito cuidado com essas suas premonições. — Ela estreitou os olhos. — Não se esqueça dos riscos que vocês estão correndo.

Eu me fiz de desentendida.

— Pode deixar.

Quando ela desapareceu, Celen destruiu o DIM em uma bola de fogo. Ele se virou para o fogão e cozinhou como se nada tivesse acontecido, enquanto eu fiquei calada absorta em pensamentos. Comer não foi uma tarefa das mais fáceis, tampouco dormir.

Quando já passava das seis da tarde, nós saímos da cabana, que foi deixada exatamente da forma que estava como chegamos. Fiquei com medo que Celen a fizesse pegar fogo, mas não, ele só bateu a poeira dos sapatos de uma forma estranha.



Um hora depois nós fomos deixados em frente ao que parecia uma fortaleza. Ao contrário do que imaginei, não era uma floresta distante e sim o centro da célula. O motorista partiu nos olhando desconfiado, também pudera, o lugar estava deserto e fechado uma hora daquelas.

— Celen, onde nós estamos?

— Já te explico, vamos entrar. Ficando aqui, podemos chamar alguma atenção indesejada.

Caminhamos muito até chegar à esquina.

— Coloque sua mão direita sobre a divisão do muro, Alys.

Fiz como ele mandou. As paredes se abriram como um portão, mas reparei que as bordas tremeluziam o que deduzi ser um portal. Do outro lado, uma cidade se estendia tanto que eu não conseguia ver onde acabava.

O dragão me guiou pelas vielas e ruas, por praças e fontes. Pequenas e grandes construções todas muito antigas, mas repletas de metal. As estátuas em amarelo reluziam com os pontilhados metálicos. Mesmo que eu não estivesse tão fascinada com os detalhes, o que eu estava, não saberia voltar ao ponto que chegáramos, era um verdadeiro labirinto.

Quando chegamos a uma praça central, ele se sentou.

— Vamos precisar esperar.

Eu me sentei ao seu lado e franzi as sobrancelhas.

— Esperar pelo quê?

— Tudo tem uma hora exata para acontecer, Alys. A sua de entrar no templo ainda não chegou.

Ele apontou para as imensas portas de metal amarelo que não estavam ali um segundo antes. À nossa frente se expandia uma construção milenar, sem janelas, com altas colunas e telhado em forma de triângulo.

— De onde veio isso?

Ele sorriu.

— Se você já começou a enxergá-lo, então falta menos tempo do que imaginei.

— Onde nós estamos, Celen?

— Os turistas chamam de Cidade Proibida. É uma fortaleza construída por um imperador da antiga China.

Quanto mais eu olhava, mais detalhes apareciam. No topo do prédio, por exemplo, eu via uma estátua de um homem sobre uma fênix.

— Turistas vêm aqui?

— Há algumas décadas o lugar se tornou um patrimônio histórico. Claro que eles não vêm “aqui” onde estamos. Eles entram pelos portões principais e visitam o castelo, veem as tapeçarias e tudo que ficou como história daquela época.

— E nós...?

— Nós estamos no verdadeiro templo do dragão Huanglong. Algumas lendas contavam que o imperador se transformou em dragão e subiu ao céu em vez de morrer. Isso na verdade se deve ao fato de que ele sempre foi um dragão, as pessoas que não sabiam disso. Quando completou os dias do seu reinado, ele deixou o palácio para que seu filho governasse, não antes de fazer um pequeno show que deu origem à lenda.

Ergui as sobrancelhas.

— Então eu vou me encontrar com algum descendente dele?

— Na verdade você vai se encontrar com o próprio imperador dragão.

— Você disse que isso tinha milênios.

— E tem!

Eu me calei. Mais detalhes surgiam no prédio. Outras estátuas, detalhes negros na porta. O símbolo de dois dragões gravado nas pilastras.

— E você já viu esse dragão.

— Ouvi falar sobre ele. Não costuma receber muitas visitas ao longo do tempo.

Suspirei.

— Animador.

— Não se preocupe, dizem que de todos ele é o mais sábio. O mais antigo também, então seja educada.

Ele olhou para o relógio.

— O que você vê agora?

— Um dragão, tem uma estátua gigantesca de um dragão dormindo sobre o telhado.

— Foi rápido.

Ele parecia impressionado.

— Bom, caminhe até os portões, não bata ou encoste na porta a menos que te solicitem isso.

— Nada de cajado, eu imagino?

— Menina esperta! E abra as asas.

Uma brisa fria balançava as penas. Quando coloquei os pés no primeiro degrau, um barulho ensurdecedor balançou as estruturas do prédio. Olhei para trás e não vi Celen em lugar nenhum.

Areia começou a cair do teto. A estátua que eu tinha visto algum tempo antes tinha ganhado vida. Desgrudou-se do concreto e começou a deslizar até o topo das escadas. Era um lagarto enorme, amarelo e com olhos de diamante.

— Quem se apresenta ao templo do grande dragão dourado?

Piscou os olhos e, quando me viu, escancarou a boca perigosamente.

— Uma humana?

Eu respirei fundo.

— Meio humana, senhor!

— E como uma meio humana conseguiu entrar aqui sozinha?

Eu engoli a seco.

— Meu nome é Alys Veri, sou neta de Celen Veri e sou a Elemental.

O lagarto desceu as escadas lentamente balançando a longa cauda.

— Uma Veri é a Elemental?

Ele me rodeou e eu senti o bafo quente na minha nuca. As portas começaram a se abrir na minha frente.

— Entre, Elemental. O mestre irá vê-la. Espero que tenha certeza do que quer ao passar por essas portas, ou seus desejos irão confundi-la.

Eu nem respondi, certeza era uma palavra muito forte nos últimos tempos. Respirei fundo e subi as escadas enquanto ele continuava a me observar. Passei pelas portas para uma escuridão muito densa, tão forte que nem mesmo o Lifran do meu corpo conseguia clarear. As portas bateram atrás de mim e eu me lembrei daquele dia na Toca. Não tinha como não ter medo da escuridão.



Uma luz forte me agrediu. Eu estava no meu quarto, não em Nafh'ta, eu estava em casa.

— Alys, levante-se você vai se atrasar para a escola.

Era meu pai me chamando. Esfreguei os olhos. Levantei e me olhei no espelho. Era somente eu, como sempre fui. Que sonho estranho tinha sido aquele. Quando cheguei na sala, a mesa do café estava posta.

— Bom dia, querida.

Minha mãe me abraçou e me deu um beijo na testa. Depois se sentou para comer. A campainha tocou.

— Bom dia, senhor Roberto.

— Bom dia, Kyer, entre, tome café conosco! Alys está atrasada para variar.

Ele passou por mim e me cutucou como sempre fazia. Minha mãe desligou o telefone.

— Seus avós vêm no fim de semana, querem levar você para uma viagem. Convidaram você também, Ky, posso falar com a sua avó se quiser.

Eu parei de ouvir o que ela dizia, olhei em volta. Tinha algo estranho ali. Quer dizer, meus pais estavam incrivelmente felizes, eu tinha Ky comigo, era só a minha vida. Mas alguma coisa não parecia certa... Ou melhor, real.

— Mãe, que dia é hoje mesmo?

Ela franziu as sobrancelhas.

— Como assim, Alys? Hoje é seu aniversário de dezessete anos.

Era janeiro de 2033 então. Mas eu via a brisa quente vindo da janela. Era para ser inverno e ter flores de Nenúfar espalhadas por todo canto. *Será que os metais foram um sonho?*, eu pensei.

— Filha, está tudo bem?

Meu pai estava com um semblante preocupado, mas quanto mais eu olhava para os dois menos eles me pareciam reais. Tinham uma cor meio translúcida. Eu passei a mão sobre meu braço, ele ardia. Minhas costas também. Para o meu espanto eu senti formas nele, mas eu não via nada.

Eu fixei o olhar na minha mãe. Ela parecia muito com a vó Anna, mas eu não sabia como o conselho nunca tinha percebido a semelhança com Celen. Havia uma doçura no olhar contrastada com uma força que só poderia ser de um dragão.

O conselho. Celen. Dragão. Eu me lembrei de onde estava antes de acordar ali. Não era real, nada daquilo. Era o que eu desejava que fosse, até certo ponto, a minha realidade.

— Eu amo vocês, com todas as minhas forças. Eu sinto falta do que não vivi com você, mamãe.

Minha voz embargou. Eu olhei para o meu pai.

— Me perdoe por não te entender e por não ter conseguido te salvar. Eu sinto sua falta.

Eu me coloquei de pé.

— Mas eu sei que isso não é real e não vou ficar presa aqui.

Abri a porta da sala e passei para a escuridão.



Batidas insistentes na porta.

— Alys, vamos logo, você está atrasada para o seu treinamento.

— Que horas são, Evan?

— Hora de treinar, ou você acha que a segunda lua não vem? Vamos logo, hoje ainda tem a cerimônia das luas e a homenageada não pode se atrasar.

Coloquei meu uniforme de qualquer jeito. Abri a porta e ele estava lá, batendo o pé.

— Pontualidade não é mesmo seu forte, não é?

— Nem gentileza o seu.

— Não vou te dar moleza só porque passou ilesa pela primeira lua. A segunda está a caminho e mesmo com Helix preso não podemos baixar a guarda.

Concordei. No terraço o treinamento foi tão intenso quanto era possível. Mas eu fui melhor do que imaginava, comecei a dominar os poderes e as asas me ajudavam bastante. Alguma coisa tinha mesmo mudado em mim, eu não tinha medo.

Depois de ver os sóis de Nafh'ta nascendo no horizonte e de ser liberada por um Evan carrancudo me asseverando a não atrasar, eu me sentei no parapeito sozinha.

Nafh'ta era realmente uma cidade encantadora. Os animais, os metais, as pessoas, tudo era incrivelmente bem desenhado. Eu me sentia em casa ali.

— Lys, você ainda não foi se arrumar?

Evan sentou do meu lado. Estava com vestes cerimoniais muito bonitas, que valorizavam o belo guerreiro que ele era e lhe davam um ar imponente.

— Eu sou rápida, ainda temos tempo, não?

— Um pouco, sim.

Eu continuei olhando para a cidade.

— Lys, antes que todo mundo te ocupe, eu preciso te dizer uma coisa.

Olhei para ele. Era o meu guardião, meu amigo. Ele estava a salvo. Mas alguma coisa naqueles olhos estava faltando, alguma coisa que eu não conseguia ignorar. Ele abriu um sorriso bobo.

— Desde que eu te vi pela primeira vez, eu...

Eu me lembrei exatamente de onde estava. Cruzei os braços, olhei para o céu e gritei.

— NEM FERRANDO! O senhor perdeu o jeito, senhor dragão!

Evan parecia ter levado um tiro.

— Que é isso, Alys?

— Me desculpe, não é com você. Aliás, você nem existe.

Eu voltei a gritar para o nada.

— Até cinco minutos atrás você poderia ter me enganado, mas NUNCA, SOB NENHUM EFEITO MÁGICO QUE FOSSE, Evan Uriah começaria uma declaração com “desde que te conheci” e nem sobre o meu cadáver que esse é um desejo meu, acho que vossa majestade quis implementar e foi muito mal.

As imagens tremeluziram. O falso guardião cruzou os braços.

— Alys, você está ficando maluca?

Eu dei uma risada fria.

— Eu já me perguntei tantas vezes a mesma coisa que não é a imagem do guardião que vai responder isso.

Olhei para baixo e me joguei.



Ainda bem que eu estava certa. Um baque surdo e meus pés ficaram firmes em uma extensa sala de madeira. As luminárias das paredes começaram a se acender até que duas tochas pegaram fogo no fim do cômodo.

O segundo rei dos dragões estava lá, um lagartão amarelo ainda maior que o último que havíamos visitado. E ele não parecia muito satisfeito com a minha malcriação.

— Elemental...

Ele começou a se desenrolar, o rosto se virou para mim. Era o típico dragão chinês dos desenhos. O corpo de serpente. Os olhos de tigre. Os bigodes de peixe e as patas de águia. Mas os dentes... Os dentes não tinham comparação com nada.

— Então você acha que eu “perdi o jeito”?

A voz ecoava em cada canto do templo e fazia os meus metais tremerem. Eu tinha esquecido o aviso maior que Celen já tinha me dado, NUNCA desrespeite um dragão.

— Eu posso lhe fazer viver seus piores pesadelos, embora isso nada tenha a ver com o teste que lhe foi proposto, somente para vê-la definhando em terror.

Eu engoli seco e me ajoelhei em uma reverência.

— Me desculpe, meu senhor, não foi a minha intenção ofender suas capacidades.

Ele fungou, o bafo quente chegou até mim. O grande lagarto desceu as escadas e me cercou, não dava para fugir.

— Foi tão ruim assim minha tentativa de declaração?

Eu queria dizer o quanto tinha sido ridícula, mas não achei que valeria perder a vida por isso.

— Só um pouco... Fora da realidade.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Não encontrei nos seus desejos essa cena, precisei improvisar. Acho que pesquisei pouco sobre seu guardião. — *Pouco mesmo*, pensei. — Enfim, você passou pelos meus testes. Afinal, por que arriscou sua sanidade mental vindo até aqui?

— Eu passei?

— Sim, a maioria dos dragões ou mesmo humanos que se aventuraram por essas portas jamais voltaram a ser normais. As pessoas acreditam que os seus medos podem ser o pior a acontecer, na maioria das vezes ter os desejos mais íntimos virando realidade é que pode enlouquecê-las. Você poderia nunca ter saído de lá.

— Ahh.

Eu me calei. Fazia sentido pensando no vazio que tinha no peito quando lembrava dos meus pais ou até de Evan.

— Mas você sobreviveu, e agora pode me dizer o porquê de ter vindo.

— Bom, majestade, eu sou um quarto dragão e a Elemental. Minha mãe não apresentou qualquer gene draconiano, mas eu, depois que me fundi com alguns metais, acabei ganhando essas penas de escama e a energia de um dragão. O problema é que meu corpo humano não aguenta todo esse poder, então...

— Veio encontrar os três grandes para que possamos te ajudar.

— Exatamente.

— Pois bem. Seu espírito já foi testado pelo primeiro, sua mente já foi testada pelo segundo...

Ele pegou um pequeno quadrado de metal em um dos seus dedos e me entregou.

— Agora você precisa ir até o terceiro e testar o seu corpo.

Eu peguei a pequena peça e olhei em seus olhos.

— Mas é justamente meu corpo que não suporta o poder.

— Então você precisará encontrar mais coragem do que teve até aqui para testá-lo.

Balancei a cabeça positivamente.

— Agora vá. Você já passou muitos dias aqui, imagino que não tenha tempo sobrando.

Dias? Eu tinha passado uns vinte minutos, mas ele disse dias! As portas se abriram e eu estava quase saindo quando ele se aninhou novamente no altar e me chamou.

— Elemental, uma última coisa. Você sabe qual o terreno mais perigoso em uma guerra?

Balancei a cabeça negativamente.

— A sua mente. Proteja-a mais do que ao seu corpo. Não deixe que as forças que te espreitam descubram como entrar na sua cabeça, essa é a especialidade delas.

Eu engoli seco. Como alguém entrava na sua mente? E como se evita isso? Eu já podia criar uma caderneta dos conselhos sem solução que recebera naquela viagem.



Do lado de fora Celen me esperava andando de um lado para o outro. Parecia tudo exatamente igual a quando eu entrei.

— Graças ao Construtor você saiu, eu já estava ficando preocupado.

— Quanto tempo eu fiquei lá dentro?

Ele me puxou em um abraço apertado.

— Cinco dias.

— Não pode ser, foram só algumas horas!

— O tempo não corre da mesma forma dentro do templo.

— Droga, cinco dias é muito. Você teve notícias de Nafh'ta?

Ele me pegou pela mão.

— Sim, sua avó me ligou, tudo igual. Nenhum ataque novo. Agora recolha as asas e vamos, seu corpo deve ceder ao cansaço em pouco tempo e quero garantir que estejamos dentro do AeroVoltrin quando isso acontecer.

— Para onde vamos agora?

Ele me deu uma breve olhada.

— Para um lugar que você conhece muito bem, antes dos metais eles chamavam de Brasil. Você chama de Einyrs. Nós vamos para sua casa.

CAPÍTULO 12

LARGADA E PERDIDA

Quando ele disse que nós iríamos para casa, eu pensei que estava falando da minha casa mesmo, daquela onde eu encontrei Helix e vi meu quarto se transformar em areia. Eu sei, foi muita ingenuidade minha.

Muitas horas depois, descemos em uma célula mais ao norte do continente, de lá pegamos um Voltrin e eu quase refiz os passos da lembrança que Celen havia me devolvido meses antes.

— Nós estamos indo para a Grande Floresta?

Eu perguntei em voz baixa. Ele olhou para os lados antes de responder.

— Sim, mas não é para o lugar que você conhece.

— Então a chefe Tâima não vai nos encontrar?

— Não. Nem ela nem ninguém sabe que estamos aqui. Isso poderia comprometer a sua segurança e a deles.

Voltei a olhar para fora. Passava tudo em um borrão. A floresta era diferente daquele lado, ainda era viva e pulsante a mistura com os metais e a natureza em sua forma bruta. Mas tinha algo mais, me dava um certo temor.

Nós descemos em uma pequena estação no meio do nada. Alguém mais crítico teria se perguntado o porquê de existir uma estação no meio do mato, mas aprendi nos últimos meses que tudo tinha um motivo oculto, como por exemplo, a maioria dos passageiros não conseguir nem ao menos perceber que o Voltrin tinha parado, muito menos que nós tínhamos descido ou que aquela estação existia.

O imenso veículo de metal passou por completo por nós e desapareceu no horizonte em questão de segundos. Olhei para meu avô esperando suas ordens. Ele olhava fixo para frente. O corpo mais rígido do que em qualquer hora que eu tivesse visto.

— Vô?

Ele voltou, qualquer que fosse o lugar onde seu pensamento estava.

— Bom, Alys, chegou a hora do último dragão. Eu não gostaria que fosse particularmente esse dragão, mas não acho que qualquer outro no mundo seria capaz de te fornecer o orbe que falta.

Eu cerrei os olhos.

— Você fala como se estivesse me abandonando...

— De certa forma eu estou. Não posso entrar na floresta com você, precisa ir sozinha. Também não posso te fornecer nada, nenhuma ajuda.

Olhei para a borda da floresta. Engoli em seco.

— Pelo menos por hora você pode evocar seu cajado, entre com ele em mãos. Recolha somente quando encontrar o grande dragão.

— Você sabe como ele é?

— Ele é diferente dos dragões que você conhece, pode assumir a forma que bem lhe agradar.

— Eu pensei que você podia fazer isso.

Ele riu, mas era um riso nervoso que não se estendia aos olhos.

— Não seja boba, eu posso me tornar humano, porque tenho uma forma humana. Esse pode se tornar em qualquer coisa.

Não parecia uma boa ideia.

— E como vou encontrá-lo?

— Não posso te ensinar a chegar até ele, até porque não existe um caminho determinado. Se o seu coração estiver pronto, você chegará até ele.

— Isso parece um discurso barato de biscoito chinês.

— O biscoito ser barato não invalida o discurso.

Celen já estava filosofando demais para o meu gosto. Evoquei o cajado. Ele me puxou e abraçou.

— Tome cuidado, a floresta é cheia de moradores... — Ele fez uma pausa. — Incomuns... Nem todos eles são amigáveis, nem todos têm a sanidade razoável de perguntar antes de atacar.

— Celen, você não está me deixando mais tranquila.

— Eu sei, só não gostaria de te deixar entrar sozinha, mas... Não tenho opção.

Ele segurou meu rosto entre as mãos humanas.

— Tome cuidado, minha pequena chama. Lembre-se que nenhuma escuridão é tão densa que não possa ser afastada pela menor fagulha de luz.

Aquilo parecia muito com uma despedida, não podia ser um bom agouro. Eu me afastei. Respirei fundo e caminhei até a floresta. Antes de entrar na mata, olhei para meu avô. Ele tinha se sentado, mantinha as mãos e as sobrancelhas unidas. Nem piscava. Se despediu com um aceno de cabeça e eu encontrei coragem para entrar.



Foi colocar os pés dentro da floresta e as árvores se fecharam de uma forma que eu não saberia encontrar a saída nem se tivesse sido treinada para isso. A luz

só passava fraca entre as copas das árvores. Então eu fiz a única coisa que parecia razoável: eu andei, andei e andei pelo que pareceu horas.

Quando meus pés não suportavam mais, encontrei um riacho. Eu devo ter andado por um dia inteiro antes que o cansaço não me permitisse mais continuar, não pensei que demoraria tanto, então não programei ter que dormir ali.

Eu já tinha juntado um punhado de galhos para tentar criar uma cabana ou alguma proteção quando me lembrei que eu tinha os metais. Sei que me fundir não tinha sido uma boa ideia da última vez, mas depois dos dragões tinha esperança que não fizesse tão mal.

Ainda bem que eu estava certa. Encontrei um barranco mais afastado e evoquei minha luva que logo foi melhorada com os metais da floresta. Bonitas inscrições se formaram como que reconhecendo a natureza do material que a compunha.

Comecei a unir metais até que uma pequena barraca ficou pronta. Lancei feitiços de proteção e marquei o local. Dentro, criei algumas bolas de fogo e fiz os gravetos queimarem invadindo o pequeno espaço com um calor agradável. A noite já caía, se de dia eu não tinha tido sucesso, na escuridão seria pedir demais.

Meu estômago roncou. Comi uns biscoitos e fiz uma anotação mental de procurar por comida no dia seguinte. Antes de dormir, usei o holograma. Devia ser bem tarde em Nafh'ta também. Percebi que ficar ligada estava me custando mais que o habitual, então tentei resumir tudo, explicar meu sumiço para meu amigo tora verde. Mais uma tentativa do feitiço, mais um insucesso.

Na manhã seguinte, desfiz meu abrigo e voltei a caminhar. Foram horas até que eu encontrasse outra nascente. Bebi água como alguém que mora no deserto e me senti na beira do rio, sem muita força para caminhar.

— Uma visita, ora, que coisa boa.

Levei um pequeno susto. No meio do riacho, sentada sobre uma pedra, estava uma criatura lindíssima. Os longos cabelos claros desciam pelas costas. Os olhos cintilavam em um azul muito profundo. A pele era lilás e no lugar das pernas, barbatanas.

— Ah, obrigada?

A criatura apenas sorriu para mim. Quanto mais eu olhava para ela, mais um sinal vermelho acendia na minha mente. Ela não era como o rei Liem.

— A que devo a honra da presença de tão linda criatura?

Se ela queria me bajular, devia ter começado com outros argumentos.

— Ah, eu só passei para beber água, devo continuar. Estão me esperando.

— Estão, é? Que digno. Mas não se deve chegar à casa de alguém e ir embora correndo dessa maneira.

A voz era aveludada. Ela começou a cantar. Era a música mais linda que eu já tinha ouvido. Falava de morte, mas era linda. Tinha brutalidade, mas parecia querer me puxar para dentro do lago. Eu queria abrir as asas, e voar até aquela criatura para que nunca mais parasse de ouvi-la.

Mas eu não podia, por que mesmo? Eu não lembrava, só sabia que não devia.

— Olhe só o que tenho para você, querida.

Ela não era mais uma criatura qualquer, era vovó Anna me oferecendo um prato fumegante de comida.

Golpe baixo, eu sei. Desde a chegada ao continente eu não comia nada decente. Por incrível que pareça, aquilo aguçou um pouco meus sentidos mesmo que minha vista ainda estivesse um pouco turva. A criatura voltou a cantar e eu tentei me afastar.

O canto ficou mais forte, ele parecia com teias tentando me prender. Eu resisti. Minha vista voltou ao normal, não era mais nem minha avó nem a sereia. Agora era Evan, dentro da água no meio do lago. O efeito foi imediato: eu acordei do torpor causado pela melodia.

Se aquilo também era um teste, alguém precisava começar a avisar às pessoas que colocar Evan nas situações não estava funcionando. Eu sabia muito bem onde ele estava e como estava e já tinha perdido boa parte da fé que a situação mudasse. Então era só o guardião aparecer e pronto: Alys pronta para batalha.

Dei uma olhada para trás quando o canto mudou. Percebendo que eu tinha conseguido me desvencilhar de seu encanto, a expressão da sereia se fechou. A música ficou mais rimada. Não era nem de longe a mesma criatura. Ela agora tinha garras e dentes à mostra, a pele estava colada no corpo, os cabelos voavam perigosamente. O Lifran me deu um choque, eu entendi o recado, desviei o olhar e corri o mais rápido que pude.

Só parei muito tempo depois, quando meu pulmão começou a queimar. Ponto para o treinamento de Evan que me fazia correr tanto todas as manhãs.

Anoiteceu de novo, e de novo e de novo sem que eu encontrasse o dragão ou alguma comida maior do que umas frutinhas coloridas. Eram as únicas que o metal não parecia se opor que eu comesse.

Em uma tarde particularmente quente, quando eu não conseguia encontrar nem uma poça de água para me refrescar, sentei-me debaixo de uma flor estranha, recostei a cabeça e cochilei.

— Esse não parece um lugar legal para dormir...

Levantei em um pulo, o susto foi tanto que desequilibrei e quase caí.

— Que diaboos...?

Na minha frente um garoto estranho com um sorriso faceiro fumava um cachimbo.

— Quem é você?

— Sou um morador da floresta, ajudo os viajantes que estão em dificuldades.

Estreitei os olhos.

— É mesmo? E por que você faz isso?

— Ora, porque eu sou legal.

Não fiquei muito segura daquilo. Ele se aproximou, só nesse momento percebi que ele tinha uma perna normal e outra feita de metal vermelho vivo, era uma mistura muito incomum.

— Você procura o que por essas bandas?

— No momento água, depois do último grande dragão.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Duas coisas das quais você está bem longe. Ainda bem que eu te encontrei, posso te ajudar se quiser.

— Hun... Como?

— Eu tenho uma bússola especial, feita por um mago muito talentoso. Ela te leva aonde você mais quer chegar e não falha, se quiser posso te dar.

Aquela história estava bem estranha...

— E você vai me dar ela?

Ele raspou o chão com o pé de metal e fez uma cara de cachorro que caiu da mudança.

— Bom, sim... Mas ela é muito preciosa, então vou te dar se você me der algo também.

Estava demorando...

— Que seria?

— Não sei, o que você tem nessa bolsinha aí?

— Eu não tenho muita coisa, uma muda de roupas, meu celular e o último pacote de biscoitos que eu estou guardando caso não encontre frutas.

Os olhos dele brilharam.

— Biscoito ou bolacha?

Ele se espichou para ver o pacotinho. Dei de ombros.

— Você quer?

— Simmmmmmmmm... — Ele gargalhou. — Faz muito tempo que não como uma dessas, te dou a bússola e você me dá o pacote.

Era a única comida que eu tinha, mas pensando nas opções, eu precisava era sair dali logo. Fizemos a troca, ele carregando aqueles biscoitos murchos como se fossem a coisa mais preciosa do mundo.

— E como funciona? — perguntei.

— É só seguir sempre para o norte.

Ele me deu uma última olhada e saiu correndo em disparada, dando pulinhos e batendo os calcanhares. Esperei que não tivesse cometido um erro, lá se foi minha última comida.

Que eu não tivesse conhecimentos mágicos era perdoável, mas se tivesse o mínimo de conhecimento das lendas que permeavam a floresta, eu não teria me enrascado tanto.



A tal bússola não parecia ter nada especial, só era muito velha. O ponteiro rodava com certa dificuldade, mas como eu não sabia mais por onde andar, me esforcei para usá-la.

Depois de um tempo caminhando, encontrei um lago.

— Ufa, parece que essa joça funciona, afinal.

Olhei para os lados. Fiz alguns feitiços. Desde o incidente com a sereia fiquei um pouco relutante com os lagos, mas não dava para viver sem beber água, não é?

Foi colocar as mãos dentro da nascente que comecei a perceber meu erro ao confiar naquele garoto estranho. Uma coisa gelada enrolou meus pulsos. O Lifran a empurrou para longe. Fiquei de pé. Arregalei os olhos.

Do centro começou a surgir uma cobra, pelo menos na maioria do corpo parecia uma cobra, tão grande quanto Celen. O corpo de escamas e listras contrastava com a cabeça cheia de penas e o bico de ave. A língua perigosamente bifurcada balançava em minha direção.

Não sei se foi minha aversão natural às cobras ou o fato de que os olhos dela cintilavam na minha direção, mas evoquei o cajado segundos antes de ela me atacar. Fui rápida o suficiente para me desvencilhar uma ou duas vezes, mas enquanto eu me preocupava com as presas pingando veneno, o animal me cercou com o corpo.

Era tão largo que duas voltas e eu já não via nada além de escamas. Tentei feitiços, queimei partes dela, mas não queria machucá-la, só queria sair dali. Eu tinha o bom senso de àquele ponto já ter compreendido que havia invadido seu território. A intrusa era eu.

Por fim, ela me venceu, quando me distraí tentando escapar de uma abocanhada que seria fatal ela me enrolou com a ponta de seu rabo e me trouxe para perto dos seus olhos.

— Eu não sei se você me entende...

Estava me espremendo já.

— Não quis invadir sua casa, me desculpe. Foi culpa daquele garoto idiota que me deu uma bússola quebrada.

Ela não respondeu, mas os olhos faiscaram. Acho que minhas desculpas não estavam sendo muito bem vistas. Ela me apertou um pouco mais. Os metais vibravam, não dava para abrir as asas. Eu ia precisar do poder draconiano, mas tinha receio de colocar fogo na floresta.

Ainda tentei uns argumentos com o animal, porque sim, eu falava quando estava nervosa. Quando ficou difícil respirar, parei de resistir. Acessei o poder do dragão torcendo silenciosamente para que não fosse um grande estrago. Mas antes que lançasse qualquer feitiço, os olhos da cobra se esbugalharam. Vi mais medo neles do que tinha visto em toda minha vida.

Ela me soltou fazendo com que eu caísse desengonçada e se afastou para a outra ponta do lago, escondendo-se por completo e deixando somente os olhos assustados parcialmente visíveis. Eu tive medo de ser esmagada até a morte, mas ver meu próprio reflexo assustador me causou um medo muito maior do que o de morrer.

Meu coração disparou e eu corri, o sangue escorria por vários ferimentos, mas eu não ligava. Eu precisava me afastar da minha própria imagem refletida, mais do que da cobra.

CAPÍTULO 13

PAUSA PARA NÃO MORRER

Quando parei, foi porque a exaustão, a fome e os ferimentos não podiam mais ser contidos pelos metais. Evoquei a luva e criei um tipo de caverna, era para ser só a cabana de sempre, mas a energia do dragão não tinha adormecido, acabou criando um abrigo imenso.

Eu me larguei no chão, naquela escuridão densa que só era impedida pelo brilho fraco dos metais. Chorei, pelo que pareceram horas. Meu corpo doía. Minha alma doía. Eu queria ir para casa, mas não tinha uma. Só queria um lugar que me salvasse daquela loucura toda.

Quando nem as lágrimas queriam me fazer mais companhia, saí da caverna e peguei alguns gravetos. Voltei para dentro e acendi uma fogueira, eu poderia ter feito aquilo sem a madeira, mas ela queimando fazia um barulhinho que acabava quebrando o silêncio absoluto.

A Iluminação revelou o tamanho dos meus ferimentos, tinha muito mais metal sobre a minha pele do que o habitual. Eles vibravam e chiavam tentando conter o sangue que ainda insistia em brotar. Tinha algum veneno sob as escamas, o que era a causa provável da minha vista ter uns períodos embaçados.

Respirei fundo. Lembrei-me dos olhos esbugalhados do meu pai quando a espada passou pelo seu peito. Lembrei-me de Kyer enfrentando todo o conselho. De Evan vivendo como uma árvore apodrecida.

Uma trovoadas ecoou lá fora.

Pensei em quanta coisa Laiza enfrentara desde sempre por ser neta de um Zmora. Do conselho que rechaçava Celen mesmo que ele tivesse sacrificado tanto. No meu erro no dia da primeira lua.

Abracei meus joelhos. Escondi o rosto. No final das contas, Helix não parecia tão errado de dizer que não merecíamos o poder dos metais.

— Esse é um pensamento perigoso, embora muito lógico, eu confesso.

Que eu vivia levando sustos não era novidade, mas aquele foi um dos piores. Tinha sentado do meu lado uma senhora de longos cabelos ruivos. A pele amarronzada brilhava com símbolos e marcas de metal e trazia nas mãos um cajado velho de madeira.

— Como você entrou aqui? — Evoquei o cajado. — Quem é você?

Ela não fugiu ou avançou em minha direção. Só sorriu.

— Me desculpe se te assustei, não foi minha intenção. Sou uma... — Ela fez uma pausa. — Moradora da floresta, por assim dizer... Vi que tem andado sozinha, vim te fazer companhia por uma noite.

Não baixei a guarda.

— E por que você faria isso?

— Porque te ouvi chorar e sei o quanto é difícil se sentir longe de casa.

Guardei o cajado, mas continuei olhando ressabiada. Ela pareceu satisfeita, se colocou de pé. Bateu as mãos no longo vestido colorido que ia até o pé.

— Você não quer comer? Imagino que esteja com fome.

— Não tenho comida nenhuma mais.

Ela apontou para o outro extremo da caverna. Nas costas de onde eu estava sentada, havia algumas árvores e um riacho.

— De onde veio isso? — pensei em voz alta.

— Sempre estive aqui, você não tinha olhado para trás ainda.

Enquanto eu entrava na água, para tirar a fuligem e o sangue seco do corpo, a mulher recolheu frutas, tirou uma capa da sua bolsinha e cobriu o chão perto da fogueira. Também, de alguns arbustos, retirou uns vegetais estranhos, cortou, jogou um pozinho, que ela fez questão de me dizer que era sal, e colocou perto do fogo para que cozinhassem.

Veio até a outra margem do rio e sem nenhum aviso ou instrumento pegou um peixe. Vi quando ela levou para longe, fez o que pareceu uma prece, limpou o animal e fez um processo parecido com o dos vegetais, colocando os pedaços em gravetos e fincando perto do fogo.

Logo a caverna tinha cheiro de comida quente e minha mente tinha ainda mais perguntas sobre quem era ela. Quando a mulher não estava olhando eu cheirei e testei o pozinho do pote, não ia confiar só porque tinha a visto cozinhar. Era sal mesmo, nunca achei que sal fosse tão apetitoso.

— A comida está pronta, você não precisa comer o sal!

Ela apareceu bem atrás de mim. Eu fiquei sem graça.

— Ah, você não precisava ter se preocupado tanto.

— Eu sei que seu caminho tem sido pesado, uma refeição vai te ajudar a enfrentar o resto da trilha.

A mulher retirou um graveto do fogo e me entregou. Estava tão bom que eu só parei depois de dois ou três pedaços. Fiquei impressionada com quanta comida ela tinha feito com tão pouco, o peixe parecia tão pequeno e os vegetais tão franzinos, prontos estavam mais para um farto banquete.

Comi como alguém que nunca tinha visto comida na vida.

— Não perguntei o seu nome... — questionei.

— Ah, pode me chamar como você quiser...

Estreitei os olhos. Dei de ombros e continuei a comer. Ela beliscou algumas frutas antes de voltar a falar.

— Bom, você se sente melhor?

— Sim, comer me fez bem.

Ela sorriu, aquele sorriso que se estende aos olhos.

— Que bom! Os ferimentos estão controlados também. A dor passou?

Balancei a cabeça. Eu peguei mais uma fruta, a senhora apontou para mim.

— Sabe, essa é muito rara por aqui.

Era uma fruta amarelada, cheia de lados.

— Isso porque ela tem um sistema de segurança especial.

Franzi as sobancelhas.

— Sistema de segurança?

— É, enquanto ela está verde produz uma substância venenosa aos pássaros, o que faz com que eles fiquem longe e não as comam.

— E isso não é bom?

— É e não é. Como eles não comem dela, não pegam as sementes e não as espalham por outros terrenos. Assim elas acabam produzindo menos do que deveriam.

Eu fiquei observando a fruta. A mulher pegou uma.

— Você compreende que não é saudável ser como ela?

— Não entendi.

— Eu sei que as coisas que você tem sido obrigada a enfrentar parecem com os passarinhos bicando a sua pele ainda verde. Que você se sente despreparada. Mas se não for assim, talvez você não produza em outros lugares.

Eu escancarei a boca. Quem era aquela pessoa?

— Como...?

— Não se atenha a esses detalhes, você já está quase caindo no sono e quando acordar eu já terei partido. Me diga: por que você anda tão triste?

Era completamente ilógico conversar com uma mulher estranha no meio da floresta, talvez mais do que comer a comida que ela me oferecia. Mas lá estava eu, farta dos pesos que carregava e cansada de só ter para conversar uma tora verde.

— Parece que eu fui jogada em um mar de fracassos.

— E antes não era assim?

— Não, antes eu nem podia sair de casa.

Ela abriu um sorriso e puxou alguns gravetos para perto do fogo.

— É claro que você vai ter fracassos, Alys. Agora você está se arriscando, nem tudo vai sair como o planejado.

A tranquilidade dela acendeu a raiva que eu estava guardando tinha tempo. Eu funguei.

— Mas está tudo errado. Não salvei meu pai, deixei que Helix levasse uma parte importante dos metais e agora toda a humanidade está sofrendo. Evan se tornou em um tronco podre por minha causa e nem sair dessa floresta eu consigo, o tal rei dos dragões deve estar se escondendo de mim. — Respirei. — E para completar eu estou me tornando um monstro, não tenho controle sobre esse poder e vou destruir todo mundo que eu amo qualquer dia desses. Nem posso falar isso para ninguém.

— Você acabou de dizer para mim, isso que importa.

Cruzei os braços.

— Por quê?

— Porque eu te entendo, sei que parece muito, mas a sua carcaça e cabeça dura são mais fortes do que você imagina.

Escancarei a boca...

— Você ouviu o que eu disse? Até a humanidade está sofrendo pelo meu fracasso!

— O que te faz pensar que isso tem a ver com o fiapo de poder roubado? A humanidade estava sofrendo muito antes dele, Alys. A diferença é que o seu sucesso em manter os metais em segurança está dando uma nova oportunidade a eles de se reinventarem. De encontrarem a sua essência perdida há tanto tempo.

— Eu...

— Você precisa parar de se sentir culpada por cada coisa errada que acontece. Seu dever é cumprir sua missão, não é ser um super-herói que resolve todos os problemas, cada pessoa é dona do próprio destino. Eu diria que você está sendo egocêntrica, mas sei que não é o caso, você está só se cobrando mais do que realmente deveria oferecer.

Fechei a boca. Fiquei sem resposta. A mulher se apoiou no seu cajado e ficou de pé.

— Agora eu preciso ir, você precisa descansar que amanhã será um dia longo.

— Mas tem uma tempestade lá fora e... Eu gostaria de ter companhia mais um tempo.

Ela continuou caminhando em direção à saída.

— Você não ficará só. Eu não estou indo embora de verdade.

— O que você quer dizer com isso?

— Um dia, Alys... Um dia.

— Mas e a tempestade?

Ela me deu uma breve olhada. Os olhos faiscando cintilavam como um céu azul cheio de estrelas.

— Não se preocupe, eu estou acostumada com ela.

Passou pela chuva e eu não pude mais vê-la. Em qualquer outro dia, eu não teria conseguido pregar os olhos, mas o cansaço e exaustão dos metais me deram poucos minutos para pensar.

Quem se acostumava com as tempestades?

CAPÍTULO 14

O ÚLTIMO DRAGÃO

No dia seguinte acordei com a luz do sol invadindo a caverna. Ainda tinha peixe, que mesmo frio estava bem saboroso, frutas e legumes que me renderam o melhor café da manhã em muito tempo. Desfiz a caverna, o que pareceu agradar os animais que moravam por ali.

Percebi que tinha me esquecido de pedir uma informação importante no dia anterior: como chegar até o dragão? A comida tinha um efeito milagroso, ou seria a conversa? Não sei, mas encontrei confiança.

Comecei a caminhar e resolvi tentar algo diferente, evoquei a luva e comecei a comunicar com os metais procurando um lugar onde houvesse picos nas linhas Ley. Deu mais ou menos certo. Achei um pico enorme, mas ele mudava de posição toda vez que eu me aproximava. Eu não desisti, já tinha passado tempo demais dentro daquela floresta, aquele dragão ia ter que me encontrar.

A minha resignação funcionou, depois de muito perseguir a forma, me deparei com uma construção de pedras, me lembrava um pouco o templo da primeira lua. Era imenso.

Na frente dele um ser imponente me esperava. Era uma cobra, não como a que eu tinha encontrado, sua pele translúcida revelava chamas queimando em seu interior. Os olhos como esmeraldas cintilaram em minha direção.

— Até que você conseguiu chegar rápido, Elemental.

Se aquela criatura era só o recepcionista, o dragão deveria ser assustador.

— Ah...!?! Obrigada...? Vim para uma audiência com o grande dragão.

— Eu sei que você tem me procurado por essa mata, diga seu pedido.

Eu não queria ser indelicada, mas estamos falando de mim, não é? Doce como coice de mula.

— Mas você não é um dragão.

O ser fungou. Fumaça saiu das narinas. Tentei tardiamente parecer cordial.

— ... Quero dizer, senhor, me desculpe, mas vim procurar um dragão.

Ele balançou a carcaça. Asas se expandiram. Patas tomaram forma e ele desceu as escadarias em minha direção.

— Para alguém que até pouco tempo não conhecia nada do mundo real, você se apega demais às imagens pré-concebidas.

Ele emanava um certo calor, conforme chegava perto, fui me sentindo desconfortável, além, claro, de envergonhada pela minha malcriação. A torcida era para que ele tivesse algum senso de humor.

— Eu gosto mais da outra forma, faz mais sentido com a minha ascendência e mantém as lendas que os humanos contam de mim.

— Me desculpe, senhor, não foi minha intenção ofender.

Ele não respondeu. Só me rodeou até que seu rosto voltasse à minha frente e se sentou sobre as patas.

— Então, Alys Elilmo-Radul-Veri, a única, o que você veio buscar?

Quantos nomes. Pior, eu não tinha certeza que ser única era uma coisa boa, eu podia ser a única aberração, talvez a única que não tinha ideia do que estava fazendo?

— Ah, senhor, como obviamente sabe, eu venho de todas essas linhagens, entre elas a dos dragões. Por isso, abrigo a energia mágica da raça, mas meu corpo não suporta que ela seja usada sem que cause danos ou saia de controle.

Ele franziu os olhos.

— Entendo... E você passou pelos dragões da mente e alma?

Peguei as duas pequenas formas de metal presas no colar em meu pescoço e mostrei a ele.

— Certo. No meu teste você também foi vitoriosa. Quando entrou naquela caverna, achei que falharia, que nunca mais encontraria sua sanidade de novo. Mas, pelo que parece, você saiu mais forte do que jamais estive, sem dúvidas é uma de nós.

Eu cruzei os braços.

— Então tudo que eu passei nesses dias não foi mais que um teste?

— A floresta é um teste para qualquer um que entra nela. Você é a primeira nos últimos dois mil anos que não enlouquece.

Eu odiava testes, isso não era novidade para ninguém, mas aquele passou de todos os limites.

— Como assim? Meu teste incluía aquela música horrível da sereia e um garoto me mandando para uma morte dolorosa por uma cobra gigante? Não vejo como isso prova que posso abrigar a energia draconiana.

Ele deu uma risada sarcástica.

— Vejo que o sangue da família de Anna é bem forte em você. Celen sempre foi muito inteligente em suas escolhas... — Ele ergueu as sobrancelhas. — O que prova sua capacidade é ter chegado aqui mesmo depois de tudo isso. Se continuasse vagando pela floresta teria encontrado mais perigos até que seu corpo, sua mente e seu espírito estivessem tão quebrados que seria impossível colar os pedaços de volta.

Isso me deu um calafrio na espinha. A voz dele queimava como fogo.

— O que te garante essa recompensa...

O Dragão colocou as unhas dentro do próprio peito e retirou uma pequena forma hexagonal preta.

—... É que você encontrou resignação para ignorar a dor e o sofrimento que te impus. Nossa pele é grossa, mas nosso espírito é mais resistente ainda.

Ele me entregou a forma. As três juntas se fundiram transformando-se em um pequeno dragão de três cabeças e muitas cores.

— E agora? Eu penduro em um colar...?

Ele riu.

— Coloque sobre o metal no seu peito.

Fiz como ele ordenou. O pequeno dragão se derreteu sobre os metais e eles se moveram até que uma nova marca ficou visível, logo abaixo da minha garganta. Um dragão semitransparente e furta-cor. Senti uma onda de poder acordar. Meu corpo mudou, cresci uns cinco metros. Patas. Asas. Eu fiquei enorme.

— Ah não! Eu virei um dragão?

O ser à minha frente se divertiu com o meu desespero, embora não tivesse abandonado um certo ar de surpresa.

— Não, fique tranquila. É a primeira vez que experimenta sua energia, só está tendo a falsa ilusão que se tornou um dragão, embora eu confesse que entendo porque você está se enxergando fisicamente como um de nós, se você sobreviver ao que te espera, poderia viver milênios e quem sabe vir a ser um de nós, os grandes. Mesmo não tendo uma forma como a nossa. — Ele coçou o queixo. — É realmente impressionante.

“Se você sobreviver...” Quanta fé em mim ele tinha.

— E como é que desliga isso?

Eu estava ficando desesperada, como Celen conseguia andar tendo todo aquele tamanho?

— Desligar? Você enfrentou toda essa jornada e quer “desligar” o poder?

Ele parecia seriamente ofendido. Tentei corrigir.

— Não de forma definitiva, só para que eu possa voltar a me enxergar do meu tamanho normal, não sei nem andar assim!

— Só respire fundo, deixe o poder se acomodar nas suas veias que logo sua vista volta ao normal, mas te asseguro que “desligar” não é mais uma opção para você!

Fechei os olhos, respirei fundo. Precisei de longos minutos até que a sensação de que eu tinha cinco metros desaparecesse. Quando voltei a abri-los, era só eu, com uma forma nova de metal no corpo. O dragão tinha voltado à sua forma de serpente de fogo e subido os degraus do templo.

— Agora você precisa ir, seu avô não vai aguentar muito tempo mais.

Meu coração parou por meio segundo.

— Meu avô? O que está acontecendo com ele?

— Vir era muito perigoso, ele sabia disso.

Ele soprou um jato fino de fogo que girou e se transformou em um portal. Do outro lado, eu via Celen lutando com dezenas de sacos de ossos enquanto Helix dava gargalhadas. Eu já estava quase dentro do portal quando o templo começou a desaparecer.

— E lembre-se, Alys: seus inimigos são mais antigos do que parecem, cuidado para não cometer o mesmo erro dos que vieram antes de você e lutar contra o alvo errado.

Eu não tinha tempo para entender o que ele queria dizer com aquilo, Celen parecia incapaz de continuar mantendo Helix longe. Evoquei o cajado, abri as asas e o símbolo do dragão brilhou quando passei pelo portal.

CAPÍTULO 15

VITÓRIA?

Toda minha raiva foi como um alimentador do poder, me esqueci da minha preocupação de não perder o controle e comecei a lançar feitiços frenéticos. Passei os dedos sobre o símbolo do lado dos meus olhos e os óculos de Lifran se formaram. Aproveitei que tinha aprendido algumas coisas sobre as linhas Ley e monitorando onde o poder era mais forte, comecei a evocar animais de metal.

Não sei se foi a inspiração da floresta, mas a maioria deles eram pássaros e cobras que atacavam os sacos de ossos sem dó. As luvas de metais nos meus braços vibravam como se todo aquele poder estivesse alimentando-as também.

Os atacantes se afastaram de Celen e em pouco tempo eu estava à sua frente, as asas tentando deixá-lo o máximo protegido, claro, sem muito sucesso. Os lacaios pararam de lutar, Helix começou a caminhar entre eles.

— Vejam só quem saiu da floresta bem a tempo de nos dar as boas-vindas.

Ele estava cada vez mais assustador. Seus olhos tinham longas tiras avermelhadas que pareciam um vírus tomando conta da sua visão. O corpo estava mais forte, mas não de um jeito que denunciasse um treinamento intenso e sim como se estivessem injetando algo nos seus músculos. Era desproporcional.

— Helix, o que você está fazendo?

Ele soltou uma gargalhada fria.

— Sempre tão espirituosa.

— Por que você está matando essas crianças? Você não queria o poder dos metais?

Ele olhou para Celen.

— Ou vocês continuam escondendo coisas da garota, ou realmente ainda não sabem quem eu sou, não é mesmo?

Meu avô não respondeu, só tossiu e se apoiou em uma árvore. Helix estreitou os olhos.

— Embora eu acredite que você já desconfie... Mas pelo visto não teve coragem de trazer à tona a realidade sobre quem vocês são. É mais fácil quando eu sou só um lunático em busca de poder?

Como os óculos ainda me ajudavam a compreender as linhas Ley, percebi que Celen estava a cada minuto mais fraco. Eu precisava tirá-lo dali, mas como?

Dividi o cajado em duas partes.

— Não me interessa quem você é, só sei que gosta demais de conversar, se não vai me dar as respostas que preciso por que não acabamos com isso agora mesmo?

Ele se apoiou na bengala de crânio.

— E perder toda a diversão de te ver definhar enquanto mato cada uma das pessoas que você ama e ataco crianças inocentes que só estão morrendo por sua causa?

O Zmora começou a caminhar de costas.

— Nem pensar. Ainda temos uma nova lua, se lembra? Tenho mais o que te tirar do que você imagina... Até mais, Elemental.

Mesmo que eu tivesse lançado feitiços, mesmo que tivesse usado indiscriminadamente o poder dos dragões e dos metais, ele passou tranquilo pelos sacos de ossos e abriu um portal. Antes de passar, no entanto, voltou a olhar para Celen. A expressão era diferente da que costumava portar, mais perto daquele Helix que conheci na toca.

— Eu prometi que vocês iriam pagar. Eu jamais quebraria aquela promessa.

Ele desapareceu pelo portal e os sacos de ossos se desfizeram como poeira. Eu comecei a sentir os efeitos de tanto poder em tão pouco tempo, mesmo que mínimos perto do que teria acontecido antes dos dragões.

Celen deixou o corpo escorregar e se sentou apoiado no grosso tronco de árvore. Eu me ajoelhei ao seu lado.

— Vô, o que aconteceu? Você tá bem?

Ele só respirava lentamente e balançava a cabeça. Sangue começou a brotar do seu imenso peito draconiano e eu me apavorei. A carcaça de um dragão era tão resistente que para feri-la era preciso muito poder, mas quando isso acontecia também era quase um atestado de óbito. Peguei o DIM que ele trazia e liguei para vó Anna.

— Querida... O quê?

Seus olhos se arregalaram quando viram minha aparência depois de tanto tempo vivendo em privação dentro da floresta.

— Vó, eu tô bem! Eu preciso de um portal agora, e de toda a equipe médica que você puder conseguir.

— Você está ferida?

— Eu não, Celen está. Tem muito sangue.

Ela abriu a boca... Os olhos ainda mais arregalados.

— Eu não consigo fazer um portal desse nível tão rápido quanto você que já está aí. Vou te ensinar o que deve fazer e, enquanto isso, liberarei sua passagem

em Nafh'ta e avisarei a todos. Mas quem...?

— Helix, ele atacou. Não sei direito, quando saí da floresta Celen já estava muito ferido, se eu tivesse demorado mais um pouco...

— Não pense nisso, temos que trazê-lo logo para cá. Preste atenção.

Anna me ensinou um feitiço complexo, cheio de pequenos detalhes que na urgência escrevi na terra com um graveto. Celen continuava ofegando, cada vez mais lento, sua cor cada vez mais estranha. As linhas mágicas pareciam no limite para mantê-lo ali.

Comecei a repetir os feitiços, em certo ponto fechei os olhos e pedi que desse certo, eu não queria perder mais ninguém, muito menos naquele dia. Não sei se aprendi direito ou a prece funcionou, mas quando terminei um redemoinho de cores nos esperava.

O problema era Celen, ele tinha ficado fraco demais. Eu poderia usar os metais para atravessá-lo para o outro lado, desconfio até que com o poder draconiano eu poderia tê-lo carregado. Mas tinha tanto sangue brotando que uma viagem de portal seria o fim.

Tentei algumas coisas que tinha aprendido nas aulas com Laiza, mas era tudo muito simples perto de um ferimento como aquele. Tentei também fazer com que os metais estancassem o sangue, mas toda vez que eles chegavam perto do ferimento paravam como se uma barreira os impedisse.

Então, como um súbito pensamento de salvação, me lembrei do feitiço do sonho. Daquele que não funcionava nas minhas tentativas de acordar Evan. Se a ideia era levantar alguém adormecido há tanto tempo, talvez funcionasse ali.

Eu me concentrei e como no sonho repeti cada palavra. Quando terminei, metais à nossa volta começaram a se arrastar até Celen. Eu tive um segundo de pânico quando eles começaram a cobri-lo inteiro, Só o seu rosto ficou visível, os olhos fechados, a respiração lenta, mas sem sangue brotando.

Com ajuda de cordas mágicas, levantei a carcaça metalizada e caminhei para o portal, torcendo para que minhas últimas investidas tivessem sido mais precisas que no dia da primeira lua.

CAPÍTULO 16

UMA ENTRADA DE EFEITO

Do outro lado, uma multidão nos esperava. Estávamos no centro de pesquisas, mais precisamente naquele lugar aberto onde presenciei os despertares. Thela tinha cercado o lugar com um exército pronto para atacar se alguma coisa além de mim e Celen passasse pelo portal.

Laiza tinha trazido uma boa parte de seus alquimistas. Soltei o mais delicado que consegui o corpo de Celen e os metais me responderam na mesma hora começando a abrir a crosta. Foi imediata a movimentação. Sem palavras ou perguntas. A situação era mais grave do que imaginei.

Eu fiquei paralisada, Laiza evocou uma maca que mais parecia uma cama elástica e saiu dando ordens. Alguns preparavam líquidos coloridos, outros escaneavam o dragão e ainda tinham aqueles que lançavam pequenos feitiços na ponta das garras, o que eu não entendi o porquê, já que o ferimento era no peito.

O portal já tinha se desfeito tinha algum tempo, ainda assim Thela e seu exército continuavam em alerta total, qualquer movimento ou barulho estranho e eles já averiguavam. Quando Anna apontou correndo pelo corredor, precisou usar uma bolha de proteção, que levou dois ou três ataques, até que se compreendessem que era a Sacerdotisa.

A elfa nem se desculpou. Anna não pareceu ofendida, embora tenhamos ficado todos assustados. Thela tinha se tornado ainda mais rígida depois do que aconteceu com sua família, tinha tomado para si a missão de parar o Zmora. Todos entendiam.

Vó Anna guardou a pistola de metal e se aproximou do rosto do meu avô. Eu já tinha desfeito os óculos de Lifran, ver como ele oscilava entre a vida e a morte estava me deixando apavorada.

Ela beijou seu focinho.

— *Mi amor, que te ha pasado?*

Por instinto, levei a mão ao ouvido, será que meu tradutor estava quebrado? Nunca tinha falhado, tanto que nunca tinha ouvido minha avó falando outra língua se não a universal, mesmo com o sotaque.

— Seu tradutor está em perfeitas condições.

Era Raszen, ele tinha saído de seu posto de defesa.

— Você também está ouvindo? Por que será?

Ele olhou para Anna que lançava feitiços ajudando os alquimistas.

— Os metais às vezes têm reações curiosas, não próprias de sua natureza irracional.

— Como parar de funcionar?

— Como deixar que a dor seja traduzida em sua forma original...

Não entendi onde ele queria chegar... Mas aproveitei que tinha com quem conversar e sussurrei.

— Como estão as coisas por aqui?

Ele continuava rígido, olhando para frente, enquanto me respondia.

— Na mesma, embora a mensagem sobre Celen tenha deixado todo mundo ainda mais apavorado. Ferir alguém como ele não é uma tarefa tão simples, e isso só pode denunciar que seja o que for que o Zmora está fazendo está funcionando.

Eu pensei por um segundo.

— Ele parecia estranho, como alguém que injeta ar no corpo, não sei explicar.

— Quando Celen melhorar, acho que você vai precisar voltar ao MASPE. Sem saber o que ele está preparando, sua defesa fica mais difícil.

Concordei com um aceno. O dragão abriu os olhos, a respiração ainda entrecortada. Vovó correu para abraçá-lo e eu a segui.

— Celen...

— Eu...

A voz era fraquinha, nada parecida com o eco natural.

— Estou bem... Alys?

— Tô aqui, vô, não se preocupe...

— O poder dos drag... dragões?

— Eu consegui! Fique tranquilo, está tudo bem...

— Não... Não está, mas... Por hoje, é o melhor que temos.

Vó Anna e Laiza trocaram um olhar preocupado. A sacerdotisa passou a mão sobre o rosto do dragão.

— Agora você precisa descansar, ainda está muito fraco, vamos te levar para um lugar seguro.

Ele não disse mais nada, só fechou os olhos e suspirou. Uma parte dos médicos e do exército escoltou a maca corredor adentro. Laiza e Anna se viraram para mim. Vovó, agora mais aliviada, me abraçou.

— Pelo Construtor, ainda bem que você está inteira.

Suspirei.

— Laiza, ele vai ficar bem?

A elfa murchou as orelhas.

— É cedo para dizer qualquer coisa, Alys, ele está muito ferido. Mas se não fosse o seu feitiço, ele nem teria chegado aqui.

Minha avó me soltou.

— Que feitiço?

— Um que nunca tinha visto antes, Celen chegou como em uma redoma de proteção de metais. Em todos os meus estudos, nunca encontrei uma mistura que pudesse imitar a carapaça de um dragão a ponto de estancar o sangue.

Anna arregalou os olhos.

— E onde foi que aprendeu isso?

Dei de ombros.

— Era um sonho que eu vinha tendo há alguns meses, achei que se tratava de Evan mas pelo jeito não.

Minha avó deu uma breve olhada para a elfa.

— Sonho... Interessante. Mas falamos disso depois, você precisa tomar um banho, se alimentar direito, se recuperar que em poucas semanas temos a festa do Dia da Lua.

Franzi as sobrancelhas.

— Semanas? Mas quando eu saí faltavam mais de dois meses...

— Faltavam, mas você ficou um mês dentro da floresta querida, Celen já estava cogitando entrar atrás de você.

— Um mês? Não mesmo! Foram dias, uma semana no máximo, vó!

— Lugares com forte conversão mágica podem ter destas questões querida, fazem a gente perder a contagem do tempo aqui de fora, já que os dias são contados de outra forma lá dentro.

— Então eu estou há um mês sem banho?

Laiza riu.

— Sem dúvida. Você precisa se recuperar, vou enviar uma mensagem pedindo que deixem tudo pronto e pedir que alguns soldados te acompanhem.

— Não precisa pedir escolta, Laiza, eu vou voando, nem é tão longe. E assim estico um pouco as asas.

— Ah, Alys... Nós não podemos ficar arriscando assim...

— Helix não vai me atacar, ele precisa de mim para o Dia da Lua, lembra? Estou mais preocupada com vocês.

Anna me abraçou de novo.

— Nós vamos ficar bem, Celen vai ficar aqui no centro e você pode visitá-lo amanhã se quiser, mas agora precisa mesmo se recuperar, seu treinamento vai recomeçar ainda mais intenso já que não precisamos mais ter preocupações com o poder dos dragões, não é?

Eu não tinha tanta certeza, mas por ora já tínhamos muitas notícias ruins.

— Sim.

— Ótimo! Vá então, qualquer coisa me chame pelo DIM.



Eu tinha certa convicção sobre Helix, depois daquela conversa na borda da floresta. Ele não iria me atacar diretamente, ele queria derrubar as pessoas que eu amava. Mas, mais que isso, havia alguma coisa sobre quem ele era que meu avô estava escondendo. Não citei isso para ninguém, não era algo simples.

O voo foi rápido e as asas agradeceram. Tinha pouca gente perambulando pelo prédio naquela hora e eu cheguei ao meu quarto sem muitas interrupções. Precisei de pelo menos uma hora de molho antes que o metal clareasse a água da banheira se tornasse translúcida.

Um pouco depois, uma elfa de sardas deixou um carrinho com comida fumegante. Com a barriga cheia, a única coisa na qual consegui pensar foi em me largar na cama, não lembro nem mesmo de ter me deitado, só apaguei.

A lembrança depois disso foi meio borrada...

Eu soube no primeiro momento que era um sonho. Estava na tenda do gênio novamente, ele repetia a mesma frase sobre o sepulcro vazio. Depois, sua forma mudava e ficava parecida com Helix que se aproximava da árvore no primeiro templo e marcava em vermelho pontos no globo. Por fim eu estava no quarto de Evan e havia sangue... Sangue escorrendo enquanto a voz esganiçada do Zmora dava gargalhadas e dizia “Eu avisei”.

Acordei suando frio. As mãos geladas. A respiração entrecortada e ofegante. Alguns segundos e percebi que era só o meu quarto, a luz das luas entrava pelas janelas e Syfar nas paredes dançava. O DIM marcava o meio da noite, eu não podia sair naquela hora, tínhamos muitos guardas vigiando cada prédio principal.

Ativei o holograma, como sempre pela parte sonora primeiro. Tinham vozes no quarto, muitas falando ao mesmo tempo. Kyer precisou pedir silêncio umas quatro vezes antes de se acalmarem.

— Não adianta toda essa discussão. Nós sabíamos que isso poderia acontecer... Agora é esperar.

Thela foi a única que se manifestou.

— Se tivéssemos feito isso antes, Celen não estaria ferido. A Elemental teria um guardião...

— Não adianta ficar pensando com as coisas seriam, elas já são como são, Thela. Vamos, amanhã teremos que preparar Alys para isso.

Ouvi quando a porta abriu e o burburinho aumentou.

Desliguei o aparelho, meu coração pulava no peito feito boi bravo. O que eles tinham feito com Evan? Saí correndo pelos corredores, desesperada. Encontrei alguns guardas, mas não parei nem quando um deles ameaçou me atacar. Confesso que devo ter apagado um ou dois no caminho e teria que me explicar por aquilo depois.

Escancarei a porta. Lá estava a redoma aberta. As cascas lascadas dentro do vidro, mas nada de Evan. O aparelho que contava batimentos marcava zero. Eu tinha chegado tarde demais, assim como o gênio previra. Evan havia cumprido seu juramento. O guardião estava morto.



Imagine o susto que eu levei quando uma mão tocou o meu ombro. Eu evoquei o cajado, o transformei em uma lâmina e ataquei meu oponente em questão de segundos.

Minha arma ecoou o choque com uma espada bem conhecida, seu cabo de Syfar estava diferente, mas ainda era a mesma espada.

Na minha frente, mais magro que o habitual e ainda conservando um pouco da cor verde estava o dono dela. Só a luz das luas e dos metais iluminavam nossa pequena batalha.

— Evan...?

O guardião abriu um sorriso zombeteiro.

— E não é que você está bem melhor do que eu me lembro? Em outros tempos, eu teria te matado antes que você conseguisse evocar esse cajado.

Eu continuava com a boca escancarada.

— Como você... Você não está morto?

— Estou, sou uma assombração que veio para puxar seu pé durante o sono. Estreitei os olhos.

— Não seria muito diferente do que tive que aguentar em vida...

Ele riu.

— Kyer e os conselheiros acham que eu bati as botas. Eu poderia ter aparecido, mas quis saber qual seria a reação geral com a minha morte. Sem contar que poderei fazer uma entrada dramática amanhã na reunião que marcaram logo cedo.

Nós continuávamos com as espadas em riste. Eu comecei a abaixar o cajado quando a luz do metal iluminou melhor o rosto do guardião.

— Evan... O que aconteceu com os seus olhos?

O sorriso dele deu uma breve tremida.

— Ah, isso. Não se preocupe, não estou me tornando um Zmora.

Os olhos dele pareciam opacos e sem vida, além de vidrados.

— Eu só não estou enxergando, mas isso é apenas um detalhe.

Ofeguei.

— Você está cego?

Ele guardou a própria espada e iluminou o quarto com bolas de fogo.

— Estou momentaneamente enxergando somente com o tato, olfato, paladar e poder mágico.

— Evan...

— Não se preocupe, quando eu disse que poderia te proteger até de olhos fechados não estava brincando. Todo meu treinamento foi feito também de olhos vendados. E eu não estou cego, é mais para uma visão de raio-x. Consigo ver a magia correndo pelos lugares. Até que eu me recupere, é ela que vai me guiar.

Eu não me convenci daquilo, estava feliz que ele tivesse sobrevivido, mas me sentia mal pelos seus olhos. Guardei o cajado e fiz uma coisa impensada, abracei o guardião. Ele pareceu um pouco chocado por um minuto, mas depois colocou a cabeça sobre a minha e respirou, aliviado.

— As coisas não foram fáceis enquanto eu dormia?

— Nem um pouco, como sempre.

— Deve ter sido mesmo, para você me abraçar...

Eu me afastei e levantei as sobrancelhas.

— Só estou feliz que tenha cansado de brincar de Branca de Neve, já estava cogitando pedir que Raszen te beijasse.

Ele cruzou os braços.

— Você tem certeza que queria que eu sobrevivesse?

Dei de ombros.

— Era chato ficar conversando com uma tora verde. — Fechei a cara. — Falando nisso senhor guardião, a próxima vez que você decidir fazer alguma coisa por minha causa seria interessante me consultar primeiro. Você quase se matou para salvar Ky.

— Mas não morri.

— Ainda não decidi se não vou te matar.

Ele riu. Eu funguei.

— Você vai mesmo esperar até amanhã para contar que está vivo?

— Se eu aparecer agora, vão achar que sou um fantasma e quero mesmo ver como vão reagir, isso vai nos mostrar quais conselheiros estão trabalhando por baixo dos panos.

— E como você pretende se esconder até amanhã? Se entrar no seu quarto o sistema vai informar na hora.

— Criando uma bela rede no seu quarto e ouvindo suas histórias sobre o que aconteceu desde aquele Dia da Lua.

— Eu sabia que ia sobrar para mim...

Foi a vez dele de fazer cara de inocente.

— Preciso entender o que aconteceu nesses... Quanto tempo mesmo?

— Cinco meses novos, dez se for contar no tempo antes das luas.

— Isso que eu chamo de tirar uma soneca longa...

— Você não se lembra de nada? Quer dizer, eu vinha te visitar todos os dias.

Ele transformou a espada em uma espécie de guia e começou a andar em direção à porta.

— Me lembro vagamente de você me sacudindo e dizendo que eu não tinha o direito de morrer... Fora isso só hoje quando acordei deitado nessa redoma.

Ele me olhou por um breve momento, um olhar estranho que não consegui decifrar. Apressei o passo para acompanhá-lo.

— Isso quer dizer que você ainda não comeu nada?

— Não, e os dez meses estão cobrando seu preço.

— Ainda bem que eu não comi todas as rosquinhas, vamos logo!



A noite foi longa. Evan era um bom ouvinte, principalmente quando estava de boca cheia, mas não escapei de comentários ácidos sobre minhas habilidades diplomáticas com os dragões. A única coisa que evitei foi contar minha preocupação quanto à minha sanidade mental. Embora uma ou outra pergunta me fizessem questionar se ele não tinha percebido nada.

O dia já estava amanhecendo quando Kyer bateu na minha porta. O guardião apagou rapidamente qualquer vestígio da sua estadia e se escondeu.

— Entrada liberada!

Ky estava com olheiras enormes, as vestes formais davam um tom sombrio para sua presença antes tão alegre.

— Lys, eu vim porque precisamos conversar.

— Conversar? Aconteceu alguma coisa?

— Eu fiz tudo que estava ao meu alcance, eu sinto muito. Não gostaria que o guardião tivesse encontrado seu fim me salvando do ataque do Zmora, ainda que tenha sido uma morte heroica.

Ele baixou a cabeça, vi algumas lágrimas escorrerem. Ativei minha ligação mental com o guardião.

— Evan... Ele não merece isso...

Como resposta só tive um resmungo. Mas ele saiu do seu esconderijo.

— Não achei que sentiria tanto assim a minha falta... — Fez uma teatral reverência. — Grande sábio.

Kyer perdeu a cor. Ficou claro que ele tinha passado a noite toda acordado, fosse pensando como me contar, fosse planejando o que seria necessário fazer a seguir. Quando conseguiu recuperar a voz, não disfarçou o tom de acusação.

— O que é que está acontecendo aqui?

Evan riu, talvez porque a frase ficava mal encaixada no contexto.

— Eu, com meu imenso coração, decidi aparecer antes do planejado para impedir que a culpa te consumisse.

Balancei a cabeça. Ele tinha acordado pior do que antes.

— Desde quando você está aqui? O que aconteceu que você despertou?

— Eu estou aqui desde ontem à noite, quando acordei na redoma. Não sei o que me despertou. Não ia aparecer até a reunião que você planejou para daqui a pouco, mas não era justo te deixar tão chateado por mais tempo.

Ele abriu um sorriso. Kyer começou a cuspir palavras.

— Não te ocorreu que nós mandaríamos cartas aos conselheiros, que informariamos às pessoas que o guardião estava morto? Que isso causaria mais instabilidade entre os governos depois do que houve com Celen?

Ele se virou para mim, os olhos ferviam em laranja.

— Suponho que ele já saiba de tudo que aconteceu, não é?

Eu só balancei a cabeça, não ia entrar naquela briga. Era problema deles. Evan cruzou os braços.

— Eu pensei em todos esses detalhes, mas pressupus que o prejuízo valeria a pena diante da vantagem que essa situação pode nos proporcionar.

— Que seria...?

— Vamos ver a reação de cada pessoa influente do conselho e assim podemos descobrir quem está trabalhando contra nós.

Kyer relaxou um pouco os músculos.

— Não é um plano ruim, ainda assim acho que eu poderia ter sido avisado, me pouparia uma noite bem difícil.

Evan deu de ombros.

— Não queria correr o risco, não sabemos se você foi grampeado de alguma forma. E, acho que deveríamos começar a discutir o que vamos fazer para tirar o maior proveito dessa reunião.



Horas depois eu estava sentada em meio aos conselheiros na antiga sala de Celen. Kyer tinha renovado o espaço e ele parecia ainda mais apinhado de relíquias. O contraste ficava por conta das dezenas de pessoas vestidas de vermelho, era uma tradição. Eles achavam que estavam sendo convocados a um funeral.

Eu, que sou uma péssima mentirosa, precisei colocar óculos escuros, só cheguei quando Ky me avisou que ia começar a reunião e me sentei logo na frente, atraindo os olhares, mas impedindo que alguém puxasse assunto.

O que veio a seguir foi motivo de uma longa discussão mais cedo. Kyer queria chegar falando a verdade, Evan queria que ele esperasse um pouco, não via motivo de todo aquele circo se não conseguissem pegar informações. Eu só queria que acabasse logo, sempre odiei a parte política da minha missão, e precisávamos voltar o foco na profecia antes da próxima festa do Dia da Lua que era em pouco tempo.

O medo do guardião de que alguém tivesse desconfiado se mostrou sem motivo, até Thela parecia um pouco abatida. Laiza chegou logo depois de mim, trocou um olhar rápido comigo e se sentou no fundo. No meio daquela confusão, Ky tinha conseguido um tempo para contar a ela.

Meu amigo ficou de pé.

— Todos os presentes, sejam bem-vindos... Vocês foram convocados mediante nossa nota sobre os acontecimentos com o guardião...

Deduzi que Kyer tinha ganhado a discussão sobre o que faríamos, Evan, no entanto, tinha recuperado a sorte porque o conselheiro Uriah interrompeu:

— Como chefe da casa de nascença do guardião, eu gostaria de dizer algumas palavras.

Kyer levantou a sobrancelha.

— Conselheiro, tenho alguns fatos novos, talvez o senhor gostaria de ouvir antes de falar.

O múmia se colocou de pé.

— Acho que podemos ouvir tais fatos depois, agora o importante é a memória do nosso amado guardião.

A vantagem de sentar de frente ao conselho é que as pessoas viam pouco da minha expressão ou achariam que eu estava prestes a vomitar. Evan, que estava camuflado entre os armários se ligou à minha mente, rindo.

— *Dizem que todo morto vira santo, mas “amado” eu não achei que seria.*

Eu tive que esconder o rosto entre as mãos.

— *Evan, pelo Construtor, me ajude! Se você demorar muito a aparecer e ficar fazendo piadinhas na minha mente eu não vou conseguir manter essa farsa.*

— *Foi ele que disse que me amava... E agora vem a melhor parte, quer apostar?*

Ele tinha razão. Ky, que tinha se sentado, se limitou a dizer:

— Que seja feito como você deseja, conselheiro.

O homem tomou a frente. Levantou as mãos e fez o semblante de tristeza mais fingido que eu já tinha visto.

— Senhores, hoje estamos aqui com grande tristeza. Ainda que fosse um fim previsível, nosso querido guardião sucumbiu diante das investidas dos nossos inimigos. Adversários estes que estão caminhando livremente enquanto nós tememos pelas nossas famílias e amigos.

Um fato importante sobre a história da humanidade, o tempo passa, mas alguns discursos se repetem. Os conselheiros pareciam saber onde aquilo ia chegar, alguns balançavam a cabeça positivamente, outros, como a minha avó, estavam com os olhos cerrados e visivelmente incomodados.

— Mais do que nunca é a hora de agirmos com firmeza e não permitir que sua morte seja em vão.

Um burburinho tomou o lugar.

— Hoje, enquanto nos despedimos do nosso guerreiro e de tantos outros que perderam suas vidas, precisamos mostrar à população que não precisam temer, precisamos dar a cada um o direito de se defender.

O conselheiro que vestia a longa túnica e só os olhos podiam ser vistos, levantou a mão.

— E como faríamos isso?

— Dando aos cidadãos o direito de se defenderem da raça que nos ataca.

O burburinho cresceu. Minha avó endureceu o semblante.

— Quando o senhor diz “raça”... Está querendo dizer?

— Zmoras é claro, bruxas e seus descendentes. Não estou propondo uma caça a eles, jamais faria isso.

Para mim era exatamente o que estava fazendo. Ele continuou:

— Estou falando que aqueles que não têm parte com Helix não se importariam de prestar depoimento ao conselho e serem cadastrados.

Anna levantou as sobrancelhas.

— Só falta dizer que estaremos fazendo um favor a eles.

O Uriah cruzou os braços.

— E não estamos? Se certificarmos que são inocentes não correrão o risco de serem confundidos com o inimigo.

Bririan fechou o punho.

— E os que se recusarem?

— Serão tratados como inimigos, não podemos nos dar ao luxo de colocar nossas casas em risco. Quem se sentir ameaçado terá permissão legal para reagir sem medo de punições.

— Isso é ridículo conselheiro, a única coisa que vai conseguir é espalhar o medo entre as pessoas. Colocar uns contra os outros.

O tom do Uriah deixou de ser amigável.

— Ridículo é continuarmos nos escondendo. Se a Elemental já não tinha muita chance sendo assessorada por um guerreiro experiente e escolhido, sozinha ela é um alvo fácil. Ela é só uma garota.

O silêncio voltou a incomodar no recinto. Ele se recompôs, aprumou as vestes, pigarreou, mas não olhou em minha direção.

— A minha moção está feita, com somente duas cadeiras vazias podemos votar. Quem concorda que com a perda do guardião devemos tomar medidas mais duras começando pelo cadastramento de todos os seres que tenham ligação com os Zmoras levante a mão.

Não foi nenhuma surpresa que os dois outros integrantes do trio tivessem levantado a mão prontamente. Foram acompanhados por dois outros conselheiros que timidamente concordaram, com expressões constrangidas. A surpresa ficou para o final, quando Ky levantou sua mão.

O Uriah abriu um sorriso.

— Vejo que seu título de sábio não decepçiona.

— Na verdade, Conselheiro, não estou votando. Há uma falha na sua moção.

O mago estreitou os olhos.

— Falha? Que falha?

Evan se tornou visível. Dei uma risadinha disfarçada, ele adorava essas entradas de efeito.

— Eu não estou morto, conselheiro.

A sala explodiu em vozes. As mãos foram se abaixando uma a uma. Minha avó tinha a mão sobre o peito e a boca escancarada. O olhar correndo do guardião para Kyer e por fim em mim. Tinha alegria neles, mas também acusação. Algo que me dizia que aquilo ainda ia me render um castigo.

O conselheiro berrou tentando se fazer ouvido.

— O QUE ESTÁ ACONTECENDO AQUI?

Ky se colocou de pé.

— Quando eu disse que tinha fatos novos, você ignorou meu aviso. Sinto dizer que todo seu discurso não tem cabimento, nem essa votação, já que o guardião está bem e vivo.

— Vocês nos enganaram!

Evan colocou a mão sobre o peito e assumiu um tom macio que raramente ouvia na sua voz.

— Como ousa nos acusar assim? Faz menos de horas que estou de volta e mesmo que pudesse estar me recuperando, fiz todo o esforço necessário para estar nessa reunião e desfazer o mal-entendido da minha morte.

O Uriah cuspiu as palavras.

— Mal-entendido?

— Sim, eu acordei ontem na redoma. Não se pode julgar o fato de que estava desorientado depois de despertar em um caixão de vidro coberto de metal e madeira. Precisei de algumas horas para colocar as ideias em ordem e voltei ao quarto de tratamento. Lá encontrei-me com a Elemental que, mais preocupada com a minha saúde, garantiu minha recuperação e hoje mais cedo informou ao chefe deste conselho o que tinha acontecido. Obviamente era muito tarde para enviar notificações, então esperaram que as boas notícias fossem dadas na reunião, o que teria sido feito se o senhor não tivesse insistido na sua moção.

O homem estava prestes a ter um ataque, prevendo isso, Kyer interrompeu a conversa.

— Se acalmem todos e se sentem, vamos esclarecer tudo. Conforme a lei, a moção está cancelada já que o motivo no qual ela se baseia deixou de existir. Caso algum dos presentes queira apresentar uma nova votação, podem fazê-lo na próxima reunião como previsto.

As horas seguintes passaram como um borrão. Entre rostos emocionados pela volta do guardião e a fúria contida de uma parte do conselho, Kyer falou sobre a necessidade de nos unirmos e pediu que cuidássemos uns dos outros naqueles tempos. Também apresentou o plano de defesa criado por Thela, muito mais coerente. Depois encerrou a reunião e anunciou um banquete de comemoração.

É claro que os conselheiros não ficaram, mesmo assim tive que dar muitas explicações, para a vovó, Thela, Laiza e até para um Raszen profundamente ofendido de não ter sido informado. Evan andava entre as pessoas sendo abraçado alegremente, algumas perguntavam sobre seus olhos e ele respondia ser apenas uma marca do feitiço que sofreu. Para ninguém disse que sua visão tinha sido afetada.

Quando voltei ao meu quarto no começo da noite, um bilhete brilhava em Syfar sobre a cama.

Amanhã, treinamento às 5h. Não se atrase ou vou criar um holograma de Raszen para ir te acordar.

Dei risada e joguei o papel no criado. Nós estávamos de volta!

CAPÍTULO 17

VOLTANDO A NYÊHA

Evan queria mesmo recuperar o tempo perdido. Durante os dias que se passaram nós treinamos todo tipo de técnicas, desde a luta corporal até os feitiços mais estranhos. No meio da semana, o guardião escalou parte dos guerreiros de elite e nós começamos uma abordagem diferente, a de lutar juntos contra eles.

Ainda tenho dores daquele dia.

Foi só quando Celen recuperou a consciência que nós fizemos algo que não envolvia armas e suor.

— Ei, vô, como você está?

Naquele dia ele mantinha a forma draconiana, deitado em um grande ninho de metal e penas e cercado de aparelhagem médica. Chegava a ser uma visão confusa.

— Melhor, bem... Melhor.

Eu troquei um olhar com Evan.

— Que bom! Vô, eu sei que você está se recuperando, mas você sabe que é um assunto inevitável. Nós precisamos falar sobre o que o Helix insinuou na floresta.

Vó Anna fechou a cara. Evan se sentou em um banquinho. Celen se aprumou.

— Quando tempo eu fiquei fora?

— Pouco mais de uma semana — respondi.

Ele se calou. O estado de saúde do dragão não era dos melhores, sua cor estava opaca, ele parecia ter emagrecido e a voz saía falhada.

— Vô, se você ainda não se sentir bem... Nós podemos tentar amanhã...

O dragão balançou a cabeça.

— Não, já passou da hora.

Eu me aproximei e sentei perto de sua cauda.

— Você sabe alguma coisa sobre quem Helix é? Quer dizer, de onde ele surgiu...? O porquê de ele estar atacando essas crianças?

Os olhos dele ganharam rugas de tristeza.

— Não sei exatamente por que ele está atacando as crianças, mas existe uma possibilidade de que eu saiba quem ele é.

— Uma possibilidade já é bem mais do que temos hoje.

Ele se calou de novo.

— Vô, se tem uma pessoa que não gosta de esconder as coisas é você. Afinal de contas, o que está acontecendo?

Ele olhou de esguelha para a sacerdotisa e respirou fundo.

— Você precisa entender que é uma história maluca até para nós. Não é algo que pode ser dito no conselho sem que tenhamos provas muito certas. Aliás, acho que vocês não devem falar sobre isso com ninguém por enquanto.

Eu dei de ombros. Ele fixou os olhos em outra parede.

— Muitos anos atrás, talvez uns trezentos, quando as regras eram mais rígidas, recebi uma moça dizendo que tinha uma informação preciosa. Ela dizia que havia um homem que tinha encontrado uma forma de não morrer.

Evan levantou as sobrancelhas.

— Isso é impossível.

O dragão cruzou as mãos.

— Nós estamos lidando com o impossível tem muito tempo.

Eu olhei feio para o guardião, Celen continuou.

— Um pouco mais de conversa e ela foi embora, me deixando com uma série de desconfianças. Eu comecei a pesquisar os rumores que a moça havia me contado e descobri que em muitas vilas se falava de um garoto, um descendente direto dos primeiros Poltos, que havia sobrevivido graças a seu talento para magia e a pequena lasca de poder que seu pai tinha conseguido guardar.

Evan arrastou a cadeira para mais perto.

— Quando você diz descendente direto...

— Quero dizer filho, ou neto no máximo.

— Celen, você sabe que eu acredito na lenda do Construtor e ninguém garante que as coisas aconteceram da forma como são contadas, mas daí a acreditar que alguém dos primeiros humanos sobreviveu por milênios?

— É obvio que esse foi meu primeiro pensamento. Eu sempre achei que era o caso de alguém se aproveitando das lendas, alguém querendo criar rumores para obter vantagem do pavor das pessoas. Mas de umas semanas para cá tenho tido dúvidas.

Eu cruzei os braços.

— Na época você não descobriu nada sobre essa pessoa?

— Nada. Foi ainda nesse tempo que comecei a diminuir meu círculo de confiança, percebi que foi só começar a procurar pelo tal garoto que suas aparições pararam, então desconfiei que tinha alguém vazando as informações. Mas, naquele tempo, achei que não passava de um charlatão.

Evan abriu o DIM e começou a pesquisar.

— E por que você acredita que seja Helix?

— Porque ele acredita que eu saiba algo sobre sua identidade real. Mesmo com todos os nossos melhores espiões trabalhando, ninguém descobriu nada sobre o Zmora.

Vovó pegou um gigante travesseiro de penas e o aconchegou nas costas do dragão. Depois tirou a pistola de metal que carregava e ficou rodando entre os dedos.

— Até a magia tem limites, Celen. O nosso é a morte, ela é inevitável a todos nós — asseverou Evan.

— Não estou dizendo que ele não possa ser morto, só que conseguiu se manter vivo por todo esse tempo.

Eu balancei a cabeça.

— Se isso for verdade, será que as crianças que ele ataca têm alguma ligação com sua longevidade?

O dragão apoiou a cabeça e respirou fundo.

— É provável, e a única forma de descobrir é vocês voltarem a trabalhar na profecia.

Eu franzi a sobrancelha.

— Nós não teríamos que trabalhar na pesquisa do MASPE?

— Não! A prioridade agora é a profecia, vocês têm pouco tempo e a festa das flores está se aproximando. Algo me diz que entender o que ela fala sobre a segunda lua vai abrir nossos olhos sobre a situação do Zmora.

Eu troquei um olhar preocupado com Evan. Celen, mesmo de olhos fechados, identificou meu receio.

— Sei que ele pode continuar atacando crianças, mas a única forma real de pará-lo é evitar que ele ganhe mais poder. A sua motivação nós vamos descobrir, menos dia, mais dia.

Suspirei.

— Nós vamos para o MASPE, então?

Ele deu uma risada.

— Não, por hoje vão para Nyêha, você não conseguiria entrar no acervo mesmo com todos os guerreiros de elite tentando forçar passagem. A última visita de vocês foi demais pra Fylgiar.

Fechei a cara.

— Eu não tenho culpa pelo que houve, nós fomos atacados!!!

Evan abriu um sorriso enviesado.

— Sua fama de ímã de confusões começou a se espalhar, Alys!

Eu funguei. Nós estávamos mesmo de volta.



Tzeba vivia a maioria do tempo isolado em Nyêha, mas era impressionante como ele sempre sabia o que estava acontecendo mesmo antes de a gente contar. Já nos esperava nos portões da biblioteca, seu manto como sempre intacto, um sorriso no rosto, mas os olhos cheios de rugas de preocupação.

— Meus queridos escolhidos! Que bom vê-los juntos novamente. E inteiros, é claro!

Eu lhe retribuí o abraço.

— É bom te ver também, Tzeba, embora eu saiba que essa alegria é pelo Evan que finalmente cansou de se fingir de Branca de Neve.

O guardião revirou os olhos e cumprimentou o filósofo.

— É bom estar de volta.

Tzeba segurou forte a mão do garoto.

— Fiz algumas pesquisas sobre seus olhos...

Evan se mexeu incomodado.

— Ainda não encontrei muita coisa útil, mas tenho uma equipe — ele baixou o tom de voz — reduzida e em completo sigilo, não se preocupe, que está se dedicando a procurar uma forma de devolver sua visão normal.

— Eu agradeço, Tzeba! Mas não se preocupe tanto, eu estou bem e capaz. Já estou me acostumando a ver somente pelas linhas mágicas.

— Sei disso, não duvido da sua capacidade de lutar, muito menos da de sobreviver. Mas se tiver algo ao nosso alcance, iremos fazer.

O guardião fez uma reverência.

— Agradeço o empenho.

O filósofo começou a se afastar.

— Vamos, temos muito trabalho pela frente. Os pergaminhos originais da profecia foram enviados para nós.

Ele me olhou de esguelha.

— Pelo que entendi vocês não são bem-vindos no MASPE.

Dei de ombros.

— Eles não gostam do Evan, o que eu posso fazer?

O filósofo riu.

— Claro!



Foi a mais longa viagem que já fizemos por dentro daquelas prateleiras. Caminhamos até que meus pés latejaram. Tzeba mudou de direção abruptamente

umas cinco vezes e vira e mexe ele pegava seu DIM, conferia um mapa e escolhia uma bifurcação.

Depois de uma passagem particularmente apertada, nós chegamos a uma porta de metal Alpha. A árvore que eu tanto via estava representada em Lifran e Syfar assim como o símbolo das asas.

— Alys, coloque a mão sobre a porta.

Foi só meus dedos tocarem o metal para que a porta se iluminasse.

— Evan, agora você, por favor.

O guardião me imitou, as luzes mudaram para uma cor esverdeada e com um *clic* a porta se abriu. Era uma sala simples, mas incrível para quem, como eu, conseguia ver as linhas Ley. Tinha tanta magia incrustada nas paredes que se eu fizesse um dos meus feitiços que reunia energia draconiana poderia explodir uma cidade.

— Tzeba, que lugar é esse? É... Diferente do resto de Nyêha, de Nafh'ta também. E os pergaminhos são diferentes dos que tentamos trabalhar antes, sem o guardião.

Olhei para trás, o filósofo ainda estava na porta olhando de soslaio para nós. Eu franzi as sobrancelhas.

— Tzeba? O que você está fazendo aí?

Ele se aprumou e entrou na sala, ainda olhando para os lados.

— Eu quis esperar que vocês entrassem primeiro, os pergaminhos andavam tendo reações um pouco... Estranhas.

Evan se aproximou de uma das prateleiras para tocar nos rolos.

— Estranhas como?

— Eles atacavam quem tentava entrar na sala.

O guardião recolheu a mão na mesma hora.

— Sem motivo nenhum?

— Por nada, uns soltavam rajadas de fogo, outros de gelo. Teve um que criou dentes e correu atrás de mim.

Eu me diverti com aquela visão.

— E por que você não disse antes?

Ele deu de ombros.

— Acreditei que eles não fariam o mesmo com vocês e se fizessem seria só mais uma sessão de treinamento para quem está acostumado com a Thela.

Nisso ele tinha um ponto. O homem fechou a porta e se sentou na mesa ao centro.

— Entrei em contato com o MASPE quando eles começaram a repelir as pessoas, e Fylgiar também não soube dizer o que aconteceu. Até o momento que vieram para Nyêha, eram meros papéis ilegíveis. Na verdade, eles mudaram de tal

forma o ambiente que é a primeira vez que consigo ver o local desde que os manuscritos foram colocados aqui. Aquela porta nem existia.

Evan tomou coragem e pegou um dos pergaminhos, ele fez um breve chiado, mas nada mais que isso. Tzeba suspirou.

— É melhor do que eu esperava. Enfim, vamos trabalhar.

Ele me entregou o cajado meia lua.

— Você é quem vai fazer o feitiço dessa vez, concentre-se na profecia e diga “gnósis”.

Fiz como ele me mandou, pergaminhos por toda a sala começaram a brilhar com um novo símbolo sobre eles, não mais o Alpha, agora era um Ômega.

Tzeba balançou as mãos e os rolos começaram a flutuar até a mesa.

— Essa parte deve dar mais trabalho que a outra, principalmente porque com o acidente de Celen só trabalharemos nós três. Não queremos informações vazando. — Nós concordamos com a cabeça. — Hora de começar a montar o quebra-cabeças, sentem-se.

Ficamos o dia todo naquela sala, Tzeba saiu horas depois e voltou com alguns lanches. Ele tinha razão em dizer que eram mais complexos que os primeiros. Os pergaminhos estavam cheios de feitiços de proteção e mesmo que nenhum tenha nos atacado, era preciso atenção e paciência para acessá-los. Isso sem falar que se uníssemos pedaços errados todo o cômodo chiava com um barulho ensurdecedor.

Já era tarde da noite quando o filósofo olhou para o relógio.

— Olhem só que horas já são! Vamos parar por hoje e daqui para frente vocês devem vir trabalhar dia sim, dia não. Assim não afetaremos seu treinamento, Alys.

Concordei. Na mesa, nem metade do material tinha sido aberto, o que eu via era uma pequena cidade de pedra, o primeiro templo, representada em metal. Nós tínhamos avançado pouco.

Quando estava prestes a sair da sala, um símbolo me chamou atenção. Pisquei algumas vezes, achei que minha vista estava me pregando peças. Na parede perto da porta, uma pequena árvore desenhada.

— Alguma coisa de errado, Alys? — Evan perguntou.

Eu franzi as sobrancelhas.

— Não... É só... Aquele símbolo na parede.

Eu me aproximei e toquei o símbolo, ele prontamente se mudou para um cajado, não era como o meu, tinha duas pedras, uma em cada extremidade. Voltei a tocá-lo. Um pedaço do Lifran da minha mão escorregou para a parede e linhas começaram a surgir. Uma pequena portinhola se abriu. Tzeba observava boquiaberto.

Dentro um pergaminho antigo, de papiro e não metal, estava enrolado cuidadosamente em um pano fino com o mesmo cajado desenhado. No mesmo instante o estudioso se ajoelhou com a mão no peito.

— Tzeba, o quê?

— Eu nunca achei que meus olhos veriam algo como isso, não sou digno de tamanha honra.

Troquei um olhar com Evan, ele estava hipnotizado.

— Evan?

O guardião parecia incapaz de falar.

— Evan? Vocês estão me assustando.

Ele acordou do transe.

— Todos os pergaminhos dessa sala foram escritos por homens comuns, dizem que o Construtor tinha uma equipe de escribas e os relatos dele eram transcritos. Se observar, vai ver que há um selo em todos eles com o símbolo das asas, em um metal que ninguém consegue manipular.

— Ainda não entendi.

— Me deixe terminar. Ele evitava escrever, porque havia tanto poder nele que suas palavras geravam vida ou até morte. Mas lendas relatam que em situações específicas o Construtor preparava documentos particulares que eram guardados de forma especial. Milênios atrás um homem relatou ter um escrito em pedra, outro teve o seu escrito nas paredes. Mas, em todos eles, esse símbolo, nesse metal, aparecia como um selo.

Eu olhei para o rolo de papel nas minhas mãos. Será que era possível que aquele pedaço encardido e sem graça tinha sido feito pelo criador da magia? Tzeba não se levantou.

— Guarde o pergaminho. Se você o encontrou, ele foi escrito pensando em você, em algo que você precisa saber. Nós não somos dignos de tamanha honraria.

Esperei que Evan fizesse alguma piadinha com aquilo, mas o seu silêncio foi o que me fez entender a importância do documento. Se nem ele se sentia digno, só podia ser algo realmente grande. Guardei o rolo na minha bolsa e voltei com meus dois companheiros que não trocaram uma só palavra.



Muito tempo depois, sozinha no quarto, depois de um bom banho e de um jantar reforçado, eu me sentei na janela com as pernas para fora. Abri as asas e peguei o pergaminho. Mesmo sendo o poço da curiosidade, eu esperei, fiquei com medo do que estava escrito.

Uma letra muito caprichosa enchia o papel de símbolos, números, desenhos e frases desconexas que eu não conseguia compreender. Mas havia um trecho, um

pequeno pedaço em meio a tantas informações, escrito na minha língua materna como se fosse um bilhete deixado naquele mesmo dia para mim.

Existiu uma criatura, antes de o homem existir, que se enraiveceu da magia que o homem era capaz de produzir. Usurpador como era, roubou uma semente poderosa que prometia podar o que foi dado aos Poltos. Ele plantou tal grão na raiz da árvore que gerava vida dando existência a uma outra planta. As duas lutavam entre si para sobreviver.

Mas, um dia, o dono da primeira semente voltou para redimi-la e, destruindo a ligação que a segunda planta tinha com a primeira, permitiu que os Poltos voltassem ao que nunca deixaram de ser.

Infelizmente, a segunda planta também gerava sementes, que se multiplicaram e geraram novos confrontos entre a vida e a morte. Por isso, Polto nenhum escapa de travar a sua própria batalha.

Eu fiquei olhando para o pedaço de papel por horas, li e reli. Procurei qualquer ligação por mínima que fosse com o que estávamos vivendo. A única coisa que me parecia clara é que a nossa batalha era antiga, o que dava ao meu inimigo milênios de preparação que eu não tinha.

Pensei nas crianças que tinham perdido as vidas, nos guerreiros espalhados pelo mundo tentando manter tantas outras em segurança. Seja qual fosse a mensagem, uma coisa era clara, minha batalha estava longe de acabar.

CAPÍTULO 18

UMA LEMBRANÇA EM MEIO ÀS CHAMAS

Helix

Esconderijo nas nuvens. Antigo Alasca.

Acordei suando. A lasca do metal no meu peito pulsava. Era o mesmo que tinha todos os dias no último ano. Aquela memória que eu tinha bloqueado não podia mais ser contida por causa dos metais.

Uma multidão gritando na porta. Murros nas paredes, tochas acesas. Minha mãe correndo e me levando por uma passagem secreta, me mandando correr sem olhar para trás. Não consegui obedecer. Na superfície, tempos depois, voltei e vi a casa pegando fogo. O corpo do meu pai estendido à frente, minha mãe deitada ao seu lado. Expressões frias e sem vida.

Era só a recordação do porquê eu não podia parar, a humanidade precisava ser contida e não existia Construtor que pudesse me impedir de fazê-lo.

Com um balançar dedos evoquei o DIM, poucos segundos depois ele me atendeu.

— Senhor? Aconteceu alguma coisa?

— Nada fora do normal — respondi. — Você tem alguma novidade para mim?

— Celen continua no mesmo estado, confuso, não fala coisa com coisa. Não consegui uma informação precisa sobre o que ele pensa do senhor.

Era bem possível que ele ainda estivesse pensando nas lendas, lúdico como sempre foi, Celen tinha dificuldade de enxergar o que era real.

— E a garota?

— Está trabalhando na profecia, o guardião também. A mente dele parece um pouco mais difícil de minar do que a dela. O que falta de autoconfiança nela acaba sobrando no garoto, por isso estou tendo um pouco mais de trabalho, mas em breve devo encontrar o ponto.

— Se apresse, a presença dele é uma complicação para o nosso plano. Ele não deveria ter despertado.

A voz do outro lado falhou.

— Senhor... Como te disse, meu senhor, eu fiz tudo como me ordenou. Não sei como ele conseguiu despertar, todos os feitiços estavam ativos.

— Você já me disse isso, mas ainda assim o maldito intrometido está de volta, desconfio que por interferência interna, mas deixe isso, no tempo certo cobrarei o preço por essa falha.

A respiração do homem ao telefone parou. Eu fiquei satisfeito.

— Há mais alguma coisa que possa aliviar seus erros?

— E... Existe uma possibilidade de que a garota tenha recebido um dos pergaminhos originais.

— Como é que é?

— Ela está com um papiro com “AQUELE” selo.

Eu ergui as sobrancelhas, isso não era bom sinal.

— Monitore ela, tente descobrir o que está escrito e se ela se descuidar, roube o pergaminho para mim.

O homem engasgou.

— Meu senhor, você sabe que isso não é possível, se eu tentar tirá-lo dela, vou ser morto na mesma hora.

— Você é muito inteligente, vai encontrar uma forma em tantos anos de conhecimento.

Um segundo de silêncio.

— Tudo.... Tudo bem, senhor.

Desliguei o telefone. Aquele homem me servia muito bem como espião, mas estava chegando a hora de descartá-lo, sentia em sua voz uma dúvida que não poderia ser tolerada em tempos como este, precisava de homens fortes e ele estava longe de ser um. Sua lealdade era baseada mais em medo do que raiva, não era grande coisa.

Caminhei até a outra extremidade do quarto, até uma prateleira cheia de estátuas, apertei o código entre elas e uma passagem se abriu. Do outro lado, muito bem iluminado, um caminho de paredes de sal me levou até o espelho de água.

— O que acontece, Helix?

A voz ecoou na caverna. Eu fiz uma reverência.

— Tudo estava correndo como o planejado, mas estou identificando algumas mudanças que podem ser problema, meu mestre.

— De que tipo de mudanças estamos falando?

— A garota não me parece a mesma depois que saiu da floresta, você tinha me dito que se ela saísse, o que era pouco provável, estaria mais frágil. Não foi o que presenciei. E nosso enviado está tendo dificuldades de minar a mente dela depois disso, ele acha que é por causa do guardião, mas não é.

O reflexo borrado tremeluziu.

— Ele resolveu interferir, provavelmente descobriu que estávamos investindo em derrubar a garota antes do resto do mundo.

Eu me mexi incomodado.

— Mestre, você me disse que ele nunca interferiria.

A voz dele ficou mais ríspida, cuspiu as palavras.

— E não o faz, somente quando resolve usar alguém a seu favor — concordei. — Vou preparar algo que comprometa até mesmo a ajuda que ela está recebendo, tenho algo em mente já. Quanto a você, fique em alerta, logo te indicarei uma nova criança.

— Sim, mestre.

Reverenciei e voltei aos meus aposentos. Eu precisava dormir se tínhamos outro ataque marcado, aqueles rituais estavam sugando mais energia do que eu tinha previsto.

Antes, porém, evoquei a foto que tinha criado com minhas próprias memórias. A casa pegando fogo. Eles iriam pagar.

CAPÍTULO 19

A FESTA DAS FLORES

Alys

Ano 1 pós segunda lua. Ano 2034 na contagem geral.

A semana seguinte foi uma mistura de treinamentos intensos, dias inteiros na sala dos pergaminhos e breves visitas ao meu avô que parecia não melhorar. Nenhum ataque foi reportado, mas ninguém ficou tranquilo, todas as vezes que Helix se calava, causava mais medo.

Com as mudanças da duração dos dias, agora tínhamos duas festas das flores por ano e a primeira se aproximou mais rápido do que esperava. Sair de Nafh'ta para uma festa nesta altura do campeonato não era meu projeto, tentei convencer Evan que ficar e treinar era melhor, mas nem Kyer quis me apoiar. Segundo eles, nós precisávamos fazer aliados, ainda existiam muitos que não nos apoiavam abertamente.

Eu continuava achando que confiar em mim para essa tarefa era um erro.

Nossa viagem até a floresta foi sem muitas complicações. Um grupo pequeno de guerreiros nos acompanhou, assim como Laiza, Kyer e uma Thela pouco confortável em ter que deixar a cidade. Minha avó ficou para assumir a segurança de Nafh'ta e Celen ainda não tinha condições de viajar de portal. Aliás, meu avô parecia ter poucas condições para qualquer coisa.

Fomos recebidos por um guerreiro mais animado do que os que vieram da última vez. Os olhos dele tinham mudado, agora se pareciam com as pedrinhas do chão, aquelas que eram como pequenas constelações.

Não tive tempo nem de apreciar as novas mudanças causadas pelo Alpha. Logo que chegamos Evan resolveu me levar para treinar no alto de uma montanha. O ar pesado me deixava mais lenta, mas o lugar facilitava meu acesso à energia draconiana. O guardião lançou um feitiço, eu absorvi a energia e devolvi duas vezes maior. Ele precisou ser rápido para se desviar.

— Está começando a ficar divertido treinar com você, antes eu precisava me conter mais.

Balancei as mãos e derrubei uma árvore sobre ele. O guardião pulou longe.

— Se você derrubar mais alguma árvore, a chefe Tâima vai nos expulsar da floresta.

— Essa árvore já estava quase caindo, a raiz está morta... Posso ver pelas linhas mágicas.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Você anda treinando a herança da sua família, não é? Seus óculos nem estão ativos para que veja as linhas...

— Andei me aperfeiçoando, não consigo ver sempre, mas com toda a energia draconiana fica mais fácil.

— Vamos ver até onde isso será útil.

Ele transformou a espada em um tipo de ceifa, depois começou a evocar animais de Syfar, eram muitos e para me defender precisei usar mais energia do que tinha me permitido acessar até então.

Não foi uma boa ideia. Eu poderia ter parado, mas não queria admitir que estava passando dos meus limites e continuei estraçalhando os animais. Embora o guardião dissesse que não tinha problemas com a sua nova forma de enxergar, que era como ele chamava sua parcial cegueira, eu já tinha identificado as mudanças que ele fez na sua estratégia de batalha. Era menos ofensivo agora.

Não que isso me desse muita vantagem, ele continuava sendo um adversário implacável. Certa hora, um tipo de felino me encurralou e enquanto me livrava dele um outro atacou fazendo um longo corte no meu braço. Em algum lugar ouvi Evan rir.

Uma raiva que não era minha ferveu meu sangue. Virei como um bicho, meu cajado partido em dois, agora tinha lâminas negras de alpha nas pontas e eu saí cortando tudo que vi pela frente. Só parei quando o próprio Evan interferiu, colocou a foice segurando as minhas lâminas e parou a centímetros do meu rosto.

— Lys?

Eu vi meu reflexo nos olhos esbranquiçados dele. Não parecia eu, tinha algo brutal. Os olhos queimavam em vermelho como eu nunca tinha visto. Em geral, meus olhos ficavam lilases e não vermelhos.

— Lys, você está bem?

Sacudi a cabeça, os pensamentos clareando.

— Eu... tô... tô sim, só acho que por hoje está bom, não é? Precisamos descansar para amanhã e já está quase anoitecendo.

Ele concordou, mas no caminho silencioso de volta, vira e mexe me dava uma olhada, provavelmente pensando em que monstro eu tinha me tornado enquanto ele dormia. Aquilo não era novidade, eu estava sendo consumida pela energia dos dragões.

Mais tarde, no quarto reformulado pelos nativos, saí de um banho demorado e caí na cama. Achei que seria impossível dormir, engano meu, em segundos eu estava absorta em imagens de um sonho turbulento.



Eu era um garoto. Um pequeno observando uma casa em chamas. Mas não era só ela que queimava, eu queimava junto de raiva.

Na frente da casa havia dois corpos, dois adultos com sinais de luta. Não precisava me aproximar para saber que estavam mortos. Uma multidão caminhava para longe, ainda carregando as tochas. *Ninguém daria a eles nem mesmo um enterro digno?* Era só o que eu pensava.

As lágrimas escorriam dos meus olhos. Meus pequenos punhos cerrados, minhas pernas incapazes de se mover.

Um homem se aproximou, eu não o conhecia. Parecia triste. Seus olhos brilhavam como o fogo à nossa frente. Ele passou a mão sobre os cabelos da mulher, depois fechou os olhos do homem. Eu me mantive escondido.

Ele cavou dois buracos com magia. Depois conjurou panos brancos e os enterrou. Uma chuva fina começou a descer, embora fosse tão simplória, o fogo que ardia a madeira começou a ceder. O cheiro de queimado tomou o lugar.

O misterioso homem virou as costas e partiu. Eu fiquei ali até amanhecer, olhando para os montes de terra, uma hora o desespero bateu e eu chorei, até que meu peito doeu.

Senti uma mão tocando meu ombro, era como de um esqueleto coberto por pele verde.



Acordei suando frio. Meu corpo tremia. Eu tinha voltado a ser só Alys. Estava deitada no quarto preparado na grande floresta. Só a luz da lua entrava pela varanda. Sequei a testa com as costas da mão. Tinha sido um sonho tão vívido que precisei de tempo para me convencer que não era mais o garoto.

Nem as rajadas de água fria que joguei no rosto apagaram a imagem que eu tinha nos olhos, das chamas queimando e das mãos ossudas. Saí na varanda e abri as asas. No topo de nossa pequena casa, no telhado arredondado, tinha um espaço pequeno. Voei até ele e me sentei. Servia perfeitamente como uma varanda privada e eu podia observar a beleza da floresta sendo banhada pela lua enquanto os metais faziam danças com as cores.

Eu não sei se foi cinco minutos ou horas, mas fiquei ali, pensando em como a minha vida tinha se tornado uma bagunça de coisas que eu nem sequer acreditava

que existiam até pouco tempo atrás. Sentia falta do meu pai, dos fins de semana com a vó Anna, agora tão cheios de obrigações com a profecia.

Eu tinha quantos anos mesmo? Dezoito? Minhas costas pareciam carregar oitenta.

— Você devia saber que se quer privacidade, o alto da casa não é o melhor dos lugares.

Evan se sentou ao meu lado, sabe-se lá vindo de onde. Claro que eu quase caí de susto. Por que será que todo lugar que eu conseguia um pouco de paz brotava gente do chão para atrapalhar?

— Você anda me vigiando?

— Eu não preciso disso, os metais me avisariam se você estivesse em perigo. Só... Perdi o sono e parece que tive a mesma ideia que você.

Cerrei os olhos.

— É mesmo?

Ele deu de ombros.

— Pensei que poderíamos aproveitar essa tranquilidade para fazer algo que nunca fazemos.

— Que seria?

Ele me olhou por uns segundos.

— Conversar...

Eu dei um risinho.

— A coisa que mais fazemos desde que você acordou é conversar, Evan! Te contei um ano em uma madrugada.

— Não estou falando de fazer relatórios, Lys, você me deixou a par de tudo que aconteceu no mundo, mas falou muito pouco do que aconteceu aí dentro.

Ele apontou para o meu peito. Eu mexi no colar que continuava pendurado, o mesmo que de alguma forma denunciou que ele ainda estava vivo no dia da primeira lua.

— O colar continua bem, ainda não o quebrei então você está seguro.

O guardião cruzou os braços. Eu olhei o horizonte.

— Sobre o que você quer saber?

Ele relaxou um pouco.

— Como você está lidando com tudo isso, quer dizer, eu sei que você tem feito um bom trabalho com o treinamento e até, vejamos, com a política. Mas você descobriu que tem um avô dragão e que sua avó não é a pessoa que pensava. Seu melhor amigo vive tentando impedir que o mundo entre em guerra e suas asas são a coisa mais legal e bizarra que existe. E se isso tudo não fosse muito pra digerir, você perdeu seu pai daquela forma, teve acessos de magia e lidou com tudo isso sozinha. Ninguém faz isso com tranquilidade...

Se ele soubesse, pensei.

— Eu... Tô bem.

Ele se calou por um tempo, olhando para o horizonte. Depois voltou a falar.

— Eu entendo que você pense que tem que ser forte para todos, que se cobre. Mas precisa se lembrar que o meu trabalho... Mais que trabalho, minha motivação, a razão porque o Construtor não me deu passagem, é que eu estou aqui para ser forte para você.

Ele continuava com os olhos fixos.

— Se você quiser conversar, sabe onde me encontrar...

O guardião começou a se levantar. Eu apertei o colar.

— Evan...

Ele se acomodou de novo, tentando esconder um sorrisinho torto, eu devia ter percebido.

— Sim?!

— Você viu meus olhos mais cedo?

Ele ficou sério.

— Eu sempre vejo seus olhos, o que tem com eles?

Cruzei os braços.

— Você sabe o que eles significam, não é?

— Além de que você brava é quase um dragão completo?

Suspirei.

— A magia dos dragões não funcionou, não por completo.

— Não acho que seja o caso.

— Como não?! Você não viu que continuo tendo acessos de magia? Como o que tive no Dia da Primeira Lua...

Ele balançou a cabeça.

— O que eu vi foi você aprendendo a dominar todo esse poder, é claro que não dá certo sempre. Mas é um processo, ou você achou que eles iam te tornar um super dragão em um passe de mágica?

Eu baixei a cabeça.

— O problema não é o poder, Evan, eu estou perdendo o controle sobre mim, perdendo a consciência.

Evan franziu a sobrancelha.

— Lys, você precisa entender que nós somos dotados de magia, mas ela está subjugada ao nosso domínio. Nenhum poder draconiano vai te tirar a consciência.

— Mas... Ele está fazendo isso...

— Só porque você pensa que ele pode fazer isso, mas ele não pode... Da próxima vez diga quem manda, pare de ter medo de usar seus poderes e controle

cada um deles com toda habilidade que nós dois sabemos que você tem.

O guardião suspirou.

— Não tô dizendo que sua preocupação é vazia, você não está doida, se é o que está pensando. Só estou dizendo que ainda te falta um pouco de fé em si mesma, não adianta o mundo inteiro começar a acreditar se você mesma não fizer isso. Já te disse uma vez e vou repetir: você precisa tomar as rédeas que tiraram de você, fez um excelente trabalho nos últimos meses, treinou e enfrentou muitas coisas sem o mínimo treinamento, mas ainda precisa aperfeiçoar.

— Não resolvi nada nesse tempo, Evan, Helix continua atacando, meus poderes continuam descontrolados e deixei que Celen se ferisse. No máximo eu me mantive viva.

Ele riu de forma sarcástica.

— Lys, com a sua facilidade de entrar em encrenca, ter se mantido viva é a maior vitória de todas essas coisas.

Mostrei a língua para ele. Ele passou o braço pelos meus ombros, me abraçando.

— Você precisa parar de achar que tudo depende de você, por que seria sua culpa o que aconteceu com Celen? E como você poderia parar Helix se não se preparando para a próxima lua? E já te disse que seus poderes não estão descontrolados, se estivessem, eu saberia!

Funguei.

— A profecia diz que eu preciso...

— Cuidar dos metais e garantir que as luas entrem em órbita. A primeira está bem ali no céu, emanando uma nova chance aos humanos de voltarem a ser quem eles nunca deveriam ter deixado de ser. E você fez isso sem treinamento nenhum, o Construtor fez uma boa escolha com você.

Levantei as sobrancelhas.

— Um elogio? O que você tá querendo?

Ele riu.

— Nunca disse que você não era a melhor escolha Dele, você é que não enxerga o que é!

Olhei para as luas no céu, o tom arroxeadado que as noites agora tinham dava mesmo um ar mágico para a floresta. Evan começou a se levantar.

— Eu sei o que você precisa agora, tive uma ideia boa.

— Tenho medo das suas boas ideias...

— Essa foi originalmente de Raszen.

— Agora eu fiquei tranquila, com toda certeza.

— Lembra que na última festa das flores ele queria te levar em uma cachoeira famosa na floresta?

— Hum...

— Vou te levar em uma que é quase secreta, está sob forte proteção, mas vão deixar nós dois entrarmos.

Eu fiquei de pé, batendo a mão no pijama para tirar a fuligem.

— Evan, são quase cinco da manhã, daqui a pouco você vai querer treinar, nós precisamos dormir.

— Considere parte do seu treinamento, um pouco de diversão não vai fazer mal.

Dei um passo para trás.

— Quem é você?

Ele sorriu com os olhos.

— Aproveite que estou com bom coração hoje, isso só acontece uma vez a cada dez anos.

O guardião conjurou sua moto, já com algumas melhorias e eu abri minhas asas, voar me faria bem, afinal.



Foi um trajeto pequeno, uns quinze minutos talvez, ou não vi o tempo passar com ele me contando de um filme que ia lançar na próxima semana. Algo tão banal que chegava a ser precioso.

Chegamos até uma parte mais fechada da floresta. Quando aterrissei, pelo menos uns vinte guerreiros me cercaram, precisaram de uns segundos para nos reconhecer e baixar suas lanças. O líder deles, um homem animalesco que devia ter três vezes minha altura, fez uma reverência.

— Elemental e guardião, é uma honra! A que devemos essa visita? Aconteceu alguma coisa? Algum risco para as crianças?

Eu que nem sabia onde estávamos indo, olhei alarmada para Evan. Ele desfez a moto.

— Ritô, é um prazer revê-lo. Perigo nenhum, apenas achei que seria uma boa experiência que a Elemental participasse da cerimônia do amanhecer e que talvez as crianças gostariam da companhia.

O guerreiro relaxou os ombros.

— Ah sim, claro!

Abriu um espaço atrás de si, fez um símbolo no ar com sua lança e um portal apareceu. Era uma fenda na verdade. Do outro lado uma clareira, o sol começava a despontar misturando o laranja com o roxo da noite.

No centro uma imensa cachoeira em arco íris, a água cristalina descia ganhando reflexo de cores e quando chegava ao bolsão criava formas que brincavam com cerca de dez crianças.

— Evan, quem...?

— É a próxima geração de protetores da floresta. Uma vez por semana elas vêm para o que chamamos da cerimônia do amanhecer.

— A próxima geração só tem dez crianças?

— É a maior leva de crianças desde sempre, Alys, na época da chefe Tâima, ela foi a única que nasceu em cinquenta anos.

Eu escancarei a boca.

— Como eles conseguem proteger a floresta?

— Eles vivem bastante e dedicam suas vidas a isso, mas desde que despertamos, existe mais esperança. As gestações aumentaram, mas são tratadas em segredo e proteção total, em especial por causa de Helix.

Pensei um minuto.

— Por que você me trouxe aqui?

— Porque você precisava ver o resultado do que estamos fazendo, ver o que realmente importa.

Não pude pensar muito sobre, as crianças perceberam nossa presença e tudo se resumiu em um mutirão de abraços molhados e pulinhos de alegria. Passei as próximas horas brincando com elas, o nascer do sol tornou a água ainda mais brilhante e o Lifran dançava alegremente no meu corpo.

Muito tempo depois eu despenquei na cama, exausta e mais alegre do que me lembrava de ter me sentido desde que tudo aquilo tinha começado.

Às vezes, Evan era uma boa companhia afinal.

CAPÍTULO 20

PRÍNCIPE MAHU

Já era fim de tarde quando entrei no salão de reuniões do chalé principal. Laiza estava lá, como sempre, empilhada em papéis e DIMs.

— Você tem uma reunião importante hoje, Alys.

Funguei, eu continuava odiando essas reuniões surpresa, mas a elfa ignorou meu desconforto.

— Ele é um príncipe e não é um qualquer.

Ergui as sobrancelhas. Esse negócio de príncipe me incomodava, convenhamos,

meu parâmetro era o Raszen. Ela continuou:

— É líder de um povo que não se misturou com as outras raças. Que pouco conviveu com o

resto do mundo, mas que é muito forte. Precisamos da ajuda deles.

— E isso depende da minha capacidade de levar essa reunião bem? Você sabe que isso não é

uma boa ideia, né?

Ela balançou a cabeça.

— Só se esforce, ok?

Como se eu já não fizesse isso!

— Como eles são?

— Não tenho certeza.

Coloquei as mãos na cintura e fechei a cara para ela.

— Que língua eles falam?

— A nossa, Alys, eles também utilizam do tradutor universal.

— Laiza, você nunca viu um deles, não é?

Ela me olhou de canto de olho.

— Isso não faz diferença...

Minha voz saiu um pouco mais fina.

— Como não?

Antes que ela respondesse, alguém bateu na porta. Minha amiga parou o que fazia, arrumou as próprias vestes e me deu uma olhada reprovadora. Eu gostava cada vez menos daquele papo de príncipe.

Quando ela abriu a porta, eu não contive uma exclamação de surpresa. Era um comboio pequeno, somente três seres. O primeiro deles, que andava um passo à frente, se aproximou da elfa e lhe beijou delicadamente a mão.

— Senhorita Laiza, a mestra das poções, eu suponho?

Eu fiquei meio desconcertada, aquela era uma forma bem antiquada de dizer “oi”. Era isso ou a aparência deles. Eram alguma coisa entre um leão e um ser humano, como grandes gatos, mas os olhos eram de cobra.

Laiza se curvou.

— Príncipe Mahu, é uma honra. Imagino que já saiba o motivo da ausência de Celen.

— Sei, espero que logo isso se resolva.

— Nós também.

Embora eles se vestissem com roupas comuns, os pequenos detalhes demonstravam a importância do Príncipe em relação aos outros. Os detalhes avermelhados na gola e nas mangas. As pequenas plaquinhas em forma de presas penduradas na camisa. Antes que se dirigisse a mim, Mahu tirou a longa capa felpuda revelando uma aparência ainda mais assustadora.

Além dos músculos e da imagem aterrorizadora de uma grande besta felina, ele tinha uma longa calda bifurcada que queimava com chamas azuis. Com um balançar de mãos, fez com que a capa desaparecesse.

O príncipe ajoelhou-se na minha frente, seguido pelos dois guardas. Cada um deles ergueu o punho direito e chamas azuis tomaram conta de suas mãos. Quando estavam prestes a bater com os punhos no peito, o líder fungou e olhou abruptamente para trás. Um segundo e nada aconteceu. Mais um milésimo de segundo e um quarto guerreiro apareceu na porta.

A expressão do líder era tão dura, que eu teria começado a correr se a raiva dele fosse direcionada a mim. O guarda, no entanto, parecia tranquilo, tirou a capa rapidamente e se ajoelhou ao lado dos companheiros. Eles ficaram se encarando por um momento e eu me questionei se eles conseguiam se comunicar mentalmente.

O líder voltou à sua posição e os quatro bateram os punhos flamejantes no peito.

— Elemental!

— Ehh... Príncipe Mahu, não é? Levante-se, por favor, não é necessária toda essa formalidade.

Agora eu conseguia vê-los melhor. Eram todos felinos com caudas bifurcadas e flamejantes, seus uniformes não tinham detalhes especiais a não ser a marca de uma grande pata de fogo no peito. O guerreiro que tinha chegado

atrasado era o mais alto dos três e mantinha o nariz torcido. Foi ele que quebrou o silêncio sussurrando:

— “Nem tinha motivo para me ameaçar daquela forma”.

O companheiro ao lado, que tinha mais armas presas no corpo do que eu julgaria possível, deu-lhe um chute no tornozelo. Ele continuava olhando para frente quase sem piscar, na tentativa de disfarçar. O companheiro, no entanto, não tinha a mesma ideia.

— “Qual é? Por que fez isso?”

O terceiro guarda balançou a cabeça e suspirou.

— Fica quieto, Rah!

O príncipe olhou para trás e os três se calaram e endireitaram o corpo. Pareciam três estátuas.

— Peço desculpas pela indiscrição dos meus guardas, minha senhora...

“Minha Senhora...?” Eu queria ter a ligação mental com Laiza para confirmar se ele não estava querendo me ofender. Mahu não pareceu notar meu incômodo.

— ... Rah, Thao e Zama nunca estiveram em Nafh'ta e por isso estão um pouco exaltados.

Rah voltou a sussurrar ainda mais baixo.

— Isso ou o Hidromel que tomamos no caminho...

Eu segurei o riso e resolvi seguir com a conversa, antes que o príncipe matasse aquele guarda.

— Não se preocupe com isso. Nós estamos em um ambiente amigo, não é mesmo? Sentem-se por favor.

Mahu se dirigiu aos guardas.

— Vocês podem me esperar lá fora. Montem vigia e não se distraiam, embora estejamos em terreno neutro, não estou disposto a arriscar.

O guerreiro das armas, chamado Thao, levantou a palma da mão ao peito.

— Qual o protocolo, Senhor?

— O X1it.

O guerreiro nos olhou de relance.

— Tem certeza que quer a proteção do perímetro todo? Sabe que enfraquecerá a proteção individual que fazemos do senhor.

— E que sentido tem proteger a mim e deixar o resto das pessoas vulneráveis? A guerra pode cobrar seu preço, Thao, mas ele não pode ser mais alto do que nossos valores. Proteja o perímetro como ordenado.

— Sim, senhor.

— E você, Rah, espero que seu deslize não volte a acontecer, ou contarei àquela salamandra tudo que você fizer nessa viagem, acredito que você desejará ter

tido que lidar comigo em vez dela.

O guerreiro abriu a boca, para em seguida fechá-la sem dar uma palavra. Não sei quem era a tal salamandra mas pela expressão dele, devia ser alguma parente distante da Thela. Os três guerreiros saíram pela porta, não antes que eu visse Thao clicando freneticamente na palma da mão.

— Se formos atacados por mais de cinquenta inimigos, não vamos conseguir protegê-lo, tem muitas pessoas no perímetro.

Zama colocou a mão sobre o ombro do amigo.

— Quanto mais, melhor! Se estiver com medo é só deixar comigo. — Balançou perigosamente a arma que trazia consigo. — Minha espada derramará o sangue de todos eles.

Rah foi quem fechou a porta, enquanto se lamentava.

— Não sei porque ele me trouxe, nunca fui tão humilhado...

Eu não consegui mais segurar o riso. Se Evan estivesse ali já teria engasgado com as pipocas. Falando nisso, por que ele não estava presente? Era hora de fazer política e eu odiava ter que lidar com isso.

— Príncipe, espero que sua presença aqui seja um sinal de que pretende voltar a se sentar no conselho.

Laiza foi tão direta que até me assustei. Então, era dele a cadeira que sempre aparecia vazia nas reuniões. Mahu juntou as mãos.

— Estamos caminhando para isso, Laiza, a senhorita precisa compreender que essa decisão contraria o que foi determinado por meu povo centenas de anos atrás, além, claro, de nos colocar em risco direto dos ataques do Zmora.

Eu estreitei os olhos.

— Todos já estamos em risco só pela existência dele, se abster de resistir pode ser pior.

Os olhos do leão brilharam.

— Sei disso mais do que ninguém. Mas temos crianças que se tornariam alvos fáceis, já recebemos ameaças inclusive.

Laiza endureceu a expressão.

— Ameaças?

— Acho que o Zmora soube que viríamos, mandou alguns lacaios. Mas nós não estamos preocupados com isso, não sou um homem dado a me dobrar às ameaças. Minha questão está mais com o conselho.

Eu me ajeitei na cadeira.

— O que tem eles?

— Você sabe por que nos ausentamos do pleito?

Laiza pigarreou. Mais coisas que não me contavam... Que maravilha.

— Acredito que eu deveria saber, mas infelizmente não sei. Conte-me por favor.

Ele cruzou os braços.

— Existia uma lei que impedia que qualquer um com a linhagem de uma bruxa ou Zmora obtivesse ajuda da aliança. Um pequeno garoto precisou de socorro, pessoas haviam colocado fogo em tudo que eles tinham, além de matar seus pais, acusando que eles tinham envenenado as águas do vilarejo. O conselho se recusou a ajudar, fomos os únicos a votar a favor.

Eu escancarei a boca.

— Quanto tempo faz isso? Quem era o chefe do conselho?

— Uns trezentos anos, Celen era o líder.

Meu coração parou. Como que logo Celen não havia votado a favor, nem minha avó? Laiza interrompeu timidamente.

— Em defesa deles, sei que Celen tentou ajudá-lo sem que o conselho soubesse, mas a criança já havia sumido.

Ela olhou para mim.

— Eles não podiam arriscar que fosse uma armadilha, Alys, eram tempos estranhos e todo mundo tinha muito medo.

— E por isso abandonaram uma criança à própria sorte? Você, mais do que ninguém, deveria repudiar o que fizeram, Laiza.

Ela empinou o nariz.

— Não disse que eles estavam certos, falei? Só que tinham seus motivos. E seus avós ainda precisavam se esconder, é algo mais complicado de entender quando não se viveu.

O príncipe continuava inexpressivo. Eu respirei fundo.

— Não podemos te garantir que o conselho jamais faria algo parecido, o que posso afirmar é que nem eu, nem o guardião concordaríamos com tal atitude, fosse qual fosse a consequência. Nós juramos que protegeríamos as pessoas, isso não vai mudar.

— Até as pessoas que parecem não merecer ser protegidas?

— Não costumo abrir exceções.

Ele balançou a cabeça. Eu funguei.

— Me desculpe, Príncipe Mahu, se vou ser grosseira de alguma forma, mas se abster das decisões do conselho também não mudará muita coisa. A guerra vai chegar em vocês, mais dia menos dia, e eu decidi que mesmo que muitos conselheiros sejam mesquinhos e orgulhosos, meu lugar é lutando para mudar a realidade e não me escondendo deles.

O grande leão fixou o olhar em mim.

— Pois bem, acredito em você.

Cortou um pedaço da própria garra de metal e entregou a Laiza.

— Nós vamos voltar ao conselho e faremos o juramento da profecia amanhã junto com os outros.

Eu tentei não transparecer alívio por não ser atacada pela minha petulância. Antes de sair, ele beijou a minha mão como fez com Laiza. Evan entrou bem nessa hora, não teria me causado nenhum desconforto se não fosse a expressão dele. O príncipe não pareceu notar.

— Me disseram que você era apenas uma garota perdida em meio a uma profecia, fico feliz de ter sido surpreendido com alguém que sabe o que está fazendo.

Eu sentia os olhares em nós, o de diversão de Laiza e o de outra coisa que eu não sabia o que, vindo de Evan.

— Ahh... Obrigada!?! Espero que amanhã possamos contar com o senhor.

— Tem minha palavra.

Ele passou pela porta sem nem cumprimentar Evan, isso sim era algo novo, em geral ninguém ignorava o guardião. Os Elfos começaram a servir o jantar e as pessoas foram chegando antes mesmo que nós disséssemos alguma coisa. Quando nos sentamos à mesa, Laiza, que não tinha tirado o sorriso de deboche da cara, insinuou.

— Evan, acho que devemos mandar Alys em mais reuniões sem você. Parece que os príncipes estão mais propensos em acreditar nela quando você não está por perto.

Ele ficou calado por um tempo, eu foquei no meu prato, não entendi qual era daquela provocação toda.

— Só porque ela não colocou fogo em um país em sua primeira reunião?

Eu engasguei. Laiza riu. Olhei furiosa para ele, com os olhos ardendo.

— Obrigada pela fé que tem na minha capacidade, principalmente de sair de situações constrangedoras quando não me contam as burradas que o conselho fez centenas de anos atrás.

Ele franziu a sobancelha.

— Do que você está falando?

Contei a história a ele entre cochichos, Laiza não parecia mais disposta a participar da conversa. Evan trocava o olhar de mim para ela.

— Alys, você percebe a semelhança com o sonho que me contou ontem?

Um raio me atingiu.

— Eu não tinha pensado nisso. Será que tem alguma ligação?

— Não sei, mas vamos investigar e quando voltarmos para Nafh'ta acho que Celen vai precisar se explicar, como espera que a gente consiga aliados sem o mínimo de conhecimento?

Eu levantei as mãos.

— Bem-vindo ao meu mundo!

CAPÍTULO 21

NOVAS MENTIRAS

Foi uma estadia diferente. Sem Celen, tinha muita gente para receber e mais negociações que dependiam de mim. O próprio príncipe Mahu trouxe um ou outro conhecido para falar sobre a profecia e parecia bastante convencido a nos ajudar.

Na noite seguinte, porém, era o despertar das flores de Nenúfar, e eu estava exausta quando terminei a última reunião. Minhas vestes cerimoniais foram melhoradas com símbolos do alpha e as de Evan pareciam ter um brilho diferente. Quando nos sentamos no pequeno barco para partir, ele me deu uma olhada de canto de olho.

— O que foi? — perguntei.

— A mudança nos meus olhos não me incomoda na maioria do tempo, exceto em momentos como esse.

A forma positiva que ele vinha enfrentando sua falta parcial de visão me impressionava todos os dias, mas fiquei um pouco triste, era em parte minha culpa. Tentei manter o bom humor.

— Não se preocupe, conferi as anotações de Laiza uma porção de vezes, todos os elementos essenciais e cores estão nos lugares certos, tanto nas minhas vestes quanto nas suas.

Ele riu.

— Certo.

Tinha menos gente do que na última festa. Não que tivéssemos perdido apoio, eu acho, era mais medo de estar no centro das atenções enquanto Helix parecia conseguir entrar em qualquer lugar. Até por isso a proteção estava reforçada.

Poucas das pessoas que já tinham feito seu juramento e manifestado seu apoio estavam presentes, na maioria, eram caras novas.

E as caras conhecidas eu preferia não ver. Parte do conselho estava na festa, aquela parte que me olhava como se eu fosse um tipo de vírus nojento e, pela primeira vez em meses, vi os pais de Evan. No meio de toda confusão, eu não me lembrei deles, não perguntei ao guardião se eles tinham se falado, mas de uma

coisa eu tinha certeza, em nenhuma das reuniões eles apareceram. Nem naquela que era para ser um funeral.

O garoto me deixou junto com nossos amigos e foi até a mesa dos pais, era visível o desconforto das duas partes. Não tive muito tempo para tentar decifrar, Bririan se sentou à minha frente.

— Alys, você está muito bonita.

— Você também, princesa, como sempre.

Ela baixou o tom de voz.

— Precisamos conversar, estamos tendo problemas na união dos povos.

Problemas, a coisa que eu mais ouvia nos últimos tempos.

— O que aconteceu?

— Alguns Zmoras pediram reunião com líderes de povos mágicos.

Eu levantei as sobrancelhas.

— E eles foram? Mesmo com o risco de serem mortos e o ataque às crianças?

— Aí que está a questão, eles começaram a espalhar rumores...

Ela olhou para os lados. Kyer se sentou, Laiza e Thela logo atrás.

— Tudo bem, princesa?

— Não muito, conselheiro.

Meu amigo parecia mais velho do que Celen.

— O que houve dessa vez?

Salyn também se juntou ao grupo seguido de um Evan com o semblante duro como pedra. A ninfa esperou que todos se acomodassem.

— Pois então, os Zmoras começaram a visitar vilas, espalhando rumores e levantando dúvidas.

Ela falava tão baixo que nós precisávamos quase fazer leitura labial.

— Estão dizendo que não é o Helix que atacou as crianças. Veja bem, o que aconteceu no MASPE vazou e eles estão falando para as pessoas que os ataques vêm de gente do conselho, são humanos tentando colocar os seres não humanos uns contra os outros.

Eu preendi a respiração. Evan juntou ainda mais as sobrancelhas.

— Isso não é bom!

Thela cruzou os braços.

— Como eles podem acreditar em algo assim?

O conselheiro Uriah passou pela nossa mesa, empinou o nariz e se juntou à família de Evan. A princesa se virou para Thela.

— O que é que você estava dizendo?

A elfa torceu o nariz. Eu cerrei os olhos.

— Como está a situação?

— Delicada. Por isso, eu e Salyn resolvemos pedir reuniões com os mesmos chefes, vocês não podem parar para isso.

— Não é arriscado? — Kyer perguntou.

Salyn bateu os punhos.

— Nós não estamos preocupados com isso.

Thela interrompeu.

— Vou com vocês!

Kyer balançou a cabeça.

— Ficou maluca? Você é chefe de toda proteção de Nafh'ta. Alys precisa da sua proteção.

Ela cruzou os braços.

— Na verdade, não precisa, se vira muito bem sozinha e tem o guardião de volta.

— Nem pensar, Thela, não vou autorizar, pode esquecer.

Ter que obedecer não era uma paixão para a elfa, mas responder a um garoto humano fazia com que ela preferisse engolir ácido. A guerreira respirou fundo.

— Tudo bem, mas posso preparar um destacamento pelo menos?

Foi Bririam quem respondeu.

— Não! Se chegarmos com uma dúzia de guerreiros seremos mal vistos, acho melhor que sejam só os Igrots mesmo, Thela. Agradeço pelo seu zelo.

Na minha opinião, aquilo não era por se preocupar, desde que Evan acordou, ela aproveitava qualquer oportunidade para se manter longe. Não que o guardião tivesse dito alguma coisa sobre as tentativas dela de desligar os aparelhos, para ele era só o cumprimento do dever da elfa. Ao que parecia, ela que não tinha compreendido.

Depois de acertados os detalhes da missão, nós tivemos que participar da festa de verdade. Eu dancei com meia dúzia de líderes, cumprimentei dezenas de pessoas e, ao fim da noite, fui chamada para um novo discurso.

Se na primeira vez eu estava em pânico, nessa a situação era pior. Um branco total tomou conta do meu cérebro e meu coração começou a palpitar. Evan, que estava ao meu lado, me deu uma leve cotovelada. O discurso saiu, meio sem tom, mas foi o suficiente. As flores começaram a abrir, agora pintadas também pelo metal alpha. Um aroma doce tomou conta do ar.

Logo a música voltou a tocar e as pessoas se distraíram, meus amigos sumiram de vista e assim que julgamos seguro, eu e Evan voltamos para casa. Levei um susto quando encontramos Bririam e Salyn plantados à nossa porta. As vestes trocadas e os semblantes preocupados.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei.

Eles se entreolharam. Salyn pigarreou.

— Queremos te levar a um lugar. Achamos que vocês podem conseguir boas informações, mas evitamos falar mais cedo por uma questão de segurança.

— E já que ninguém pode saber sobre isso ou vocês podem ter problemas, é melhor que nem Kyer tenha conhecimento.

Evan estralou os dedos e já vestia os trajes de batalha.

— Onde vamos?

— À tribo das bruxas do sul.

CAPÍTULO 22

VELHAS HISTÓRIAS

No primeiro instante, eu achei que eles tinham ficado malucos, como assim existiam tribos? As bruxas não eram raras? Não vivam isoladas? Foi Salyn que me explicou.

— Elas vivem escondidas há muito tempo, muitas ainda peregrinam isoladas, mas existem grupos que se uniram. Acredito que graças à sua amiga Laiza, Celen tenha tido conhecimento sobre isso, mas sabendo dos riscos preferiu não repassar ao conselho.

Eu escancarei a boca.

— Ele podia fazer isso?

Evan deu de ombros.

— Não, mas fez e se eu conheço seu avô, fez bem. Ele deveria saber o risco que elas correriam se o conselho soubesse onde encontrá-las.

Fazia sentido. Nós caminhamos por um bom tempo, até chegar diante de uma grande rocha cortada em fenda. A ninfa tocou a pedra e um tipo de portal se abriu. Do outro lado, me surpreendi mais um pouco, achei que íamos para o meio do mato encontrar mulheres maltrapilhas, talvez até vivendo em cavernas. Mas não. Era uma cidade, muito bem estruturada mesmo que pequena. Naquele horário da noite estava deserta.

Um grupo pequeno nos aguardava e eu percebi alguma semelhança com a minha amiga. A magia em torno delas era diferente, algo brutal e doce ao mesmo tempo. As linhas Ley faziam padrões bem diferentes do normal, como nó torcido, e tornavam difícil a leitura dos poderes.

Uma mulher, a mais baixa e idosa, foi quem se aproximou primeiro.

— Bem-vinda, Elemental.

O tom era amigável, mas tinha uma certa altivez no seu comportamento. Os cabelos curtos e vermelhos faziam contraste com olhos muito brancos. Eu estendi a mão.

— Muito obrigada por nos receberem.

Ela sorriu e abriu o caminho até a primeira casa em forma oval, eram todas assim e cheia de metais. Já acomodados em uma longa mesa flutuante, ela cruzou as mãos sobre o colo.

— Bom, Alys, meu nome é Belani, eu sou a presidente desta cidade oculta. Nós te convidamos, através dos príncipes, porque eu realmente acredito na sua capacidade de enxergar as coisas, digamos, de outra maneira. Não fosse assim, acredito que não teria como amiga a minha sobrinha Laiza.

Eu escancarei a boca. Sobrinha? Laiza nunca tinha dito ter parentes conhecidos.

— Eu sei que ela não falou sobre nós, nos encontramos somente uma vez e ela guardou isso em segredo como me prometeu. Há anos não falo com Laiza porque não gostaria que nossa existência colocasse a sua vida em risco.

— Eu... Eu realmente não tinha ideia. E entendo o motivo. Sinto muito que precise ser assim.

Eu sentia mesmo, nenhuma família deveria ter que viver dessa maneira. Mas, pela forma como as vezes se dirigiam a Laiza, mesmo ela sendo tão importante, me fazia concordar com a decisão da bruxa. Afastei os pensamentos sobre minha amiga, o assunto ali era ainda mais complicado.

— Quando você diz ver as coisas de outra forma...

Ela bancou a cabeça.

— Direto ao ponto, claro. Bom, primeiro você precisa compreender que nem todos nós estamos de acordo com essa reunião. É até por isso que te recebemos neste horário, para evitar qualquer tumulto.

Olha só, eu tinha fãs ali também. E o conselho pensando que todo mundo me amava. Ela continuou:

— Então falar sobre o que vou te dizer é um voto de confiança da mais alta estima entre nós.

— Eu agradeço por isso — respondi.

— Como você sabe, nós, bruxas, somos descendentes dos Zmoras. Todas as mulheres dessa vila têm pais ou mães Zmoras que se relacionaram com outras espécies. Quase nenhum de nós, no entanto, tem verdadeiro contato com seu parentesco, quando um humano entra pelo processo de transformação, ele perde muito da sua própria natureza e se torna bem insensível aos relacionamentos comuns.

Era uma forma delicada de dizer que eles não se importavam com as filhas.

— Mas...

Ela trocou um olhar com a moça mais nova ao seu lado, tão rápido que foi quase imperceptível.

— Alguns Zmoras andam contra essa regra, pelo menos por um tempo. Outros se arrependem de terem entrado no processo de transformação. E, por isso, histórias ancestrais e informações preciosas acabam por chegar até nós.

Evan cruzou os braços.

— Vocês têm ideia de onde seria o quartel do Zmora Helix?

A bruxa levantou as sobrancelhas.

— Nós sabemos de informações desconexas. A maioria das pessoas nem sabe quem Helix é, quanto mais onde ele se esconde.

— A senhora não respondeu minha pergunta.

Ela suspirou.

— Não sei onde ele está estabelecido hoje, tenho rumores que posso compartilhar com vocês, mas antes disso, me compreendam, preciso de uma garantia.

Eu já esperava por isso, não fazia sentido que elas tivessem decido nos contar tudo que sabiam sem nenhum preço. Especialmente se estavam tentando se manter seguras.

Bririam se mantinha imóvel, Salyn tinha ficado do lado de fora protegendo o perímetro. Evan se endireitou na cadeira e a líder das bruxas fixou o olhar no meu.

— Quero o juramento de vocês que, aconteça o que acontecer, faça Helix o que fizer, vocês jamais votarão a favor da caça de nossa espécie.

— Nós não somos membros do conselho, não temos voto ativo — respondi.

Evan balançou a cabeça.

— Com o advento da profecia e a sua maioria, bem como a minha, assuntos como esse são levados ao plenário e nós dois temos um voto.

Eram muitas coisas para aprender, eu continuava passando vergonha em público.

— Certo, isso não é um problema, eu não votaria a favor de uma caça às bruxas de qualquer maneira. Você tem minha palavra.

— E a minha — completou Evan.

— Além disso...

Estava demorando, pensei.

— Gostaria que pleiteasse um lugar extra no conselho, um lugar para nós.

Aí estava o problema. Se, a essa altura do campeonato, eu resolvesse levantar uma questão dessa no conselho, seria tratada com menos misericórdia do que Helix, e olha que eu achava justo o pedido dela. Liguei minha mente à de Evan.

— *Ei, o que fazemos com isso?*

— *Não sei, se tentarmos isso agora será um desastre. E nada nos garante que podemos confiar no que ela diz.*

Desliguei a ligação mental.

— Certo, eu entendo o pedido de vocês. Acho até merecido, para dizer o mínimo. Vocês não deveriam ter que viver escondidas, mas a senhora precisa compreender que se eu levantar essa petição ao conselho hoje, nós seríamos mortos na semana seguinte, acusados de traição. As pessoas estão sensíveis com a perda de suas crianças.

— Nós também perdemos crianças... Ou você acredita que as únicas que foram atacadas são aquelas das quais vocês têm notícias?

Não havia pensado nessa possibilidade, mesmo que de forma inconsciente, meu cérebro aceitava que os Zmoras não iriam atacar seus próprios filhos.

— Me desculpe, até poucas horas eu nem sabia que vocês viviam assim, em células. Que existiam tantas bruxas. Mas seria possível ao menos esperar que a segunda lua passe? Se nós impedirmos Helix eu terei mais argumentos no conselho.

— E se vocês não impedirem? — ela perguntou.

— Bom, você precisará de outros aliados de qualquer maneira, já que provavelmente eu não estarei aqui.

Um calafrio correu minha espinha, era uma verdade assustadora.

— Tudo bem, tenho sua palavra que você fará essa petição no conselho?

Eu me liguei a Evan.

— *O que você acha?*

Ele suspirou.

— *Não gosto da ideia, mas não temos opção, né?*

Suspirei.

— Posso contar com o apoio de vocês contra os Zmoras?

Ela e a mulher ao seu lado se entreolharam.

— Nós estamos dispostas a oferecer guerreiros para lutar na segunda lua, um apoio público acho que não será o caso, já que nossa existência é secreta.

Estendi a mão para a bruxa.

— Tem minha palavra.

Ela apertou minha mão, deu um sinal à bruxa que estava ao seu lado e a moça saiu da sala.

— Bom, a história passa por lenda. Não sei te dizer quais fatos são verdadeiros, mas sei que se fala sobre isso há muito tempo.

— Sobre o Zmora?

— Sobre todos os Zmoras e como eles começaram a se organizar.

Concordei com a cabeça. Ela baixou o tom de voz. O clima ficou denso, era como estar em volta de uma fogueira ouvindo histórias de terror.

— Dizem as anciãs que centenas de anos atrás, quando as bruxas foram caçadas e até mesmo os humanos sem conhecimento mágico as temiam, uma

família conseguiu se manter escondida. Foi algo lá pela Região Um, muito longe de onde estamos.

A bruxa fez um movimento de mãos e um punhado de areia apareceu sobre a mesa, nele, ela começou a desenhar a cena que narrava.

— O problema é que essa família, composta por uma bruxa, um humano mestiço e um pequeno garoto com boas propensões mágicas, não conseguiu se manter inerte quando a peste assolou a vila em que viviam. Aos poucos, eles foram auxiliando os doentes com os conhecimentos que tinham sobre ervas e remédios, quase nada mágicos, na verdade. Enquanto eles estavam doentes, a família não foi questionada, mas verões depois, quando uma praga assolou as plantações, eles foram acusados de ser a causa disso, de ser castigo a perda do alimento.

Eu escancarei a boca, não só porque imaginava o que viria a seguir, mas porque os desenhos sobre a mesa me lembravam e muito o sonho que tive.

— Não me diga que a casa deles foi incendiada...

A bruxa levantou as sobrancelhas.

— Você já conhecia essa história?

Eu troquei um olhar com Evan.

— Na verdade, eu sonhei com algo parecido. Mas continue.

— Pois bem, eles foram mortos e aí que a história ganha ares mais de lenda que de verdade. Dizem que o garoto não foi encontrado pelo povo da vila e por isso eles deduziram que tinha sido morto pelas chamas. Mas o que aconteceu é que ele foi encontrado por outra coisa.

Cruzei os braços.

— Coisa?

— É... Algo mais antigo que nós mesmos.

— Que seria?

— Não sei te dizer... Mas seria a origem do mal que nos assola. Alguns acreditam que seja um Polto daqueles que tentou roubar o cajado. Outros que seria a mente por trás do roubo... Existem muitas teorias.

Evan cruzou as mãos sobre a mesa.

— E você acredita que Helix seja quem nessa história toda?

A bruxa pensou por um segundo.

— Olha, como eu disse, é só uma história. Se ela for verdade, primeiro precisamos pensar que não deve estar cem por cento correta, contada por tanto tempo como foi. Mas acredito que ele possa ser algum descendente desse garoto.

— Então você acha que a base do Helix fica na primeira região?

Era Salyn encostado na porta, levei um susto, porque estava tão absorta na história que não o tinha visto voltar.

— Talvez, é um continente pequeno, mesmo a população humana é resumida ali, não consegui grandes informações e em tempos de caça velada a seres com ligação sanguínea aos Zmoras, nós não ficamos nos arriscando.

— Entendo — se resumiu a dizer o Igrot.

A conversa se estendeu ainda por algumas horas, entre a preocupação com a proteção das bruxas e o controle sobre os ataques do Zmora. Quando ninguém mais aguentava discutir teorias e meus olhos já queriam se fechar, encerramos a reunião com a promessa que manteríamos o que foi dito em segredo.

Do lado de fora, o sol começava a despontar e a cidade, antes deserta, despertava com ele. Um grupo de crianças passou correndo, uma menina de no máximo uns quatro anos parou na minha frente. Ela abriu um largo sorriso, os olhos piscaram como fendas de cobra se transformando em um caramelo felino.

Quando entramos no portal, minha mente ficou nos olhos daquela criança. Minha responsabilidade era cada vez maior.

CAPÍTULO 23

COM NOVOS JURAMENTOS VÊM NOVOS PODERES

No outro dia fui acordada pelo DIM preso ao meu braço. Tentei ignorar o chamado, mas ecoou tanto que Evan veio ver o que estava acontecendo. O dele também piscava no pulso e, pela cara que fez, tinha sido acordado por ele.

— Não consegui identificar quem está ligando, também não consigo atender, será que os nossos DIMs pifaram?

Eu esfreguei os olhos.

— Acho que não...

Cliquei de novo na pulseira de metal e o som de alarme parou, projetado na imagem dos nossos aparelhos, estava Tzeba.

— Até que enfim vocês atenderam. Pensei que teria que ligar para Laiza.

Evan cerrou os olhos.

— Não conseguia atender, acho que meu aparelho está com problemas.

O filósofo balançou a cabeça.

— Na verdade, não, interliguei as ligações então vocês precisariam estar juntos para atender. Estou em um canal com uma segurança diferenciada para não expor vocês ou as informações que vamos partilhar.

Eu dei leves batidas no rosto, ainda não estava conseguindo raciocinar direito.

— Precisava ser tão cedo?

Tzeba se projetou em tamanho real.

— Não posso atrapalhar os compromissos que vocês têm hoje, mas percebi algumas mudanças que acredito que vocês gostariam de ver.

Ele balançou as mãos, o quarto inteiro mudou, estávamos em uma reprodução holográfica da sala dos pergaminhos em Nyêha. Sobre a mesa, o mapa havia mudado, um quarto a mais estava montado.

— Você conseguiu unir mais pergaminhos, mesmo sem nossa presença? — perguntei.

— Na realidade, não. Quando cheguei hoje mais cedo, o mapa estava assim.

Evan rodeava a maquete.

— Alguém mais teve acesso à sala?

— Ninguém — o filósofo respondeu.

Imitei o guardião e começamos a tomar nota. Enquanto a primeira parte que eu já conhecia era uma reprodução da primeira parte da profecia, com o templo imerso e tudo, a segunda indicava um terreno diferente.

— Você tem ideia de que lugar pode ser esse? Que terreno estranho, parece barro...

Evan balançou a cabeça.

— Não acho que seja barro, parece areia molhada...

— Essa é a definição de barro, você sabe, né?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Eu quis dizer que não parece terra, parece areia fina, e se olhar bem de perto não parece que essas estátuas estão molhadas, só que estão cercadas de água.

Fez menos sentido ainda.

— Então nós temos outro grupo de estátuas, mas essas não são de pedra, são de areia. Não evoluímos muito no final das contas.

Evan suspirou.

— Na verdade, vou escanear cada uma delas, se observar são dois grupos diferentes de estátuas. Um está molhado, outro não.

Eu franzi as sobrancelhas.

— Você está meio obcecado com isso, não é, não?

Ele fungou.

— Cada detalhe conta.

Eu dei de ombros.

— Escaneie então que eu vou pesquisar referências mais tarde.

Tzeba só nos observava, com os olhos meio distantes. Precisou que eu estalasse os dedos umas duas vezes até que ele voltasse a si.

— Você está bem? — perguntei. — Aconteceu alguma coisa em Nafh'ta?

Ele parecia desconcertado e apertava o nó dos dedos.

— Não... Nada aconteceu, não se preocupe. Só me perdi em pensamentos sobre alguns afazeres que tenho.

Troquei um olhar preocupado com Evan. O filósofo balançou as mãos e o holograma da sala desapareceu.

— Bom, já vou indo. Qualquer novidade que tiverem, não deixem de avisar.

Ele sumiu antes que pudéssemos concordar.

— Evan, só eu que achei ou ele está estranho?

O guardião continuava olhando para o lugar onde antes o estudioso estava.

— Nunca vi ele tão aéreo, tem alguma coisa acontecendo.

— Será que é algo com meu avô?

— Não sei, mas se fosse, não iriam nos esconder.

— Fale por você, já virou um esporte oficial em Nafh'ta quem consegue esconder mais coisas de mim.

Ele revirou os olhos.

— Quanto drama!

Eu ri. Ele conferiu as horas.

— Bom, já que já estamos de pé, que tal começar o treinamento mais cedo hoje?

E ele não queria que eu fosse dramática...



O dia transcorreu com rapidez. Seja porque eu não tirava a profecia e Tzeba da cabeça ou porque era noite de juramentos, o que mostraria se nosso empenho tinha dado resultado. Quando dei por mim, já estava anoitecendo.

Os passos continuavam os mesmos, roupas tradicionalmente marcadas com símbolos, uma quantidade bem menor de seres e uma cerimônia intimista. A mudança ficou por conta do número de guerreiros, no outro ano eles se mantiveram defasados e resumidos às entradas da clareira.

Esse ano, embora não pudesse ver suas armas, o que era uma questão de respeito pelo que Evan me explicou, estavam em grande número, andando entre as mesas silenciosamente conferindo as credenciais dos presentes.

Não que alguém fosse ser expulso por não ter feito o pré-cadastro pedido pela chefe Tâima, acho que era mais para causar uma sensação de segurança que qualquer outra coisa.

Na nossa mesa, o grupo de sempre, Laiza e seus papéis, Kyer perdido olhando para o nada e Raszen que rodava um anel prateado sem parar entre os dedos. Thela, eu tinha visto entre os guerreiros. Observei as mesas ao redor, em geral era um número bom de pessoas.

Vi alguns dos seres que recebi nos dias anteriores, o que até me deixou mais animada. Entre eles, o príncipe Mahu e seus guerreiros, todos muito comportados.

Quando Tâima começou seu discurso, o metal Alpha surgiu ao pé da árvore sagrada e foi tomando toda a planta até que ela estivesse negra. Depois explodiu em faíscas coloridas deixando-a ainda mais bonita que antes. Maior e mais imponente, os símbolos sambavam sobre a superfície da planta.

E os próprios juramentos estavam sendo afetados pelo metal. Logo eu descobri que Laiza havia imaginado que isso pudesse acontecer então preparou uma equipe de plantão do instituto. Ainda bem que ela fez isso porque foi só o primeiro líder começar seu juramento para a situação se complicar.

Teve gente se transformando em estátua, um ou outro ganhando a super sensibilidade que minha amiga elfa tinha e até uma fada, que ao que tudo indicava, também tinha visões do futuro. Era só ela e Bririan até o momento, graças aos céus. Já imaginou o estrago de uma porção de gente tendo vislumbres do futuro?

Quando boa parte já tinha feito seu juramento, Evan se ligou à minha mente.

— *Alys, acho que é uma boa hora para o Alpha, o que acha?*

— *Aqui? Na frente de toda essa gente?*

— *O que pode dar errado?*

Arregalei os olhos para ele.

— *Nunca faça essa pergunta... Nunca!*

Laiza percebeu que devíamos estar nos comunicando mentalmente, porque cruzou os braços e chamou nossa atenção.

— Ei, o que está acontecendo nessas cabecinhas aí?

Troquei um olhar com Evan. O guardião respirou fundo.

— Estou pensando em entrar na fila dos juramentos e reafirmar o meu para ver se o Alpha se manifesta em mim.

A elfa perdeu a fala por um segundo.

— Você ficou maluco? A GENTE NÃO SABE O QUE VAI ACONTECER!

Ele manteve a expressão tranquila.

— A gente nunca sabe o que vai acontecer, Laiza, não deve ser algo tão surpreendente no meu caso e como todas as minhas tentativas foram frustradas, pensei que na árvore sagrada talvez desse certo.

— É loucura, você vai colocar nossa segurança em risco.

Uma explosão de palmas interrompeu a discussão. O príncipe Mahu tinha terminado seu juramento, os olhos piscavam entre seu característico olhar gatuno e fendas de cobra. Os cabelos estavam mais longos e metal apontava em alguns fios. O símbolo da profecia queimado a fogo sobre a couraça que protegia o peito.

Kyer, que tinha sido convocado em outra mesa, voltou e se sentou.

— Agora podemos respirar aliviados, ele realmente fez o juramento.

Laiza abriu um sorriso zombeteiro.

— Eu disse que a reunião com Alys tinha sido produtiva.

Eu dei de ombros.

— Não podem mais falar que eu nunca acertei em uma reunião política.

Eles riram. Evan começou a se levantar.

— Pois eu vou antes que a chefe encerre a cerimônia.

O sorriso de Laiza sumiu. Kyer olhou para nós desconcertado.

— Onde ele vai? Ele já fez o juramento...

A elfa estava começando a apresentar uma cor avermelhada no rosto.

— Ele acha que é uma boa hora para se fundir ao metal alpha, como se eu já não tivesse problemas suficientes.

Kyer escancarou a boca. Depois de um segundo suspirou.

— Pode não ser uma má ideia, Laiza.

— Você não pode estar falando sério!

Ky deu de ombros.

— Ignorando o que pode dar errado, as opções são ótimas para nós. Vai encorajar os seres a lidar com o metal alpha, o que, convenhamos, não dá para adiar. E se o poder for algo ligado com a força advinda dos Uriah, isso também deixará as pessoas mais confiantes para a segunda lua.

Laiza cruzou os braços.

— Ou, como é mais provável, ele vai manifestar alguma ramificação do poder das Elilmo o que pode ser desde a modificação da realidade das linhas Ley até visões e sonhos com o futuro.

Eu arregalei os olhos.

— Por que será que esse tom seu está me assustando? — perguntei.

— Porque você sabe tão bem quanto eu que ver o futuro não é tão bom quanto parece, pode comprometer o desempenho do guardião a longo prazo.

Ela baixou o tom de voz.

— Pode acabar mostrando às pessoas que a visão dele está em parte comprometida. Ele tem se saído muito bem por causa do treinamento que teve, mas não sabemos como o Alpha vai interpretar a sequência.

Enquanto a gente discutia o que poderia acontecer, Evan subiu os degraus e colocou as mãos na árvore. A planta se iluminou, o metal alpha começou a tomar conta do guardião caminhando até que ele se tornou uma mera estátua negra.

O símbolo da profecia queimou nas costas dele e o metal se desfez como fuligem. Ninguém respirava. O silêncio era quase total. O guardião tossiu. Eu contive meu impulso de levantar e correr até Evan. Todos os olhos estavam virados para ele, se eu não demonstrasse fé nas mudanças ninguém mais o faria.

Quando ele virou para nós um “ohhh” se ouviu por todo lado. As marcas de Syfar estavam cruzando novos símbolos de Alpha, todos muito bem pontuados. Os olhos não estavam mais leitosos, nem tinham voltado à sua cor característica, agora eles queimavam como chamas azuis assustadoras.

Ele ergueu a mão e evocou uma bola de fogo, eu já tinha visto ele fazer aquele simples feitiço muitas vezes então sabia que não era normal as pontas de energia que saíam como raios da esfera. Um novo feitiço e ele transformou a bola em uma fênix, que saiu voando logo em seguida.

As pessoas aplaudiram e muitas outras se levantaram para se enfileirar diante da árvore. Era gente que já tinha feito seus juramentos, mas não tinha se rendido às mudanças do Alpha. Laiza estava boquiaberta e eu desconfio que um pouco desesperada, o dia dela, e de toda equipe médica, estava longe de acabar.

Eu fiquei tentando entender o que todo mundo tinha achado de especial no guardião criando um pássaro de energia. Parecia um truque barato. Foi quando ele voltou para a mesa.

— Evan, eu não entendi. A mudança do Alpha foi te dar poderes para fazer festas infantis?

Em minha defesa, eu adorava mágicos em festas de criança, primeiro porque eu nunca pude participar delas, então só ficava ouvindo os comentários dos meus colegas de escola, segundo porque parecia fascinante naquela época ter poderes. Ele riu do meu comentário.

— Alys, você não estava observando as linhas Ley não é?

— Não...

O pássaro que o guardião tinha criado sobrevoava nossas cabeças.

— Então evoque seus óculos e veja.

Quando eu liguei os óculos de Lifran, entendi. O pássaro não estava ligado ao guardião. Não era assim que as coisas funcionavam normalmente, eu mesma precisava manter minha própria energia

alimentando os animais que transfigurava, o que, diga-se, eu tinha aprendido a fazer com Evan.

— Como ele ainda está voando?

— Eu consigo criar seres e objetos que se auto alimentam através dos metais, assim eles não sugam minha energia e são mais fortes.

Fiquei observando a fênix dar um rasante perto de onde um dos conselheiros estava sentado.

— Então, é como dar vida aos metais?

O guardião juntou as sobrancelhas.

— Mais ou menos... Isso não é vida, Alys.

— Para mim parece bem com algo vivo, principalmente quando ele ou ela dá rasantes em cima da conselheira Nissoraem.

Todos riram na mesa, menos o guardião que parecia seriamente preocupado de ter dado vida a uma coisa inanimada de metal.

— Por via das dúvidas, vou evitar usar essa nova funcionalidade até que a tenha analisado.

Ele assoviou e o pássaro se empoleirou no seu ombro. Passou a mão sobre a crista de metal e se calou pensativo.

Laiza, no entanto, não perdeu a oportunidade, escaneou o animal e clicou frenética o seu DIM, reunindo informações. Ky fixou o olhar no guardião.

— E seus olhos? Eles ainda estão como chamas azuis... Como será que estarão quando isso passar?

— Não acho que vá passar, provavelmente eles agora serão assim.

Laiza parou com sua pesquisa.

— Por que você acha isso?

Evan continuou acariciando o animal carinhosamente.

— Porque voltei a enxergar de forma normal.

Laiza apontou o DIM para o rosto do guardião e escaneou. Kyer engasgou e eu parei de respirar por um segundo.

— E quando você ia nos contar sobre isso? Era a primeira coisa que deveria ter dito!!!

— Vocês estavam tão preocupados com Zil que não me deixaram contar.

— Quem diabos é Zil?

Perguntei um segundo antes de perceber que era o nome que tinha dado ao pássaro.

— Ah, não importa, você deveria ter dito. Sua visão está completamente normal?

— Na verdade está potencializada, consigo ver à distância, parece que ganhei um *upgrade*, a funcionalidade de zoom pros olhos.

Ele riu, eu balancei a cabeça. Laiza olhou boquiaberta para seu DIM.

— Isso deve ser herança Elilmo, temos que fazer alguns testes!

— Não hoje, não agora. Você tem aquela fila imensa de pessoas para ajudar...

— Que você prontamente me arranjou, né?

— Que seja, nós precisamos descansar, voltamos para Nafh'ta pela manhã e a próxima lua está próxima.

A elfa concordou com um aceno, suspirou e foi até o grupo dos seus especialistas. A fila era longa e as reações também.

CAPÍTULO 24

SONHOS QUASE REAIS, REALIDADES BRUTAIS

Era noite na floresta. O céu estrelado estava salpicado por mais que estrelas. Faíscas e fumaça subindo ao longe. Quanto mais me aproximava, mais os gritos me apavoravam. Explosões cortavam o silêncio da madrugada, eu não conseguia entender como ele tinha conseguido entrar na floresta.

Alguns metros correndo, outros voando, fiz tudo que estava ao meu alcance para chegar rápido. Não podia ser verdade, não podia. Na clareira, uma dezena de guerreiros espalhados pelo chão. Sangue escorrendo, uma cena tão assustadora quanto aquela da lembrança que Celen tinha me devolvido.

O portal estava aberto de uma forma destorcida, com amarras brancas como tentáculos. Eu abri as asas, empunhei o cajado e passei para o outro lado.

Era a cena mais terrível e triste que eu já tinha presenciado.

Acordei suando frio, as mãos geladas, os olhos cheios de lágrimas. A retina ainda estava poluída pela visão. Evan entrou abrupto pela porta, a respiração entrecortada, os olhos esbugalhados e a espada nas mãos.

— O que houve? — perguntou. — Sua energia deu um pique enorme, os metais me acordaram quase em sofrimento.

— Nós — ofeguei —, nós temos que ir!

— Onde?

— As crianças...

Eu me coloquei de pé, transfigurei meu próprio uniforme.

— Hoje era dia de cerimônia do amanhecer?

Ele franziu as sobrancelhas.

— Acho que sim, as luas têm picos na noite dos juramentos e obviamente o nascer do sol é diferente, elas devem estar na clareira. Por quê?

— Helix...

Evoquei o cajado.

— Ele as encontrou, Evan... Nós precisamos correr.

Ele nem questionou. Trocou as vestes e evocou sua moto voadora. Enquanto nós voávamos, ele mandava mensagens para Laiza e os outros. Eu contei

de forma resumida o que tinha visto, com o peito apertado, esperando que fosse só um pesadelo irreal.

Não era.

Ao longe eu vi a fumaça subindo, cedo demais comecei a ouvir os gritos e ainda mais cedo, eles se calaram. A expressão de Evan era tão dura a esse ponto que ele poderia ter sido confundido com uma estátua.

A espada posta na mão, chamas azuis correndo pela lâmina e uma energia que emanava em labaredas. Os guerreiros espalhados pela clareira eram uma visão mais assustadora do que no meu sonho. Mas nada, nem mesmo já ter visto antes a cena, poderia diminuir o choque da imagem em que se encontrava a cachoeira.

As águas estavam turvas. Os pequenos corpos deitados na grama, os olhos vazios e esbranquiçados. Eu finquei o cajado no chão, as lágrimas brotando. As formas de água que brincavam com as crianças agora choravam deitadas sobre elas.

— Como... pode?! Como ele consegue fazer isso debaixo do nosso nariz? São só... crianças!!!

O guardião andava de um lado para o outro, lançava feitiços pelo padrão procurando alguma coisa.

— Evan, o quê?

— Só tem nove crianças aqui, quero saber se ele levou a décima com ele.

Eu comecei a procurar como ele, quando passei perto da queda d'água pensei ter ouvido um chorinho baixo.

— Evan, você ouviu isso?

Nós dois paramos. Em uma fenda, dentro da cachoeira, tão apertada que mal dava para entrar de joelhos, estava uma criança. À sua frente uma das formas de água como um cachorro rosnava enquanto outra, imitando uma fadinha, empunhava uma faca precária feita do mesmo líquido.

— Se acalmem, somos nós!

Quando eles me viram, respiraram fundo, olharam para a criança e em um aceno se desfizeram.

— Ei... Agora está tudo bem. Vem comigo, vem?

Ela engatinhou até mim e se aninhou nos meus braços se pondo a chorar. Talvez, naquele momento, eu entendi porquê Celen tinha tirado todas as minhas memórias do acidente de Voltrin, era uma realidade muito cruel para uma criança viver, a guerra.

Mas, assim como para mim, fingir que nada tinha acontecido não ajudava, eu precisava deixar que a dor dela vertesse e logo que passasse, ela seria uma guerreira mais forte. Saí engatinhando com a criança ainda aninhada nos meus braços.

Nossos amigos tinham chegado à fenda nesse meio tempo, acompanhados de pelo menos uns vinte soldados de Nafh'ta. Thela era a mais afetada com tudo aquilo, mesmo mantendo sua expressão de pedra, vi quando enviou seus guerreiros para todas as extremidades da floresta, as ordens eram claras, nada de clemência.

Não eram assim as nossas leis, mas resolvi não interferir, duvidava que ela teria algum sucesso.

Laiza e Evan tinham embrulhado todos os pequenos corpos em um pano branco de seda e os enfileirado em uma maca macia debaixo de algumas árvores. A chefe Tâima chegou acompanhada de Kyer minutos depois, ofegante e com lágrimas manchando seu rosto.

Quando viu a pequena comigo, disparou em nossa direção, abraçou a criança e chorou copiosamente. Eu não sabia, mas aquela era sua filha. A pagé se recompôs, olhou para os corpinhos enfileirados, depois para Evan e para mim.

— Não tenho palavras para agradecer o que fizeram hoje.

Eu olhei para baixo.

— Senhora, nós... Nós falhamos miseravelmente em proteger suas crianças.

Ela entregou a filha no colo de um guerreiro que a acompanhava e levantou meu rosto agora cheio de lágrimas.

— Se vocês não tivessem chegado, não tinha sobrado nada de nós. Com o aviso de Evan, nós conseguimos relocar as mulheres grávidas, ele foi atrás delas, mas não conseguiu atacar ninguém.

Eu olhei de esguelha para os embrulhos brancos.

— Mas as crianças...

— Ainda que não fosse a minha cria que sobreviveu... Uma criança é o que nós tínhamos até pouco tempo atrás. Uma criança pode te parecer pouco perto das nove que perdemos hoje. Mas para essa criança que ganhou uma segunda chance, você salvou o mundo, o mundo dela, Alys. Eu queria tanto quanto você que isso não tivesse acontecido, mas se lembre, há centenas de outras crianças que precisam que você levante sua cabeça e faça aquele Zmora pagar por um dia ter encostado nas nossas crias.

Eu engoli em seco e respirei fundo.

— Você precisa de mim para contar às pessoas?

— Não, eu preciso que você volte ao seu quarto e não comente isso com ninguém. Pouca gente sabia que tínhamos tantas crianças e é melhor hoje que a notícia não se espalhe ou causará pânico.

— Mas eu não deveria ir com a senhora, por uma questão de respeito aos pais?

— Alys, nós somos guerreiros. O respeito que você vai demonstrar a eles é a notícia que você já voltou ao trabalho para impedir aquele Zmora.

Eu balancei a cabeça.

— E lembre-se, ninguém que esteja usando de coisas tão puras como essas pode estar agindo por conta própria.

— O que a senhora quer dizer com isso?

Ela balançou a cabeça.

— Nada, deixe para lá. Vamos que hoje o dia será longo.



Mais tarde, quando o sol ainda não dava sinais que ia despontar, eu me deitei sobre o telhado da oca. Lancei feitiços de ocultação e isolamento sonoro e deixei que as lágrimas caíssem. Não tinha como não me sentir culpada. Comecei a cogitar até que tinha um rastreador do Zmora em mim. Como ele teria encontrado aquelas crianças? Toda a proteção em meses não tinha caído. E os guerreiros que também morreram?

Eu chorei tanto e com tanto desespero que meu peito doía, eu me sentia um monstro inútil.

Evan subiu no telhado, se sentou à beira da bolha onde eu estava e ficou olhando para o céu.

— Alys... Eu estou aqui se precisar.

Desfiz o feitiço sonoro.

— Como você...? Meu encantamento não está funcionando?

— Não, ele funciona perfeitamente, eu não preciso te ouvir ou te ver para estar aqui para você.

— Obrigada — respondi.

Refiz o feitiço sonoro e fiquei ali até que a luz incomodasse meus olhos.

CAPÍTULO 25

SEMPRE PODE PIORAR

Fizemos como a Pagé tinha ordenado, voltamos a Nafh'ta lá pela metade do dia. Foi um comboio silencioso e triste como uma marcha fúnebre.

Já na cidade, resolvi visitar meu avô. Para minha surpresa, ele estava quase revigorado.

— Celen... Você melhorou?

— Um pouco, minha pequena, a festa das flores mesmo que de longe fez muito bem ao meu estado, e sua avó teve uma ideia genial. Aceitei os metais alpha e isso regenerou parte das minhas forças.

— Poxa, vô, que bom! Você precisava voltar logo mesmo.

Ele trocou um olhar comigo, depois voltou à sua forma humana e me puxou em um longo e apertado abraço.

— Tem sido tempos difíceis para você, não é, minha querida?

Eu não respondi.

— Mas, acredite, há luz. Um grande escritor do século passado dizia que as dificuldades preparam pessoas comuns para destinos extraordinários.

Eu suspirei.

— Não sei se quero ser extraordinária.

Ele riu.

— Você já é!

Eu me aninhei no seu peito. Ele olhou uma mensagem no DIM.

— Kyer está nos chamando com urgência, vamos, deve ter acontecido alguma coisa.

— Sempre pode piorar, não é?

— Antes de melhorar... Vamos!



Alguns minutos depois, nós entramos no escritório de Ky, Evan estava sentado em uma poltrona batendo o cabo de Kydemónas no braço do móvel. Na frente da mesa do meu amigo, um holograma em tamanho real de Salyn.

— Elemental! — ele me cumprimentou acenando a cabeça.

— Rei Igrot — respondi imitando o gesto —, aconteceu alguma coisa com Bririan?

— Com ela não, mas com a reputação de vocês talvez.

Eu me sentei ao lado de Evan, seguida por Celen.

— Nossa reputação?

— Sim, o que aconteceu ontem com as crianças da floresta está se espalhando como areia na tempestade. Isso porque os lacaios de Helix estão mandando mensagens e visitando as tribos desde muito cedo hoje, dizendo que foi o conselho que fez tal massacre.

— Mas isso é um absurdo!

— Concordo, porém muitas comunidades vivem isoladas das decisões e o desconhecimento gera medo, entende? E não para por aí.

Evan cruzou os braços.

— Tem coisa pior?

Eu balancei a cabeça.

— Já te disse para não fazer esse tipo de pergunta, sempre pode piorar.

Salys torceu o nariz.

— Eles estão oferecendo uma recompensa.

Eu franzi as sobrancelhas.

— Para quem não nos apoiar?

— Para quem entregar você e o guardião.

Arregalei os olhos.

— Com qual justificativa?

— Estão dizendo que vocês poderiam ter evitado, mas não o fizeram de propósito porque estão apoiando a decisão do conselho.

Eu escancarei a boca. Evan se colocou de pé.

— Vocês vão continuar a missão mesmo assim?

— Estamos intensificando-a, tentando mostrar o máximo de verdade.

O guardião balançou a cabeça.

— Nós também vamos intensificar nosso trabalho, temos que estar prontos.

Eu me levantei logo depois, ainda com a cabeça no plano de Helix.

— Se for pela projeção da última vez, a segunda lua deve estar às portas.

Salyn balançou a cabeça.

— E vocês precisam tomar cuidado, não sabemos quem estará interessado na premiação.

Evan juntou as sobrancelhas.

— Você não nos disse qual seria o pagamento.

— Eternidade, ele está dizendo às pessoas que pode as fazer eternas.

— Mas ele não pode...

— Mas pode dizer que sim...



Depois das notícias desastrosas de Salyn, nós fomos enviados para descansar, Celen insistiu que ir trabalhar na profecia com o organismo tão desgastado era bobagem. Eu tomei um banho, forcei com dificuldade para dentro alguma comida e me sentei no parapeito.

Peguei o pergaminho, que havia guardado em um compartimento secreto que eu mesma criei no quarto. Abri e tentei encontrar nele algo que me trouxesse uma solução.

Os símbolos indecifráveis continuavam lá, a frase sobre os Poltos também. Mas um novo desenho se formava abaixo da escrita. Um rio negro que se estendia cortando o papel e, ao longo dele, jacarés com olhos amarelados. Tirei uma foto do desenho e enviei no DIM de Evan.

Alguns segundos e ele estava batendo na minha porta com força.

— Você ficou maluca de me mandar uma foto deste pergaminho?

Eu franzi a testa.

— Qual o problema?

— Alguém pode interceptar, pior, eu poderia morrer só por colocar meus olhos nele.

— Você fala como se esse pedaço de papel fosse venenoso.

— De certa forma pode até ser! Alys, o criador da mágica escreveu pouquíssimas coisas e enviou a pessoas específicas, se eu não recebi não é para eu ler.

Dei de ombros.

— Agora que já leu, alguma ideia?

Ele continuava com o nariz torcido.

— Talvez, mas amanhã, quando formos até Nyêha, eu confirmo.

— Não vai me dizer o que é?

— Não ainda, amanhã, Alys, amanhã!

Ele fechou a porta e falou do outro lado.

— Beba muita água e vá dormir. Se eu estiver certo, nós vamos enfrentar muito sol daqui para frente.

Eu pulei na cama. Estiquei as pernas e, por incrível que pareça, não demorei a dormir.

CAPÍTULO 26

UM NORTE, VÁRIOS SÓIS

O sono foi tão pesado que acordei como quem pisca os olhos. Já era metade da manhã e Celen estava ligando no DIM que vibrava no meu pulso.

— Alys, vou esperar vocês na entrada para Nyêha, ok?

— Você vai com a gente estudar os pergaminhos?

— Vou, quero conferir os cálculos lunares, já estivemos enganados uma vez, não é prudente deixar de conferir. Já avisei ao guardião, venha logo!

Meia hora depois, eu e Evan chegamos ao salão de entrada do prédio. Celen estava sentado em sua poltrona conjurada jogando xadrez com uma mão mágica flutuante como adversário. Ao nos ver, desfez o cenário e se colocou de pé.

— Achei que teria que esperar a manhã toda, como vocês são enrolados.

Dei de ombros.

Depois de nossa conhecida viagem pelos vagões e pelo caminho que impressionada eu consegui fazer de cor pelos corredores da cidade na caverna, nós chegamos à porta da sala das profecias.

O filósofo estava pálido, olheiras marcando os olhos. Meu avô parecia ter percebido o mesmo que eu.

— Você está bem, Tzeba?

— Ah sim, é só cansaço. Tenho trabalhado dia e noite nas pesquisas.

Celen cerrou os olhos.

— Se você quiser, eu os oriento hoje. Vá descansar.

— Não é necessário, vamos trabalhar.

Abrimos a porta e entramos no ambiente que tinha o imenso mapa incompleto sobre a mesa. Celen nos seguiu, mas quando Tzeba tentou entrar, uma espécie de campo de segurança o impediu. O mago tentou mais uma ou duas vezes sem, contudo, ter sucesso.

— Tzeba — Celen parou diante do campo de força —, até os metais estão vendo o quanto você está esgotado. Essa sala suga energia, você sabe disso. Por favor, vá descansar!

O filósofo ficou visivelmente desapontado.

— Eu... Eu posso ficar aqui de fora acompanhando.

Celen juntou as sobrancelhas.

— Meu amigo, tem alguma coisa acontecendo?

Ele balançou freneticamente a cabeça.

— Não, claro que não! Eu só me sinto responsável...

— Não se preocupe, saindo daqui passo na sua sala e te atualizo de cada palavra que viermos a descobrir.

Tzeba suspirou.

— Está bem, que seja. Qualquer coisa me chame pelo DIM.

Quando as vestes do filósofo sumiram no corredor, Celen voltou a falar.

— Estou preocupado com ele, faz um tempo que parece sobrecarregado. Já o vi passar pelas piores crises sem se abalar, não sei o que acontece.

Evan tinha um semblante sério.

— Também reparei nisso, não seria o caso de pedir que Laiza dê uma olhada nele, Celen? Pode ter adoecido ou algo assim e não quer nos falar.

— Boa ideia, assim que voltarmos, vou pedir que ela faça isso. Agora vamos de profecia, que temos poucos dias até a próxima lua.

Nós nos sentamos em volta do mapa, eu evoquei mais pergaminhos que foram se empilhando ao longo da mesa. Na nossa última visita, o feitiço da segunda lua já tinha aparecido, eu até treinei ele algumas vezes, mas parecia tão complexo quanto o primeiro e o tempo infelizmente tão escasso quanto da primeira vez.

O dragão se pôs a analisar cada pedaço que já tinha se unido, Evan começou a abrir novos pergaminhos enquanto eu abri a foto do pedaço de papel que tinha no quarto. A cada novo trecho do mapa que o guardião conseguia encaixar, eu tentava incluir o rio sem muito sucesso até que voltava ao feitiço que era minha tarefa principal.

Já estávamos na metade da tarde quando Evan encaixou o quinto pedaço e soltou uma exclamação:

— Eu sabia!!!

Parei com o feitiço e cheguei perto do lugar onde ele apontava. Pirâmides se erguiam no plano.

— Sabia que a foto que me mandou ontem só poderia ser de um lugar, Alys. Reconheço aquele padrão até de olhos fechados.

— Padrão? Onde é afinal o rio?

— É o Nilo, nossa pesquisa pelo templo precisa começar pelo rio Nilo.

Celen cruzou os braços.

— No meio do deserto? Há estátuas submersas aqui, você acha que podem estar no Nilo?

— Acho não, tenho certeza. O esboço que Lys me mostrou unido às pistas que o mapa dá... Só pode ser lá a entrada do templo.

Eu fiz uma pesquisa rápida enquanto eles discutiam as probabilidades.

— Mas a extensão do rio é enorme, onde exatamente deve estar a entrada?

Evan analisou o mapa mais uma vez.

— Não tenho ideia, vamos ter que ir com o máximo de antecedência procurar alguma pista. Principalmente porque essas entradas costumam ser fendas no tempo o que nos faz ficar lá o dobro.

Ele se virou para Celen.

— Qual sua estimativa para essa lua?

— Se meus cálculos estiverem corretos, talvez uns oito dias, não consigo precisar mais que isso.

Eu ofeguei.

— Dias? Eu pensei que ainda teríamos pelo menos umas semanas.

— Acho pouco provável, Alys, e diante dessas descobertas, acho que vocês deveriam partir amanhã mesmo, encontrar a entrada no Nilo pode ser mais complicado do que parece, da última vez vocês sabiam o que estavam procurando, agora não.

Eu troquei um olhar preocupado com Evan.

— E toda aquela conversa da recompensa pelas nossas cabeças?

— Por isso concordo que devemos sair logo, temos que contar com possíveis distrações no caminho.

Nós continuamos a procurar informações. Consegui reunir mais alguns pergaminhos e a ponta do rio ficou visível, o guardião tinha razão sobre o lugar. Depois de um tempo começamos a traçar nosso plano de viagem, entre coisas e poções que seriam guardadas por um feitiço dentro dos meus metais, decidimos que a ninguém contaríamos da saída, não ainda, quem sabe isso nos daria vantagem sobre o Zmora.

As luas já estavam altas no céu quando entrei no meu quarto. Nem comida, nem banho, o que eu quis foi só minha cama, eu ia sentir falta dela.

Antes de cochilar, Evan se ligou à minha mente.

— *Lys...*

— *Oi?*

— *Sabe a foto que me mandou do rio?*

— *Você ainda está chateado por isso?*

— *Na verdade, eu fui olhar ela de novo e percebi que ela mudou...*

— *Mudou como?*

— *Abra o seu pergaminho e veja se não tem nada novo.*

Evoquei a gaveta na parede sem me levantar, quando abri o pedaço de papel, uma pirâmide brilhava de ponta cabeça na ponta do rio e uma palavra brilhava sobre ela: TEMPLO KYNAX.

CAPÍTULO 27

PIQUENIQUE DE JACARÉ

Não bastasse a luta contra o tempo para chegar ao templo, decifrar a profecia e se manter escondidos dos olhos de Helix, eu agora tinha uma coisa a mais para me preocupar. Com a oferta dada pela minha cabeça, algumas comunidades mais isoladas tinham acreditado na palavra do Zmora, então não era em qualquer lugar que teríamos estadia.

Por isso, nós caminhamos vários dias pela costa do que seria o mar mediterrâneo sob um forte feitiço de ocultação, nada de voar e por nenhum motivo eu usava meus poderes draconianos. Queríamos evitar que fôssemos detectados pela força nas linhas Ley, agora bem menos protegidas.

Dias se passaram, nos quais minha única visão era areia sendo banhada pela água escura do mar. Embora ele não tenha sido afetado da mesma forma que os oceanos, ainda era um bocado intimidador. Vez ou outra, eu tive certeza de ter visto uma cauda sambando sobre a superfície.

Isso e os crocodilos que começamos a avistar quando nos aproximamos do rio Nilo. O rio sim parecia algo meio mágico, o que me fazia pensar como nós conseguimos ignorar por tanto tempo a ação incomum dos metais sobre a natureza.

Ele não tinha se tornado negro, era espesso, como se metal líquido corresse pelas suas vertentes, e completamente espelhado. Mas isso não me impedia de ver os olhos de fenda que se levantavam do meio da água, porque sim, ainda era água. Se antes um crocodilo era assustador, experimente colocar nele dentes de Cytisum e uma carapaça feita de metal Aya. Tenho para mim que seja impossível até mesmo enfeitiçar algum, quanto mais manter dezenas longe.

— Você parece assustada.

Evan balançou a espada entre as mãos.

— Imagina, adoro ser o jantar de lagartos gigantes.

Ele riu.

— Não se preocupe, o número de ataques de humanos é quase zero nessa região.

Eu bebi um pouco de água.

— Só porque ninguém é maluco de vir para essas bandas. Falando nisso, nós vamos dormir por aqui?

Ele balançou a cabeça.

— Acho melhor não, desde que entramos na zona do rio Nilo estou sentindo uma presença estranha, não quero arriscar nos deixar expostos, o que acha?

— Achei que era loucura minha, mas parece que estamos sendo observados, não é?

Ele deu uma olhada para os lados.

— Sim, ontem pedi que Celen conferisse as linhas, nada!

— Por que você não me disse antes?

— Estou tentando te deixar concentrada nos feitiços, você tem mais com o que se preocupar.

Dei de ombros.

— Alguma ideia de onde possa ser a entrada do templo? Eu continuo olhando para esse mapa sem encontrar resposta nenhuma.

Ele parou de andar e bebeu água.

— Não, também não consegui visualizar o local exato, mas tenho certeza que é no Nilo, acho que temos que andar mais perto da borda agora.

Eu voltei a olhar para os olhos de crocodilo que surgiam na superfície.

— Essa não me parece uma ideia inteligente, mas fazer o que, não é?

Com a nossa proximidade das águas, os olhos foram desaparecendo. Evan interpretou isso como uma vantagem, eu o contrário. Se eu não via, não sabia onde estavam, então caminhava pronta para correr no primeiro sinal de ataque.

Olhei tanto para o rio que não prestei atenção por onde andava e acabei tropeçando nos pés, me esbarrando em Evan e fazendo com que nós dois fôssemos para o chão. Não bastasse, ainda comi uma boa porção de areia e imaginei os jacarés rindo de nós debaixo d'água.

— Pelo Construtor, Alys!

— Desculpa, eu não estou tão confiante como você que nossos amigos répteis são amigáveis.

Ele balançou a cabeça.

— Você enfrentou três dragões.

— Em minha defesa, eu não sabia muito o que eles podiam fazer.

Ele riu. Eu desviei o olhar do meu amigo e percebi uma forma não muito longe, no meio do nada.

— Evan, o que é aquilo?

O guardião estreitou os olhos.

— Aquilo o quê?

— Tem um tipo de estátua, você não está vendo?

— Não! Será que você não está vendo uma miragem?

Eu coloquei as mãos na cintura.

— Se fosse pra ter alguma miragem eu ia ver minha cama e um ventilador, não uma estátua estranha!

— Faz sentido.— Ele riu. — Então vamos encontrar sua estátua.

Ela estava bem mais longe do que imaginei e quando chegamos, Evan já estava quase desistindo de acreditar em mim. Era a reprodução de um homem de barba e cabelos longos, vestido com uma capa de capuz presa por uma coroa e apoiado em uma espada, era feita de um metal vermelho vivo que eu não conhecia e toda vazada. Ele me dava a impressão de um fantasma de metal.

— Quem se apresenta diante das águas do Nilo?

Levei um susto quando saiu som do vácuo que era a boca de metal. Evan olhou para mim.

— Que foi, Lys?

Eu cochichei.

— O homem de ferro está falando!

Ele franziu a sobancelha.

— Quem?

— O homem estátua que te falei.

O guardião olhou para o lugar onde o homem estava, estreitando os olhos. Criou os óculos de metal e até tentou alguns feitiços sem resultado.

— O que foi que ele disse?

Era louvável o esforço dele para não me chamar de doida.

— Perguntou quem se apresenta às águas do Nilo.

— Eu já ouvi essa expressão antes, só não me lembro onde foi que li. Bom, responda, se você que está vendo é você que precisa ver.

Eu dei de ombros.

— Alys...

Pensei por um segundo.

— Evan, como eu me apresento?

— Como assim? Com o seu nome é claro.

— Com qual deles?

— Com qual você quiser.

— Vou dizer que sou Alys, o avestruz tatuado.

— Faça, espero que ele faça uma placa e pregue em um lugar bem visível.

Eu ri e me virei para a estátua que voltou a perguntar.

— Quem se apresenta diante das águas do Nilo?

— Alys Elilmo e Evan Uriah, agora Elilmo.

A estátua levantou a cabeça, os olhos eram pedras laranjas.

— O que vocês buscam aqui, Poltos?

Toda vez que alguém citava o nome original dos humanos eu tinha calafrios.

— A entrada para o templo da segunda lua.

Ele levantou sua espada e a apontou para o rio. Um redemoinho se formou nas águas e foi crescendo até que uma coisa começou a surgir, quando encostou na borda do Nilo, eu estava boquiaberta e confusa.

— O que é afinal de contas isso? Parece uma...

Evan desfez os óculos.

— Cesta... Uma cesta? O que foi que você pediu a ele, Alys? Um piquenique?

— Não seja idiota, você ouviu o que eu pedi.

Ele continuou observando o cesto gigantesco. Eu me virei à estátua.

— Senhor, não sei se compreendeu o que procuramos.

Ele voltou a fincar a espada no chão e se apoiar nela com as duas mãos.

— A entrada para o templo fica no centro do rio. A única forma de chegar ileso até ela é usando uma velha embarcação. A outra opção é enfrentar os guardiões reptilianos dessas águas.

— Você está me dizendo que eles não vão atacar uma cesta gigante dessas?

Ele ficou em silêncio. Evan se aproximou e começou a analisar o nosso “barco”.

— O que ele disse?

— Resumindo: ou vamos dentro dessa coisa ou enfrentamos os jacarés.

— Vamos para onde?

— Meio do rio.

Ele pensou por um minuto.

— O que você acha que devemos fazer?

Eu suspirei.

— Nós não temos opção, não é? Vamos de cesta mesmo. Mesmo que sua comparação com um piquenique só me faça pensar que os répteis terão uma boa refeição hoje.

Voltei a conversar com a estátua.

— Só precisamos entrar?

Ele acenou lentamente.

— O rio fará o restante.

Você acha que é estranho entrar em uma cesta gigante? Espere até perceber que está diminuindo até o tamanho de um filhote de meopyx. Quando fechamos a tampa do nosso veículo inusitado, ele começou a encolher até ter o tamanho de uma cesta normal.

Depois começou a deslizar pelas águas, e eu conseguia ver o que estava do lado de fora por uma pequena fresta.

— Evan, você acha que isso vai mesmo despistar os jacarés?

Ele se sentou encostado em uma das bordas.

— Espero que sim.

Uma ou outra vez, vi os olhos amarelos de longe, mas graças aos céus, nenhum dente se aproximou de nós. Já tínhamos navegado rio abaixo por um bom tempo quando o veículo parou. Eu achava que o mais assustador era encolher ou ficar na reta da boca de um dos guardiões, mas o pior ainda estava nos esperando. Com um barulho horrível de ralo, a cesta começou a afundar.

CAPÍTULO 28

UM EXÉRCITO DEBAIXO D'ÁGUA

A primeira coisa que eu consegui pensar foi em tapar o pequeno rasgo por onde observava nosso caminho. Evan se levantou em um pulo e lançou feitiços, o problema é que quanto mais ele tentava, menos efeito eles faziam.

— Meus poderes não estão funcionando.

Continuei pressionando o vão, mesmo sem nenhum sinal de água inundando nosso barquinho.

— Droga, eu não me lembrei de aprender a nadar...

Foi a cesta submergir por completo que um breu tomou conta, tão forte que nem mesmo a iluminação do metal no meu corpo conseguiu me fazer enxergar alguma coisa. Nós descemos, descemos e descemos.

— Evan? Você também está se sentindo estranho?

— Mais que o normal?

Um barulho horrível. Uma luz cegante. Quando consegui parar de piscar, precisei de um tempo para assimilar o que estava vendo. Nós tínhamos voltado ao tamanho normal, a cesta tinha se aberto e nós estávamos em um tipo de clareira no meio do mar.

Havia água em torno, negra e impenetrável, que nos impedia de enxergar além da bolha em que estávamos. Uma área seca se estendia iluminada por tochas gigantescas e por todo lugar havia estátuas, de tamanhos e formas variadas, na sua maioria de homens com cabeça de raposa e turbantes. Pontuando a pedra, existiam corais metalizados e pequenos peixes nadavam entre elas no ar.

— Que lugar é esse? — perguntei.

Evan caminhou até uma grande pedra com inscritos logo à frente. Passou os dedos pelos símbolos que estavam em alto relevo.

— Heracles. É uma cidade que submergiu há centenas de anos.

— É aqui o templo?

— Acho que não! Vamos dar uma volta, ver se descobrimos algo.

Para uma cidade submersa há milhares de anos, havia muita coisa estranha naquelas estátuas. Comecei a achar isso quando vi uma réplica do homem de braços abertos que existia no meu continente, aquela mesma que tinha sido destruída no tufão.

Depois foi a de uma mulher com longos cabelos negros, de quem eu lembrei porque tinha o mesmo olhar que me acompanhava fosse para que lado eu andasse.

— Evan?

O guardião estava a muitos metros, olhando uma outra estátua.

— Oi? Encontrou alguma coisa?

— Você tem certeza que essa cidade tem milhares de anos aqui?

— É o que diz nas pedras lá da entrada, por quê?

— Tem umas estátuas estranhas, figuras que eu já vi em uma outra oportunidade...

— No ataque no MASPE por exemplo?

Franzi a sobancelha.

— Como você sabe?

Ele se afastou mostrando a estátua atrás de si, de um garoto com uma panela na cabeça.

— Tenho certeza de ter visto esse garoto nas fotos que você me mostrou.

E tinha mesmo uma estátua daquela nas seleções de coisas que apareceram no MASPE.

— Mas, Evan, isso não faz sentido, o que vi no MASPE era pesquisando sobre os ataques de Helix e não sobre a profecia.

— Acho que não dá mais para desvincular uma coisa da outra, Alys.

Eu me perdi em pensamentos sobre os sonhos que tive com o que parecia o passado do Zmora até que uma pequena porção de metal me chamou a atenção. Ela estava bem disfarçada atrás da orelha da estátua que me vigiava. Mais de perto, percebi que se tratava de um ômega.

— EVAN!!!

Ele brotou do meu lado em questão de segundos, foi tão rápido que eu me assustei.

— Como você consegue fazer isso, homem!? Toda vez me assusta.

— Só porque você se surpreende com qualquer coisa.

Eu suspirei.

— Que seja! Olha só o que eu encontrei... Mesmo sem perceber nada em volta.

Ele riu. Se aproximou e cerrou os olhos. Cruzei os braços.

— Se essa estátua não devia estar aqui, esse símbolo muito menos, não acha?

— Você experimentou tocar nela? — ele perguntou.

— Não... Tô meio traumatizada com isso.

— Então faça, pra gente ver se algo acontece.

— Por que eu?

— A elemental é você, oras!

Funguei.

— Da última vez saí com asas e um tanto de sacos de ossos me perseguindo.

— Isso nunca te impediu de se meter em confusão, não vai ser agora, não é?

Balancei a cabeça. Aproximei os dedos do símbolo e bem devagar foi fechando os olhos. Sabe quando você espera uma bomba explodir? Foi mais ou menos isso, mas em vez de perseguidores ou asas, a estátua se iluminou em neon amarelo. Era um farol no meio do mar quase me cegando.

— É uma boa ideia a gente anunciar nossa presença assim?

Ele deu de ombros.

— Não acho que mais alguém entre aqui, na última vez, nós precisamos encontrar o templo para que alguém pudesse vê-lo. Agora, será que as outras têm isso também?

Voltei ao ponto onde o homem de braços abertos estava enquanto o guardião ia até o garoto. Não foi surpresa encontrar o mesmo símbolo atrás da orelha que ao meu toque iluminou a estátua. Evan fez a mesma coisa com a do garoto que também se tornou visível.

— Vamos procurar outras — Evan gritou do outro lado.

Eu só percebi o que estava acontecendo de verdade quando, várias estátuas depois, precisei procurar o símbolo na réplica de um grande e barbudo homem, vestido de algo como um casaco gigante cheio de bolsos.

— EVAN!

Ouvi sua voz de longe.

— Que foi?

— Olha para cima!

Silêncio.

A luz que saía das estatuas estava criando um símbolo no teto da redoma, um que já conhecíamos bem. Um ômega.

— Procure por estátuas nos lugares que tenha vãos no ômega, vai ficar mais simples nossa procura.

Ele tinha razão, em poucos minutos achamos os pontos que faltavam. O símbolo brilhou, estalou e desceu como poeira formando um reflexo no chão. Um redemoinho e tínhamos um novo portal.

Próximo dele, parei na esperança de enxergar algo do outro lado. Evan se aproximou já com Kydemónas na mão.

— Então encontramos a entrada?

— Um buraco no chão no meio do mar pode ser considerado entrada?

— Não sei... Vamos descobrir.

Ele me deu a mão. Segurei o cajado com força e nós pulamos na escuridão.

CAPÍTULO 29

A ÁRVORE QUE QUEIMA, MAS NÃO SE CONSOME

Viajar por um portal nunca foi meu passeio preferido, some a isso que agora nós estávamos caindo e que me soltei do guardião no processo.

Quando meus pés se firmaram, estava de novo no deserto, mas não tinha nem sinal do rio Nilo. O sol estava alto e o calor ainda mais potente do que quando entramos no cesto. Fiz um feitiço de localização que eu tinha me obrigado a aprender por causa do episódio com a bússola falsa na floresta.

Sem sinal de qualquer pessoa. Acionei os óculos de Lifran e usei como binóculo, por um tempo só vi areia e mais areia. A imagem borrada surgiu ao longe, era uma árvore tremeluzindo.

Abri as asas e levantei voo, sozinha, quanto menos tempo eu passasse parada naquele deserto, melhor. Meu uniforme adaptado para essa missão e minhas asas Frankenstein não me deixaram ser tão castigada pelo vento quente que soprava, mas ter uma sombra de onde decidir o próximo passo era melhor.

Pousei a poucos metros da gigantesca árvore seca. Uma planta como aquela não me chamaria atenção se não fossem dois fatores: ela estava pegando fogo, mas não se queimava, e a espada do guardião estava fincada aos seus pés.

Guardei o cajado. A planta parecia-se com a que vi no MASPE, tanto a da pesquisa quanto a do meio da sala, só que mais velha e um pouco mais castigada. Embora fosse nítido que o fogo queimava à sua volta, o calor não chegava a incomodar e a espada me era um lembrete, algo tinha saído do controle.

Foi quando um barulho muito alto de sucção me fez tapar os ouvidos. O chão tremeu, a areia começou a correr rápido em direção ao barulho e procurei alguma coisa em que pudesse me segurar. Nada, não havia uma só pedra onde pudesse me proteger do redemoinho que se formava sugando tudo que estava ao redor, a não ser a árvore que queimava e a espada aos seus pés, as únicas duas coisas que continuavam imóveis.

Caminhei com dificuldade, fincando o cajado no chão mesmo que ele não me desse mais que um ou dois segundos de firmeza.

Quanto mais me aproximava da planta, menos sentia calor, até que o fogo que a envolvia começou a tomar meu corpo ao ponto que, quando cheguei perto o suficiente, nos tornamos uma só coisa.

Eu desisti de me apoiar na espada, abracei a árvore e um buraco se abriu me engolindo na escuridão.



Cair estava virando um costume e eu ainda não tinha aprendido como fazer aquilo direito. Meu corpo doía, minha energia foi esgotada no esforço de chegar até a árvore. Ofeguei. Uma mão tocou minha testa. Eu esbugalhei os olhos e me senti mais rápido do que deveria, fazendo o mundo rodar.

Achei que estava tendo alucinações. Não estava mais na areia e sim em um vasto campo verde, um riacho corria a poucos metros e um pequeno caminho de água se desviava alcançando o meu corpo. Por onde ele corria, as feridas do sol e da queda se fechavam e os metais faziam pequenos barulhinhos como estalidos.

— Lugar bonito, não acha?

Foi então que se sentou ao meu lado um homem sorridente, de pele morena de sol que contrastava com os cabelos brancos e olhos de fogo. Era tudo tão surreal que nem me assustei.

— Eu morri? — perguntei.

Ele deu uma sonora gargalhada.

— Engraçado que essa é sempre a primeira pergunta que eu ouço. — O homem balançou a cabeça. — Não, Alys, você não morreu. Você está dentro do templo, eu só fiz umas... Digamos, melhorias nesta sala.

Olhei em volta, era um campo, sem paredes, o sol brilhava, não tinha como ser uma sala. Desviei o olhar para as minhas próprias mãos, elas ainda estavam sujas de areia.

— Quem é você? Algum guardião do templo?

Ele cruzou os braços e olhou para o horizonte.

— Essa é a segunda pergunta que eu mais ouço, embora seja mais importante do que a primeira. Você só precisa saber hoje que Eu Sou.

Meu primeiro pensamento foi: Cara estranho! Torci o nariz provocando uma risadinha nele.

— Você tem uma missão para terminar, não tem?

— Primeiro tenho que encontrar meu guardião, você o viu por aí?

— Como ele se parece? — o homem perguntou contendo um sorriso.

Eu pensei um segundo.

— Alto, cara de mau, tatuagens de Syfar e péssimos modos. Pode ser que esteja gritando por aí à minha procura.

O homem balançou a cabeça voltando a rir.

— Sempre gostei do seu bom humor. Ele está sim à sua procura do outro lado da porta, mas antes preciso te entregar o presente que vim trazer.

Ele me entregou um pequeno pacote cuidadosamente embrulhado. Ergui as sobrancelhas.

— Você está dentro de um templo milenar, podemos ser atacados a qualquer momento, não tenho ideia de quem seja, mas veio só para me dar um presente?

— Estar bem alimentada ajuda, você não acha?

Abri o pacote, dentro dele um sanduíche feito da mesma maneira que minha avó fazia quando eu era criança. Um nó se formou na minha garganta.

— Como...?

— Coma! Você precisa estar pronta para o que te espera.

Eu não devia ter obedecido, não pela ordem natural das coisas. Não façam isso em casa, crianças! Mas estava me habituando a essas visitas de gente estranha, aliás, eles pareciam ter muito em comum, além da facilidade de me encontrar nos piores momentos.

Comecei a ouvir ruídos. Espadas e feitiços? Algo do tipo. Eu fui tomada por um torpor, uma tranquilidade que nem era minha. A cada bocado da comida, minhas energias voltavam. O homem, no entanto, não parecia se preocupar com a guerra que se aproximava e criava florezinhas no chão com os dedos balançantes.

— Você sabe que estamos em meio a uma guerra, não sabe? — perguntei.

— Há sempre uma guerra sendo travada, Alys. Eu estou acostumado às tempestades.

Ele voltou a olhar para mim, os olhos antes como chamas agora eram uma constelação. Eu escancarei a boca.

— Quem é você?

— Já te disse que o importante agora é saber que Eu Sou.

— É o quê? Algum aliado?

— Essa é uma definição. Agora, daqui a pouco seu guardião vai passar perto da porta, acuado por uma leva de guerreiros e precisando da sua ajuda. Então tenho pouco tempo para te entregar a ajuda que eu trouxe.

— Ajuda? Você sabe se posso melhorar o cajado?

Os olhos dele cintilaram.

— Tenho uma arma mais poderosa para você: uma verdade.

Eu franzi o cenho. Ele abriu um largo sorriso.

— Você tem ouvido muitas mentiras nos últimos tempos, na maioria de você mesma. O problema maior delas é que estão afetando sua força. Uma verdade maior que elas é a arma mais poderosa que você precisa agora.

Bom, eu estava em meio a um campo, mas ouvia a batalha se aproximando. Ao meu lado, tinha um estranho que me deu comida e agora me oferecia uma

verdade, como se a gente pudesse comprar verdades no mercadinho da esquina. Poderia ser mais estranho?

Poderia!

Ele balançou as mãos e uma série de lembranças começaram a dançar em frente aos meus olhos, como em um filme antigo.

Era inverno, meus pais estavam na casa da vó Anna, minha mãe deitada sobre a cama tinha uma cor pálida e respirava com dificuldade. Ainda assim era a mulher mais bonita e forte que eu já tinha visto. Meu pai segurava sua mão direita.

Uma equipe de Nafh'ta trabalhava incessantemente para alimentar sua energia que continuava escoando. Uma senhora se sentou ao lado da sua cama, pegou-lhe a mão esquerda e uma onda de energia correu pelo seu corpo. Era a mesma que tinha me visitado na caverna.

No outro lado da cama, uma pequena criança se sentou, acariciou a barriga que se contraía e veias azuis apareciam sob sua pele. Era aquela chamada Estrela, a garota da maçã.

Um homem colocou a mão sobre o ombro do meu pai, olhava a cena em um misto de emoções. Aquela presença era o que parecia o manter de pé. Era o homem com quem eu conversava no campo.

Ninguém em volta parecia enxergá-los, a não ser minha mãe, que mantinha a resignação no rosto e toda vez que olhava para um deles parecia encontrar um pouco mais de força para seguir.

— Senhora, está na hora, faça força, ela está vindo. — Era Laiza quem falava.

Ela nunca me disse que esteve no meu parto, talvez para não me deixar triste. Eu vi meu próprio nascimento, e talvez nada mais que eu pudesse ver seria tão chocante quando entender a hora que cheguei ao mundo.

O que se passou a seguir foi muito rápido, eu nasci e fui entregue aos braços da minha mãe. Os médicos magos se desesperavam tentando salvá-la. Eu agora estava ao seu lado na cama, olhando para a minha versão diminuta. E antes que minha mãe dissesse para eles que eu seria a Elemental, ela me fitou por um tempo.

Meus olhos mudaram de cor, não para o lilás, mas para as chamas que eles tinham todas as vezes que eu acessava o poder draconiano. A movimentação em volta era tão intensa que tenho certeza que só as duas versões de mim poderiam ter ouvido o cochicho. Ninguém parecia também enxergar o que acontecia à nossa volta.

— Minha pequena dragão, parece que você herdou o coração e a energia do seu avô, não é mesmo?

Ela abriu um sorriso.

— Seja forte, minha Alys. Vou sentir sua falta.

As lágrimas brotaram como um riacho. A cena terminou sem que eu visse o momento em que ela se foi.

Agora nós, eu e minha versão de uns cinco ou seis anos, estávamos no parquinho perto de casa. Me sentei ao seu lado em um dos balanços. Vovó estava a certa distância olhando um DIM e Kyer corria atrás de um pequeno cachorro.

A minha cópia estava olhando para um grupo de meninas brincando em um conjunto de barras de ferro coloridas. Eu não me aproximava, ninguém nunca brincava comigo e o meu pai costumava ficar muito bravo se eu tentasse fazer novas amizades.

Foi quando uma menina menor do que eu, que estava de ponta-cabeça, escorregou. Eu tive uma reação instantânea. Eu me levantei e estiquei a mão em sua direção, meus pequenos olhinhos eram como fogo dos dragões. Ela desacelerou e caiu sobre a grama sem nenhum ferimento. Não me lembrava daquele episódio.

A cena mudou mais uma vez, mas dessa eu me lembrava bem. Eu estava no quarto em Nyêha, o Zmora Wen me desafiando. Credo, eu não tinha ideia que estava tão acabada naquele dia, parecia um zumbi de filme de terror. Ainda não tinha evocado a luva de metal, mas os olhos, os meus olhos já eram chamas draconianas.

De repente a cena sumiu. Eu precisei piscar um par de vezes antes que minha visão voltasse ao normal. Uma porta de madeira flutuava à minha frente. O homem não estava mais lá. Os sons cada vez mais altos da batalha do outro lado da passagem.

Antes de atravessar dei uma última olhada no campo verde, nem sinal do estranho. Mas eu tinha entendido o recado: eu não estava me tornando um dragão, eu sempre fui um e isso não era tão ruim como parecia.

CAPÍTULO 30

UM FARAÓ ENTERRADO

Do outro lado, o cenário era de guerra. O templo era feito de largos tijolos de barro e havia poeira por todo lado.

— Graças ao Construtor, você apareceu.

Evan tinha as mãos levantadas, pequenas bolas de luz sobre a cabeça.

— Tentei a ligação mental, mas não te encontrei em lugar nenhum.

— Nem eu sei onde estava.

Um feitiço passou raspando pela minha cabeça. Evoquei as luvas, elas cobriram de metal meus braços. O cajado brilhou quando transformei a esquerda em um escudo. Evan escancarou a boca.

— Onde foi que você aprendeu isso?

— Não aprendi, estou improvisando.

Os feitiços começaram a ricochetear no meu escudo.

— Onde nós estamos, Evan?

— No templo, eu suponho.

— Você acordou aqui?

— Sim, em uma sala escura, estava te procurando quando eles começaram a atacar.

— Eles quem?

Como em resposta à minha pergunta, uma leva de homens se tornou visível. Eram estátuas de areia, alguns com armas de metal, outros lançando feitiços.

— Os sacos de ossos agora são de areia? — perguntei.

Evan parou de lançar feitiços.

— Não acho que se trata de Helix, não sinto a presença dele aqui, você sente?

Ele tinha razão, aquele ar estranho que acompanhava Helix onde ele estivesse não estava ali. Uma voz acentuada gritou do outro lado.

— Quem ousa invadir o solo sagrado do tempo lunar?

Olhei pelo canto do escudo. À frente da tropa, havia um homem muito imponente, feito de areia, com uma bonita coroa sobre a cabeça e vestes reais.

Eu levantei as sobrancelhas para Evan e falei em sua mente.

— *Quem contrata um faraó para segurança?*

O guardião deu de ombros.

— *Alguém que guarda algo muito precioso como um novo metal, não acha?*

Eu me endireitei e desfiz parte do escudo.

— Meu nome é Alys Elilmo e eu estou aqui para proteger o metal ômega na segunda lua.

O homem arregalou os olhos, gritou palavras que eu não compreendi e os soldados foram se alinhando de joelhos pela extensão do corredor.

— Mostre-me uma prova — ele me disse.

Eu olhei para Evan exasperada, como iria provar que eu era a Elemental, ter asas malucas não era o suficiente?

— Mostre o cajado — o guardião sussurrou.

Levantei a arma até que ficasse visível. O homem fez uma reverência.

— Elemental... Seja bem-vinda ao segundo templo da lua.

Não que eu estivesse muito segura, mas recolhi o escudo. O guardião se levantou batendo a poeira das vestes. O homem se aproximou de nós.

— Me desculpe pela abordagem, minha senhora...

Esse papo de novo, pensei, eu devia estar parecendo uma idosa de tantas olheiras. Ele fincou o próprio cajado no chão.

— Estivemos esperando por tanto tempo.

Eu me aproximei lentamente.

— Não se preocupe, err, seu nome?

— Eu sou Mosu e protejo esse templo com a minha morte.

Não deveria ser com a vida?, pensei. Certas coisas era melhor nem perguntar.

— Então, oh majestade, senhor Mosu...

Evan deu uma pigarreada, obviamente disfarçando o riso. Eu ignorei.

— Precisamos chegar à sala onde o metal ômega se encontra, preciso fazer os feitiços antes que a segunda lua entre em órbita.

Um barulho enorme. O chão sacudiu. Filetes de areia caíram do teto. O homem balançou as mãos e um pequeno monitor flutuante apareceu na nossa frente. Nele, vi o extenso deserto e no céu uma pirâmide virada de ponta-cabeça.

Na areia, um exército de sacos de ossos começava a despontar, Helix entre eles, lançando bolas de fogo. O faraó levantou o próprio cajado.

— Levantem para a luta, filhos de Ikal.

Vi, na pequena tela, homens de areia tomando forma à frente do lugar onde o templo flutuava. Quase em seguida, pequenos pontinhos negros no céu começaram a aparecer.

— O que é aquilo? — perguntei.

O homem deu um zoom na imagem.

Meu avô dragão vinha com a sacerdotisa voando em suas costas. Junto dele, guerreiros de todas as espécies foram se juntando, surgindo do nada e montando uma formação compacta de batalha. A guerra estava começando lá fora.

Evan levantou a mão e evocou a própria espada, dessa vez ela tomou forma e eu respirei aliviada só até me lembrar que se a espada podia entrar no templo, outras coisas podiam também. O guardião empunhou a arma.

— Nós precisamos ir para o saguão dos feitiços antes que seja tarde.

O faraó assentiu.

— Venham comigo!

Era um labirinto, muitas paredes iguais que mal se diferenciavam pelos inscritos em metal nelas. A certo ponto, as explosões ficaram mais altas. O homem parou.

— Eles entraram, preciso me juntar aos meus guerreiros para atrasá-los. Usem isso. — Ele nos entregou um pingente em forma de ômega. — É só rastrear o metal a partir desta porção.

Eu peguei o colar das mãos dele.

— Obrigada, Majestade.

— Que o Construtor te acompanhe, Elemental.

Ele passou apressado por nós, enquanto escorria ainda mais areia do teto. Modifiquei os óculos de Lifran e eles se tornaram uma máscara de metal transparente. Evan fez a mesma coisa. Outra explosão ainda mais alta.

Nós continuamos caminhando por longos minutos até que em uma esquina o símbolo flutuou brilhando na minha mão.

— É aqui!

— Procure o símbolo das asas — ordenou o guardião já passando a mão pelas paredes.

Eu comecei a tatear pelo metal que sambava ao meu toque. Nada.

— Evan, será que é outro lugar?

Ele levantou o pingente que agora estava em suas mãos.

— Não, o faraó disse para que rastreássemos com esse símbolo, então é aqui.

Continuei procurando por algum símbolo, os estalidos da batalha cada vez mais altos.

— Evan, agora que o templo saiu de dentro da areia, será que nós conseguimos consultar as informações do DIM, falar com alguém de fora? Só para ter noção de quanto tempo nós temos?

— Olha, pela situação que vimos lá fora não deve ser muito, não é?

Eu ergui as sobancelhas.

— Ora... ora...

Ele cerrou os olhos.

— Não é hora de você se desconcentrar com isso.

Dei de ombros.

— Sei lá, só parece que nós lidamos melhor com as coisas sob pressão!?

Ele soltou uma gargalhada.

— Como se você precisasse de mais pressão.

O guardião tirou o DIM do pulso, dois cliques e tínhamos Laiza montada em um dos seus leões voadores.

— Evan, vocês estão bem?

— Estamos! Como está a situação aí?

— Crítica, mas melhor que a de vocês se ainda não encontraram a sala do metal.

Como sempre minha amiga tinha o talento de colocar qualquer situação sob perspectiva. Eu troquei um olhar preocupado com o guardião, ele não se abalou.

— Estamos trabalhando nisso.

Kyer entrou em foco voando sob o Izs.

— Então se apressem, a segunda lua chega em menos de dez minutos, os astrônomos de Nafh'ta estão a ponto de entrar em colapso.

— Diga a eles que estamos preparando uma entrada de impacto.

Torci o nariz, Evan precisava escolher melhor as palavras em momentos assim. Laiza se desviou de um feitiço.

— Não podemos ficar aqui conversando, o tempo está escorrendo. Alys, te mandei o cronômetro, confio em vocês.

Ela desligou, uma pequena ampulheta surgiu no meu DIM no pulso. A areia correndo mais rápido do que eu gostaria. Com um aceno nós voltamos a procurar, eu parei de passar a mão pelas paredes e comecei a olhar de longe procurando qualquer coisa fora do padrão.

As placas de tijolos largos de areia eram completamente ocupadas pelos símbolos em metal, da sua base até o teto não havia um só lugar sem símbolos. A não ser...

— O vão, Evan... Olha!

No vão onde duas paredes se encontravam, não havia símbolo nenhum, diferente do que acontecia no resto do lugar. Coloquei a mão no espaço e ele começou a se expandir. As paredes foram se alargando e dando espaço a uma gigante porta feita de metal ômega e pedras preciosas, toda decorada em símbolos e com a árvore da vida em dourado. O símbolo das asas bem no centro do tronco com o espaço perfeito para que nós colocássemos as mãos.

— No três? — perguntei.

— Pode contar.

— Um, dois... Três!

Nossas mãos se encaixaram no símbolo e a porta se dissolveu em escaravelhos de metal que saíram correndo pelas paredes.

CAPÍTULO 31

UMA NOVA LUA

Era um jardim, UM JARDIM, acredita? Daqueles que a gente vê nas fotos dos palácios antigos. Uma estrutura enorme, feita com pilastras de areia compactada. Símbolos e desenhos brilhando por todas as paredes. No centro corria um rio, algum tipo de chafariz, mas daquele tamanho não dava para considerar menos que um lago.

O teto era muito alto e triangular.

— Evan, isso não faz sentido, nós não estávamos no centro do templo?

— Estávamos, por quê?

Apontei o teto.

— Como é possível que a ponta da pirâmide esteja voltada para cima se no holograma do faraó ela estava para baixo?

Ele deu de ombros.

— Acho que isso não faz diferença agora, faz?

— Claro que faz, como eu vou saber se estamos apontando para o lado certo, o lado que tem a lua, e não para o centro do planeta onde posso destruir tudo com uma explosão?

Ele riu.

— Você viu filmes demais!

— Eu vi é realidade maluca demais nos últimos meses.

Ele apontou para a ampulheta no meu braço.

— O feitiço vai colocar as coisas no lugar, agora vamos procurar o símb...

Outra explosão, tão forte que quase me cegou. Evan transformou a espada em uma longa foice e evocou sua fênix de metal que cresceu até nos cobrir por completo. Helix passou pela porta seguido de um grupo de sacos de ossos.

— Cheguei bem a tempo para a festa.

Ele estava pelo menos cinco vezes mais assustador, parecia um zumbi. Os olhos tinham se tornado vermelhos, mas mantinham uma espécie de veias amarelas pulsantes que me davam aflição.

A pele esverdeada colada no corpo, a camisa deixando à mostra o filete de magia roubado e a bengala de ossos característica.

— Prontos para me entregar o poder do segundo metal?

Eu dividi o cajado em dois.

— Nem em sonho!

— Então você vai insistir nessa bobagem de lutar contra mim, garota? Sabe que nem um exército inteiro vai te livrar das minhas mãos, seria mais digno se entregar.

— Muito digno, é claro, deixando que você continue sugando a alma de crianças.

Ele ficou sério e se apoiou sobre a bengala.

— Você ainda não entendeu, Alys? Ninguém é inocente. Pensei que ter descoberto minha história iria te esclarecer sobre isso.

Eu devo ter deixado transparecer que não tínhamos certeza sobre ele, porque o Zmora levantou as sobrançelas e depois soltou uma gargalhada.

— Pensei que com a ajuda Dele, você saberia um pouco mais. Teria pelo menos unido as peças.

Franzi a testa. O Zmora enviou um sorriso.

— Nem que você tem recebido ajuda você sabe? — Gargalhou. — Céus, você está ainda menos informada que no ano passado, garota.

Empinei o nariz, evoquei parte da energia dos dragões.

— Venha me enfrentar, pequeno humano, e vamos ver se eu sou tão ignorante assim.

O sorriso ainda estava lá, mas não tão aberto como antes.

— Primeiro as palavras, Alys. Então, você sabe quem eu sou?

Eu não sabia, não com cem por cento de certeza, mas entre parecer que eu tinha uma informação errada e ele achar que eu era uma completa idiota, preferi a primeira opção. Eu tinha um palpite, torci para que ele fosse bom o suficiente.

— Você é o garoto das lendas das bruxas, o que teve a casa incendiada e os pais mortos. O conselho votou por não te ajudar por causa da sua linhagem.

Ele ergueu as mãos, a bengala flutuando, e bateu palmas pausadamente.

— Parabéns, ao que parece você não é tão burra quanto pensei.

Dei de ombros.

— Eu finjo bem.

Tinha soado melhor na minha mente. Evan balançou a cabeça. Eu relaxei um pouco a posição do cajado.

— Sabe o que eu queria saber, Helix?

Evan soprou na minha mente.

— *Temos poucos minutos, você está perdendo tempo!*

Eu ignorei o aviso.

— Por que você está fazendo tudo isso? É uma vingança pelo que fizeram aos seus pais ou é para atingir o conselho?

O Zmora voltou a se apoiar no cajado.

— O problema vai muito além do que sua limitada visão enxerga, Alys.

— Abra meus olhos então!

Ele cerrou o cenho.

— Os humanos são uma praga, eles, assim como o Construtor, não merecem esse poder.

— E você, que mata crianças, merece?

Evan continuava criando pequenos animais, percebi que ele aproveitou nossa conversa para criar barreiras de segurança, mas mesmo concentrado em seus feitiços, ele olhava nervoso da ampulheta para mim.

— Você não entende, garota, eu fiz um favor a essas pequenas criaturas, elas não serão maculadas pela praga que a humanidade vai viver.

Um calafrio. Olhei para a ampulheta, nós tínhamos pouco tempo. O Zmora continuava a falar.

— Elas não passarão pelo que eu passei, sozinho, esperando que seu conselho — cuspiu a última palavra — os acuda. Nós ajudamos aqueles humanos, salvamos muitos deles e a retribuição foi minha casa em chamas e minha família morta. Mas nesse dia eu encontrei salvação.

— Salvação?

— É, se não fosse ele, eu não teria encontrado um propósito. Eu teria continuado sendo aquele pequeno garoto chorando sobre os corpos dos pais que ninguém se dignou nem a enterrar.

— Isso não é verdade!

— Isso o quê? — ele perguntou.

— Que ninguém enterrou seus pais...

Uma onda de compreensão começou a descer sobre mim, aquele homem... Era por isso que eu me lembrava de já ter o visto em algum lugar.

— Do que você está falando, garota?

— Eu vi o que aconteceu à sua família, mais que isso, eu vi você chorando sobre os corpos e vi quando um homem, Ele, os enterrou dignamente. Vi a tristeza em seus olhos pelo que tinham feito a vocês.

— MENTIRA! Ele está morto há milênios, Ele nunca fez nada por mim. Eu fui resgatado pelo meu mestre!

Eu tinha só uma visão enquanto o Zmora tinha uma lembrança, mas ainda assim, ficava com a minha versão. O que foi feito à sua família era um motivo forte, mas ainda falho para tudo que ele estava fazendo.

— Então, deixa eu ver se entendi. Você está perseguindo crianças e as matando. Está tentando roubar a magia que é de todos os humanos para se tornar

super poderoso para fazer o que, exatamente?! Só para que eu entenda onde você quer chegar com tudo isso, vai que eu acho sua ideia boa?!

A ampulheta marcava menos de cinco minutos.

Todo mundo tem sua forma de lidar com as situações de pressão, eu ficava debochada. Isso ainda ia me causar problemas sérios. Helix percebeu que nosso tempo se esgotava.

— O que eu pretendo fazer com o poder não é problema seu. O que eu vou fazer com você e esse guardião já é outra conversa.

Ele ordenou e os sacos de ossos avançaram. Evan já estava preparado e seus animais começaram a atacar. Era bem diferente das transformações que eu fazia com os metais, no caso dele estavam ligados as emoções do guardião e toda vez que um sofria algum ferimento aquilo o impactava também.

— *Vá fazer o feitiço, Alys* — ele falou na minha mente — *não posso mantê-lo longe por muito tempo. A energia dele não está como era antes.*

Dessa vez não questionei. Corri até o lago procurando a chave que liberaria o metal. As explosões da batalha entre o Zmora e Evan faziam com que pedaços de pedra voassem sobre a minha cabeça. O guardião colocou um dos seus animais, o Meopyx que uma vez me ajudou a vencer Thela, para proteger minhas costas.

— Vamos, Alys, o maldito símbolo, você ainda não encontrou?

— Toda vez vai ser assim? Eu tô procurando, Evan, o que quer que eu faça?

— Você só tem dois minutos, faz qualquer coisa!

Eu pulei dentro do rio. Ele urrou.

— Menos isso, sua cabeçuda, você não sabe nadar.

— É raso, seu idiota!

Comecei a andar procurando o símbolo. Foi quando vi que no chão, desenhada sobre a pedra que forrava aquele chafariz, havia uma árvore entalhada. No tronco marcado, as asas com o cajado e a espada e o espaço para duas mãos direitas.

Chamei Evan mentalmente.

— *A boa notícia ou a ruim?*

— *Qualquer uma, pelo menos tem notícias.*

— *Achei o símbolo!*

— *E?*

— *Preciso que venha colocar a mão como da última vez.*

Ele olhou para onde eu estava, exasperado.

— *Dentro da água?*

— *Gravada no chão.*

Evan evocou cada ponto de energia que tinha, eu senti a força que ele estava fazendo nas linhas Ley e o quanto estava perto de se esgotar.

— *Não vamos ter mais que alguns segundos, então fique preparada.*

Eu concordei.

Quando o feitiço dele explodiu em manchas negras, o guardião correu e se jogou dentro da água. Foram mesmo segundos. Nós encaixamos as mãos no símbolo e fomos lançados para fora do lago.

Um gigantesco ômega, feito pelo metal que levava o mesmo nome, surgiu do meio do chafariz.

Evan se colocou de pé, ofegando. Não havia um dos seus animais que não tivesse graves ferimentos. Eu, deitada olhando para o teto, não estava encontrando a forma de voltar a respirar.

— Alys, vamos, o feitiço.

O guardião olhava por todos os cantos.

— Não sei onde... Ele está! Você PRECISA se levantar.

Mas eu não tinha forças, meu corpo não respondia. Então comecei a recitar o feitiço deitada mesmo. Evoquei cada partícula do poder draconiano. Emanei tanto poder que consegui alimentar a energia do próprio Evan.

Os animais voltaram a ter vantagem na batalha, mas a poeira e o barulho nos impediam de ver onde o Zmora estava.

— Nós não temos tempo! — gritou Evan um pouco a frente, depois de se livrar de um saco de ossos. — Só faça o feitiço.

Eu ergui as mãos e me concentrei nas palavras do encantamento. Quando comecei a entoá-lo o teto se abriu, eu vi o chão do deserto por ele. Nós estávamos no teto e não no chão? Era confuso.

Nós fomos sugados. Evan, animais, sacos de ossos e eu fomos jogados no chão do deserto. O ômega desceu virado ao contrário e se instalou na areia. O templo se fechou.

Entoei ainda mais alto os feitiços. Três segundos. Vi a sombra da lua se aproximando no céu. Entoei ainda mais forte. Um raio saiu das pontas do símbolo e atravessou a pirâmide. A terra tremeu, estava feito. Mais uma lua pairava no céu.

CAPÍTULO 32

PERDAS E GANHOS

Foi ela entrar em órbita e percebi a diferença imediata. Todos à nossa volta, humanos ou não, amigos ou inimigos, foram agraciados com a chegada da lua. Ela, diferente da outra, parecia ter algo ligado com nossa energia mágica e os ferimentos começaram a desaparecer.

Eu me coloquei de pé. Uma pequena esfera se formou nas pontas do ômega e flutuou em minha direção. Claro, nessa hora Helix resolveu dar o ar da graça.

Mas diferente do Alpha, eu sabia que era isso que ele queria, nós sabíamos, e não íamos cair no mesmo truque. Evan se posicionou protegendo a esfera e a batalha à nossa volta, que tinha ficado congelada com a chegada da lua, voltou à ativa.

Um grupo de bruxas surgiu tirando exclamações dos guerreiros à volta. Vestidas com capas tecnológicas e munidas de longos cajados, começaram a atacar as barreiras do Zmora, tentando auxiliar o guardião na tarefa de manter Helix longe de mim. Eu só conseguia mover a cabeça, mas o corpo estava petrificado.

Vi minha avó com suas pistolas de metal atirando feitiços em todas as direções. Ela não errava um sequer. Era lindo vê-la lutando. Seu uniforme de luta tinha muitas referências à cultura de onde vinha, ela carregava a marca do seu povo com orgulho.

Meu avô balançava as asas enquanto soprava rajadas de fogo, as duas coisas unidas transformavam os sacos de ossos em pó. Kyer e Layza lutavam no céu em uma sincronia tão bonita que era difícil não se distrair observando a dança que faziam.

Thela, mais à frente, com uma espada longa, vinha tirando mais gente do caminho do que todo o resto junto. Era visível que sua intenção era chegar no Zmora mas, mesmo que ela quisesse muito vingança, toda vez que via um dos nossos em perigo ela desviava o caminho para ajudar. Isso me lembrou que ela tinha um coração, mesmo que quisesse fingir que não às vezes.

O príncipe Mahu e seus soldados de cauda de fogo também estavam lutando, assim como muitos que tinham se comprometido com a profecia. Eu não sabia como a luta tinha sido antes da nossa chegada, mas agora nós parecíamos ser muito maiores do que eles.

Ninguém, no entanto, tinha condições de nos ajudar. A esfera continuava se aproximando. Evan lançava feitiços freneticamente. As bruxas lançavam amarras mágicas, procurando segurar o Zmora mas ele se livrava de todas.

Quando a pequena circunferência chegou perto de mim, Evan lutava corpo a corpo com o homem. A esfera que um ano antes tinha entrado no meu peito saiu flutuante e se uniu à nova, vinda do ômega.

As duas juntas formaram um outro símbolo e voltaram a flutuar para o meu peito, faltavam centímetros quando o Zmora lançou Evan muitos metros longe. Esticou as mãos ossudas e começou a entoar um encantamento tentando tomar posse das duas.

Mas eu não ia permitir, não dessa vez. Voltei a recitar o encantamento da lua, mas em vez de fixar meu olhar na esfera, fixei minha energia no fiapo preso no peito dele. Eu não queria só aquela esfera na minha frente, queria fazer o trabalho completo.

O pequeno pedaço se desprende do Zmora e se uniu às esferas.

— Isso não vai adiantar, garota! Eu vou ter todo o poder das luas para mim!

Um tiro passou furando a mão de Helix, um daqueles feitiços incríveis da minha avó. Aproveitei a distração do Zmora e, usando toda minha capacidade draconiana, puxei as esferas para mim.

Foi como se eu tivesse levado o tiro, só que no peito. O ar faltou por alguns segundos. Tomei fôlego. Toda a nova energia dançando pelo meu corpo. Os símbolos ganhando novas formas na minha pele. Evan se levantou e correu ao meu encontro. Os olhos esbugalhados.

— Você está bem?

Só balancei a cabeça. Não conseguia falar ainda. Os olhos do meu inimigo se enegreceram, e eu vi o vazio que ele deixava nas crianças ao roubar suas almas. A voz ganhou um tom rouco e profundo. Não era ele falando.

— Ele pode ter interferido nos meus planos, mas te prometo, os Poltos vão se render ao meu domínio. Assim como esse Zmora, é a natureza deles se prostrar ao meu poder. E nesse dia, nem dez luas vão te livrar das minhas mãos. Aconteceu com o primeiro Polto e vai acontecer com todo o resto.

Eu me endireitei. Empinei o nariz e empunhei o cajado.

— Nós não vamos deixar.

Os olhos do Zmora voltaram ao normal. Ele urrou de raiva. Minha avó voltou a atirar, seguida de Evan que evocou seus animais. Eu vi quase em câmera lenta quando Helix, com a mão pingando sangue, segurou a bala e a lançou de volta.

O projétil furou a barreira mágica que a protegia e entrou no peito da sacerdotisa. O Meopyx de Evan avançou em direção à mulher e se colocou à sua

frente não só dando sustentação, mas a protegendo de outros ataques.

Meus olhos se encheram de fogo e eu avancei no Zmora sem dó. Dois feitiços e ele ofegava, sangue escorrendo pela testa.

Mas a minha mente, mesmo preocupada com o estado de Anna, estava sóbria. Acontecesse o que fosse, eu não me tornaria como aquele homem. Minha natureza não era aquela, sombria e vingativa, e eu ia provar isso.

Eu fechei os punhos, o Zmora ofegou.

— Esse é o seu erro sempre, você é fraca.

— Se eu fosse fraca você estaria morto há muito tempo. Se renda!

— JAMAIS!!!!

Ele virou a própria capa e desapareceu, desconfio que era o pouco de energia que ainda lhe restava, ficaria fora de combate por algum tempo. Os sacos de ossos foram desaparecendo e, percebendo a debandada de seu líder, os seres mágicos que estavam ao seu lado começaram a fugir. Kyer gritava aos quatro ventos, voando sobre nossas cabeças.

— Prendam todos, não matem ninguém! Já tivemos muito sangue derramado sobre esse chão sagrado.

Evan colocou a mão sobre meus ombros.

— Você está bem?

Balancei a cabeça. Um grupo de bruxas se aproximou, a chefe baixou o capuz.

— Não se esqueça do que nos prometeu.

— Não vou me esquecer, nem do que prometi, nem do que fizeram. Muito obrigada!

A mulher fez uma reverência e elas partiram, voando sobre gigantescos leões de asas recém evocados.

Celen pousou a meia distância.

— ANNA! ANNNAAA!

Minha avó, eu tinha me esquecido. Saí correndo com Evan ao meu encalço. Todos os nossos aliados e até os inimigos que tinham sido capturados ficaram congelados no lugar. Eu caí de joelhos do lado da sacerdotisa que estava deitada sobre a areia. O Meopyx estava de pé, sobre duas patas, gerando sombra sobre seu corpo.

— Meus queridos. — Ela tossiu, sangue escorrendo. — Se acalmem, tudo tem uma hora para acontecer, a minha chegou.

Eu arregalei os olhos.

— Do que você está falando, vó? Não diga bobagem.

Olhei para o céu.

— LAIZA, CADÊ VOCÊ?

Minha amiga pousou ao meu lado, exasperada, já lançando feitiços sobre o corpo da sacerdotisa. Thela veio logo atrás, se colocou em posição de batalha. Eu sabia que não corríamos mais perigo de sermos atacados, mas era a forma dela de dizer que estava fazendo alguma coisa, aquilo que ela sabia fazer bem.

Um, dois, três feitiços. Vi as mãos de Laiza tremerem. Celen tentou ajudá-la, mas nem mesmo os dois juntos pareciam capazes de conter o veneno.

— Parem — ela disse, calma. — Vocês não estão me ouvindo, a minha hora chegou.

— Não, vó, quem mais vai cuidar das linhas Ley?

Evan completou.

— Quem vai manter Celen na linha?

Ela riu.

— Você pode me ajudar com isso, guardião.

Pegou a mão do garoto e apertou carinhosamente.

— Desde a primeira vez eu vi em você muito do próprio Construtor. Espero que os intentos que vi no seu coração se confirmem, eu ficaria muito feliz, você tem minha benção.

As lágrimas desciam pelo meu rosto. Puxei a energia dos dragões e tentei repetir os feitiços de Laiza. Vovó segurou meu pulso.

— Pare, pequena, eu preciso partir.

— Mas, vó, quem vai cuidar de mim? — sussurrei.

— Você não precisa que ninguém cuide de você, não mais. É você que está cuidando de nós e fazendo um ótimo trabalho.

— Eu não... Quero... Te perder — falei entre soluços.

— Você nunca vai me perder, pequenina, eu vivo em você. É sua vez de ser forte, de cuidar do seu avô cabeça dura e garantir que seu guardião não faça nenhuma bobagem.

Eu ri entre os soluços.

— Isso é impossível, vó.

— Eu sei, mas sei que vai tentar. Eu amo você, não se esqueça.

Celen tomou sua forma humana.

— “Mi amor”.

Os olhos dela ficaram tristes e profundos. As lágrimas rolaram pela face de Celen.

— Me desculpe porque não fizemos aquela viagem que você planejou. Me perdoe por não ter protegido você...

— Não diga bobagens, você sabe que quando chega a nossa hora não há proteção que baste. Eu já sabia que estava chegando a hora de voltar a ser poeira de estrelas.

Ele enviou um sorriso com a referência que minha avó fez à cultura dos dragões.

— Eu vou sentir sua falta todos os dias.

— E eu a sua, mas me prometa que vai viver cada um dos dias que tem.

— Eu não sei se posso prometer isso, Anna.

— Pode e vai. Um dia nós vamos nos encontrar e eu vou cobrar cada dia que não viveu por causa da minha partida.

Ele engasgou com uma gargalhada.

— E eu vou te amar até mesmo quando você estiver me cobrando esses dias.

Ele deu um breve beijo nos lábios da sacerdotisa depois colocou a cabeça sobre seu peito, escondendo o rosto.

Anna olhou para Laiza. Kyer estava com a mão sobre o ombro da elfa, ajudando a alimentar sua energia que era quase nula naquele momento.

— Pare com os feitiços, minha querida, obrigada por ter se sacrificado tanto para que eu pudesse me despedir. Kyer tem muita sorte.

— Senhora — Laiza soluçou —, eu não posso fazer isso.

— Pode sim, é a minha hora de ir, Laiza. Você mais do que ninguém sabe que não tem como evitar.

Minha avó segurou o pulso da elfa, a energia que saía das suas mãos se apagou. Minha avó colocou uma mão sobre a cabeça de Celen e a outra sobre meu peito.

— Eu amo vocês.

Ela suspirou e fechou os olhos. Eu segurei sua mão antes que escorregasse. Ela suspirou.

Muita coisa ficaria gravada daquele dia: a vitória sobre Helix e a posse das duas esferas, o Ômega surgindo do chão e as bruxas lutando ao nosso lado. Mas nenhuma delas seria tão nítida quanto os urros de dor de um dragão que tinha acabado de perder seu grande amor.

EPÍLOGO 1

Algumas noites se passaram. Uma particularmente quente, depois que enterramos minha avó com todas as honrarias de uma sacerdotisa, eu voltei para o meu quarto.

Abri o compartimento que só eu sabia onde ficava e peguei o pergaminho do Construtor.

Os símbolos continuavam bagunçados, o desenho do rio tinha desaparecido e a frase sobre os Poltos estava no final, sem tanta cor como antes.

No começo, no entanto, uma nova frase se destacava. Não que ela tivesse me causado surpresa, eu tinha deduzido, mas não tinha dito a ninguém. Agora tinha a cabeça ainda mais cheia de perguntas, quem sabe um novo encontro e eu as fizesse?

Olhei de novo para o papiro. A frase voltou a brilhar.

Eu era, eu serei. Eu sou.

EPÍLOGO 2

— EU NÃO QUERO SABER COMO, MAS EU QUERO AQUELE PERGAMINHO!

O homem gaguejava, as gotas de suor escorrendo pela face.

— Mas, senhor, não tenho como pegar esse pergaminho, os riscos...

— Tzeba, eu já tolerarei demais suas falhas. Ou você me traz esse pergaminho ou pode ter certeza que deixarei que “ele” cobre o preço de sangue que você lhe deve.

O filósofo engoliu seco.

— Eu tenho feito tudo que posso, senhor, cumpri cada um dos pedidos que me fez, mas com a ajuda que ela tem, eu não tenho poder para tal.

— Então é bom que você encontre uma forma. O pergaminho que ela recebeu pode ter informações valiosas para o sucesso na terceira lua e como ninguém desconfia que você seja nosso aliado, não deve ser difícil.

O elfo abaixou a cabeça.

— Como desejar, meu mestre.

O homem estava saindo do cômodo quando Helix voltou a falar.

— Ele não costuma perdoar dívidas, Tzeba, não se esqueça!

EPÍLOGO 3

As três luas despontaram no horizonte. Suspirei.

— Você parece triste, devia estar orgulhosa do que fez.

Evan parou ao meu lado, não tinha ouvido ele chegar.

— Você me encontrou rápido.

Continuei olhando fixamente para os astros arroxeados.

— Não precisei procurar, imaginei que viria para o seu “esconderijo”. —

Ergui as sobrancelhas para ele. — Que foi? É verdade, você sempre foge para cá quando quer ficar sozinha. Eu sempre soube.

— Ainda assim você está aqui.

Ele deu de ombros. Balancei a cabeça rindo. Nós nos calamos por alguns segundos.

— E, agora, temos um bom tempo para te preparar, eu sei que Anna está orgulhosa de tudo que você fez.

— Não sei se isso me anima...

— Por que não?

— Ele também tem muito tempo para se preparar...

Evan se aproximou arrastando os pés.

— Não se preocupe com isso, cabeção, não é sempre que temos uma vitória como essa. Eu sei que é difícil com tudo que você tem perdido, mas já se passou um mês, você precisa comemorar também.

Arregalei os olhos para ele.

— Você propondo uma comemoração?

Apontei o cajado para o peito do guardião, mas mantive o ar zombeteiro.

— Quem é você e o que fez com Evan?

Ele levantou os braços em falsa defesa.

— Eu só quero uma desculpa para cobrar algo que você me deve desde a primeira festa das flores.

Guardei o cajado e cruzei os braços.

— A próxima festa das flores é só daqui um ano. E eu não te devo nada!

— Não precisa ser lá e você me deve sim.

— Que seria...?

Ele olhou para frente e abriu um sorriso torto.

— Sabe o que dizem sobre a criação da humanidade?

Revirei os olhos.

— Hum?

— Que quando o Construtor nos criou, toda criação parou para a admirar a magia que saía de nós.

— O que isso tem a ver...?

— Há quem acredite que o planeta colabora com os nossos intentos.

— Você bateu a cabeça ou alguma coisa do tipo...?

— Você me deve a primeira dança da festa das flores, ela é um cerimonial importante. É quando nós dizemos à natureza que aceitamos a magia que existe em nós. O elemental e o guardião deveriam ter feito juntos, mas Raszen grudou em você.

Abri a boca pasma, quer dizer, ele queria dançar? Aqui? Demorei uns segundos para recuperar a voz.

— Evan, não me chateie. Por que eu te deveria isso? E eu já fiz muito papel de trouxa pra dançar sem música aqui.

— E quem foi que te disse que não tem música?

Franzi as sobancelhas. Acho que a última batalha tinha afetado os neurônios dele. O guardião levantou a mão.

— Você nunca veio aqui no pôr do sol em todo esse tempo?

Balancei a cabeça.

— Espere... Só mais uns segundos...

Um barulho de asas rompeu o silêncio. Era um bando de pássaros. Nunca tinha visto aquela espécie.

— Eles só vêm nesse horário, e escolhem lugares específicos. Os antigos acreditam que eles cantam durante a festa das flores para quem tem magia suficiente.

— Que tipo de magia?

— De uma que eu tenho de sobra.

Um pio, seguido de um pequeno grunhido. Em pouco tempo eu estava ouvindo não um, mas centenas de pássaros cantando. Era a coisa mais linda que eu já tinha ouvido, enquanto eles piavam sua melodia, dançavam. Suas pequenas asinhas multicoloridas e fosforescentes iluminavam o lugar à nossa volta.

— Então, você vai comemorar comigo ou não?

Pensei nas minhas opções: eu tinha dançado com Raszen e até com aquele nojento do Gouin. Não me custava dançar com ele, não é? Ele era meu amigo, mesmo que fosse essa implicância toda. E ninguém estava vendo mesmo.

Dei de ombros e segurei a mão dele.

— Tenho que vestir a bata cerimonial também?

Ele riu.

— Só se quiser, eu acredito em almas livres e também tenho preguiça de toda aquela vestimenta.

Preferi continuar confortável como estava. A música não era muito lenta e parecia inflar meu peito com alegria. E eu dancei pelo que pareceram horas, rindo e trocando farpas com Evan. Fazia muito tempo que eu não me permitia sentir tão leve.

Quando meus pés pareciam não aguentar mais, os pássaros também começaram a cessar o canto. Será que eles sentiram isso? Eu me afastei de Evan.

— Lys...

Ele deu um passo para mais perto de mim. Ergui as sobrancelhas.

— Você nunca me chamou assim...

— É meio comum demais, prefiro o apelido exclusivo que te dei.

Revirei os olhos. Ele ficou sério.

— Tem uma coisa que não te contei.

Cerrei os olhos.

— Você não deveria ter segredos.

— Por isso estou contando agora, posso terminar?

Dei de ombros. Ele fitou em algum ponto ao meu lado.

— Eu ouvi tudo, quer dizer, no tempo que fiquei em coma.

Escancarei a boca.

— Como assim “ouviu tudo”?

— Cada médico, cada vez que Thela dizia para Celen que eu já estava morto.

— Como...? Evan, eu sinto muito... Deve ter sido horrível. Eu acho que eu enlouqueceria...

— Eu também ficaria louco... Sem suas visitas. As coisas triviais que você dividia comigo todos os dias me mantinham consciente de quem eu era. Consciente de que eu precisava voltar.

Eu fiquei em silêncio, não sabia o que falar daquilo.

— Mesmo quando você precisou ir para o templo, mas ainda deixou o holograma, foi importante participar.

Ele se aproximou um pouco mais. Eu conseguia sentir o seu hálito quente. Claro que hiperventilei.

— Eu... Não fiz nada demais... Eu só queria garantir que você não se sentisse sozinho. Amigos são para essas coisas, não é?

Ele deu um passo para trás, abrupto, e torceu o rosto. Era para soar sarcástica, mas pela cara ele não tinha entendido.

— É, que bom que eu posso contar com a sua amizade. Bom, eu preciso ir. Virou de costas.

— Evan... Eu disse alguma coisa errada?

Ele tinha um olhar triste quando se virou.

— Não, fui eu que deduzi errado.

— Deduziu o quê?

— As coisas... Com você sempre parecem difíceis, Alys.

— Hein?!

Ele ergueu as sobrancelhas.

— É verdade, nós somos excelentes guerreiros juntos, nos entendemos bem...

Sério? Eu só via ele me enchendo o saco.

— Mas às vezes parece que não falamos a mesma língua.

Meu coração disparou. Não queria criar uma expectativa errada, eu sabia que ele poderia nutrir sentimentos por aquela garota, tudo que eu não precisava agora era de um drama para me distrair. Então eu fiquei quieta.

— Eu preciso ir...

Ele passou, mas antes que se afastasse uma loucura irreal tomou conta de mim. Só isso explicaria o que eu fiz em seguida. Segurei o braço dele.

— Evan, eu...

— Não se preocupe, eu compreendi errado essa noite, esses últimos tempos. Não é da minha natureza, mas não é sua culpa... Eu que me equivoquei quanto aos seus sentimentos...

Do que ele estava falando? Ele continuava a falar coisas sem sentido. Parecia até comigo quando ficava nervosa.

— Eu sei que o príncipe Mahu terá muito o que oferecer, quando tudo isso passar...

Cerrei os olhos. Como assim Mahu? Como até em um momento desse Evan conseguia me irritar!

— É claro que servirei vocês com a minha vida, como disse no meu juramento.

Era o fim, como assim nos servir? Como ele ousava vir com esse papinho barato? Nesse momento eu fiz a única coisa que me restava. A única que faria ele parar de falar asneiras sem tamanho. A única que eu nunca imaginei que faria, totalmente por impulso e sem pensar.

Eu o beijei.

O choque do guardião não durou nem um segundo e ele já estava com os braços em volta da minha cintura. Cogitei se todo aquele drama não tinha sido um plano para me levar a fazer exatamente o que eu fiz. Ele tinha cheiro de grama fresca em dia ensolarado.

Demorou um pouco antes que o guardião se afastasse, não que eu tivesse tentado me afastar. A realidade me nocauteou a ponto de me esquecer como respirava. O que eu tinha feito? Pelo Construtor, quem tinha batido a cabeça era eu.

Baixei os olhos.

— Evan... eu... o metal... me afetou.

Ele riu. Eu continuei sem muita coragem. Onde é que eu estava com a cabeça?

— Eu acho que eu deveria ir — completei.

O ar zombeteiro dele não estava ajudando.

— Eu não sei se está pedindo minha opinião, mas se estiver, eu acho que deveria ficar.

Não respondi. Meu problema não era timidez, era choque mesmo. Ele ficou sério.

— A menos que você esteja arrependida e constrangida demais para dizer. Aí eu vou embora e esquecemos o que aconteceu...

Eu relaxei os ombros, na verdade eu não estava arrependida. Não mesmo. Olhei para ele de esguelha.

— Não é o caso.

Ele abriu um sorriso enviesado.

— Então, por que nós dois não nos sentamos naquele gazebo e assistimos um pouco do espetáculo das luas?

Não que o choque tivesse passado, como eu percebi nos surtos que tive em meu próprio quarto mais tarde, mas quer saber!?! Não era porque ele era o guardião, não estávamos predestinados ou coisa do tipo, disso eu tinha certeza, mas eu queria ficar.

Tinha a ver com um laço diferente, tecido nos dias mais difíceis e tinturado com risos e lágrimas que eu tinha encontrado nele um amigo, mais que um amigo, e já que eu tinha tido tanta coragem, que claro eu ia culpar a energia draconiana por ela, agora eu não pretendia voltar atrás.

Abri as asas e levitei alguns centímetros.

— O último a chegar é mulher do Raszen...

Ele riu.

— Acho que vou deixar você ganhar essa, sou seu guardião, preciso te proteger e nem ferrando que eu vou te deixar casar com aquele príncipe idiota.

— Tá com medinho, é?

Os olhos dele faiscaram e eu desapareci.



Muito mais tarde, nós ainda estávamos sentados no topo do gazebo, minha breve preocupação de que as coisas mudassem não se confirmou com algumas horas de conversa. Ele continuava o mesmo xarope provocador sem filtro.

Mas as mãos estavam entrelaçadas, relaxadamente, como se essa fosse a forma que elas sempre estiveram.

Olhando para as três luas no céu, me ocorreu uma questão idiota, perto de tudo que vinha acontecendo.

— Evan, se nós tivemos o Alpha e o Ômega que significa fim, o último metal é o quê? Não tem mais nada depois do fim.

Ele pensou um minuto.

— Na verdade, sempre tem algo depois do fim, Alys.

— O quê? — perguntei.

— O que é eterno.

AGRADECIMENTOS

Nesse livro eu enfrentei junto com a minha Alys as turbulências de uma tarefa que parecia maior que eu mesma, mas que, ao fim, me levou a encontrar vida dentro de lugares onde eu só via escuridão.

Por isso, antes de tudo, ao Construtor do Universo a minha gratidão. O que eu posso dizer por todo bem que tem me feito? Que minhas palavras sejam luz para as pessoas como sua presença tem sido para mim.

Ao meu Ricardo: essa foi uma caminhada mais árdua do que a primeira e você bravamente tem resistido e aplicado sua fé, em ações mais que palavras, para me manter de pé. Sem dúvida nós só chegamos aqui porque você é o meu guardião.

Ao meu pequenino que acompanhou todo o processo e viveu cada uma das emoções de dentro da minha barriga, espero que um dia você ame sua irmã literária. Obrigada pela paciência nos dias de tempestade.

Aos meus dragões da Pendragon que são os melhores companheiros de carreira. Especialmente ao Felipe Saraíça que tomou como missão me obrigar a terminar de escrever. Ao Rafael Sales que deu a Alys o melhor trabalho gráfico de todos os tempos e a Mariana Teixeira por trazer à vida essa capa com tanto talento. As queridas Nadja Moreno e Beatriz Castro que fizeram um trabalho homérico para revisar todas as minhas “crases fora do lugar” em tempo recorde, meu muito obrigada. Alys não seria o que é sem vocês.

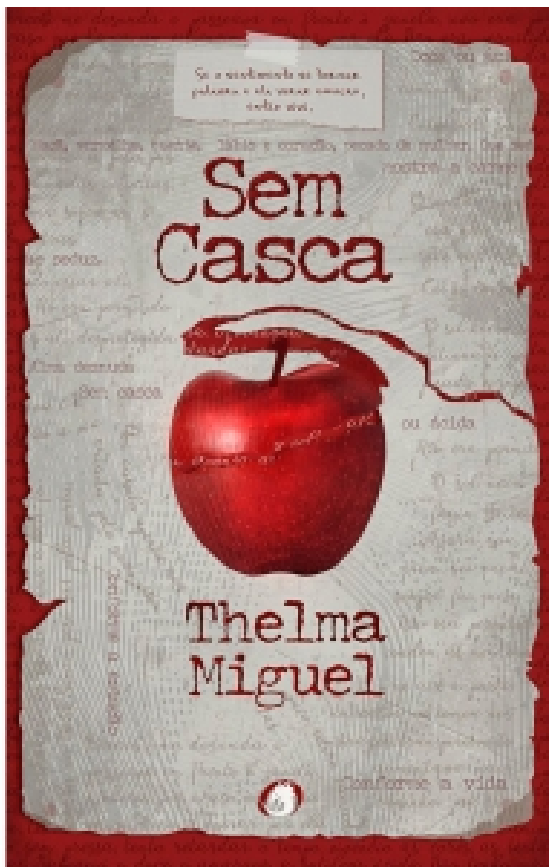
Aos leitores, tantos, que encontraram Alys em físico e digital, que me mandaram inúmeras mensagens, cada uma delas é mais preciosa que gasolina em tempos de greve. Foram o combustível que não me deixou desistir nos dias de cansaço e frustração. Desejo que a cada nova imersão pelos portões de Nafh'ta, vocês sejam mudados pelos metais como eu sou!

Nos vemos ano que vem.



Editora PenDragon

Conheça nosso catálogo
Vendas: www.editorapendragon.com.br



Sem Casca

Miguel, Thelma

9788595940611

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Maçã, vermelha, quente lábio e coração, pecado de mulher que seduz desde o início... de Eva até mim e você que me vê. Com faca afiada retira a pele e a essência antes dela se espalha. Sua casca como palavras sussurradas são deixadas para que o tempo as leve aos ouvidos ao peito de quem as quiser...

[Compre agora e leia](#)



A Phoenix - O Legado Maytreel

Figueiredo, Alexandra

9788569782377

306 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é o primeiro livro da trilogia O Legado Maytreel, narrando a história de Harriet, que está completando seus dezesseis anos de idade, tendo sua vida equilibrada como sempre desejou que fosse. Rodeada por pessoas que dizem amá-

la, e que estão sempre dispostos a apoiá-la, ela se acomoda ao conforto de sua vida. Mas subitamente, após seu aniversário, se dá conta de que há algo de errado e diferente consigo mesma. E não seria por menos. Seu mundo cai ao descobrir que é adotada e que possui poderes sobrenaturais, que são absurdamente incontrolláveis. Ela então é deixada pelos pais adotivos, com Caleb, um ex professor de matemática que mora sozinho em uma mansão fora da cidade. Seus pais acreditam que Harriet tem de descobrir suas raízes e para isso ela terá que enfrentar muitos conflitos buscando respostas com desconhecidos. Harriet é enviada por Caleb a um Instituto de jovens assim como ela, próximo a cidade de Nova Orleans (Pensilvânia), e é deixada novamente por mais uma pessoa em que ela se deixou confiar. No entanto, percebe que talvez não seja a única garota diferente e que talvez não seja tão ruim ser o que ela é. Em Claverd, ela fica envolvida por pessoas que a ajudam a procurar as respostas que ela tanto precisa. Mas a cada enigma que ela desvenda, outro surge em seu lugar. Sendo uma Phoenix do fogo, Harriet descobre que há mais quatro Phoenix além dela, e que todos eles têm um destino em comum. Todos têm de encarar diversos mistérios sobre si mesmos e sobre a origem do universo ao qual eles pertencem. Harriet está convicta em descobrir quem são seus verdadeiros pais e enfrentar todos os obstáculos ao lado de seus novos amigos. Será que ela irá aceitar as respostas que encontrar? sobre a origem de seu mundo, sua família e talvez um grande amor? Até onde vai a sua fé? Até que ponto você acredita no poder da vida e do mundo surreal?

[Compre agora e leia](#)



Lendárias - A Legião

Angel, Cristy S.

9788569782575

212 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em sua busca pela libertação de uma maldição, Kahlan, a líder das lendárias, é capturada pela legião em uma emboscada para ser levada ao rei das terras do norte.

Na jornada, repleta de perigos e segredos através da floresta negra, têm seus poderes removidos por um bracelete mágico. Enquanto isso, o restante de seu clã guerreiro terá de decidir se partirá em sua busca ou se desvendará um novo mistério no forte das bruxas. Nesse meio tempo, a jovem e encantadora Líder é levada como prisioneira pelo comandante da legião, o belo Lian Ruthven, mas o que ambos não sabem, é que seus destinos estão mais ligados do que poderiam imaginar.

[Compre agora e leia](#)



A Era do Abismo

Stamato, Bernardo

9788595940949

364 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Quando Diablo encontra The Witcher" — Taran Matharu, autor da trilogia bestseller internacional O Conjurador. "Uma história épica, com enredo muito

consistente e personagens ímpares. Em seu primeiro livro, o autor mostra seu talento magistral para a escrita." — Aline Goettems, do site Lost Words. "Uma aventura tão épica, quanto nerd. Impossível não adorar" — Peter Jordan, do portal Ei Nerd. "A Liga Prateada tem fama de ser a região mais próspera e segura do continente, mas isso não impede que um grupo de aventureiros desbrave suas estradas e proteja o povo de orcs, mortos-vivos e magos insanos. Enquanto Draco e Gladius investigam o assassinato do seu mestre, o guerreiro Marcus cobiça a glória do combate e suas fortunas, a cartomante Rosa busca por sua família perdida, o paladino anão Alberich propaga o ideal da Justiça, a sacerdotisa elfa Ravenlla promove as graças da Liberdade e a kunoichi Zhi Wu protege os mistérios do seu passado. Unidos pelo acaso, eles irão desafiar, não só monstros selvagens, mas também nobres corruptos e cultistas profanos. Conseguirão eles triunfar em meio aos incontáveis desafios da sua jornada? O fim de uma vida dará início a uma saga épica, onde Virtudes e Vícios colidem e aventureiros lutam contra todas as expectativas em um mundo condenado."

[Compre agora e leia](#)



Alys - Elemento Alpha

Gonçalves, Priscila

9788569782872

354 páginas

[Compre agora e leia](#)

Alys era só uma garota supervalorizando seus pequenos problemas adolescentes. Até que uma simples incursão abriu mais que o mundo que ela desejava conhecer. Abriu os seus olhos pra verdadeira natureza dos metais Nifrity e as

responsabilidades de ser a única pessoa capaz de mantê-los em segurança. Agora, ela precisará desenrolar o emaranhado de segredos em que sua vida foi mantida, aprender a dominar seus poderes e encontrar seu guardião antes que a escuridão chegue. Uma aventura fantástica repleta de mistérios, aprendizado e superação, que levarão uma garota a se transformar em uma guerreira e encontrar o seu lugar no mundo.

[Compre agora e leia](#)